

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

FÁTIMA FALEIROS LOPES

**A CIDADE E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS HISTÓRICO-
EDUCACIONAIS: aproximações entre a Campinas moderna de José de Castro
Mendes e a Barcelona “modelo”**

Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de
Educação da Unicamp, sob a orientação da Prof^a Dra.
Maria Carolina Bovério Galzerani

© by Fátima Faleiros Lopes, 2007.

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

L881c	<p>Lopes, Fátima Faleiros. A cidade e a produção de conhecimentos histórico - educacionais: aproximações entre a Campinas moderna de José de Castro Mendes e a Barcelona "modelo" / Fátima Faleiros Lopes. – Campinas, SP: [s.n.], 2007.</p> <p>Orientador : Maria Carolina Bovério Galzerani. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Mendes, José de Castro. 2. Campinas (SP) – História. 3. Cidades e vilas – Memória. 4. Educação patrimonial. 5. Educação. I. Galzerani, Maria Carolina Bovério. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>07-007/BFE</p>
-------	---

Título em inglês : The city and the production of historical-educational knowledge: approaches between the modern Campinas of José de Castro Mendes and Barcelona "model"

Keywords : Campinas (SP) – History; Cities and towns – Memory; Patrimonial education; Modern education of the directions.

Área de concentração : Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação : Doutor em Educação

Banca examinadora : Profa. Dra. Claudia Engler Cury
Prof. Dr. Sidney Barbosa
Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson
Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado

Data da defesa: 27/02/2007

Programa de Pós-Graduação : Educação

e-mail : fatimafaleiros@uol.com.br

CAMPINAS- 2007

Em memória de

Dr. Carlos Alberto Bastos de Matos

Maria Luiza Siqueira Pinto de Moura

Na presença de

Maria Silvia Duarte Hadler

Agradecimentos

Muitas pessoas fazem parte da minha trajetória de vida, à qual esta tese se vincula. São inúmeros os agradecimentos. Em especial, agradeço:

Em primeiro lugar, à querida Maria Carolina Bovério Galzerani, minha orientadora, a quem sou extremamente grata por todos os momentos compartilhados nos últimos anos, e que, sem dúvida, muito colaboram para minha formação acadêmica e, fundamentalmente, para minha formação enquanto ser humano. Muito obrigada pelo carinho e pela confiança; por incentivar-me em minhas buscas; por estimular-me a não separar os fios da ousadia e da coerência, do racional e do sensível, das contradições e das possibilidades - fios que compõem a urdidura da vida!

Aos professores Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson e Dr. Sidney Barbosa, pela atenção e pelas contribuições dadas a este trabalho, no exame de qualificação, traduzidas em forte estímulo para que eu pudesse concluí-lo.

Aos professores Dra. Cláudia Engler Cury e Dr. Guilherme do Val Toledo Prado, pelos diálogos instigantes e por terem aceitado a participação na Banca Examinadora.

À CAPES (Programa PDEE), pelo apoio institucional e financeiro que tornou possível a realização do estágio em Barcelona.

À professora Dra. Mercè Tatjer i Mir, da Universidade de Barcelona, que não mediu esforços para que eu me inserisse no território barcelonês, orientando-me e incentivando-me em minhas inquietações. Agradeço aos professores do Departamento de Didática das Ciências Sociais, pela receptividade: Dr. Cristòfal Trepàt, Dra. Gemma Tribó, Dr. Joaquim Prats, Dra. Magda Fernández, Dra. Maite Arqué; à secretária Susana Martinez e à pesquisadora Yolanda Insa.

Aos professores da Faculdade de Educação da Unicamp, por todo o aprendizado nesses últimos dez anos de minha vida. Nesse sentido, agradeço, também, à Prof^a Dra. Jeanne Marie Gagnebin (IEL/Unicamp).

Aos diretores, coordenadores e funcionários de instituições diversas que fizeram parte do meu percurso investigativo. Em Campinas: Nadir e demais funcionários da secretaria de Pós-Graduação da F.E./Unicamp; Cássia Denise Gonçalves, do C.M.U./Unicamp; Sônia Aparecida Fardin e Eduardo Covas, do M.I.S./Campinas; Andréia T. Guye e funcionários do arquivo do Jornal Correio Popular; Oliveiro Guerreiro Filho, do I.A.C.; Américo Villela, do Museu da Cidade. Em Barcelona, agradeço: Núria Burguillos, Pilar de Luna, Pilar Reverté Vidal, Julia Quintela (arquivos de Sants-Monjuic, Les Corts, Arquivo Nacional da Catalunya, Museu d’Història de la Ciutat de Barcelona); Jordi Calvet e Carlos Díaz (C.R.P. de Les Corts e Institut Barri Besòs); Antonia Hernández (IMEB).

Ao senhor Antonio Boscolo, com quem tive o prazer de conviver e que, sem dúvida, tornou mais cheias de encanto as longas horas de leitura dos jornais microfilmados do “Correio”. Agradeço, ainda, a disponibilidade em me conceder a entrevista.

Aos professores e professoras, companheiros de jornada. Em Campinas, agradeço a todos da Escola Comunitária de Campinas: Dona Amélia, Sandra, Lígia, Zezé, professores do núcleo de História, professores dos demais núcleos e funcionários. Em especial, alunos e alunas: vocês fazem parte desta tese! Agradeço ao professor Alberto Martins, diretor da Faculdade Max Planck, Indaiatuba, pelo apoio recebido. Em Barcelona: à Prof^a. Carme Florensa e seus alunos; ao Prof. Joan Roca pela conversa franca sobre a educação espanhola e catalana.

Aos queridos colegas do grupo de pesquisa “Memória, História, Educação”, da Faculdade de Educação/Unicamp, pelos projetos, angústias e sonhos compartilhados.

À Susana Liskén que me despertou o gosto pela língua espanhola e me animou em momentos angustiantes deste percurso. *¡Gracias!*

Um agradecimento a *todos* os amigos que tenho e que compartilharam de inúmeras facetas da minha trajetória até o momento. Em especial, agradeço aos amigos: André Duarte, Antônio C. Pinheiro, Cláudia Cury, Cláudia Denardi, Cláudia Fortuna, Maria Rita César, Maria

Silvia D.Hadler e Wenceslao M. de Oliveira, por todos os gestos de carinho, pelas discussões, por

nossas construções coletivas; Alexandra, Bibi, Clara, Cláudia Pelegrino, Dinda, Flávia, Jaque, José Carlos, Lilica, Lú Fujii, Lú Spadaccia, Nathália, Malu, Paulão, Renatinha, Sara e Tatá, pela presença, especialmente no período pré e pós-estágio em Barcelona; Hugo, Gê e Marina, pelos reencontros sempre prazerosos; Ana, Andrés, Arlindo, Bia, Carles, Cris, Cristian, Cristina, Dani, Ferran, François, Ignasi, Jordi, Jovi, Knut, Malick, Marc, Marise, Reinaldo, Rafael, Renata, Roberto, Ruth, Tânia e todos os demais que compõem o mosaico colorido dos meus dias em Barcelona; novos amigos de Campinas, em especial, Carlos André Migliorini, por dividir comigo a ansiedade dos momentos finais de preparação da tese e Mariana, por sua leitura da tese.

À Cristina Sartori, Fátima Candreva, Rosângela e a “Via Luz”, que colaboram em meu fortalecimento psíquico-emocional, mental, corporal e espiritual.

Ao David Reche Bessa, pelos belos momentos compartilhados e pelas traduções do catalão para o espanhol.

Ao Luzimar, pela leitura extremamente atenta do meu texto, pelas inúmeras contribuições, pela disponibilidade e atenção.

À Nina Acosta e à Lídia Leme, que me auxiliaram, preparando o *abstract*.

Ao Ricardo Cruzeiro, pelo tratamento digital das imagens fotográficas e pela generosidade.

Aos meus pais, Marquinho e Lurdinha, pela vida! Aos meus irmãos, Lúcia e Francisco, por comporem, também, a minha história familiar. À dona Diva que cuida de mim e do Nankin, meu gato. À minha tia Aparecida, pela atenção. Obrigada pelos estímulos vários! Registro o auxílio de minha mãe e minha irmã para que eu pudesse concluir este trabalho.

Retomando Luís de Camões, na voz de Renato Russo: “Ainda que eu falasse a língua dos homens, e falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria”. Ao Sandro, pela compreensão, estímulo e, principalmente, pelo *amor*. Você tornou esse percurso ainda mais bonito!

Resumo

A investigação diz respeito à temática da cidade na relação com o processo de expansão da modernidade capitalista, assim como com os conceitos de história, memória e educação. O eixo teórico-metodológico é a questão da produção de conhecimentos histórico-educacionais. Analiso a inserção social do intelectual José de Castro Mendes (1901-1970) em Campinas- SP, bem como as visões desta cidade por ele elaboradas e divulgadas na imprensa local, no início da década de 1960. Estabeleço aproximações entre Campinas e Barcelona (Espanha) pertinentes à construção, nestas duas cidades, da concepção de cidade moderna e, no caso de Barcelona, também de cidade “modelo”. Interessa-me investigar as potencialidades histórico-educacionais contidas no espaço urbano, sendo este focado como patrimônio cultural.

Abstract

This investigation is focused on a city and its relation with a modern capitalistic expansion process, as well as the concepts of history, memory and education. The theoretical-methodological focus is on the issue of the production of historic-educational knowledge. I analyze the social inclusion of an intellectual, José de Castro Mendes (1901-1970), in Campinas - SP, as well as the visions he described of this city, which were published by the local press in the early 60's. I establish a relation between Campinas and Barcelona (Spain) regarding the development, in these two cities, of the modern city concept, and for Barcelona, also the concept of a “role model” city. I am interested in investigating historic and educational potentials included in the urban space, which is focused as a cultural patrimony.

SUMÁRIO

Dedicatória.....	iii
Agradecimentos.....	v
Resumo e <i>Abstract</i>	xi
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I: A cidade e a modernidade capitalista: questões teóricas....	9
1.1 A cidade como campo investigativo na historiografia: algumas considerações	9
1.2 Sobre o debate modernidade - pós-modernidade.....	21
1.2.1 - paradigmas em crise.....	22
1.2.2 - sobre os conceitos de moderno e modernidade.....	24
1.2.3 - crises da modernidade capitalista.....	31
1.3 Memória e história: leituras benjaminianas da cidade moderna.....	49
CAPÍTULO II: Campinas moderna e José de Castro Mendes.....	59
2.1 Sobre o percurso da investigação.....	59
2.2 A inserção de José de Castro Mendes no universo social campineiro.....	62
2.3 “Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos”.....	97
CAPÍTULO III: Cidade e Educação.....	161
3.1 A construção de uma relação sensível com a cidade de Barcelona.....	161
3.2 - A Cidade Educadora.....	188
3.3 A cidade de Campinas em nossas práticas educacionais: investigações e potencialidades histórico-educacionais.....	209

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	223
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES.....	235
ANEXOS.....	259

INTRODUÇÃO

“Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles (...)”¹

A temática das cidades constitui-se, ao longo dos últimos anos, em um campo de estudos e em eixo estruturador de propostas educacionais que procuro incorporar no meu trabalho.²

Igualmente, no que diz respeito a esta investigação, mantenho meu interesse em abordar a temática da cidade, na relação com os conceitos de História, Memória e Educação. Parto da inserção social de José de Castro Mendes no universo campineiro bem como das visões da cidade de Campinas, S.P., por ele elaboradas e divulgadas na imprensa local (notadamente tendo como referência a série “Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos”, período: 1960-1965, divulgada pelo jornal **Correio Popular**).

A figura de José de Castro Mendes (1901-1970), como intelectual que produziu vários registros sobre a história campineira, está relacionada, também, a uma “batalha” entre visões constitutivas da história local produzidas, de um lado, por historiadores leigos, memorialistas e, de outro, por historiadores acadêmicos – sem desconsiderar, aqui, o papel das instituições às quais se vinculam tais produtores de cultura, como a imprensa e as universidades. Em que sentido José de Castro Mendes reatualiza, ou não, determinadas imagens sobre a história local,

¹ CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução: Diogo Mainard. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.59.

² Há dezoito anos sou professora do ensino fundamental, tendo atuado tanto na rede pública (1988-1992) como na particular (1992 e desde 1996 na Escola Comunitária de Campinas) enquanto professora de História e Geografia. Desde 2003, trabalho na Faculdade Max Planck, Indaiatuba, S.P., como professora de Metodologia do Ensino e Pesquisa, no curso de Administração de Empresas. Nos últimos anos, tenho participado de propostas de trabalho relativas à educação patrimonial, no diálogo com as contribuições, sobretudo, de Walter Benjamin, e desenvolvidas junto ao Grupo “Memória, História, Educação” (Faculdade de Educação da Unicamp, sob a coordenação da Prof^a Dra. Maria Carolina Bovério Galzerani) no âmbito da educação não-formal (junto à Guarda Municipal, à Guarda Mirim e formação de professores da rede municipal). No âmbito acadêmico, a pesquisa, em nível de mestrado (defendido em 2002 na Faculdade de Educação da Unicamp-Campinas, S.P., sob a orientação da Prof^a Dra. Eloisa de Mattos Höfling), aborda questões relacionadas à produção e circulação do *Almanaque Histórico de Patrocínio Paulista*, S.P., obra analisada enquanto documento histórico. Investiguei o papel do poder público e da população local na escritura da história local, considerando o contexto comemorativo do 1º centenário de emancipação política da localidade no qual a mesma foi elaborada (1986), bem como as visões de história e cidade que perpassam seus textos. Por meio do diálogo estabelecido com os conceitos de História, Memória, Educação procurei apreender a multiplicidade de sentidos contidos nessa obra. Em relação à circulação do *Almanaque*, investiguei sua inserção no universo escolar do município (cinco escolas), procurando problematizar as noções de história local e regional no contexto educacional bem como apontar algumas possibilidades que a relação história-memória oferece ao ensino de História.

produzidas desde o século XIX, é uma das questões que orientam minha trajetória de pesquisa. Em síntese: qual é o seu lugar neste embate?

Considero, na análise de tais fontes literárias, as transformações no cenário urbano campineiro decorrentes da expansão do ideário da modernidade capitalista – ideário em curso, na localidade, desde fins do século XIX. Neste sentido, a primeira metade da década de 1960 corresponde a um período de aceleração desta modernidade capitalista no contexto nacional, marcada pelo denominado “desenvolvimentismo”. Campinas, então, passa por uma busca, também acelerada, da imagem de cidade-metrópole. Em que medida isto se relaciona à transmutação de imagens sobre a cidade e à necessidade de intérpretes da história local?

Acredito que as visões constitutivas sobre a cidade podem ser tratadas do ponto de vista historiográfico e, também, do educacional. Assim, interessa-me investigar as potencialidades histórico-educacionais contidas na cidade, enfocada como patrimônio cultural. Tenho como referência o trabalho desenvolvido na área de educação histórica, tanto na educação formal como na não formal, bem como a trajetória acadêmica.

A partir de contatos estabelecidos junto ao Departamento de Didática das Ciências Sociais, da Universidade de Barcelona, foi-me concedida uma bolsa de estudos, pela CAPES, relativa ao período: agosto/2005 a janeiro/2006. A investigação em Barcelona (Espanha) tem como objetivo a coleta de dados que propicie o estabelecimento de aproximações pertinentes à construção, nestas duas cidades (Campinas e Barcelona), da concepção de *cidade moderna* e, no caso de Barcelona, também de cidade “*modelo*”; aproximações que coloquem em foco a própria cidade em termos de patrimônio cultural urbano na relação com a Educação, e que me possibilitem um olhar mais ampliado ao contrastar experiências educacionais, tais como as de que participo, em Campinas, bem como algumas das colocadas em ação no território barcelonês.

Relativas à trajetória de desenvolvimento desta pesquisa, algumas questões embasam o delineamento inicial de meu objeto de estudo, bem como os desdobramentos na construção de tal objeto – esta, operacionalizada na minha relação, enquanto sujeito, com as fontes e com o arcabouço teórico-metodológico utilizado.

A questão-base é: em que medida a temática da cidade pode constituir-se em possibilidades de produção de conhecimentos histórico-educacionais?³

A partir do explicitado, acima, outras interrogações constituem-se, também, como fundamentais na construção do objeto a ser pesquisado – aqui, é importante ressaltar que estas não se apresentam como simplesmente decorrentes, mas, sim, em relação dialógica com a questão inicial. São elas:

a) Ao considerar a temática da cidade na relação com a produção de conhecimentos histórico-educacionais é importante explicitar: de que cidade se trata? Por qual viés teórico-metodológico abordarei a mesma?

b) Como justificar o recorte espaço-temporal da pesquisa, ou seja, a escolha da cidade de Campinas, S.P., sob o olhar de José de Castro Mendes, no período de 1960-1965?

c) Em que medida o trabalho de José de Castro Mendes relativo à cidade de Campinas, S.P., no período em questão, pode trazer-nos elementos para a análise da abordagem – e mesmo da produção – de uma história local, sob o olhar específico de tal personagem? Qual (is) concepção (ões) de história, de cidade, de relações sociais podem ser apreendidas na leitura das mesmas? Em que medida a memória individual de nosso personagem colabora na constituição de uma memória histórica ?

d) Em que medida as experiências conhecidas em Barcelona, relativas ao tratamento da cidade na relação com a educação, podem ser ressignificadas, tendo como referência o tripé: avanços–desafios–possibilidades? Que relações podemos estabelecer entre tais experiências e nossas práticas desenvolvidas em Campinas, nos âmbitos inicialmente comentados neste texto?

e) Qual a relevância e quais as contribuições do estudo das cidades, ou seja, do patrimônio urbano, especificamente tendo em vista o campo educacional?

A seguir, apresento ao leitor a estrutura geral da tese por meio de uma abordagem dos capítulos que a compõem.

3

A referência teórica utilizada, relativa à *produção de conhecimento*, é o historiador E. P. Thompson. Cf THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1981. (especificamente o capítulo VII: A Lógica Histórica). Cabe destacar que nos últimos tempos – e oriunda do campo educacional – há a tentativa de questionamento da racionalidade técnica e instrumental ligada ao conhecimento. Assim, a questão da *produção de saberes* visa oferecer uma dimensão mais ampla do saber, além daquele produzido no espaço acadêmico e autores, tais como Chervel, Goodson e, no Brasil, Ana Maria Monteiro, trabalham nesta direção.

No capítulo I (**A cidade e a modernidade capitalista: questões teóricas**) apresento as ferramentas teóricas que norteiam minha investigação. Destaco que a teoria, aqui, não é tomada enquanto “modelo” ou “camisa de força” e, sim, como “ferramenta exploratória do real”, ou seja, compreendida a partir dos movimentos dialogais entre “conceito e evidência” e através da relação entre “hipóteses sucessivas e pesquisa empírica” (Thompson). Considero importante a explicitação destas ferramentas no sentido de não escamotear o lugar cultural de onde falo, ou seja, acredito que uma apresentação difusa das mesmas não contribuiria para o estabelecimento de um diálogo de “igual para igual” com o leitor.

Assim, comento inicialmente sobre a produção histórica relativa às cidades, ou seja, sobre a elaboração de discursos que, por sua vez, constituem-se, também, em imagens dos tecidos urbanos e em visões de história; procuro destacar as possibilidades proporcionadas pela denominada História Cultural em termos da problematização da *cidade* enquanto objeto de reflexão: a ampliação das fontes e dos problemas a serem colocados tornaram possível, por exemplo, o trabalho com o imaginário urbano. Neste sentido, creio que a abertura a outras problemáticas pertinentes às cidades opera-se juntamente à construção de uma outra sensibilidade capaz de subverter o método de raiz descartiana.

A *modernidade capitalista* é um eixo paradigmático na estruturação de formas de pensamento e de realizações humanas e o seu estatuto de “tradição”, construído historicamente, é um ponto crucial no debate modernidade / pós-modernidade (“velhos” e “novos” paradigmas). Proponho, então, uma abordagem dos fundamentos constitutivos desta “cultura histórica” – a modernidade –, bem como dos principais questionamentos feitos a ela – crises da modernidade. A tentativa de historicizar a modernidade capitalista justifica-se pelo entendimento de que, ao fazê-la, amplio minha compreensão das críticas que lhe são imputadas, bem como me posiciono perante o tema. Nesse sentido, aponto para a perspectiva teórica de consideração das crises desta modernidade não como espaços notadamente de rupturas, mas, sim, de contradições, de continuidades e descontinuidades. Finalizo com algumas das contribuições da Teoria Crítica, destacando as leituras da cidade moderna por meio do diálogo entre memória e história, propostos por Walter Benjamin – filósofo da história cujas reflexões são importantíssimas no que diz respeito à fundamentação teórico-metodológica desta pesquisa.

No capítulo II (**Campinas moderna e José de Castro Mendes**), exponho o percurso da investigação: apresento as “entradas” teórico-metodológicas e empíricas através das quais me

aproximo desta Campinas moderna e de José de Castro Mendes. Procuo, neste movimento, não perder de vista o fio constitutivo do ideário de cidade moderna na localidade, desde o final do século XIX, e busco o estabelecimento de conexões entre temporalidades relativas a um mesmo lugar, Campinas, S.P., por meio da consideração das permanências e das mudanças inerentes ao processo histórico.

Inicialmente, procuro compreender a inserção social de José de Castro Mendes no universo campineiro. Para isso, com base nas fontes selecionadas e explicitadas no próprio capítulo, abordo sua história de vida – não a biografia convencional – com vistas ao cotejo da mesma com relações sócio-culturais mais amplas e constitutivas do universo de representações relativas à cidade de Campinas.

A seguir, proponho a análise de uma série produzida por este intelectual, publicada no jornal local **Correio Popular**, referente ao período 1960-1965: “Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos”. O contraste de imagens fotográficas de um mesmo lugar (“lugar de memória”, conforme Nora) em momentos históricos diferentes, aliado aos comentários tecidos por José de Castro Mendes, pareceram-me instigantes desde quando iniciei minha pesquisa junto ao arquivo do referido jornal – procurava localizar algumas “crônicas” que haviam sido publicadas na década de 1960 e me deparei com a riqueza desta série. O que podemos apreender destas imagens fotográficas? O que move José de Castro Mendes a produzir tal série? Que visões de história, de cidade, são constituídas por esta produção? O que mais posso captar sobre o cenário campineiro, na primeira metade da década de 1960, nas páginas dos jornais pesquisados?

Assim, inspirada em Walter Benjamin, as imagens fotográficas por mim selecionadas são tratadas como “imagens dialéticas”, em suas relações com a cidade moderna. Cidade cuja *fisiognomia* cabe ao historiador materialista dialético decifrar, à luz do tempo presente.⁴ E, ainda, imagens fotográficas que me possibilitam transitar por diferentes tempos e espaços campineiros, posto que são, também, imagens ativadoras da memória.⁵

⁴ Cf BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna:** representações da História em Walter Benjamin. 2.ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2000,p.19

⁵ A fotografia pode nos ajudar na compreensão do passado desde que possamos analisá-la criticamente, como documento e não como mera ilustração. Para isso, além de reconhecer que a imagem fotográfica é um referente do real, é importante atentar ao processo de construção da fotografia enquanto representação. Atento, então, ao proposto por Kosoy a respeito da “desmontagem” deste processo de construção “ (...) que teve o fotógrafo ao elaborar uma foto, pelo eventual uso ou aplicação que esta imagem teve por terceiros e, finalmente, pelas ‘leituras’ que dela fazem os receptores ao longo do tempo”. KOSOY, Boris. “Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia”. In SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998, p.43. O tratamento metodológico da imagem fotográfica nesta investigação prioriza a abordagem da mesma como propiciadora da

Considero importante realizar uma leitura mais ampla do jornal onde foi publicada a série em questão, nos anos de 1960-1965, com vistas a articular os textos de José de Castro Mendes aos contextos mais amplos da cidade e do país e captar os possíveis discursos sobre a modernidade, na época e pela voz deste jornal local.

No capítulo III (**Cidade e Educação**), apresento a construção, por mim elaborada, de uma relação que denomino de “relação sensível” com a cidade de Barcelona. Parto das imagens pré-configuradas sobre esta cidade moderna e “modelo” que, por sua vez, povoam nosso imaginário, pois são imagens divulgadas por discursos oriundos de vários campos – inclusive o educacional. Procuo ampliar o foco e perceber como se dá a construção histórica destas imagens, assim como algumas das suas reatualizações e de alguns embates gerados no seio da sociedade local. Baseio-me, fundamentalmente, na pesquisa bibliográfica e incorporo, em minha análise, discursos veiculados pela imprensa alternativa local.

A seguir, procuro compreender como se apresenta a gestão pública da educação – formal, não formal e informal – em sua correlação com a gestão da cidade. Para isso, adentro-me nos marcos teóricos que embasam o projeto de *Cidade Educadora*, em curso desde 1990, quando ocorreu, na localidade, o Primeiro Congresso de Cidades Educadoras.

Algumas inquietações fazem parte deste processo investigativo, e estas estão articuladas a uma questão mais abrangente, qual seja, a que diz respeito às possibilidades inscritas na cidade em termos de produção de conhecimentos histórico-educacionais. Nesse sentido, apresento os encaminhamentos teórico-metodológicos gerais que norteiam algumas propostas de trabalho de caráter coletivo que têm como foco a cidade e, especialmente, a cidade de Campinas, sem objetivar a análise específica dos procedimentos metodológicos e dos conhecimentos produzidos pelos sujeitos nelas envolvidos.

Através da coleta de dados relativos ao tratamento da cidade de Barcelona na relação com a educação, objetivo tecer aproximações; aproximações iniciais com nossas práticas educacionais em Campinas. Ressalto que a busca de uma leitura problematizadora de tais experiências educacionais (em Barcelona e em Campinas) pode contribuir para que nos afastemos da adoção acrítica de modelos e para nosso fortalecimento na busca de brechas, de possibilidades que

rememoração e da construção narrativa e não a análise fotográfica com base na descrição formal, técnica e de conteúdo (data, local, tipo de foto, origem, características físicas, conteúdos retratados, etc.).

servam de resistência à “barbárie”, nos termos colocados por Adorno no contexto da II Guerra; “barbárie” reatualizada pelo movimento globalizante e esfacelador das singularidades e dos sujeitos na “contemporaneidade”.⁶

Procuo não perder de vista, ao longo de toda esta investigação, as contribuições de Bakhtin⁷ no que tange, especialmente, ao “dialogismo”. Busco, então, apreender a multiplicidade de vozes, de pontos de vista, seja no que diz respeito a José de Castro Mendes, à Campinas moderna, à Barcelona moderna e “modelo”, às práticas educacionais focalizadas. Assim, busco uma articulação entre textos, entre textos e contextos, entre objetividade e subjetividade, entre práticas e a partir de uma concepção de linguagem como social e, também, como instituinte de relações sociais; linguagem expressa por discursos que procuro ler em suas relações contextuais, conflituosas, ambivalentes.

⁶ ADORNO, Theodor W. “Educação após Auschwitz”. In COHN, Gabriel (org.) **Theodor W. Adorno**: sociologia. São Paulo: Ática, 1986, p. 33-45.

⁷ BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CAPÍTULO I: A cidade e a modernidade capitalista: questões teóricas

1.1 A cidade como campo investigativo na historiografia: algumas considerações

As cidades são espaços onde afloram histórias e lembranças, pois se configuram enquanto *locus* de intensa sociabilidade. As marcas destas relações tecidas pelos grupos sociais se inscrevem nas paisagens urbanas – estas últimas são, por isso mesmo, indicativas de temporalidades múltiplas, dispostas em camadas que se interpenetram.

O espaço urbano tornou-se cada vez mais crescente e fragmentado, pleno de tensões e contradições decorrentes das transformações aceleradas decorrentes do processo de desenvolvimento do capitalismo. Este se fortaleceu a partir da expansão industrial, ainda em fins do século XVIII, e ganhou terreno na medida em que avançou da Europa para outras áreas do globo em um movimento ainda em curso, considerados seus múltiplos desdobramentos. Expansão embalada, dentre outros aspectos, pela defesa da autonomia do sujeito com base na razão esclarecedora e pela configuração de uma consciência dos “novos tempos” consubstanciada no que podemos denominar de *Modernidade*. O ideal de Modernidade, intensamente veiculado no Brasil a partir do final do século XIX, afigura-se como decorrente e, ao mesmo tempo, como elemento propulsor do sistema capitalista e baseia-se, dentre outros pressupostos, na celebração do tempo presente com vistas a um futuro de progresso e prosperidade universais.

Expansão contraditória pois desigual em termos de distribuição social das riquezas geradas pelo sistema; ideal de modernidade que se mostra ambíguo, tendo em vista a expansão da barbárie como fruto da racionalidade humana; a não concretização das promessas de fé em uma História calcada no presente como força destruidora de possibilidades futuras – este frenesi presenteísta, único e excludente que contribuiu e vem contribuindo fortemente para o apagamento de pegadas, ou dos rastros, tal como Brecht assim se referiu, em contundente crítica à anulação do homem enquanto sujeito da história.¹

Para Gagnebin ,

¹ BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. **Documentos de Cultura / Documentos de Barbárie. Escritos Escolhidos.** Seleção e apresentação: Willi Bolle. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986.

Ora, ao se tornar sinônimo de “novo”, o conceito de “moderno” assume uma dimensão certamente essencial para a nossa compreensão de ‘modernidade’, mas, ao mesmo tempo, uma dinâmica interna que ameaça implodir a sua relação com o tempo. Com efeito, o novo está, por definição, destinado a se transformar no seu contrário, no não-novo, no obsoleto, e o moderno, conseqüentemente, designa um espaço de atualidade cada vez mais restrito. Em outras palavras, o moderno fica rapidamente antigo, a linha de demarcação entre os dois conceitos, outrora tão clara, está cada vez mais fluida. Ao se definir pela novidade, a modernidade adquire uma característica que, ao mesmo tempo, a constitui e a destrói. Talvez assistamos hoje, com a famosa temática da ‘pós-modernidade’, ao resultado lógico desse processo de autodevoração, dessa interpretação fundante e dissolvente do antigo pelo moderno, do moderno pelo antigo.²

Esta questão do tempo predominante na modernidade, nos termos colocados por Walter Benjamin, refere-se, também, à perda da “tradição” fundada nas “experiências” de vida transmitidas ao longo das gerações³, o que faz com que hoje tenhamos certa dificuldade em historicizar estes tecidos urbanos; em apreendermos outras sensibilidades através da ressignificação de vivências; em darmos ao conteúdo residual deste passado sentidos outros capazes de instaurarem brechas através das quais seja possível pensarmos no relacionamento dos homens, no espaço e com o tempo, de forma menos predatória.

Mas, como podemos afirmar que o passado parece ser escamoteado, se ele está – e talvez cada vez mais – sendo rememorado, reafirmado, reatualizado nos discursos e práticas do presente? Como podemos afirmar que o passado está ausente, se ele brota nas prateleiras das bibliotecas e das livrarias? O que pode justificar a afirmação, por parte de pesquisadores, de que vivemos um momento em que ocorre um *boom* da memória? O paradoxo colocado por Menezes,⁴ referente à “efervescência da memória” e à “crise da memória” se evidencia, por um lado, na temática da memória não só como tema de estudo entre especialistas mas também à sua reificação atual pela comunicação de massa e o mercado; por outro lado, para o autor, o caráter da memória, enquanto prática e representação, é também o de instabilidade – “(...) a ponto de muitos especialistas, como Richard Terdiman (1993), diagnosticarem, no mesmo quadro acima

² GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 143.

³ BENJAMIN, Walter. O Narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskow. In **Textos Escolhidos**: Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. Traduções de José Lino Grünnewald et al. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 345 p. (Os Pensadores)

⁴ MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações In SILVA, Zélia Lopes (org.) **Arquivos, Patrimônio e Memória**: Trajetórias e Perspectivas. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999, p.11-29

delineado, uma verdadeira crise da memória na sociedade ocidental (...). Como um dos elementos inerentes a tal crise destaca-se a saturação de informações descontextualizadas, o que leva à fragmentação dos sujeitos em relação ao universo social no qual vivem.

Caberia aqui a reflexão sobre as relações que os homens estabelecem entre o passado e o presente – e vice e versa; sobre os usos que têm sido feitos do passado no tempo presente e, no que diz respeito aos âmbitos deste trabalho de pesquisa, sobre alguns discursos que, ao serem elaborados, acabam por compor uma produção histórica relativa às cidades.

Através de formas, contextos e interesses variados foi sendo composta, ao longo do tempo, uma vasta produção histórica sobre as cidades brasileiras. São produções que são imagens dos tecidos urbanos através das quais os leitores constituem visões de si e do outro, do passado e do presente. São imagens que, em grande parte das vezes, não são vistas como tais, mas enquanto espelhos fiéis da realidade objetiva. Sobre esta questão, fala-nos Menezes

(...) ao invés de tomarmos a cidade como uma categoria estável e universal, de que se pudessem apresentar apenas variações ao longo do tempo, convém aceitarmos a necessidade indispensável de **historicizar** a cidade como um ser social. Historicizá-la é defini-la e explorá-la levando em conta sua prática e representações pela própria sociedade que a institui e a transforma continuamente.. Não se pode, pois, tomar **a priori** uma referência abstrata e generalizante, pasteurizando as diferenças históricas (...)⁵

Segundo o autor, é preciso atentar para o “processo ilusório de *naturalização*”, que confere à morfologia da paisagem um caráter de “realidade autônoma”, prescindindo das relações sociais. Isto leva à reificação e conseqüente desfiguração profunda, impedindo “o reconhecimento do lugar de geração das formas, dos valores e sentidos que elas implicam e das funções que desempenham e efeitos que provocam”. Sendo assim, Menezes propõe que a cidade – “qualquer que seja o seu conteúdo histórico específico” – seja tratada segundo “três dimensões solidariamente imbricadas”: a cidade enquanto “artefato”, enquanto “campo de forças” e enquanto “representação” (1996, p.149).

A cidade é **artefato**, coisa complexa, historicamente produzida. O artefato é um segmento da natureza socialmente apropriado, ao qual se impôs forma e/ou função e/ou sentido.

⁵ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. **Revista USP: Dossiê Brasil dos viajantes**. São Paulo:USP, CCS, n.30, jun./ago.,1996, p.147.

Espaços, estruturas, objetos, equipamentos, arranjos gerais, etc., todavia, foram produzidos por forças que não é possível excluir do entendimento: forças econômicas, territoriais, especulativas, políticas, sociais, culturais, em tensão constante num jogo de variáveis que é preciso acompanhar. Em última instância, o artefato é sempre produto e vetor deste **campo de forças** nas suas configurações dominantes e nas práticas que ele pressupõe.

Mas, além de artefato, coisa material produzida pelas práticas sociais e por toda a atuação de um complexo campo de forças, a cidade é também **representação**. As práticas sociais (que produzem os artefatos e também procuram neles reproduzir-se) não se fazem às cegas, mecanicamente ou por instinto. Esta intervenção concreta do homem no universo real é orientada pelas representações sociais, sempre presentes. O conceito de representações sociais dá conta da complexidade da imagem (imaginário, imaginação), sendo igualmente capaz de incorporar outros ingredientes, como conhecimento imediato, esquemas de inteligibilidade, classificações, memória, ideologia, valores, expectativas, etc.

Concordo com as considerações de Meneses relativas ao entendimento da cidade a partir das dimensões acima explicitadas. As mesmas propiciam um distanciamento da óptica de análise do objeto em questão – a cidade – enquanto categoria uniforme e imutável compreendida somente a partir de relações mais simplistas, deterministas, teleológicas, expressas pelo binômio causa-efeito, mas, sim, enquanto *locus* de ocorrência de fenômenos e articulações sociais diversas. Assim sendo, para fins investigativos acredito ser mais pertinente um instrumental teórico-metodológico de análise que considere o intrincado complexo de relações simultâneas, descontínuas, contraditórias, que fazem da cidade um “produto” e um “vetor” de práticas sociais; que considere os discursos elaborados sobre o espaço urbano como instituídos e instituintes da realidade, já que se configuram como representações sociais. Então, trata-se de um instrumental analítico configurado no bojo mesmo das mudanças epistemológicas que tornaram possível um novo olhar para com a história, a cultura, a cidade.

No tocante à história, a ampliação do debate historiográfico, nas últimas décadas do século XX, levou ao rompimento com a perspectiva tradicional do objeto de pesquisa histórica e, conseqüentemente, dos problemas e métodos a serem colocados – o que não quer dizer que haja consenso sobre as novas questões e posicionamentos e, igualmente, respostas para todas as indagações.⁶ Tal debate historiográfico, por sua vez, faz parte do movimento mais amplo de

⁶ Sobre o assunto, por exemplo: BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, 354 p. DOSSE, François. **A História em migalhas: dos Annales à Nova História**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992, 267 p. ; LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. **História: novos objetos**. 2. ed.. Tradução: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. 238 p. HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

profundos questionamentos dos paradigmas do conhecimento até então dominantes e a emergência de outros referenciais de análise da realidade. Ou seja, uma crise traduzida por polêmicas instauradas em vários campos do saber, em torno da pertinência de “velhos” e “novos” eixos estruturais do pensamento científico, e na qual ganhou destaque a discussão modernidade–pós-modernidade. Nesse contexto, os domínios da História alargaram-se a ponto de surgir a denominada “Nova História Cultural”, no dizer de Hunt – ou os domínios fragmentaram-se, conduzindo-nos até uma “História em migalhas”, no dizer de Dosse.

O que a denominada História Cultural traz à tona é uma outra perspectiva de trabalho em torno do conceito de cultura, tal como a define Pesavento,

Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de idéias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa.⁷

Este enfoque da cultura extrapola os muros da erudição como única definição conceitual e abrange um espectro muito mais amplo, que abarca a amplitude mesma dos inúmeros componentes do viver humano, tais como práticas, saberes, valores, sensibilidades, representações – ou seja, tudo o que se refere à criação humana socialmente constituída, à criação de sentidos que compõem o denominado imaginário.

Nesse sentido, o imaginário é outro conceito relativo às alterações de cunho epistemológico às quais se vincula a História Cultural. Para além do caráter racional do real enquanto referente da construção imaginária do mundo, o conceito de imaginário incorpora a dimensão das imagens sensíveis e do sonho, das coisas não concretamente existentes como também constituintes deste real.⁸

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.15 (História & ... Reflexões, 5)

⁸ Pesavento, ao discutir o conceito, faz referências a autores como Bronislaw Baczko, Cornelius Castoriadis, Jacques Le Goff, Gilbert Durand e Lucian Boia.

Segundo Pesavento (2004, p.77-78), a renovação dos campos temáticos de pesquisa, bem como dos objetos e fontes, é um dos aspectos que mais dão visibilidade à História Cultural nos últimos anos e um destes campos investigativos é o relativo às *ciudades*.

Já existe uma ampla produção acumulada sobre a cidade, particularmente no que diz respeito a uma abordagem econômico-social. Muito já se escreveu, tanto sob uma perspectiva quantitativa e evolutiva, quanto sob uma abordagem marxista, sobre o fenômeno urbano. Chamamos de perspectiva quantitativa e evolutiva aquele tipo de abordagem sem qualquer outro compromisso teórico maior, empenhada na descrição da história de uma cidade (...) Informativas, tais histórias de cidades não estabelecem reflexões maiores sobre o fenômeno da urbanização em si, o que não ocorre dentro de uma abordagem de conotação marxista. Segundo essa postura, as cidades comparecem como o *locus* da acumulação de capital, como o epicentro da transformação capitalista do mundo. Mesmo assim, a cidade ainda é abordada na sua dimensão espacial: ela é o território onde se realiza um processo de produção capitalista e onde se realizam as relações capitalistas, onde se enfrentam as classes.

Mas a cidade representa o que se poderia chamar de um campo de pesquisa e discussão interdisciplinar (...) O que cabe destacar é a abordagem introduzida pela História Cultural: ela não é mais considerada só como um *locus*, seja da realização da produção ou da ação social, mas sobretudo como um problema e um objeto de reflexão. Não se estudam somente processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, mas as representações que se constroem na e sobre a cidade. Indo mais além, pode-se dizer que a História Cultural passa a trabalhar com o imaginário urbano, o que implica resgatar discursos e imagens de representações da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais.

Relativamente à perspectiva quantitativa e evolutiva, lembremo-nos aqui das inúmeras produções sobre cidades que, normalmente, são enfocadas como sendo de caráter compilatório, enciclopédico, de arrolamento de informações, geralmente estanques e não relacionais. E, se indagamos sobre os lugares sociais e institucionais de elaboração de tais registros podemos concluir que, historicamente, muito se tem produzido sobre as cidades, mundialmente, seja por interesse de instituições governamentais que objetivam a construção de uma história nacional e de uma memória oficial; pela imaginação de inúmeros literatos; por interesses comerciais, informativos e propagandísticos; por uma intelectualidade em muitos casos compromissada com os interesses de grupos dominantes locais, regionais e/ou nacionais; por “historiadores amadores” e memorialistas, dentre outros. Em síntese, produções oriundas a partir dos mais variados interesses e contextos e que, como discursos elaborados e divulgados, dizem respeito à construção de identidades, à divulgação de visões de mundo e de cidade. Acredito que tais obras se constituem, também, em fontes preciosas para a pesquisa – fontes legitimadas pelo

alargamento dos domínios da História, conforme comentado anteriormente. É possível que o pesquisador, ao analisar tais obras e considerá-las fontes históricas, partindo de uma perspectiva qualitativa, afirme o seu estatuto de documentos de uma época.⁹

Em relação à abordagem marxista do fenômeno urbano, concordo com a afirmação de Hobsbawm de que “(...) no es posible ningún debate histórico serio que no haga referencia a Marx, o más exactamente, que no comience donde él lo hace. Lo que implica básicamente (...) una concepción materialista de la historia”.¹⁰ Segundo Hobsbawm, a emergência da história econômico-social - que diz respeito à substituição do marco idealista pelo materialista e a sociedade como sistema de relações estabelecidas entre os seres humanos para fins de produção e reprodução - , a hierarquia dos fenômenos sociais (infra e superestrutura) e as contradições inerentes a toda sociedade, propostas por Marx, permitem explicar por que e como ocorrem as transformações sociais e,

La inmensa fuerza de Marx ha radicado siempre en su insistencia tanto en la existencia de estructura social como en su historicidad o, dicho de otra manera, su dinámica interna de cambio. Hoy día, cuando se acepta generalmente la existencia de sistemas sociales, pero a expensas de su análisis ahistórico, cuando no antihistórico, la especial atención que presta a Marx a la historia como dimensión necesaria es tal vez más esencial que nunca (1998, p.155).

Por outro lado, Hobsbawm (1998, p.168) reconheceu que,

(...) no todos los fenómenos no económicos de la historia pueden derivarse de fenómenos económicos específicos, y acontecimientos y fechas en particular no son determinados en este sentido. Incluso los defensores más rígidos del materialismo histórico dedicaron extensos análisis al papel de la causalidad y del individuo en la historia (Plejánov) (...)

⁹ Sobre esta questão, por exemplo, os almanaques sobre cidades como fontes para a pesquisa histórica. Cf GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **O Almanaque, a locomotiva da cidade moderna. Campinas, décadas de 1870 e 1880.** Campinas, S.P., 1998. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.

¹⁰ HOBBSAWM, Eric J. **Sobre la Historia.** Tradução Castelhana de Jordi Beltran y Josefina Ruiz. Barcelona: Crítica (Grijalbo Mondadori S.A.), 1998, p. 46.

Trata-se, aqui, de considerar alguns aspectos importantes relativos às críticas mais contundentes realizadas a respeito da fundamentação teórica marxista – e também das versões leninista e estalinista da história. Os pontos cruciais questionados são: o determinismo econômico, bem como a visão etapista da história com base em um modelo de substituição dos modos de produção; o reducionismo explicativo da realidade, baseado na rigidez do sistema hierárquico dos fenômenos sociais, no qual a superestrutura está condicionada à infraestrutura; as críticas pertinentes à concepção do processo histórico como sucessão linear e mecanicista de lutas de classes e atrelado ao mecanismo de dominação-resistência; a concepção do conceito de ideologia como insuficiente na explicação do mundo das idéias e representações, por estar condicionado às determinações de classe e implicar em um ocultamento da realidade social operado pela ideologia dominante. Neste sentido, os denominados marxistas culturais ingleses, dentre eles o historiador Edward P. Thompson, são responsáveis pelo surgimento de uma “nova” história social, a partir de uma postura questionadora em relação ao materialismo histórico¹¹.

Thompson legou-nos um referencial teórico importantíssimo para a prática do historiador. Primeiramente, a questão pertinente ao estatuto epistemológico da história: as especificidades da disciplina são contempladas na análise que o autor faz da mesma, apoiado no materialismo histórico ressignificado, na afirmação da existência de uma “lógica histórica”, ou seja, a afirmação de que os historiadores têm, sim, teoria. No entanto, ao enfatizar que esta teoria não pertence só à esfera da teoria coloca em relevância a relação desta com as “evidências” (o que ele chama de “engajamentos empíricos”). Igualmente, chama-nos a atenção para este trânsito entre teoria-pesquisa empírica (trânsito entre teoria e prática), ou seja, teoria enquanto “ferramenta exploratória do real” e não como molde do real. A sua advertência de que a lógica histórica nem sempre é evidente a todo historiador, e que se deve buscá-la de forma implícita e explícita, é também a advertência de que a teoria não é para ser usada de forma mecânica. Igualmente, a evidência não pode ser submetida a um interrogatório “fechado”, que não comporta alterações, pois “assim como o objeto de investigação se modifica, também se modificam as questões adequadas” (1981, p.48).

Segundo Pesavento (2004, p.28-30),

¹¹ Cf THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1981.

(...) Thompson abandonou a clássica definição marxista-leninista, que identificava a classe pela posição ocupada junto aos meios de produção. Alargou o conceito, entendendo que a categoria deveria ser apreciada no seu fazer-se, no acontecer histórico, na sua experiência como classe. Cabia ao historiador surpreender os nexos entre pequenas alterações de hábitos, atitudes, palavras, ações, de atitudes que iam mudando ao longo do tempo. Com isso, Thompson resgatava para o historiador a dimensão do empírico: a pesquisa de arquivo era indispensável, e nesse ponto se abriam não só novos enfoques temáticos como nova documentação. O fazer-se de uma classe implicava observar modos de vida e valores, implicava entrar nos caminhos da construção de uma cultura de classe.

(...) Essa nova história social privilegiou a experiência de classe em detrimento do enfoque da luta de classes, centrou sua análise na estruturação de uma consciência e de uma identidade e buscou resgatar as práticas cotidianas de existência. Em todas as análises feitas, manteve-se o decidido resgate dos processos empíricos e uma valorização da pesquisa de fontes.

Retomando, segundo a análise de Pesavento sobre as produções relativas às cidades, a abordagem econômico-social, baseada na perspectiva marxista, proporcionou o estudo do fenômeno da urbanização. No entanto, segundo Pesavento, esta se direcionou à dimensão espacial enquanto *locus* de estabelecimento das relações capitalistas de produção e transformações decorrentes no território urbano. Nota-se que Thompson, por sua vez, ao fugir do viés economicista e mecanicista de análise, foi responsável por inovações teórico-metodológicas importantes, dentre elas a ampliação conceitual, temática, das fontes e do tratamento das mesmas pelo historiador. Os referenciais conceituais propostos – classe social, cultura, experiência, dentre outros – possibilitam a valorização da ação humana na transformação histórica, assim como a consideração do plano simbólico em termos da relação entre os homens e mulheres em determinados contextos espaciais e temporais – inclusive o contexto urbano.

Segundo outra perspectiva de análise,

Pode-se pensar que as idéias que comandam a elaboração da história urbana são sobretudo duas: a idéia da forma e a idéia do tempo. As formas, quando empiricizadas, apresentam-se seja como objeto, seja como relação a obedecer. Entretanto, é também necessário empiricizar e precisar o tempo, se nós queremos trabalhá-lo paralelamente às formas. Este é talvez um dos grandes problemas metodológicos que se colocam à história das cidades e da urbanização¹²

¹² SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1998, p.68

Santos, como geógrafo vinculado à denominada Geografia Crítica, defende o enfoque multidisciplinar no estudo da cidade, bem como a necessidade de articular o conceito de espaço enquanto categoria histórica, ou seja, cujo conceito muda “já que aos modelos se acrescentam novas variáveis no curso do tempo”. Tanto é que, atualmente, o denominado “meio técnico-científico” abrange cada vez mais territórios como parte de um “momento histórico no qual a construção e reconstrução do espaço se dará com um crescente conteúdo de ciência e de técnicas”. A cidade então, para Santos, apresenta-se como um verdadeiro “espaço-tempo”, no qual “as formas elaboradas no passado têm um papel ativo na elaboração do presente e do futuro” (1998, p.70-72, 139).

De acordo com a abordagem em questão, o tempo significa sucessão e, também, coexistência; os lugares apresentam-se na simultaneidade do tempo físico, mas também por meio do tempo social; o tempo da metrópole informacional encontra-se hoje em todos os lugares – a “metrópole onipresente” – que organiza e desorganiza territórios, ou seja, o poder do grande capital que gera uma “segmentação vertical do território enquanto mercado” e que, para Santos “(...) supõe que se redescubram mecanismos capazes de levar a uma nova horizontalização das relações, que esteja não apenas ao serviço do econômico, mas também do social” (1998, p.157-158).

A complexidade dos fenômenos relativos às mudanças de caráter estrutural experimentadas pelas sociedades, especialmente nas últimas décadas, tem afetado os quadros de referência dos indivíduos. Assim, há alterações significativas em nossas maneiras de percepção das noções de espaço e tempo, assim como nos âmbitos das relações entre global-local e das redes de sociabilidade urbana. A grade conceitual proposta por Santos compõe um enfoque teórico-metodológico que acredito ser muito pertinente, no sentido de romper com delimitações entre categorias (espaço e tempo, por exemplo) e disciplinas (Geografia e História, principalmente), ou seja, que pode nos fornecer muitos elementos de análise do urbano, da cidade atualmente.

Cabe ainda reforçar a pertinência dos pressupostos da denominada História Cultural, em termos das possibilidades abertas no que tange à problematização da cidade enquanto objeto de reflexão: para além do seu entendimento exclusivo com base em processos econômicos e sociais, a ampliação das fontes e dos problemas a serem colocados tornou possível o trabalho com discursos e representações da cidade, ou seja, com o imaginário urbano.

Segundo Bresciani,¹³ as cidades modernas – “acontecimentos da sociedade industrial” – foram problematizadas, ainda na primeira metade do século XIX, como “questão urbana”, formando-se, assim, a cultura urbana contemporânea “atravessada pelos pressupostos da disciplina e da cidadania”. E,

Nesse momento, passa-se a conceber a cidade como espaço de tensões empíricas e teóricas, concepção que perdura na formulação do paradigma que orienta o **conhecimento** das cidades até nossos dias. Esta forma de se orientar e estudar as cidades nos oferece, no momento mesmo da sua definição no século 19, cinco portas de entradas conceituais, todas elas desdobramentos da noção liberal de indivíduo (liberdade, propriedade, representação política) e de disciplina (constrangimento físico para moldar corpos e mentes). Nessa problematização da cidade, a vivência fragmentada de seus habitantes contrasta com a representação conceitual da unidade, instrumento necessário para a formação do urbanismo como disciplina acadêmica e prática política de intervenção no meio urbano. De perspectivas diferentes, cada entrada toma a cidade como um todo.

As “portas de entradas conceituais” no estudo das cidades são (1992, p. 161-3):

a) “questão técnica” a partir da qual se constitui a “Idéia Sanitária”, ou seja, a conjugação do “olhar do médico com o saber do engenheiro na observação/transformação do meio ambiente”. A política intervencionista no espaço urbano ressalta o bem público sobre o particular e “relaciona-se ao questionamento difícil dos pressupostos liberais”, tal como o direito à propriedade e à cidadania, pelos proprietários.

b) A “questão social” considerando, aqui, o contexto sócio-econômico e político notadamente francês e inglês de fins do século XVIII e início do XIX. “Também aqui, o individualismo liberal se mostra incapaz de encontrar respostas satisfatórias para os problemas sociais, tendo que se dobrar no desvio conceitual que permite considerar como interlocutores sujeitos coletivos (sindicatos, partidos, etc.)”

c) A cidade como espaço formativo de “novas identidades sociais”. À noção classificatória de burguesia corresponde a de proletariado, “envolvendo assim numa camisa de força toda a variada gama de atividades do trabalho. Por esta porta se chega ao lugar onde se constitui e se pratica a *ética burguesa*.”

¹³ BRESCIANI, Maria Stella. Cidades: espaço e memória. São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992, p. 161-166.

d) A cidade e a educação dos sentidos, pois a cidade moderna requer a formação de uma “nova sensibilidade”. Neste sentido, a autora retoma Walter Benjamin no que se refere à perda da “experiência” em favor da “vivência” e o ser humano em sua condição de autômato.

e) A cidade conceitual, “sinônimo de progresso, o *lugar da história*, e designa seus habitantes como agentes/sujeitos históricos: o burguês para o tempo presente, o proletário na projeção da futura sociedade”.

Bresciani (1992, 163-6), por sua vez, abre mais uma “porta de entrada conceitual”: a que diz respeito à *cultura popular*, “abafada sob o pesado manto dos valores burgueses, destinada ao silêncio e a desaparecer pela ação disciplinar da fábrica, da filantropia e da polícia”. E, ainda, aponta para o que considera a entrada nos temas urbanos que se apresenta como “ruptura possível” com o quadro teórico definido no começo do século XIX, quando as cidades modernas são problematizadas: “nessa entrada importa seguir os traços daquilo que se diz sobre a vida na cidade, seu significado, seus mitos de origem, nela privilegiam-se as trocas simbólicas”.

Aqui, compactuo com o posicionamento da autora a respeito do esfacelamento contemporâneo da concepção da cidade, dividida em espaços compartimentados, com uma identidade fixa, pois a seu ver, “seus *territórios* são menos físicos e mais subjetivos”. Bresciani rompe, assim, com a racionalidade constitutiva de noções, tais como as de identidade e objetividade e retoma as contribuições teóricas de Anne Cauquelin,¹⁴ no que tange à importância das memórias na constituição da matéria urbana, ou seja, de um “estoque de dados” formado pelo “fio condutor da *opinião*, como transmissor de memórias”. Podemos, então, considerar a cidade em termos de “conservação e transmissão” deste “estoque de dados”. Segundo Bresciani (1992, p.164-5),

Nesse sentido, as **memórias** compõem anamorficamente a realidade da cidade, e a opinião se torna o elemento necessário desta operação de mixagem pela qual chegam até nós essas condensações de tempos, esses deslocamentos de nomes provocando modificações sensíveis em nossa percepção da cidade (...) o liame que forma a identidade urbana e pelo qual os homens reconhecem sua natureza “política” escapa a toda análise “racional” e se faz pelo modo de uma **comunicação simbólica** onde prevalece, sobre um fundo de memórias fragmentadas, a lógica da opinião e do verossimilhante (...) O conflito se instala na brecha aberta por essa diferença entre a(s) representação(ões) global(is), porque racionais da cidade, e as pequenas memórias, a maneira como vivemos nossos espaços e

¹⁴ Cf CAUQUELIN, Anne. *Essai de Philosophie Urbaine*. Paris: PUF,1982. *Apud* BRESCIANI, *op. cit.*

ocupamos nossa história, fragmentariamente, com esquecimentos e lacunas, sob a pressão de um estoque de opiniões das quais ignoramos a origem e recolhemos o resultado, uma fina película que serve de tela e de suporte da vida social(...)

Finalmente, Bresciani (1992: p.166) indaga: “poderíamos nós, historiadores estudiosos das cidades modernas, e os urbanistas, esses magos da construção/desconstrução, determo-nos nessas fugidias trocas simbólicas, nessas muitas vezes invisíveis e imperceptíveis dobras do tempo?”

Numa tentativa de aproximação à questão proposta pela pesquisadora, acima, parto da consideração de que o desafio de afastarmo-nos da racionalidade instrumentalizadora de corpos e mentes é grande – porém, vale a pena ousar. A abertura de sendas outras na problematização das cidades opera-se conjuntamente à construção, também, de uma outra sensibilidade que subverta os pressupostos do método de raiz descartiana. Ou seja, o que se coloca em jogo, aqui, é a busca de uma maior articulação entre sujeito e objeto da pesquisa, entre teoria e prática, entre racionalidade e subjetividade, além de concepções mais amplas de espaço(s), tempo(s) e cidade(s).

1.2 Sobre o debate modernidade - pós-Modernidade

As produções de conhecimentos na história, como nos demais campos do saber, ocorrem a partir da consideração, por parte do investigador, de opções relativas à escolha de temas e ao tratamento das fontes. Isto, por sua vez, relaciona-se à adoção de orientações teórico-metodológicas, encaminhadoras da relação sujeito-objeto nos âmbitos da pesquisa, ou seja, da contemplação de determinadas categorias fundantes do pensamento historiográfico, que constituem os chamados paradigmas.

Nesse sentido, nas últimas décadas, passamos a ouvir com mais persistência a expressão “crise dos paradigmas” – o que vem colocando em xeque postulados mais sedimentados e dominantes de análise da “realidade” na produção de conhecimentos acadêmicos. Sabemos que esta erosão de parâmetros, de sentidos constitutivos do ser social, bem como a constituição de

outros referenciais, acompanha a história do pensamento ocidental.¹⁵ No final do século XX, no entanto, o panorama de crise se intensifica, tornando mais expostas as fissuras da racionalidade ordenadora de visões de mundo, produtora de saberes e constitutiva da denominada modernidade capitalista. A modernidade capitalista pode ser enfocada como eixo paradigmático na estruturação de formas de pensamento e realizações humanas, se analisada em sua constituição e desdobramentos nos últimos séculos – o que também lhe outorga o estatuto de “tradição” e este é um ponto crucial do debate modernidade – pós-modernidade, que, por sua vez, se insere na questão dos “velhos” e “novos” paradigmas.

1.2.1 - Paradigmas em crise

Ao situar o debate a que me referí, Casullo afirma que,

Un mundo de ideas modernas se agrietaba drásticamente para dar paso a una conciencia inusual de la modernidad como pretérito o, como ya se decía en el campo del arte, como tradición. Muchas de las gramáticas del presente iban pareciendo decires fantasmáticamente anacrónicos. En ese marco puede afirmarse que los autores que protagonizan el debate permitían retener todavía dos variables en el campo de las disputas de ideas. Primero, el esfuerzo intelectual por una actitud de avanzada en un marco de argumentos dispares: lo que estaba en juego en ese momento controversial era una trama escénica de discursos, actores, paradigmas y legados contagiados de crisis profundas. Se trataba de ver, como siempre dificultosamente, por dónde pasaría una cultura histórica con sus disparidades y las nuevas referencias que hacían a su inteligibilidad, anticipar teóricamente la lectura de un porvenir que había perdido casi toda luminosidad. Segundo: la noción de posmodernidad surgida del campo del arte y de cierta acumulación de teorías críticas con intencionalidad disruptiva frente a la razón ilustrada, ya sea por derecha o por izquierda, aspiraba a construir un relato ‘post’ que *centrase* las muchas cuestiones expresivas, reflexivas y políticas en juego. Lo posmoderno ambicionaba ser la clave de un tiempo, aunque fuese desde la reyería¹⁶

¹⁵ Conforme VENTOS, a existência de um mundo simbólico no qual as esferas da ciência, da moral, da arte e da política constituíam uma totalidade coerente se desarticula com o projeto de modernidade capitalista, porém, para ele, “(...) ya en la Grécia clásica se inicia la desarticulación de este todo armonioso – conocidas son las quejas de Platón al respecto – en un nuevo cosmos artificial: en una *ciudad* donde cada una de estas esferas adquiere una dirección y una aceleración independientes”. VENTOS, Xavier Rubert de. Kant responde a Habermas (publicado por la revista española **El viejo topo**, n. 64, enero de 1982) In CASULLO, Nicolás (compilación y prólogo). **El debate Modernidad-Posmodernidad**. 2ed. ampliada y actualizada. Buenos Aires: Retórica, 2004. p75

¹⁶ CASULLO, Nicolás (compilación y prólogo). Prefacio. **El debate Modernidad-Posmodernidad**. 2ed. ampliada y actualizada. Buenos Aires: Retórica, 2004. p.5-6. Além do prefácio este autor escreveu o artigo “Modernidad, biografía del ensueño y la crisis (introducción a um tema)”, que consta neste livro (p. 17-48), e que será muito referenciado, por mim, neste texto.

Em relação aos “protagonistas do debate”, autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jean F. Lyotard, por exemplo, são considerados instauradores da noção de pós-modernidade. Outros, como Jürgen Habermas e Marshall Berman, trouxeram à tona as contradições do projeto de modernidade a partir de perspectivas distintas daqueles primeiros, ou seja, Habermas, sem abandonar tal projeto como causa perdida, e para Berman,

Mi intención es analizar y trazar estas tradiciones para entender el modo en que pueden enriquecer nuestra propia modernidad, y en que forma oscurecen o empobrecen nuestra idea de lo que es y puede ser la modernidad¹⁷.

Na década de setenta do século XX, ouviam-se já fortes vozes questionadoras da racionalidade hegemônica, do projeto civilizatório e da idéia de futuro, que compunham a visão de história dominante no projeto da modernidade. Nas décadas seguintes, este movimento de vozes dissonantes ganhou amplitude no bojo dos desdobramentos político-econômicos, em nível mundial, que contribuíram significativamente para o perguntar-se sobre os destinos dessa “cultura histórica” moderna, cada vez mais exposta em suas contradições. Lembremo-nos aqui das profundas alterações geopolíticas consubstanciadas na alteração do esquema bipolar, representativo dos campos ideológicos díspares, estruturados a partir do final da II Guerra, ao denominado esquema multipolar como signo da predominância do capitalismo fortalecido e com roupagem nova, perante a derrocada dos denominados socialismos até então vigentes; lembremo-nos dos novos rótulos a propagandear as vitórias da economia de mercado, quais sejam: neoliberalismo, “nova” ordem mundial, globalização; lembremo-nos das guerras – cada vez mais espetáculos televisivos – e massacres, das alterações de fronteiras e de vidas, das migrações como fuga e sonho e tão bem retratadas por Sebastião Salgado; lembremo-nos das novas tecnologias de informação e de comunicação e desafios na utilização das mesmas; do desemprego como fenômeno global, dentre outros componentes ou “metamorfosis de envergadura”, como nos diz Casullo (2004:p.8),

Estas metamorfosis de envergadura nos sitúan hoy sin embargo, e cuanto a las lógicas más profundas que las presidieron, en un mundo hartado conocido y empeorado: el del capital y

¹⁷ BERMAN, Marshall. Brindis por la Modernidad (publicado en la revista mexicana *Nexos*, n.89. mayo de 1985). In CASULLO, Nicolás .**El debate Modernidad-Posmodernidad**. 2ed. ampliada y actualizada. Buenos Aires: Retórica, 2004. p.88.

el mercado, definiendo fría y brutalmente vida e historia de las comunidades planetarias, el del apogeo del racionalismo liberal con que se constituyó hace dos siglos política e ideológicamente la modernidad burguesa, con sus particulares credos de libertad, democracia e orden social simbólico y actuado. El de las guerras y botines. El viejo mundo de los que portan la razón de dominio y aquellos signados por ‘irracionalidades’ subalternas (...) En ese contexto el amplio dial de la posmodernidad, sus debates, sus arborescencias y frutos sobre distintos dilemas, aspectos, terrenos teóricos, y comprensiones preformativas de tesis intelectuales e investigativas, encuentra espacios donde el trabajo de tal noción alumbraba penumbras conceptuales, aviva discusiones en saberes mortecinos, permite reabrir reflexiones en zonas por demás abroqueladas en cuanto a preguntarse por fenómenos, síntomas y nuevas experiencias societales.

Então, se é uma “cultura histórica” que se coloca em jogo, faz-se necessário abordar os fundamentos desta cultura, bem como alguns dos principais questionamentos feitos a ela. Ou seja, apresentar uma certa genealogia da Modernidade visando compreender sua gestação e os fundamentos essenciais da consciência moderna; localizar os principais pontos criticados em relação a este corpo-referência cultural em seu desdobrar ao longo da história – incluindo o que os discursos pós-modernos apontam como expressão da crise do projeto moderno na contemporaneidade.

1.2.2 - Sobre os conceitos de *moderno* e *modernidade*

Em termos de definição do conceito de *moderno*, Habermas aponta que seu primeiro uso foi no final do século V, quando se empregou o termo *modernus* para a distinção do presente, oficialmente cristão, do passado romano pagão. Do Renascimento à Ilustração, bem como à modernidade estética, surgida em meados do século XIX, tal conceito vem sendo usado, considerando suas diferenças de conteúdos, como referência a uma época, que, na relação com o passado, se considera como fruto de uma “transición desde lo viejo hacia lo nuevo”.¹⁸

Nota-se que o termo vem sendo usado em períodos nos quais se formou a consciência de uma nova época e, por suposto, a modificação de sua relação com a antiguidade – “considerandose-la un modelo que podía ser recuperado a través de imitaciones” – e Habermas (2004, p.54) estabelece esta interessante análise sobre a relação entre o novo e o antigo,

¹⁸ HABERMAS, Jürgen. Modernidad: un proyecto incompleto (Publicado por la revista **Punto de vista**, n. 21, agosto de 1984, Buenos Aires) In CASULLO, Nicolás (compilación y prólogo). **El debate Modernidad-Posmodernidad**. 2 ed. ampliada y actualizada. Buenos Aires: Retórica, 2004. p. 53.

considerando algumas especificidades de distintas épocas na relação com esta antiguidade, com o “clássico”. Para ele, enquanto os clássicos da antiguidade exerceram um fascínio em épocas posteriores, como o Renascimento, o Iluminismo francês dissolveu a idéia pela qual o ser moderno passava por uma relação renovada com a antiguidade clássica, ou seja, surgia uma “nueva forma de conciencia moderna” – exemplificada, por exemplo, pela idealização da Idade Média operada pelo modernismo romântico e, ainda segundo Habermas (2004, p.54)

Sin embargo, este nuevo período ideal, descubierto a principios del siglo XIX, no se convirtió en un punto inmovible. En el curso del siglo XIX, el espíritu romántico, que había radicalizado su conciencia de la modernidad, se liberó de remisiones históricas específicas. Ese nuevo modernismo planteó una oposición abstracta entre tradición y presente. Todavía somos hoy, de algún modo, los contemporáneos de esa modernidad estética surgida a mediados del siglo XIX. Desde entonces, la marca distintiva de lo moderno es ‘lo nuevo’, que es superado y condenado a la obsolescencia por la novedad del estilo que le sigue. Pero, mientras que lo que es meramente un ‘estilo’ puede pasar de moda, lo moderno conserva un lazo secreto con lo clásico. Se sabe, por supuesto, que todo lo que sobrevive al tiempo llega a ser considerado clásico. Pero el testimonio verdaderamente moderno no extrae su clasicidad de la autoridad pretérita, sino que se convierte en clásico cuando ha logrado ser completa y auténticamente moderno. Nuestro sentido de la modernidad produce sus pautas autosuficientes. Y la relación entre ‘moderno’ y ‘clásico’ ha perdido así una referencia histórica fija.

Trata-se aqui, também, de pensar a idéia do moderno por uma perspectiva processual, ou seja, pela consideração da Modernidade e da consciência da modernidade em seus múltiplos desdobramentos e variações em momentos históricos distintos. De toda maneira, trata-se também de alterações na relação presente/passado – da visão mesma de história no seio da denominada modernidade – as quais dizem respeito à perda da autoridade do passado perante o presente.

Para Viano,¹⁹ “los conceptos historiográficos que refieren a épocas parecen atormentados por alguna dificultad interna, que hace difícil su exacta determinación. Algunos de ellos parecen contener como condición necesaria la autorreferencia”. Se pessoas do mundo antigo não designavam a si mesmas como “antigas” – e o mesmo vale para as do período medieval – o contrário acontece com os “modernos” que, ao contrário, fizeram uso do termo para auto-referenciarem-se. Por sua vez, para o autor (2004,p.142), a condição auto-referente deste conceito não o torna mais independente em relação a outros conceitos historiográficos, tendo em vista que

¹⁹ VIANO, Carlos Augusto. Paradigmas de la Modernidad. (Publicado por la revista italiana **Problema del Socialismo**, n. 5, mayo-agosto de 1985). In CASULLO, Nicolás, op. cit., p.141

“los modernos se designan con este término, pero en contraposición a hombres que pertenecen a otras épocas.”, ou seja, “antigo” e “moderno” são termos interligados. Termos que também podem ser analisados em sua ubiqüidade, pois

Los griegos pensaban que eran modernos respecto a los egipcios, los eruditos alexandrinos respecto a los artistas clásicos, los escolásticos medievales respecto a los filósofos antiguos, y así tantos otros. A la ubicuidad está ligado el carácter valorativo propio de estos conceptos. Atribuir el carácter de antiguo y moderno a uno y otro lugar de la historia significa, además, expresar aceptación o rechazo: contemplar algunos trazos del pasado como antiguo, o reivindicar del presente este o aquel otro factor.

Las características internas de los conceptos historiográficos que hemos delineado están quizás en la base de la complejidad de la categoría de lo moderno, de los significados frecuentemente diversos y a veces contrastantes que ella ha asumido. La conexión entre el uso propiamente histórico y su uso filosófico, ideológico, ampliado, podríamos decir, es tal que alcanza hasta el lenguaje común, fuertemente cargado de tintes valorativos.

Assim, creio que tais conceitos historiográficos – antigo/moderno, modernidade/pós-modernidade – deveriam ser percebidos na complexidade que encerram. Complexidade decorrente, principalmente, da variedade de conteúdos aos quais remetem, e os significados múltiplos que assumem quando consideramos sua vigência e uso conceitual num marco temporal amplo. Ou seja, as referências cronológicas são importantes para nosso entendimento desta complexidade em termos de conteúdos e significados conceituais. Por outro lado, prender-nos em demasia na delimitação cronológica a despeito da análise de conteúdos, visando apreender uma determinada consciência de cada época, podem encerrar-nos em elaborações rígidas em termos de definições unitárias – o que nos afasta de uma apreensão mais ampla da multiplicidade, da ambigüidade, das permanências e alterações que tais conceitos encerram.

Viano (2004, p 153-154) adverte-nos a respeito da localização temporal das categorias historiográficas e, especificamente, sobre o “moderno”:

Es verdad que las categorías cronológicas historiográficas se distorsionan rápidamente cuando pasan a localizar-se. Así, la antigüedad se ha convertido en la clásica, la edad moderna se ha convertido en un período cronológico preciso y el nacimiento del medioevo ha exigido la necesidad de distinguir nuestra cultura de aquella moderna clásica. En parte se trata de accidentes banales del uso lingüístico, como sucede a menudo.

(...) Pero es necesario no olvidar que son justamente las referencias cronológicas las que en esos contenidos han servido sobre todo en la cultura que llamamos moderna para darse un orden, o más de un orden. Esta cultura ha inventado la antigüedad clásica como tierra del retorno, y después al medioevo como comienzo de un nuevo acontecimiento histórico. Sin estas imágenes de ordenamiento cronológico la cultura moderna estaría privada de una

estructura propia fundamental. Sólo sobre el armazón de estas imágenes ella ha podido construir los mitos de decadencia, del retorno, de la reanudación, de la barbarie y de la civilización. Por otra parte, es necesario reconocer que estos conceptos historiográficos funcionan como funcionan otros conceptos historiográficos. A veces las entidades historiográficas se conocen sólo por la diferencia: mundo antiguo y mundo moderno han comenzado a asumir fisonomía cuando han comenzado a distinguirse, tal vez a través de las improbables perspectivas del retorno del segundo al primero. Después, sus imágenes se han desvinculado de una primera relación ingenua. Se hicieron más independientes las unas de las otras, hasta llegar a la tesis de la completa diferenciación entre un mundo y otro. Una tesis que, tomada al pie de la letra, podría comportar la consecuencia de la absoluta inaccesibilidad de una edad por parte de la otra.

Reconheço que, na base da denominada cultura moderna, encontra-se um conjunto de imagens baseadas em referenciais cronológicos reelaborados; imagens ordenadoras de discursos racionais-mitológicos, através dos quais esta mesma cultura moderna se constituiu ao longo do tempo. Tentar entendê-las é tentar compreender a complexidade inerente ao conceito de moderno. Por outro lado, parece-me que compreender as “entidades historiográficas” com base exclusiva na sua “completa diferenciação” pode dificultar o acesso, por exemplo, a algumas reapropriações que o “novo” faz do “velho”. Da mesma forma, coloco-me a questão: em que medida podemos considerar a validade dos discursos da “pós-modernidade” como “completa diferenciação” da modernidade, tendo em vista a lógica da expansão capitalista das últimas décadas em suas rupturas e permanências?

Em relação à *Modernidade*, conceito-chave no que tange a este trabalho de investigação, traço, inicialmente, alguns marcos considerados fundamentais em termos de contextualização deste fenômeno que, por sua vez, já apresenta uma larga história. A tentativa de historicizar a modernidade justifica-se pelo entendimento de que, ao fazê-la, podemos compreender melhor as críticas que lhe são imputadas e posicionar-nos perante a temática.

Segundo Casullo (2004: p. 19-20), para muitos, a condição moderna inicia-se com o denominado Renascimento (séculos XV e XVI), quando ocorrem o prenúncio e a promoção das representações burguesas nas quais “un sujeto camino a su autonomia de conciencia” constitui-se pelo enfrentamento com o poder teocrático e através do fortalecimento da cultura humanista. Lembro, aqui, que a gestação de uma outra consciência perceptiva do humano na relação com o universo é a condição mesma da angústia, tal como expresso nas luzes e sombras de Caravaggio (1573-1610): universo convulsionado no qual se contrapõem simbologias de fundos contrastantes em relação às quais o ser humano – novo sujeito que começa a ser posto em cena – debate-se entre o mítico e o racional, entre a fé e a ciência; ser humano atordoado perante a configuração de

uma nova subjetividade histórica intrínseca à alteração da relação humana com o passado e com o sentido de história. Os humanistas, ao romperem com um passado recente e ao retomarem o passado “clássico”, operam a configuração conceitual do moderno como fusão entre novo e antigo.

No entanto, para Casullo (2004, p. 32), é o século XVII “el que planteará las problemáticas anticipadoras de las crisis con que nasce la modernidad”, quais sejam, as que dizem respeito aos modelos de análise da realidade até então dominantes, ancorados em dogmas religiosos, e que o modelo descartiano coloca em xeque ao propor o conhecimento científico com base no sujeito pensante, racional. E, o século XVIII, por sua vez, será o do Iluminismo (do *Aufklärung* Kantiano), “período donde empiezan a fundarse de manera definitiva los relatos y representaciones que estructuran el mundo moderno” sob o “idioma da razão”.

O desgarrar da consciência moderna amplia-se no século XIX, com a expansão tecno-fabril, em um tempo de recrudescimento de revoluções e contradições inerentes ao capitalismo e cujos espaços das cidades metrópoles modernas configuram-se como emblemáticos de um tempo que, segundo o autor (2004, p. 32), “mostró que la modernidad ya no sería un lugar, un discurso compacto, ni siquiera una simple dicotomía entre sus reivindicadores y sus críticos”. Há uma plêiade de discursos que procuram explicar, expressar, sistematizar essa modernidade que, cada vez mais, constitui-se em seu caráter ambíguo a conquistar novas fronteiras. Em relação à América Latina, por exemplo, a consciência da modernidade está, também, na retórica da ação emancipadora, nos princípios do século XIX, tal como afirma Casullo (2004, p.21),

Espíritu de época en la intelectualidad de América Latina, encendido por los inéditos horizontes del comercio capitalista, pero también por la modernidad de los *autores*: por escrituras de Voltaire, Rousseau, Montesquieu y Diderot. Espíritu materializado en los discursos liberales del industrialismo inglés, y también construido desde las figuras lluminantes del romanticismo soñando patrias, amanecer de naciones y pueblos mesiánicos liberados. Modernidad que se efectivizará en el jacobinismo militar de nuestras revoluciones, en sus itinerarios de sectas conspirativas por las aldeas coloniales, en sus héroes de la guerra, la política y el ensayismo literario, como una vasta y simultánea fidelidad a los nuevos credos y relatos de crítica y refundación de la historia.

Que discursos fundamentam, em linhas gerais, essa consciência moderna? Como apreender um pouco mais de seu movimento, seu desdobrar no tempo e espaço? Como pensar as crises em relação à modernidade capitalista? São questões que considero importantes e procurarei delas me acercar, tendo por base autores que dialogam e que polemizam em torno da temática.

Com base em Casullo (2004, p.23-36), procurarei abordar as referências fundamentais em torno das quais a idéia de modernidade se constitui – tentando não perder de vista que estas referências podem ser percebidas em seu caráter de representações, imagens emblemáticas, discursos ordenadores, subjetividades.

Começarei com a figura da revolução. A Revolução Inglesa do século XVII, que coloca em cena a figura humana em sua vontade de emancipação perante o poder teológico, “será el trasfondo motivador” para o Iluminismo do século XVIII, o século da Revolução Francesa. Imagem-força da revolução que apresenta-se enquanto possibilidade de “alegorizar una commoción de la sociedad reveladora de *otra historia*, esta figura de la revolución es posiblemente la que obliga a lo moderno a reconocer que ya acontece: que tiene que asumir la habla de si mismo”. Ou seja, a emancipação motivada pelo uso de uma outra língua, a da razão, e a defesa desta nova discursividade como orientadora das ações humanas.

Outro ponto a ser tocado é o pertinente à discursividade moderna. Para Casullo (2000, p.25-27), os direitos do povo, a secularização da política, o liberalismo reconhecedor da propriedade privada e dos interesses conflitivos, bem como a ciência sobre o social compõem a discursividade moderna na qual “ la lengua de la razón surgirá como *utopía de resolución*: imprescindible coincidencia con lo real”. E,

Progreso, emancipación, sujeto generador de los significados: lo histórico deja de ser un paréntesis irracional, leído desde la insondable racionalidad divina. Por el contrario, la historia, el hacerla, es el único camino posible para la realización de la razón (...) Desde esta *nueva subjetividad histórica*, lo real serán los indicadores de la razón reinante: signos, palabras, relatos que designan las unidades de lo múltiple, la identidad de lo diverso, la irrefutabilidad de la verdad (de lo racional), y la universalidad de las certezas (...) No obstante, los discursos de la razón (...) refundan el mundo hasta fronteras de su propia discursividad iluminante. Desde ese borde, la razón se convierte en lengua mítica de la realidad, en encubridora de aquello que no puede narrar como saber científico (...) Lo que trágicamente expondrá la modernidad es que la crónica del hombre no encontrará su resolución en esta discursividad legitimadora, sino que será precisamente y sobre todo desde esta nueva potestad de la palabra moderna que comenzará la infinita batalla de la modernidad consigo misma: entre sus ensueños, sus textos y sus verificaciones históricas (...)

Em relação ao anteriormente exposto a respeito da discursividade moderna, ater-nos-emos a dois pontos.

Um deles diz respeito à narração e escritura da história, inscritas nesses paradigmas modernos – leio tais paradigmas como tendências culturais prevaletentes. Paradigmas nos quais a

autoridade do modelo científico-racional de análise da realidade estabelece as verdades absolutas e inquestionáveis a despeito do caráter plural e contraditório do social; verdades como promessas a serem realizadas no cumprir-se das leis estabelecidas da história; história concebida como futuro emancipador das sociedades humanas através do progresso, como garantia dos direitos de liberdade, igualdade e fraternidade entre os povos; história como realização humana e história como realização efetiva do projeto moderno. História constituída como espírito de uma época que vivencia rupturas de mundos que se apresentam cada vez mais dicotomizados (razão/mito, ciência/religião, progresso/barbárie). Construção de uma história linear na qual o passado constitui-se não fundamentalmente como continuidade em relação ao presente, mas em suas refundações, conforme interesses dos novos tempos (veja-se a reapropriação da Antiguidade Clássica greco-romana, pelo Renascimento, ou da Idade Média pelo romantismo alemão); concepção do presente como cenário da atuação humana, conforme prescrições racionalizadoras; visão de futuro como etapa final de realizações dos projetos conformados pela modernidade, ou seja, como cumprimento das finalidades da história de acordo com a teleologia do espírito moderno.

Outra questão fundamental anunciada por Casullo ao mencionar a “consciência sobre a conflitualidade da história” e a “infinita batalha da modernidade consigo mesma” diz respeito às *crises* como constitutivas da modernidade. Crises que fazem parte tanto do contexto em que esta foi gerada quanto de seus desdobramentos no curso do tempo – dentre os quais se insere o debate instaurado pela denominada pós-modernidade. Ou seja, o tema da crise da modernidade a acompanha desde seus primórdios. O espírito do moderno, conforme já comentado, surge em um ambiente de mutação dos referenciais ordenadores que até então pautavam as ações humanas; em um espaço de conformação de outros discursos sob a óptica racional. Um mundo percebido também em sua desorientação, a despeito de uma narrativa histórica que se propõe sistematizadora e definidora das certezas a serem consumadas pela ação humana em um futuro marcado pelo progresso, isto é, a consumação do projeto de emancipação do homem.

O que me parece importante aqui é abordar pontos cruciais que passam a ser objeto de angústia, de debate, de questionamento e que são percebidos como componentes deste largo espectro de crises do projeto moderno ilustrado. Crises nas quais localizamos movimentos culturais, tais como as vanguardas estéticas da transição do século XIX para o XX; crises que atravessam o processo de constituição da modernidade e, conforme acredito, sem sucumbi-la em

golpes mortais e, sim, muitas vezes, retroalimentando-a, tal como afirma Habermas (2004, p. 55), a respeito da modernidade estética: “lo moderno se alimenta de la experiencia de su rebelión permanente contra toda normatividad”.

1.2.3 - Crises da modernidade capitalista

Penso ser necessário destacar o caráter processual da constituição da modernidade capitalista bem como as ambigüidades, as contradições que a permeiam. Nesse ponto, o iluminismo romântico alemão é a expressão de uma nova sensibilidade em relação à modernidade. Sensibilidade por meio da qual se explicita a cisão entre homem e natureza, ou seja, as alterações bruscas nos sentidos de unidade, de beleza como decorrências da racionalidade; sensibilidade que torna exposta a condição da angústia experienciada pelo ser humano – sujeito solitário que, segundo Casullo (2004, p.30), compreendeu que “lo moderno es aurora y crepúsculo del hombre y de la historia”.

Encontramos na voz de Max Weber os ecos desta sensibilidade ligada ao universo alemão: a modernidade enquanto processo racionalizador da sociedade capitalista e produtor de fortes alterações culturais, expressas no que ele denominou de “desencantamento do mundo” e a cisão de um mundo simbólico, no qual as esferas da ciência, moral e arte – antes unificadas – autonomizaram-se cada vez mais. Nesta configuração social marcada pelo progresso técnico-científico e pela racionalização cultural, verifica-se a perda do lugar da ética e a perda de sentidos, sendo o homem aprisionado numa espécie de “gaiola de aço”.²⁰

Se a modernidade capitalista constitui-se historicamente a partir de uma estrutura composta de discursos hegemônicos que estabelecem o lugar da verdade, também se constitui em uma “infinita batalha consigo mesma”, ou seja, enquanto, notadamente ao longo dos séculos XIX e XX, afirmam-se os discursos legitimadores dessa consciência também aí encontramos vozes – umas mais, outras menos – dissonantes a respeito das verdades estabelecidas. Vozes que Casullo (2004, p.33) situa como as “muchas y contrapuestas almas de lo moderno”: “utopismo

²⁰ Sobre o assunto, são referências as seguintes obras de Max Weber: “Economia e Sociedade” e “A ética protestante e o espírito do capitalismo”. Em outra perspectiva, para o filósofo da história, Walter Benjamin, em seu “Trabalho sobre as Passagens”, a modernidade capitalista promove o *encantamento do mundo* (sobre este assunto, ver p. 54 deste capítulo).

industrialista e democratizante”, “tecnocrístianismo saint-simoniano”, o “rotundo positivismo”. No caso, o positivismo, ao lado do liberalismo, constituiu-se em uma das bases fundamentais de sustentação da cultura moderna.²¹

“Almas do moderno” – mais ou menos legitimadoras da consciência burguesa – assim como a outra face que o discurso hegemônico burguês tenta encobrir: o que não apresenta o *status* de saber científico, o universo escatológico, o mítico, os desejos, as memórias não oficiais. E há ainda outras vozes fundamentais a compor esse coro. É o caso do marxismo – para além dos propósitos dos socialistas utópicos – ao tornar mais aguda a crítica científica ao capital e as contradições do sistema; do anarquismo e das vanguardas estéticas. Para Casullo (2004: p.35-36),

Para el marxismo, ese lugar de la verdad en la historia pasó a ser el del sujeto de la carencia material, lugar pensado desde la razón burguesa pero a contrapelo de la ideología idealista como lectura de la historia. El anarquismo repuso más explícitamente, en el marco de lo moderno, un tiempo milenarista retornado ahora desde la razón, para fijar la verdad en las víctimas, en los justos, en una ética humana solitaria o colectiva, satánica y recreadora, para derribar al capitalismo y su cultura. La silueta de lo satánico aparece permanentemente en lo estético, por ejemplo en la poética de Baudelaire, o de Lautreamont, convocantes del esperpento diabólico como refutación a los saberes positivistas de derecha y de izquierda, y al propio sueño entusiasta romántico (...) El vanguardismo estético, básicamente desde las últimas décadas del XIX, le incorpora a lo moderno la frustración de aquella revolución que no se dio y debía concluir el mito de 1789 (...) el rastreo estético vanguardista (...) pondrá de manifiesto las contradicciones que plantea la modernidad como novedad perpetua y aparente de la historia. Desde el subjetivismo creador en tanto última defensa frente a la coisificación de la vida, desde la rebelión frente al efímero, lo absurdo y la precariedad del presente, el discurso estético de vanguardia apostará ambivalentemente, a veces explícitamente, al desorden del mundo pero también a un orden utópico y moderno del mundo (...)

Em termos de visão de história, o marxismo opôs-se ao positivismo no que diz respeito aos métodos propostos para a análise da realidade. O positivismo comteano, com base em uma fundamentação teórica proveniente do campo das ciências naturais, procura desvelar cientificamente a sociedade e oferecer justificativas à visão da história como progresso. Por sua vez, o marxismo toma a sociedade capitalista enquanto objeto de investigação; estabelece a conexão da metodologia da história com a base material de produção, bem como com as relações desta base com outras determinações sociais, num diálogo com o materialismo histórico-dialético. E, se a visão etapista dos modos de produção sugere alguma idéia de progresso, é

²¹ Cf BRESCIANI, Maria Stella. “O cidadão da república. Liberalismo versus positivismo. Brasil 1870-1900”. **Revista USP**, São Paulo, n. 17, p. 122-135. març/ abril/ maio 1993.

preciso reafirmar que aqui, contrariamente ao positivismo, o caráter revolucionário da luta proletária diz respeito à transformação – e não à manutenção – da história burguesa moderna e capitalista.

A obra de Baudelaire é uma referência no que tange à configuração do que se denomina modernidade estética.²² Esta, por sua vez, desdobrou-se em vários movimentos vanguardistas desde as últimas décadas do século XIX (por exemplo: cubismo, expressionismo, futurismo, surrealismo...) que, sem comporem, no entanto, um todo homogêneo, trazem à tona o caráter contraditório da modernidade.

Para Habermas (2004, p. 54-58),

La modernidad estética se caracteriza por actitudes que tienen su eje común en una nueva conciencia del tiempo, expresada en las metáforas de la vanguardia (...) la conciencia del tiempo articulada por el arte de vanguardia no es simplemente ahistórica; se dirige más bien contra lo que podría denominarse una falsa normatividad de la historia. El espíritu moderno y de vanguardia ha tratado de utilizar el pasado de manera diferente; dispone de esos pasados que le son proporcionados por la erudición objetivizante del historicismo, oponiéndose al mismo tiempo a la historia neutralizada que permanece en el encierro del museo historicista.

O que Habermas faz questão de pontuar é que não se pode confundir modernidade estética com modernidade cultural, no sentido de que a primeira é somente uma parte da segunda. O autor recorda-nos que Max Weber caracterizou a modernidade cultural como concernente à cisão das visões de mundo unificadas pela religião e a metafísica em três esferas independentes: ciência, moral e arte. Cisão da unidade científica, ética e estética que compunham a consciência moderna em seus primórdios e que, a partir do século XVIII, começou a fragmentar-se com a institucionalização de discursos relativos a domínios culturais específicos (discurso científico, crítica de arte, por exemplo). Para Habermas (2004, p.58),

O proyecto de modernidad formulado por los filósofos del iluminismo en el siglo XVIII se basaba en el desarrollo de una ciencia objetiva, una moral universal, una ley y un arte autónomos y regulados por lógicas propias. Al mismo tiempo, este proyecto intentaba liberar el potencial cognitivo de cada una de estas esferas de toda forma esotérica.

²² Em seu ensaio, intitulado *Les Peintres de la Vie Moderne* (escrito em 1859 e publicado em 1863, no **El Figaro**), aparece o termo *la modernité* como referência à transitoriedade da vida cotidiana na relação com a arte. É no diálogo com a obra de Baudelaire que Walter Benjamin, por exemplo, constrói seu conceito de modernidade. Cf. ROUANET, Sérgio P.; WITTE, Bernd. Por que o moderno envelhece tão rápido? Concepção da modernidade em Walter Benjamin. **Revista Usp**. Dossiê Walter Benjamin (1992, p. 104)

Deseaban emplear esta acumulación de cultura especializada en el enriquecimiento de la vida diaria, es decir, en la organización racional de la cotidianidad social.

O autor, ao considerar o otimismo de alguns filósofos, como Condorcet (que tinha esperança na promoção do progresso moral e felicidade humana por meio da ciência e das artes), bem como ao avaliar a autonomia, operada no século XX, dos segmentos culturais “manipulados por especialistas y escindidos de la hermenêutica de la comunicación diária”, lança a questão: “¿deberíamos tratar de revivir las intenciones del iluminismo o reconocer que todo el proyecto de la modernidade es una causa perdida?”

Para Habermas (2004, p.60),

Me parece que, en lugar de abandonar el proyecto de la modernidad como una causa perdida, deberíamos aprender de los errores de aquellos programas extravagantes que trataron de negar la modernidad. Quizá la recepción del arte ofrezca un ejemplo que, por lo menos, señale un camino de salida.

Em relação aos “programas extravagantes”, refere-se, fundamentalmente, aos surrealistas, que questionaram a alienação da arte em relação à vida, ou seja, a separação dos mundos estético e social ou, igualmente, como crítica às promessas e utopias não realizadas, propostas pela arte moderna em relação à vida. Habermas atribui um caráter de “falso programa” ao surrealismo, tendo em vista as intenções surrealistas de qualificar tudo como arte e todos como artistas e colocar em um mesmo plano arte e vida, artefato e objeto de uso, consciente e inconsciente. Experimentos, no final, que “sólo lograron revivir e iluminar con intensidad a exactamente las mismas estructuras artísticas que pretendían disolver. Otorgaron una nueva legitimidad, como fines en sí mismos, a la forma en la ficción, a la trascendencia del arte sobre la sociedad (...)”²³

Por isso, Habermas (2004, p.61) toma como exemplo o que Peter Weiss descreve em “La estética da resistência”, ou seja, uma modalidade de recepção da arte, por parte do leigo e sem as demarcações de julgamentos críticos especializados, que pode converter-se em uma experiência

²³ Peter Bürger concorda basicamente como os “objetivos sociais e científicos” formulados por Habermas. No entanto, critica o emprego, por Habermas, dos termos “modernidade” e “vanguarda” como sinônimos. Para ele, “esta terminología, sin embargo, encubre los logros históricos de los movimientos vanguardistas. En la medida en que éstos produjeron obras que hoy son reconocidas, han sido integrados al cuerpo de lo moderno. Pero su empeño radical de reintegrar el arte en la vida diaria es rechazado como un falso desliz” El significado de la Vanguardia (publicado pela revista española **El viejo topo**, n. 63, diciembre de 1981). In CASULLO, Nicolás, op. cit. p. 83-86.

estética a ser “utilizada para iluminar uma situação de vida”, com uma mudança de significação. Trata-se de um

(...) proceso de reapropiación del arte a través de un grupo políticamente motivado, e integrado por obreros ávidos de conocimiento, en el Berlín de 1937. Gente joven que, a través de la educación, secundaria nocturna, adquiere los medios intelectuales para sumergirse en la historia social general del arte europeo. Del resistente edificio del arte, y las obras que visitaban una y otra vez en los museos de Berlín, comenzaron a extraer bloques de piedra, juntándolos y rearmándolos en su propio medio, lejano tanto al de la educación tradicional como al del régimen político imperante. Estos jóvenes obreros iban y venían entre el edificio del arte europeo y su propio mundo hasta llegar a iluminar a ambos.

En ejemplos como éste, que ilustran la reapropiación de la cultura de los expertos desde el punto de vista de la vida, puede descubrirse un elemento que hace justicia a las intenciones de las rebeliones surrealistas y, quizás más todavía, al interés de Benjamin y Brecht sobre cómo funciona el arte cuando, después de perdida su aura, todavía puede ser percibido de manera iluminadora. En una palabra: el proyecto de la modernidad todavía no se ha realizado, y la recepción del arte es sólo uno de sus aspectos. El proyecto intenta volver a vincular diferencialmente a la cultura moderna con la práctica cotidiana que todavía depende de sus herencias vitales, pero que se empobrece si se limita al tradicionalismo. Este nuevo vínculo puede establecerse sólo si la modernización societal se desarrolla en una dirección diferente. El mundo vivido deberá ser capaz de desarrollar instituciones que pongan límites a la dinámica interna y a los imperativos de un sistema económico casi autónomo y a sus instrumentos administrativos.

Habermas (2004, p.55-57) reconhece que o espírito da modernidade estética começou a envelhecer décadas atrás, porém, para ele, a solução não está em posicionamentos, como o de Bell, de rechaço à modernidade cultural. Para Daniel Bell, a cultura moderna cindiu cultura e sociedade e não se compatibiliza com a moral de uma cultura racional e, assim, propõe como solução a fé na tradição e na religião. Habermas explicita seu posicionamento de pensar a tradição iluminista que fundamenta o projeto da modernidade com vistas à nossa relação com o presente: esse “não lançar mão” do projeto de modernidade fundamenta-se na não realização, ainda hoje, de tal projeto no que diz respeito à união da cultura moderna com a prática cotidiana e, para isso ocorrer, é necessária uma modernização que não seja a modernização levada a cabo pela sociedade burguesa.

Nicolau Sevcenko faz um “balanço” do papel das vanguardas. Destaca alguns “méritos de crucial importância”: a crítica os cânones das “belas artes” traduzidos na “destruição da representação realista”, o questionamento da “suposta autonomia da arte” (arte pela arte) e a reivindicação da “liberdade radical da imaginação criadora”. Destaca também, por sua vez, que as vanguardas artísticas do início do século XX mantiveram, ao final, “uma correspondência com

as forças do progresso” ao substituírem a “tirania do ‘bom-gosto’ burguês pela ‘utopia compulsória’ da razão planejada e do maquinismo” – o caso do movimento futurista e seu alinhamento com o fascismo, aqui, seria exemplar. Para ele,

Criticar as experiências das vanguardas não significa absolutamente desprezar seus princípios de esperança e justiça, mas resgatá-los com a humildade que o fracasso da vertigem modernista nos sugere. Significa recuperar a esperança na alteridade de múltiplas possibilidades e não mais condensada numa diretriz única e inexorável.²⁴

Não podemos afirmar que Sevcenko alinha-se incondicionalmente aos posicionamentos teóricos de Habermas – como no que se refere à questão do denominado pós-moderno, e da qual trataremos posteriormente. No entanto, ambos crêem na importância das releituras das vanguardas estéticas da transição do século XIX para o XX, que recoloquem, na contemporaneidade, alguns de seus pressupostos, como a esperança, pela via da arte, na iluminação de possibilidades históricas – sendo a história, no caso, não uma via única da técnica rumo ao progresso.

Vimos que, ao longo dos séculos XIX e XX, a modernidade capitalista firmou-se cada vez mais, e mundialmente, em seu caráter cultural hegemônico, baseado na concepção do cumprimento de determinada visão progressista da história. Por outro lado, é aí, nesse mesmo período histórico, que proliferam os questionamentos a respeito dessa garantia da verdade e da autonomia do homem como fundamentos da consciência moderna. A racionalidade técnica submeteu a humanidade aos imperativos de um progresso excludente, esvaindo-se, com o fluxo do tempo, suas pretensas condições de libertação e de autonomia humanas. Procurei abordar estes pontos fundamentais constitutivos das críticas à modernidade capitalista e, ao mesmo tempo, tentar perceber os diferentes posicionamentos dos autores referenciados sobre o tema. Dando prosseguimento a este intento, vamos dar a voz a mais um deles.

Berman (2004, p.87) fez uma caracterização da *experiência da modernidade* em suas ambigüidades e contradições que tornou-se bem conhecida – emblemática, podemos dizer.

Todos los hombres y mujeres del mundo comparten hoy una forma de experiencia vital – experiencia del espacio y el tiempo, del ser y de los otros, de las posibilidades y los peligros de la vida – a la que llamaré modernidad. Ser modernos es encontrarnos en un medio ambiente que nos promete aventura, poder, alegría, crecimiento, transformación de nosotros mismos y del mundo – y que al mismo tiempo amenaza con destruir todo lo que

²⁴ SEVCENKO, Nicolau. Provisório *is beautiful*. In **Folha de S. Paulo**, domingo, 12 de maio de 1985. Folhetim, p.10-11.

tenemos, lo que sabemos, lo que somos. Los ambientes y las experiencias modernas cruzan todas las fronteras de la geografía y la etnicidad, de las clases y la nacionalidad, de la religión y la ideología: en este sentido, puede decirse que la modernidad une a toda la humanidad. No obstante, esta unión es paradójica, es una unión de la desunión: nos arroja a un remolino de desintegración y renovación perpetuas, de conflicto y contradicción, de ambigüedad y angustia. Ser modernos es ser parte de un universo en el que, como dijo Marx, “todo lo que es sólido se evapora en el aire”.

A análise que o autor faz da modernidade com base em reflexões sobre as tradições da modernidade, e divulgadas a partir do lançamento do livro *All that is solid melts into air*,²⁵ tem como propósito o enriquecimento de nossa relação com a modernidade que hoje experienciamos. Com isso, contribuiu para intensificar ainda mais o debate sobre “modernidade” e “revolução”, considerando-se a originalidade de sua argumentação, bem como o momento histórico em que esta vem a público: meados dos anos 80 do século XX, quando questionamentos epistemológicos, juntamente com desdobramentos político-econômicos, agitavam o cenário intelectual mundial.

Berman (2004, p.88-89) divide a “vasta história da modernidade” em três fases:

En la primera de ellas, la que va de principios del siglo XVI a fines del XVIII aproximadamente, la gente apenas experimentaba la vida moderna; no entendía qué era lo que los afectaba. Andaban a tientas, desesperadamente en busca de un vocabulario; tenían poca o ninguna idea de un público o una comunidad modernos, con el que podían compartir sus desgracias y sus esperanzas. La segunda fase se inicia con la gran ola revolucionaria de la década de 1790. La Revolución Francesa y sus reverberaciones trajeron consigo, abrupta y dramáticamente, un gran público moderno. Ese público comparte la vida de una época revolucionaria que genera trastornos explosivos en todas las dimensiones de la vida personal, social y política. Al mismo tiempo, el público moderno del siglo XIX recuerda todavía cómo es la vida espiritual y material en un mundo que no es moderno. Las ideas de modernización y modernismo surgen y se desarrollan a partir de esta dicotomía interna, esa sensación que proviene de vivir en dos mundos al mismo tiempo. En el siglo XX, la tercera y última fase, el proceso de modernización se expande para abarcar todo el mundo, y la cultura mundial del modernismo logra triunfos espectaculares en el arte y el pensamiento. Por otro lado, a medida que el público moderno crece, se divide en multitud de fragmentos que hablan idiomas extraordinariamente privados; la idea de modernidad, concebida de modo fragmentario, pierde gran parte de su vitalidad, resonancia y profundidad, y mucho de su capacidad para organizar y dar un sentido a la vida de la gente. Como consecuencia, ahora nos encontramos en el centro de una época moderna que perdió contacto con las raíces de su propia modernidad.

²⁵ Cf BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade.** Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Berman (200:p.88) denomina de modernização os processos sociais, histórico-mundiais que alimentam a turbulenta vida moderna, ou seja, as pesquisas científicas, a industrialização, a migração, a urbanização, os sistemas de comunicação, o poder dos Estados nacionais, os movimentos sociais e o permanente desenvolvimento do mercado mundial capitalista. Estes processos geram muitas alterações na vida das pessoas, assim como criam uma quantidade de visões e idéias que fazem com que a humanidade seja, ao mesmo tempo, sujeito e objeto desta modernização. Para ele, estas visões e valores, no século XIX, unificaram-se em torno do que ele denomina de modernismo.

Seu trabalho pretende tratar da dialética entre modernização e modernismo, que, por sua vez, surgiu nesse ambiente dicotômico, que é o marcado pela atmosfera em que nasceu e desenvolveu a sensibilidade moderna. Ambiente ambíguo, no qual a ausência de valores convive com as várias possibilidades, segundo Nietzsche, ambiente contraditório no qual se encontram o progresso gerado pelas forças produtivas e também a exploração e alienação humanas, no dizer de Marx. Por isso, para Berman, escutar as vozes de Marx e Nietzsche permite-nos apreender a complexidade do modernismo do século XIX, bem como apreender, em sua diversidade, um certo registro tonal em comum. Para Berman (2004, p. 93-94),

Si escuchamos con atención las opiniones de los escritores y pensadores del siglo XIX sobre la modernidad y las comparamos con las de hace un siglo, encontraremos una simplificación radical de la perspectiva y una reducción de la variedad imaginativa. Nuestros pensadores del siglo XIX eran tanto entusiastas como enemigos de la vida moderna, y lucharon exhaustivamente con sus ambigüedades y contradicciones; sus autoparodias y tensiones interiores eran algunas de las fuentes principales de su poder creativo. Sus sucesores del siglo XX hacen polarizaciones más rígidas y generalizaciones categóricas. Se considera a la modernidad con entusiasmo ciego y acrítico, o se la condena con una lejanía y un desprecio olímpicos: en cualquier caso, se concibe como un monolito cerrado incapaz de ser moldeado o transformado por el hombre moderno. Las visiones abiertas de la vida moderna fueron suplantadas por visiones cerradas.

Por isso, ele tem como propósito dar voz ao modernismo dialético do século XIX ao crer que estes modernistas podem conferir sentidos às nossas raízes modernas; podem contribuir para a compreensão das forças contraditórias e das nossas necessidades no mundo atual, ou seja, podem contribuir em nossa relação com a modernidade de hoje.

Berman critica a postura da intelectualidade de esquerda que, por princípio, deveria estar mais próxima das vozes das pessoas. “La lectura de *El Capital* no nos ayudará si no sabemos, además, leer las señales en la calle”²⁶

Em específico, Berman critica os estruturalistas, submersos em um mundo “que borra del mapa la cuestión de la modernidad”; os inseridos na denominada pós-modernidade “que se esfuerza por cultivar una ignorancia de la historia y la cultura modernas” e os cientistas sociais que “dividieron a la modernidad en una serie de componentes separados – industrialización, edificación del Estado, urbanización, desarrollo de mercados, formación de elites (...)” Para ele, o eclipse que o problema da modernidade sofreu, nos anos setenta “ (...) significó la destrucción de una forma vital de espacio público. Aceleró la desintegración de nuestro mundo en una colección de grupos de material privado e interés espiritual, viviendo en mónadas sin ventilación, mucho más aislados de lo que debemos estar”²⁷

A interessante proposta de Berman, no que diz respeito à recuperação das vozes, como as de Marx e de Nietzsche, trazendo à tona o caráter ambíguo e contraditório da modernidade capitalista a partir de suas obras, se justifica pelo seu intuito de “enriquecer”, de alimentar nossa experiência com a modernidade de hoje, que perdeu muito do caráter dialético do “modernismo” do século XIX. Concordo com o autor de que a experiência de viver a modernidade no século XIX diferencia-se da do século XX. Acredito que tal diferença radica nas noções de tempo e de sujeito, que, especialmente após a II Guerra Mundial e culminando com o contexto das mudanças localizadas nas últimas décadas, afastaram-se, cada vez mais, dos significados contemplados pelas narrativas legitimadoras da modernidade ilustrada: o tempo da revolução e emancipação humanas, sob os ventos do progresso rumo ao futuro, na consumação do projeto racional da história.

²⁶ BERMAN, Marshal. Las señales en la calle (respuesta a Perry Anderson). (publicado en la revista española *Leviatã*, n. 16, verano de 1984). In CASULLO, Nicolás, *op.cit.*, 2004, p.137. Aqui, Berman rebate as críticas recebidas, por parte de Perry Anderson, no que tange aos conceitos de modernização, modernismo e revolução. Este critica a periodização, proposta por Berman, em sua análise, ou seja, a limitação do conceito de modernização, baseado numa concepção retilínea de tempo e na contramão da temporalidade complexa do capitalismo, para Marx; critica a ausência de uma análise mais diferencial, em termos de espaço e tempo, do conceito de modernismo utilizado por Berman. Por fim, Perry Anderson rebate sua concepção de “revolução permanente”, afirmando que o conceito tem um significado preciso e é pontual: “(...) la vocación de una revolución socialista, en este sentido, no sería prolongar ni servir a la modernidad, sino abolirla”. ANDERSON, Perry. Modernidad e Revolución (publicado en la revista española *Leviatã*, n. 16, verano de 1984). In CASULLO, Nicolás, *op.cit.*, 2004, p. 107-125.

²⁷ BERMAN, Marshal. Brindis por la Modernidad (publicado en la revista mexicana *Nexos*, n. 89, mayo de 1985). In CASULLO, Nicolás, *op. cit.* p.99-100.

Para Berman, no século XIX as pessoas ainda recordavam como era a vida em um mundo que não era moderno, ou seja, havia a sensação de viver em dois mundos ao mesmo tempo – se fugirmos da delimitação cronológica e de contornos notadamente europeus a que se atém Berman, podemos dizer que em outros espaços, em pleno século XX, esta sensação também foi experienciada. Notadamente, no entanto, o século XX configurou-se no sentido da expansão acentuada do capitalismo, e esta expansão pode também ser percebida em termos da continuidade da fragmentação das esferas rotas pela modernização cultural, segundo Max Weber (moral, ciência, arte), com a expansão da esfera da racionalidade científica sobre as demais; o esgarçamento das “experiências vividas” (Walter Benjamin) e da ligação com o passado decorrentes da aceleração e mando do tempo do capital.

O caráter processual de constituição histórica da modernidade capitalista leva-nos à percepção de desdobramentos, que, de certa forma, diferenciam tempos históricos e, neste sentido, acho pertinente a denominação de *modernidade tardia*, tal como proposta por Crespi,

(...) la actual experiencia de la modernidad tardar puede aparecer como el comienzo de una nueva era en la cual la técnica antes que una promesa de conquistas superiores, se revela sobre todo en su carácter de imposición y en la cual el nihilismo pone en crisis tanto a los valores humanísticos como a los grandes relatos historicistas.²⁸

Então, podemos localizar, no bojo do capitalismo e da modernidade tardia das últimas décadas do século XX, a configuração de um conjunto de posicionamentos teórico-filosóficos e estético-artísticos que dizem respeito ao denominado debate modernidade - pós-modernidade. Conforme Lyotard (2004, p.71-2),

¿Qué es pues lo posmoderno? ¿Qué lugar ocupa o no en el trabajo vertiginoso de las cuestiones planteadas a las reglas de la imagen y del relato? Con seguridad, forma parte de lo moderno. Todo lo que es legado, aunque sea inmediatamente anterior, debe ser objeto de sospecha. ¿Contra qué espacio arremete Cézanne? Contra el espacio de los impresionistas. ¿Contra qué objeto arremeten Picasso e Braque? Contra el de Cézanne. ¿Con qué supuesto rompe Duchamp en 1912? Con el supuesto de que se ha de pintar un cuadro, aunque sea cubista (...) Asombrosa aceleración, las “generaciones” se precipitan. *Una obra no puede convertirse en moderna si, en principio, no es ya posmoderna. El*

²⁸ CRESPI, Franco. Modernidad: la ética de una edad sin certezas. (publicado por la revista italiana **Mond Operaio**, abril de 1985. In CASULLO, Nicolás, *op. cit.* p.163-170.

*posmodernismo así entendido no es el fin del modernismo sino su estado nascente, y este estado es constante.*²⁹

Lyotard é conhecido como o primeiro a empregar o termo “pós-moderno”. Aqui, afirma o sentido de refundação do novo (pós-moderno) considerado o berço do já existente (moderno); aquele, por sua vez, torna-se também espaço a ser ultrapassado (moderno) pela “geração” seguinte (pós-moderno). Uma espécie de movimento contínuo que rapidamente faz do “novo” o “velho”. Movimento que integra a constituição mesma da modernidade capitalista, a partir de suas crises, como vimos anteriormente. O que Lyotard, todavia, procurou demarcar anos antes, com o emprego inicial do termo “pós-moderno”, constitui-se em uma espécie de ato inaugural na forma de pensar as tradições da modernidade, no sentido de forte distanciamento da cultura histórica moderna criticada. Junto a ele, posicionamentos advindos de distintos campos do saber e de diferentes orientações ideológicas fizeram uso do termo, reforçando, igualmente, outras referências teórico-metodológicas que passaram a ser agrupadas com a denominação de pós - modernidade.

Afinal, o que se tornou alvo de maiores críticas, no seio da crise da modernidade capitalista tardia? Em linhas gerais, é o projeto da modernidade em termos de esgotamento de seus discursos legitimadores. Para Casullo (2004, p. 22),

Según los enfoques que en la actualidad hablan de un tiempo posmoderno, nuestro capitalismo tardío asistiría, por debajo de las crisis de ideologías y programáticas, a una licuación de los relatos que presidieron el *ehos* moderno. Hoy serían claves de interpretación un sujeto vaciado de potestades y fenecido como conciencia autónoma, un progreso tecnointustrial que agudiza las diferencias materiales y la “oscuridad de los futuros”, un saber científico que ya no puede dar cuenta de sus propias potencias para barbarizar y extinguir la historia. Estas evidencias indicarían un desemboque civilizatorio del proyecto moderno que no concretizó sus profecías, más aun: que en gran parte muestra sus resultantes en las antípodas de los textos de la razón fundadora.

Acredito que o que se coloca em jogo diz respeito às noções de tempo e de sujeito: em linhas gerais, a “condição pós-moderna”, como fruto dos diferentes discursos, propõe-se como instauradora de um outro tempo no qual evidencia-se a crise do sujeito, o sujeito produtor de

²⁹ LYOTARD, Jean F. Qué era la Posmodernidad (publicado por la revista española **Quimera**, n. 59, sem data). In CASULLO, Nicolás. *Op. cit.* p. 65-73, grifo nosso. Embora não saibamos a data de publicação na revista, supra citada, sabemos que este texto já estava incluído como parte dos artigos constantes da 1ª edição da obra organizada por Casullo, datada de 1988.

discursos e, até, a morte do sujeito; a época do simulacro, do presente como o mesmo, sem revoluções inaugurantes de um novo tempo e, até, o fim da história.

Para Crespi (2004, p.167-8) existe “uma razão profunda” para a amplitude que a “dimensão de negação” adquire nas interpretações pós-modernos, mas, para ele,

Deternerse sólo en este aspecto significaría ignorar aquello que constituye la modalidad propia del ser del sujeto y, prácticamente, considerarla experiencia posmoderna como coincidente con aquella ideología del fin del sujeto.

Concordo com o autor no sentido de que o fim do sujeito tradicional, cartesiano, não pode ser confundido com “la desaparición del sujeto *tout court*” e que “en el corazón mismo de la sociedad tecnológica de masas” emerge “el fenómeno de búsqueda de identidad y de espacio para la subjetividad”. Ou seja, a compreensão da modernidade tardia, em suas contradições e ambigüidades, pode dar-se, também, por outra via: a que problematize esta época como espaço possível de construção de uma “nueva experiencia de la subjetividad”.

Igualmente interessantes são as considerações de Sevcenko (1985, p.11) a respeito do que o pós-moderno se propõe: “a prudência como método, a ironia como crítica, o fragmento como base e o descontínuo como limite”. Reconhece, aí, uma contribuição em termos da esperança aberta pelo “pós-moderno”,

O anseio de uma justiça que possa ser sensível ao pequeno, ao incompleto, ao múltiplo, à condição de irredutível diferença que marca a materialidade de cada elemento da natureza, de cada ser humano, de cada comunidade, de cada circunstância, ao contrário do que nos ensinam a metafísica e o positivismo oficiais. O espaço para o humor, o prazer, a contemplação, sem outra finalidade senão a satisfação que o homem neles experimenta. O aprendizado humilde, que já tarda, da convivência difícil mas fundamental com o imponderável, o incompreensível, o inefável – depois de séculos da fé brutal de que tudo pode ser conhecido, conquistado, controlado.

Sevcenko (1985, p. 11) ressalta as ambigüidades do pós-moderno; a ausência de unidade entre as experiências filosóficas e artísticas legendadas como pós-modernas. Assinala, também, com fina ironia, o seu caráter “frágil, inconsistente, provisório” – “tal como todo ser humano”:

Creio que já seja uma vantagem e um alívio que o pós-moderno se apresente como um castelo de areia e não mais como uma nova Bastilha, um novo Reichstag, um novo Kremlin, um novo Capitólio (...) Um enigma que não merece a violência de ser decifrado.

A sugestiva imagem de um castelo de areia, atribuída ao pós-moderno há 20 anos, parece-me muito apropriada para pensarmos a situação atual deste conjunto de interpretações díspares, mas que apresentam a crítica do projeto da modernidade ilustrada e a crise da modernidade capitalista tardia como traços em comum. Após algumas décadas da sua emergência no cenário artístico, filosófico – teórico, no geral – há autores, como Casullo (2004, p.7), que nos colocam a questão da incerteza em relação à “envergadura epistémica” da noção de pós-modernidade, bem como o reconhecimento de que cada vez mais se torna impossível pensar o mundo por meio de “referencias sintetizadoras” e “paradigmas omniabarcativos”. Ou seja, há um certo extravio da “fuerza reordenadora en el corazón del teórico” e do caráter de “teoria reinaugurante” com que o pós-moderno apresentou-se anteriormente. Por outro lado, reconhece que,

(...) esta experiencia de los “post” fue y es también un dato irrefutable del propio cotejar, del propio sentir, del propio in-comprender y vivir las actuales condiciones de la historia. Desde algunas de sus tesis puede decirse que lo posmoderno ya, irreversiblemente, es parte de nuestro hacer historia.

Acredito na importância do debate modernidade - pós-modernidade, no sentido das contribuições para pensarmos, hoje, a crise da modernidade capitalista com vistas a re-situarmos, enquanto sujeitos, na abertura para a construção de outras subjetividades, de outras possibilidades históricas a partir das fissuras, dos espaços contraditórios, das frustrações com o não realizado do projeto moderno ilustrado.

Assim, voltamos à questão proposta por Habermas: devemos retomar as intenções do iluminismo ou reconhecer a falência total do projeto da modernidade? Para ele, ao invés do abandono de tal projeto como “causa perdida”, deveríamos aprender a partir de alguns erros dos “programas extravagantes” que negaram a modernidade. Naquele momento, ainda nos anos oitenta, referia-se fundamentalmente aos surrealistas e rechaçava a intelectualidade que, no final do século XX, falava a partir do registro pós-moderno³⁰. Habermas vê a falência do projeto da modernidade na fragmentação e na especialização, cada vez maiores, de esferas constitutivas da vida social.

30 Habermas estabelece críticas aos posicionamentos dos que ele denomina de “jovens conservadores antimodernistas” (como Georges Bataille, Michel Foucault e Derrida), “viejos conservadores premodernistas” (como Leo Strauss, Hans Jonas e Robert Spaemann) e “neoconservadores posmodernistas” (como Wittgenstein, Carl Schmitt e Gottfried Benn) e ao “neoconservador” Daniel Bell.

Concordo com o autor no sentido de que a experiência estética de reapropriação da cultura “de los expertos desde el punto de vista de la vida”, deve ser uma alternativa para abordarmos as aporias da modernidade cultural e para iluminarmos situações concretas; de que a retomada de qualquer esperança da Ilustração deve-se dar junto à crítica da modernização empreendida pela burguesia. Por outro lado, penso ser difícil responder à indagação feita por Lyotard, a esse respeito (2004:p. 66): “¿qué tipo de unidad plantea Habermas?”

No contexto da barbarização racional operada pela modernidade capitalista, é mais prudente pensarmos em termos de retomada da unidade perdida ou de encontro de possibilidades a partir da fragmentação e das contradições mesmas que nos constituem, aqui e agora?

As posições teóricas de Berman, no que diz respeito a este trabalho de pesquisa, enriquecem minha perspectiva de abordagem da constituição histórica da modernidade capitalista em seus desdobramentos; em suas crises e retroalimentações; em suas ambigüidades e contradições; em seus fundamentos que, ainda operantes na atualidade, constituem nossa experiência de viver a modernidade atual. Compartilho da sua crítica à fragmentação de discursos – e da própria modernidade – operada pelos cientistas sociais. No entanto, Berman (2004, p.99) parece-me um tanto quanto unilateral quando afirma que alguns intelectuais “(...) adoptaron la mística del posmodernismo, que se esfuerza por cultivar una ignorância de la historia y la cultura modernas (...)”. As argumentações foucaultianas, por exemplo, com base em pesquisas históricas, visam compreender a produção de discursos, de saberes e dos mecanismos de poder, historicamente constituídos e como inerentes à construção mesma da modernidade. Ou seja, até que ponto pode-se afirmar que as análises denominadas pós-modernas operam a partir do desconhecimento da história e culturas modernas?

Evidentemente, não tenho a intenção de comentar as várias abordagens, oriundas de diversos campos do saber, que versam sobre a nossa contemporaneidade, naquilo que ela traz de incômodo e de estímulo para a produção do conhecimento: ou seja, os vários olhares pelos quais é possível abordar a questão das transformações cada vez mais aceleradas no âmbito da dinâmica capitalista, em nível mundial, e a exigência de referenciais de análise por meio dos quais possamos acercar deste mundo complexo a partir de nossos objetos de estudo. Elenco, neste caso, as contribuições de alguns teóricos como, por exemplo, Marc Augé (1994).

Augé argumenta que as grandes mudanças da contemporaneidade “chamaram” o olhar antropológico, ou seja, uma “reflexão renovada e metódica sobre a categoria da alteridade”.

Igualmente, tais alterações “afetaram as grandes categorias” do pensamento humano no que se refere à identidade e às relações sociais. Portanto, chama-nos a atenção para a questão do método na pesquisa antropológica neste momento histórico que ele define como situação de *supermodernidade*. Esta situação é caracterizada por meio de três figuras do excesso (“a superabundância factual, a superabundância espacial e a individualização das referências”).³¹ Fala-nos do excesso de tempo: aceleração da história e superbundância factual que ameaça suprimir de significado a própria noção de contemporaneidade; das dificuldades de conferirmos sentidos ao tempo (“princípio de inteligibilidade”) e, principalmente, “inserir aí um princípio de identidade”. Para Augé (1994, p.33),

(...) do ponto de vista da supermodernidade, a dificuldade de pensar o tempo tem a ver com a superabundância factual do mundo contemporâneo, não com a derrocada de uma idéia de progresso há muito tempo em mau estado, pelo menos sob as formas caricaturais que tornam sua denúncia particularmente facilitada (...) é da nossa exigência de compreender todo o presente que decorre nossa dificuldade de dar um sentido ao passado próximo (...)

Da superabundância espacial no presente, Augé (1994, p. 36-7) articula a expressão de “não-lugares”, associada a outro excesso, o de individualização. “Não-lugares”, então,

(...) são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongados onde são estacionados os refugiados do planeta. Porque vivemos numa época, também sob esse aspecto paradoxal: no próprio momento em que a unidade do espaço terrestre se torna pensável e em que se reforçam as grandes redes multirraciais, amplifica-se o clamor dos particularismos; daqueles que querem ficar sozinhos em casa do daqueles que querem reencontrar uma pátria, como se o conservadorismo de uns e o messianismo dos outros estivessem condenados a falar a mesma linguagem – a da terra e das raízes.

Augé diferencia o “lugar antropológico” (histórico, relacional, identitário) do “não lugar” (espaços da individualidade, do efêmero). No entanto, inspirado em Michel de Certeau (“invenção do cotidiano”, “ artes de fazer”) , aponta que nenhum dos lugares existe em “sua forma pura”. Ou seja, “o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza

³¹ AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994. (Col. Travessia do Século), p. 27, 41-2.

totalmente – palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação” (1994, p.74).

Augé tece sua argumentação considerando as mudanças significativas no cenário mundial na “contemporaneidade”, a crise de referenciais de análise da história, assim como as contradições inerentes à situação de supermodernidade. Compara a sensibilidade pós-moderna ao “*patchwork* das modas, significando a anulação da modernidade como conclusão de uma evolução que se aparenta a um progresso”. Para ele (1994, p. 33, 73), a supermodernidade é “o lado ‘cara’ de uma moeda da qual a pós-modernidade só nos apresenta o lado ‘coroa’ – o positivo de um negativo”.

A hipótese que defende é que a supermodernidade produz “não-lugares” e estes, por sua vez, não integram os “lugares de memória”³². Retoma a modernidade baudelairiana, em que ainda há a incorporação dos lugares antigos (passado) aos novos, ainda que os colocando em segundo plano – aqui, lembremo-nos do século XIX, para Berman, e a sensação de se viver em dois mundos. No entanto, a supermodernidade não procede à integração dos lugares antigos: “estes, repertoriados, classificados e promovidos a ‘lugares de memória’, ocupam aí um lugar circunscrito e específico”. Ainda sobre Baudelaire e a modernidade capitalista parisiense, no século XIX, a despeito da coexistência entre o novo e o antigo, o que Augé ressalta (1994, p.85-86) é a “forma moderna e particular de solidão” do poeta que vê a cidade de longe, com o seu olhar se fundindo com a paisagem e se tornando “objeto de um olhar segundo e indeterminável – o mesmo, um outro”. Experiências de solidão que os “não-lugares” da supermodernidade criam e acentuam. Sugere vínculos entre sua noção de “não-lugar”, na supermodernidade, e as relações estabelecidas pelos modernistas, como Baudelaire, com as noções de tempo e espaço – daí sua

³² “Lugares de memória” é um conceito que Pierre Nora elabora ao trabalhar as relações entre *memória e história*. Ao tecer oposições entre as duas, estabelece uma hierarquização na qual a memória se submete à filtragem dos procedimentos históricos, transformando-se em *memória historicizada* e na qual os *lugares de memória* são seu testemunho – testemunho de uma memória que já não existe, que tornou-se história. NORA, Pierre. “Entre mémórie et histoire”. Prefácio de **Les Lieux de mémoire – I – La République**. Paris: Galimard, 1984 (Tradução de Yara Aun Houry. **Projeto História**. Revista de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História- PUC- SP, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28). A historiadora Jacy Alves de Seixas critica as versões historiográficas que enfatizam a *apropriação da memória pela história*, dentre elas a de Nora: “A afirmação de Pierre Nora de que se ainda habitássemos nossa memória não haveria necessidade de lhe consagrar lugares específicos, desconsidera um traço instituidor da memória que é a *espacialização do tempo* e, precisamente, o exprimir-se, materializar-se e atualizar-se através de *lugares*. Os lugares de memória, neste sentido, representariam menos uma ausência de memória ou a manifestação de uma memória historicizada do que irrupções afetivas e simbólicas da memória em seu diálogo *sempre atual* com a história. É porque habitamos ainda nossa memória – tão descontínua e fragmentada quanto o são as experiências da modernidade – e não porque estejamos dela exilados que lhe consagramos lugares, cada vez mais numerosos e, frequentemente, inusitados (ao menos ao olhar sempre armado da história)”. SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In BRESCIANI, M. Stella; NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (RE) Sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, S.P: Edit. Unicamp, 2001, p. 37-53.

menção às passagens parisienses, sob o olhar do “sonho ou antecipação” de Benjamin, do que seria a arquitetura vindoura.

A argumentação de Augé articula-se em torno da exacerbação das categorias de tempo e espaço no movimento próprio da modernidade capitalista, criando uma situação nova que denomina de supermodernidade. Menos preocupado em avaliar aspectos da crise dos referenciais de análise modernos, preocupa-se com os excessos operados no seio desta mesma modernidade. Como frutos da supermodernidade, aponta, por exemplo, a expansão da solidão e da estetização da história, ou seja, sua desvinculação com o cotidiano. Uma outra questão teórico-metodológica que julgo importante, em sua visão (1994, p. 41): a atenção à singularidade,

(...) singularidade dos objetos, dos grupos ou pertinência, recomposição de lugares, singularidades de toda ordem, que constituem o contraponto paradoxal dos processos de relacionamento, de aceleração e de deslocalização muito rapidamente reduzidas e resumidas, às vezes, por expressões como ‘homogeneização – ou mundialização – da cultura’.

Outra forma de pensar a situação da sociedade capitalista na atualidade é, por exemplo, a proposta pelo filósofo Gilles Lipovetsky. Para ele, nas últimas décadas, a intensificação do tripé característico da modernidade (“o mercado, o indivíduo e a escalada técnico-científica”) é definida como “hipermodernidade”, ou seja,

(...) uma cultura do excesso que combina o excesso com a moderação. Excesso, porque a lógica hipermoderna não tem mais inimigos e tudo é mais rápido – não basta ser moderno, é preciso ser mais moderno que o moderno, é preciso ser mais jovem que o jovem, é preciso estar mais na moda que a própria moda (...) Mas, ao mesmo tempo, a sociedade hipermoderna valoriza princípios como a saúde, a prevenção, o equilíbrio, o retorno da moral ou de religiões orientais (...) Logo, se de um lado há o excesso, de outro há a recomposição de uma certa ordem no comportamento, e é por isso que chamo a hipermodernidade de “caos organizador”, “uma desordem organizada”.³³

Lipovetsky (2004, p. 5-7) admite ter sido um dos que, juntamente com Lyotard, divulgaram a noção de pós-modernidade que correspondeu, quando do seu surgimento, a algo “próximo do vivido”, na medida em que se distanciava “dos grandes discursos revolucionários”. No entanto, afirma que a idéia de pós-modernidade é um “conceito falso”,

³³ PERES, Marcos Firmínio. “O Caos organizador”. Entrevista ao filósofo Gilles Lipovetsky. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, domingo, 14 de março de 2004, Caderno Mais! p. 5-7. Lipovetsky discute o assunto em seu livro “Les Temps Hypermodernes”, Ed. Grasset.

Porque nós nunca estivemos “além” da modernidade. Houve, isso sim, uma outra modernidade. O que se coloca em seu lugar a partir dos anos 1950, 60 não foi um “após” a modernidade, mas, sim, uma nova forma de modernidade, que já era o início da hipermodernidade.

A argumentação, acima, reforça minha postura teórica de considerar as crises da modernidade capitalista não como espaços notadamente de rupturas, mas, sim, de contradições; espaços permeados de continuidades e descontinuidades. Nesse sentido, considero pertinente a afirmação de Subirats de que um arcabouço teórico-crítico da sociedade capitalista configurou-se conjuntamente às crises desta mesma modernidade e, mesmo que algumas de suas concepções sejam questionadas e ressignificadas – é o caso de certos conceitos do marxismo –, seu objetivo crítico continua válido.³⁴

Insera-se aí, no movimento de elaboração teórico-crítica do tempo vivido sob os ditames da modernidade capitalista, a constituição da Escola de Frankfurt, a partir de 1923, com a reunião de intelectuais, tais como Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Hebert Marcuse, Walter Benjamin, dentre outros, e a configuração da Teoria Crítica em contraposição à denominada Teoria Tradicional.

Sem objetivar abordar as fases da Teoria Crítica, bem como certas especificidades de análise dos principais componentes da Escola de Frankfurt, gostaria de ressaltar alguns de seus pressupostos que fazem parte das ferramentas teóricas consideradas importantes nos âmbitos desta pesquisa – referenciando-me, aqui, na leitura da mesma feita por Olgária Matos³⁵: o rechaço ao pensamento cartesiano no qual o contraditório torna-se sinônimo do irracional; as críticas ao conhecimento originado do distanciamento e da dominação do objeto pelo sujeito, à ideologia do progresso, à racionalidade técnico-científica que instrumentaliza corpos e mentes, à história naturalizada.

Assim, segundo Matos (1995, p. 43, 58, 66), os frankfurtianos questionam o não cumprimento das promessas modernas iluministas, bem como a “compreensão da história como Sistema ou Totalidade”, apontando para uma “história em fragmentos”, desenvolvida “nos

³⁴ SUBIRATS, Eduardo. Transformaciones de la cultura moderna. (publicado pela revista espanhola *Leviatán*, n. 20, verano de 1985). In CASULLO, Nicolás (compilación y prólogo), *op. cit.*, p. 155-162.

³⁵ MATOS, Olgária. *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1995 (Col. Logos).

interstícios entre sujeito e objeto, homens e natureza, lá onde não pode haver saber definitivo ou uma consciência que garanta os desenlaces históricos”. Contrários à integração do indivíduo ao todo social de forma a anulá-lo e unidimensioná-lo, propõem a recuperação do indivíduo autônomo, propõem a sua emancipação “na medida em que é nele que se concentra o conflito entre a autonomia da razão e as forças obscuras e inconscientes que invadem essa mesma razão”. Para além dos aspectos dominadores da razão, buscam colocar em evidência os emancipatórios, ou seja, “uma racionalidade que não se confine nas determinações espaço-temporais, mas uma ‘razão estética’, em sentido etimológico de sensação, sensibilidade e sensualidade”.

Para isso, não basta pensar a história como continuidade sob a égide da racionalidade científica rumo ao futuro iluminado e, sim, atentar também para as rupturas, os fragmentos, as dimensões do sensível; atentar para os outros tempos – incluindo os da memória – naquilo que apresentam como possibilidades de construções outras de relações sociais e da própria história.

1.3 - Memória e história: leituras benjaminianas da cidade moderna

Por que o filósofo da história, Walter Benjamin³⁶, é trazido, aqui, neste texto no qual apresento as ferramentas teórico-metodológicas que embasam esta pesquisa?

Porque a questão da modernidade capitalista é central em suas reflexões e estas são tramas tecidas, pelo autor, com os fios perceptivos das mudanças em termos de espaços, tempos e das relações sociais geradas pelo processo de modernização, notadamente na área urbana. Ou seja, ele nos fala das experiências compartilhadas pelos sujeitos, em diferentes tempos e espaços, e do desaparecimento das mesmas pela voragem do novo, que se torna o “sempre-igual”. Por outro lado, Benjamin aponta para o fascínio humano em relação às novas estruturas urbanas, tal como as passagens (galerias) parisienses do final do século XIX, em sua arquitetura de ferro e vidro, por ele apresentadas como “casas de sonhos” a engendrar “fantasmagorias” modernas. E é pelo olhar particularizado e imaginativo da criança que rememora que a sensibilidade benjaminiana nos faz penetrar em Berlim, há cerca de um século, numa tessitura na qual se imbricam o presente e o passado, a memória individual e a memória coletiva.

³⁶ Walter Benjamin nasceu em Berlim (Alemanha), em 1892. Faleceu em Port Bou (fronteira entre Espanha e França), em 1940, quando fugia da perseguição nazista.

Num sentido mais amplo, é o incômodo deste filósofo em relação às circunstâncias nas quais a humanidade encontrava-se mergulhada que o leva a questionar a homogeneização sócio-cultural impressa pelos grupos dominantes. Estes, ao prescindirem do passado como trajeto composto de experiências de vida e de memórias, reforçam a noção do tempo contínuo, rumo ao futuro e ausente de contradições, que embasa o historicismo. Os impactos do progresso tecnológico decorrentes do processo de modernização capitalista, a não correspondente alteração qualitativa das relações sociais, aliados à disputa de poder e ao horror nazista, no quadro da II Guerra Mundial, impelem Walter Benjamin a propor a escrita de uma outra história.

Haveria alguma relação possível de ser estabelecida entre as cidades modernas benjaminianas, do final do século XIX, com as nossas cidades “globalizadas” do final do século XX e do início do século XXI? Em que sentido o pensamento de Walter Benjamin pode oferecer “entradas conceituais”³⁷ que nos propiciem trabalhar com fontes e questões colocadas na atualidade?

Seria redundante deter-me, novamente, no processo de elaboração da consciência moderna e da constituição da modernidade capitalista, assim como nos questionamentos advindos com a “pós-modernidade”. Seria pertinente, por outro lado, reafirmar meu posicionamento de que os fundamentos principais da sociedade e da modernidade capitalistas estão em curso e têm se aprofundado no presente (ênfase na acumulação de capital e a decorrente desigualdade social; a sociedade de consumo; alterações bruscas nas noções espaço-temporais, com pertinente dissolução de identidades e experiências coletivas; o encolhimento do espaço público), o que torna possível, sim, estabelecer relações com as reflexões benjaminianas. Para isso, devemos considerar, evidentemente, as diferenças e semelhanças entre lugares; as continuidades e discontinuidades que permeiam a modernidade capitalista e suas crises, assim como as contradições constituintes da história. Neste sentido, Benjamin, como um materialista dialético, não abriu mão da elaboração de uma crítica à modernidade capitalista que evidenciasse o contraditório a ela pertinente, mas, também, a parcela de utopia e da possibilidade redentora nela encerrada. Assim, é muito significativa a contribuição deste teórico no estudo das cidades: cidades modernas.

³⁷ A expressão é uma referência ao trabalho de Bresciani (1992) relativo às “portas de entradas conceituais” no estudo das cidades, comentadas no início deste capítulo.

Destaco, a seguir, alguns dos conceitos fundamentais por meio das quais ele articulou suas análises e que são referências importantes no desenvolvimento desta pesquisa: o conceito de modernidade, construído na relação com o escritor e poeta Charles Baudelaire; o conceito de imagem dialética; a distinção entre experiência e vivência; a rememoração. Destaco, ainda, a importância da questão da linguagem na configuração do que poderíamos denominar de método benjaminiano.

Para uma aproximação do conceito de modernidade, atentemos, primeiramente, ao exposto por Galzerani.

Na tentativa de desenhar sua visão de modernidade, Benjamin, no “Trabalho das passagens” (escrito em 1939), estabelece uma relação com o século XIX, com a cidade de Paris, no Segundo Império. Elege Charles Baudelaire, o escritor e poeta francês - tido por alguns como o *alter ego* de Benjamin - como o grande guia dessas reflexões. Nestas tessituras, focaliza a modernidade como a expressão artística e intelectual de um projeto histórico, intimamente articulado à ordem burguesa, capitalista, chamado “modernização” - contraditório, inacabado, mal resolvido, produtor de ruínas. (...) Segundo Benjamin, Baudelaire fora o primeiro a utilizar o termo *modernité* dentro da acepção por ele enfocada.³⁸

Passemos, então, à definição de *modernidade*, elaborada por Walter Benjamin.

O século XIX não soube corresponder às novas possibilidades técnicas com uma nova ordem social. Assim, se impuseram as mediações falaciosas entre o velho e o novo, que eram o termo de suas fantasmagorias. O mundo dominado por essas fantasmagorias é - com uma palavra-chave encontrada por Baudelaire - a Modernidade.³⁹

Na construção do conceito benjaminiano de modernidade, observamos a referência à obra de Charles Baudelaire, na qual a temática urbana é fundamental. Segundo Gagnebin (1999, p. 47), Benjamin captou, na obra de Baudelaire, a forte relação entre os temas *cidade* e *modernidade* e, por outro lado,

(...) afasta as interpretações estetizantes que fazem de Baudelaire um representante escolhido da arte pela arte, ou, então, materialistas vulgares, que vêm na revolta do poeta

³⁸ GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In FÁRIA, Ana Lúcia G.; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. (org.) **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 49-67. (Coleção Educação Contemporânea).

³⁹ BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX (1939), versão alemã da Conclusão, *GS (Gesammelte Schriften)* V, 1257s. In BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna: representações da História em Walter Benjamin**. 2.ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2000, p. 24.

o mero protesto de um pequeno burguês ameaçado nos seus privilégios. Ora, o que liga a poesia da cidade e a teoria da modernidade, em Baudelaire, é o tema do transitório, da caducidade e da morte.

Por esta via de análise, é a morte do sujeito clássico, a desintegração dos objetos, a transformação do antigo em ruínas e o moderno fadado à destruição que perpassam a obra de Baudelaire e, especificamente, as temáticas da cidade e da modernidade. Por outro lado, para Gagnebin (1999: 50), Benjamin realizou uma leitura desta obra com lentes que ressaltaram o caráter ambíguo da modernidade.

Assim, na interpretação benjaminiana, a poesia urbana de Baudelaire não exprime a mera recusa da grande cidade, mas a descreve lucidamente como uma construção triunfante e frágil onde se unem, de uma maneira indiscernível, os escombros e os novos edifícios (...) O caráter histórico e efêmero da beleza que Baudelaire interpretava positivamente em “O Pintor da Vida Moderna”, como a expressão de uma novidade sempre renovada, surge aqui como a ameaça constante de desaparecimento, como o signo da nossa ligação inexorável ao tempo e à morte (...) A cidade moderna não é mais um simples lugar de passagem em oposição à estabilidade da Cidade divina, mas o palco isolado de um teatro profano onde a destruição acaba por vencer sempre. Nesse contexto, Benjamin realça a significação decisiva das grandes obras empreendidas por Haussmann no mesmo ano em que Baudelaire escreve “O Pintor da Vida Moderna”. A “reurbanização de Paris” destrói bairros inteiros, apaga o labirinto das ruazinhas medievais, abre grandes avenidas e alamedas “modernas”, num gesto arquitetônico no qual ruínas e fundações se confundem. Haussmann realiza materialmente a confluência entre o antigo e o moderno pela manifestação da fragilidade do presente: as ruínas do passado correspondem às de hoje; a morte não habita só os palácios de ontem, mas já corrói os edifícios que estamos erguendo.

O caráter ambíguo da modernidade, na visão benjaminiana, pode ser revelado na leitura da cidade moderna, ou seja, no decifrar de sua *fisiognomia* a modernidade se apresenta em suas contradições.⁴⁰ Segundo Bolle (2000: p.42-43),

Genericamente falando, a fisiognomia benjaminiana é uma espécie de “especulação” das imagens, no sentido etimológico da palavra: um exame minucioso de imagens prenes de história (...) Partindo da superfície, da epiderme de sua época, ele atribui à fisiognomia das cidades, à cultura do cotidiano, às imagens do desejo e fantasmagorias, aos resíduos e materiais aparentemente insignificantes a mesma importância que às “grandes idéias” e às obras de arte consagradas. Decifrar todas aquelas imagens e expressá-las em imagens “dialéticas” coincide, para ele, com a produção do conhecimento da história.

⁴⁰ “A fisiognomia benjaminiana da grande cidade é entendida como um paradigma de reflexão sobre o fenômeno contraditório da modernidade”. In BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representações da História em Walter Benjamin. 2. ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2000, p.19

O mergulho reflexivo nos sonhos coletivos, nas fantasmagorias sociais engendradas pela dominação capitalista burguesa, visando interpretá-los como *imagens dialéticas* e à luz do tempo presente, constitui a base da historiografia benjaminiana, cujo método dialético consiste em: “(...) atravessar o passado com a intensidade de um sonho, a fim de experimentar o presente como o mundo da vigília, ao qual o sonho se refere!” ⁴¹

Para Bolle (2000, p.62), a imagem dialética é uma categoria central da historiografia benjaminiana e “enquanto os surrealistas escolhem a forma de ‘sonho’ para expressar a mitologia da época, o historiador materialista procura elaborar uma forma de ‘despertar’, como método para traduzir a linguagem inconsciente para o conhecimento consciente”. Na interpretação de Galzerani (2002: p. 63), a noção de “despertar” “(...) implica vontade política de querer ultrapassar a dimensão dos sonhos, sem perder a potencialidade do momento da vigília, quando se está envolto entre o adormecer e o acordar, para a transformação destes sonhos em utopias”.

É contra o gesto historicista de mergulho no passado, com o esquecimento do presente e do trajeto efetivamente percorrido e no qual se unem passado - presente, que o historiador materialista dialético deve operar. Para tal, é necessário decifrar as imagens oníricas (constituintes da mitologia da modernidade, tais como as passagens ou galerias, as exposições universais, a moda, as estações ferroviárias, por exemplo), o que só é possível na medida em que ocorra a decifração do próprio presente ao qual aquelas imagens se referem. Em outras palavras, o “despertar” refere-se ao presente, ao tempo no qual se revelam tais imagens e se produz o saber por meio de uma operação dialética entre inconsciente e consciente, entre passado e presente. Este enfoque, para Bolle (2000, p.69, 95), ressalta o caráter de construção de tais imagens dialéticas por meio da qual elas se tornam objetos da história, e o método proposto baseia-se na “desconstrução construtiva”.

Segundo leitura de Bolle (2000, p. 65) a imagem dialética de Benjamin foi construída na relação com outras categorias imagéticas: “(...) imagem do desejo e utopia, fantasmagoria e fetichismo da mercadoria, imagem onírica e alegoria.” Assim, o *flâneur* baudelairiano, este habitante da metrópole que estabelece o vínculo entre o espaço privado burguês e as ruas de Paris, que se encanta com as sensações da cidade grande, que é um sonhador e um produtor de

⁴¹ BENJAMIN, W. *GS V*, 1006. In BOLLE, W. *op. cit.*, p.63.

imagens, constitui-se em uma imagem dialética paradigmática. Nele se sobrepõem “(...) o lado utópico-emancipatório e o lado fetichista-alienante da imagética moderna”, ou seja, nele se concentram imagens ambivalentes: a imagem do desejo e a fantasmagoria. O *flâneur* foi um meio pelo qual Benjamin penetrou nos “labirintos da Modernidade” para a produção do conhecimento da história, no presente.

As imagens ambivalentes não encerram Walter Benjamin na “gaiola de aço”, de acordo com a análise de Max Weber sobre o processo de constituição da modernidade e o respectivo *desencantamento do mundo*.⁴² Proporcionam, por sua vez, os saltos entre espaços e tempos consubstanciados nas imagens dialéticas preñes de história, assim como a suspensão ou cesuras que interrompem o curso maquínico do tempo. São operações realizadas por um materialista dialético que trouxe à tona tanto as idealizações burguesas quanto as possibilidades utópicas no seio da modernidade mesma, em suas transformações no curso histórico.

Vejamos outras considerações sobre esta questão, considerada, aqui, central no que se refere à leitura da modernidade e da cidade moderna na relação com a visão de produção de conhecimento histórico, por Benjamin. Para este filósofo da história, a modernidade capitalista promove o *encantamento do mundo*:

Em vez de despertar o homem de seu sonho mítico, a modernidade capitalista o mergulhou numa nova mitologia (...) Este sonho coletivo se manifesta em todas as figuras culturais do século XIX: na moda, no interior, nos cassinos e museus, que Benjamin chama *Traumhauser*, casas de sonho, nas passagens, e na própria cidade em que se situam todos esses objetos e atividades, na Paris como cidade de sonho, *Traumstadt* (...) As novas técnicas, longe de abolirem o mito, formam também um sonho, geram os seus próprios mitos (...) Não há mais uma relação inversa entre mito e modernidade técnico-econômica (...) Esta (...) engendra fantasmagorias *sui generis*, sujeitas à temporalidade do mito, à do sempre igual. Em consequência, a modernidade não somente significa o fim da magia como significa a radicalização do universo mágico.⁴³

Galzerani (1998, p.19), por sua vez, chama-nos a atenção para as ambivalências presentes nas análises benjaminianas. Assim,

⁴² Sobre o *desencantamento do mundo*, na acepção weberiana, ver p.31 deste capítulo.

⁴³ ROUANET, Sérgio Paulo. “Por que o moderno envelhece tão rápido? Concepção de modernidade em Walter Benjamin”. *Revista USP*. Dossiê Walter Benjamin. São Paulo, n. 15, p. 103-117, set/ out/ nov de 1992. (citações referentes às p. 112 -114)

(...) se em Walter Benjamin o mito é comparado ao sonho, o sonho para este autor não se esgota no mito (...) Em outros termos, na modernidade capitalista o sonho coletivo tem uma acepção mítica: é a relativa às forças que se opõem ao desejo e defendem o *status quo*. Mas, ao mesmo tempo, este sonho tem também uma dimensão utópica, com sua proposta de reformulação radical (...) não se trata de distanciar-se do sonho em nome da realidade, mas de distanciar-se da realidade dominada pelo mito, em nome de uma realidade que tem a potencialidade de introduzir a dimensão utópica do sonho.

Na apresentação de conceitos deste pensador, retomo a questão das transformações cada vez mais aceleradas das sociedades capitalistas, processo que não se verifica apenas no âmbito espacial, mas, sim, em consonância à dissolução das relações sociais. Nesse sentido, Benjamin nos diz da transformação da experiência (*Erfahrung*) em vivência (*Erlebnis*), ou seja, das experiências compartilhadas em vivências automatizadas, mecânicas, desconectadas do sentido de relação, de troca entre os sujeitos e, como parte deste processo, o declínio da narrativa como liame geracional. Assim, Walter Benjamin constrói o conceito de experiência vivida (*Erlebnisse*), relacionado à reafirmação do potencial ativo do sujeito por meio da ressignificação de suas experiências, ou seja, no diálogo entre presente e passado, entre as dimensões conscientes e inconscientes, racionais e sensíveis que compõem tal sujeito e, ainda, na articulação das experiências individuais às coletivas.⁴⁴

A narrativa, como trabalho artesanal que une o narrador e o ouvinte, o passado e o presente, na visão dialética benjaminiana: “(...) não pretende transmitir o puro ‘em si’ da coisa, como uma informação ou um relatório. Mergulha a coisa na vida de quem relata, a fim de extrair a outra vez dela. É assim que adere à narrativa a marca de quem narra, como à tigela de barro a marca das mãos do oleiro”.⁴⁵

Por esta visão, valoriza-se a voz de quem narra como alguém que dá continuidade a uma história, imprimindo à mesma uma personalidade e, não, simplesmente, a mera reprodução do transmitido. Narração que institui um movimento de abertura para outras narrações possíveis.

Gagnebin (1999, p. 3,6) ressalta a “importância da narração para a constituição do sujeito”, e a tensão paradoxal presente no pensamento benjaminiano entre o “reconhecimento

⁴⁴ BENJAMIN, Walter. “Experiência e Pobreza”. In **Documentos de Cultura. Documentos de Barbárie. Escritos Escolhidos**. Seleção e Apresentação de Willi Bolle, vários tradutores. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986, p. 195 -198.

⁴⁵ BENJAMIN, Walter. “O Narrador. Observações sobre a obra de Nikolai Leskow”. In **Textos escolhidos**. Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. Traduções de José Lino Grünnewald *et al.* 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983., p.66-67.

lúcido do fim das formas seculares de transmissão e de comunicação, do fim da narração em particular, e a afirmação enfática da necessidade política e ética da rememoração (...) da necessidade de uma outra escritura da história”. E ainda: tal paradoxo é característico de nossa modernidade e “nasce também de uma exigência contraditória de memória, de reunião, de recolhimento, de salvação e, inversamente, de esquecimento, de dispersão, de despedaçamento, de destruição alegre”.

O trabalho do historiador materialista dialético consiste em dar vida ao presente através da prática política da *rememoração*: “Para o autor que recorda, o principal não é o que ele viveu, mas o tecer de sua recordação (*Erinnerung*), o trabalho de Penélope da rememoração (*Eingedenken*).⁴⁶ Para além dos sentidos de nostalgia e resgate integral do passado, a rememoração, para Benjamin⁴⁷, inclui a ação do sujeito no tempo presente, assim como a fusão de elementos da memória involuntária e voluntária, da memória crítica e afetiva, da recordação biográfica e social, do mapa da memória individual e da memória da cidade e: “ (...) a exigência de rememoração do passado não implica simplesmente a restauração do passado, mas também uma transformação do presente tal que, se o passado perdido aí for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja, ele também, retomado e transformado”⁴⁸.

Para finalizar, acho necessário comentar sobre a questão da linguagem na configuração do que poderíamos chamar de método benjaminiano, assim como do “olhar metodológico” deste pensador como uma contribuição inegável à filosofia da história. Sigo, aqui, as trilhas analíticas de sua obra empreendidas por Gagnebin e Galzerani.

⁴⁶ BENJAMIN, Walter. *GS II*, 311. Em tradução brasileira: *Obras Escolhidas*, I, Editora Brasiliense, p. 37. In BOLLE, Willi. *op. cit.*, p. 322.

⁴⁷ Segundo GALZERANI, Benjamin “constrói uma tríplice interlocução sobre os sentidos da memória”, qual seja: por meio do diálogo com Henri Bérson, entremeando os campos da filosofia e psicologia; na relação com as diferentes roupagens psicanalíticas, de Freud a Jung; com os interlocutores Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe e Marcel Proust, “quando os contornos da memória adquirem tonalidades poéticas e literárias”. “Assim, para o filósofo frankfurtiano, a memória constitui uma viagem no tempo até as ‘impressões matinais’ da pessoa humana, com direito à ida e à volta. Apoiando-se em Aristóteles, reconhece que o registro mnemônico por si só não tem valor (...) o desafio para o animal histórico está na ‘rememoração’ (*anamnesis*) sempre a partir da dimensão presente. Rememoração esta que passa pelo filtro do juízo crítico do intelectual, o qual, por sua vez, passa também pelo crivo da maneira poética de ver da criança”. GALZERANI, Maria Carolina B. “Percepções culturais do mundo da escola: em busca da rememoração”. In **ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA**. Campinas: Gráfica da Faculdade de Educação, 1999, p.102

⁴⁸ GAGNEBIN, J. M. *op.cit.* p.16. Concordo com a afirmação da autora de que o fato de não conseguirmos definir com exatidão qual seria esta narrativa salvadora e paradigmática da nova historiografia proposta por Benjamin, na qual a rememoração tem um peso importante, não diminui a “radicalidade desta questão”, nem sufoca a “esperança e a exigência que ela implica”. *op.cit.*, p.3.

Gagnebin ressalta o caráter essencial da ligação entre linguagem e pensamento filosófico para Walter Benjamin, o que, por sua vez, se relaciona à sua renúncia ao ideal filosófico de sistema, ou seja, à totalidade e totalização do pensamento (pensamento linear, dedutivo, que visa à completude, à verdade acabada). Benjamin insiste, portanto, no caráter histórico e lingüístico da filosofia: “(...) a filosofia consistiria na sempre renovada tentativa de nomear a essência histórica e lingüística do pensamento, uma tentativa de auto-reflexão que realça seus limites temporais e lingüísticos, sua finitude e sua mediação pelas línguas, auto-reflexão que se opõe, portanto, à pretensão de perenidade e de autonomia do sistema”.⁴⁹

Nesse sentido, ao método linear e cartesiano Benjamin contrapõe o denominado método como desvio, cujo caminhar não se faz a partir de um alvo previamente fixado e, sim, pela diversidade de trilhas e de desvios, o que confere ao objeto “uma alteridade sempre renovada” e à escrita filosófica uma retomada constante.⁵⁰ À verdade inquestionável é à posse do objeto, este pensador assinala “a impossibilidade de apresentar a verdade de maneira continuada e acabada, pois trata-se (...) de desenhar justamente o que não se deixa apreender ou prender pelo pensamento e pela linguagem, aquilo que os fundamenta e, simultaneamente, lhes escapa”.⁵¹

Acredito que a insistência na interrupção do tempo contínuo, nos saltos dialéticos e no esquecido diz respeito à explosão, operada por Benjamin, da temporalidade convencional, linear. Conjuntamente, sua escrita filosófica, marcada pela diversidade de estilos (dentre eles os aforismos, os fragmentos), nos diz da explosão da escrita também convencional. Mais do que respostas prontas, Benjamin nos legou questionamentos (irônicos, sutis, enigmáticos); ao invés de um pensamento articulado preponderantemente pela linguagem conceitual, construiu uma bela obra na qual se destaca a força da linguagem alegórica, das imagens de pensamento, das mônadas - construções exemplares que retêm, na finitude do acabamento estético do texto, as imagens de

⁴⁹ GAGNEBIN, J. M. “Da escrita filosófica em Walter Benjamin”. In SILVA, Márcio Seligman. (org.) **Leituras de Walter Benjamin**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999, p.85. A autora acentua que a renúncia ao ideal de sistema não manifesta uma atitude de relativismo subjetivista pós-moderno, por parte do autor, e sim, uma reflexão sobre os fundamentos e os limites da linguagem que, por sua vez, apontam para os limites do próprio ideal de sistema.

⁵⁰ GAGNEBIN, J.M. **História e Narração em Walter Benjamin**, 1999, p.87. Conforme o próprio Benjamin: “Método é desvio. A apresentação como desvio - eis o caráter metodológico do tratado. Renunciar ao curso ininterrupto da intenção é a sua primeira característica. Incansavelmente, o pensamento começa sempre de novo, volta minuciosamente à própria coisa. Este incessante tomar fôlego é a mais autêntica forma de existência da contemplação”. Prefácio à Origem do Drama do Barroco Alemão. In GAGNEBIN, J.M., *op. cit.* p. 87.

⁵¹ GAGNEBIN, J. M. “Da escrita filosófica em Walter Benjamin”. In SILVA, Márcio Seligman. (org.) **Leituras de Walter Benjamin**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999, p.86.

experiências vividas, tal como centelhas de luz a congelar o tempo na intensidade de um relâmpago, conforme Gagnebin (1999, p. 80).

Em relação ao “olhar metodológico” de Walter Benjamin, gostaria de expor a argumentação de Galzerani (2002: p.54), com a qual compactuo.

Seu olhar metodológico permite-lhe ampliar a concepção de sistema capitalista - pensando em inúmeras elaborações analíticas construídas na relação com o marxismo -, uma vez que inclui, no interior do conceito de relações sociais de produção, a dimensão cultural, as visões de mundo e as sensibilidades. E, na recuperação deste movimento dialético, encara a cultura ao mesmo tempo como produto e produtora das relações sociais. Permite, pois, que focalizemos as sensibilidades não como naturais ou psicologicamente compreensíveis, mas enquanto construções historicamente dadas.

Capto a postura deste filósofo da história, escritor, crítico da cultura, em suma, como sendo a de afastamento da racionalidade técnico-instrumental negadora das contradições da história, da autonomia dos sujeitos e condicionada por determinações espaço-temporais erigidas pela sociedade burguesa no processo de constituição da modernidade capitalista. Propõe-nos, ao contrário, elaborações históricas nas quais a razão não se ausenta, mas está presente através de uma linguagem muito singular e ousada, já que dissonante dos padrões dominantes. Propõe-nos o ‘olhar distraído’ que capta o não facilmente visível; o perder-se na cidade para reencontrar a si mesmo; o mergulho até as “impressões matinais” perdidas na dobras do tempo. Em um contraponto constituído pela diversidade de vozes, sustentado pela leitura da modernidade capitalista e, especificamente, da cidade moderna, Benjamin nos convida a ser co-partícipes de suas reflexões, numa viagem cujos trilhos da “racionalidade estética” nos oferecem a aventura, também, rumo às sensibilidades.

II CAPÍTULO: A Campinas moderna e José de Castro Mendes

2.1 Sobre o percurso da investigação

É interessante notar como certos nomes nos remetem a lugares. Muitas vezes, nomes e lugares que se apresentam como plasmados, em fusão sedimentada pelos discursos criadores e recriadores destas identificações. Assim é que o sobrenome “Castro Mendes” remete-nos a Campinas, S.P., ou melhor, à Campinas cultural. Mais especificamente, a Antônio Benedito de Castro Mendes e à Casa Livro Azul, na Campinas do final do século XIX e início do XX, e a José de Castro Mendes e à história de Campinas. A denominação de “Teatro José de Castro Mendes”, surgida em caráter de homenagem, em 1970, contribui para reforçar esta vinculação do nome e sobrenome à vida cultural campineira.

Estas remissões, geralmente, favorecem as identificações automáticas, mecânicas, lineares e sustentadas por frases feitas que, no limite, pouco mais podem oferecer do que o reforçar de determinadas visões de história construídas com base em genealogias de famílias seletas; em fatos e descrições das quais se ausentam o relacional e acentua-se o nome na biografia do personagem e/ou acentua-se o lugar a partir de certos condicionantes (geográficos ou econômicos, por exemplo), que fornecem a base para uma historiografia local de viés ufanista, conservador.

Por outro lado, é possível acercar-nos destes nomes e lugares guiados por referenciais mais amplos, mais relacionais. O lugar pode ser compreendido para além dos marcos estritamente espaciais e em uma configuração na qual se articulam espaços, tempos e relações sociais; o lugar que produz identidades (individuais e coletivas) e que pode ser uma referência ao que já se perdeu nas dobras do tempo (“lugares de memória”). Ao nome, por sua vez, interligam-se contextos, práticas, discursos, imagens. É a partir desta perspectiva que tento me aproximar da Campinas moderna de José de Castro Mendes.

Procuo estabelecer conexões entre temporalidades relativas a um mesmo lugar, Campinas, no interior do Estado de São Paulo; lugar que, em última instância, não é sempre o mesmo, pois sofre a ação do tempo, mas também é composto no movimento ambíguo das transformações e permanências, das rupturas e continuidades. Busco compreender um pouco mais a ligação de José de Castro Mendes (1901-1970) com Campinas e sua história, sem intenção de reconstituir um percurso de caráter biográfico clássico e, sim, visando abordar a inserção deste personagem no universo sócio-cultural campineiro, a partir das fontes selecionadas no decorrer

da pesquisa. Portanto, trata-se de uma dada visão de biografia – a que propicia o cotejo com as relações sócio-culturais ou, mais especificamente, com o universo de representações relativas à cidade de Campinas.¹

Sobre as fontes menciono, principalmente, as matérias publicadas - por José de Castro Mendes e por outros - no jornal campineiro **Correio Popular**² (período: 1960-1965) através das quais podemos perceber alguns indícios desta inserção; as visões construídas sobre José de Castro Mendes por parte de pessoas que com ele se relacionaram no universo da imprensa de Campinas, por meio da análise de matérias jornalísticas publicadas em diferentes momentos; pela voz de um entrevistado, Antonio Boscolo, funcionário atual do arquivo do “Correio” que, na década de 1960, trabalhava na oficina gráfica do referido jornal, e que rememora um contexto de trabalho do qual também fez parte o personagem que é foco de meu interesse nesta investigação. Objetivo compreender também como se apresenta a construção da Campinas moderna aos olhos de José de Castro Mendes, referenciando-me em parte de sua produção intelectual, notadamente na série “Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos”, publicada na imprensa campineira, na primeira metade dos anos 60 do século XX. A escolha desta série se justifica porque ela se constitui em um material inédito, marcado pela fragmentação em termos de periodicidade de publicação na imprensa local³ e elaborado em um momento histórico de transformações no cenário urbano campineiro.

A construção da Campinas moderna instiga-nos a tecer aproximações entre a Campinas de Antônio Benedito de Castro Mendes (transição do século XIX para o XX) e a de José de Castro Mendes (especificamente, final dos anos 50 até 1965), ou seja, entre contextos históricos diferentes e que, no entanto, podem apresentar pontos de contato se considerarmos o movimento mais amplo da constituição da modernidade capitalista neste *locus*, fundada nas tradições liberal, positivista e romântica.⁴ A referência ao nome de Antônio Benedito de Castro Mendes não é

¹ As biografias podem ser fontes importantíssimas para o estudo de aspectos da história social, a partir da compreensão das relações sócio-culturais e dos modos de vida dos personagens biografados. Nos últimos tempos, há uma maior valorização da biografia enquanto gênero literário e editorial e também para as pesquisas no campo das ciências humanas, sobretudo na relação com a História Nova, e no interior dela, na relação com as micro-histórias.

² Jornal fundado em 1927, por Álvaro Ribeiro.

³ Ver anexo relativo às datas de publicação da série no período de 1960-1965.

⁴ José de Castro Mendes era filho de José Benedito de Castro Mendes – este, por sua vez, era irmão de Antônio Benedito de Castro Mendes. Vejamos: José de Castro Mendes “Era filho de José Benedito de Castro Mendes e d^a Luiza de Castro Mendes”. BATTISTONI FILHO, Duílio. “Campinas sob o olhar de José de Castro Mendes”. In **Notícia Bibliográfica e Histórica**. P.U.C.

casual, mas, sim, porque este personagem pode ser tomado como um ícone da Campinas moderna do final do século XIX. Que Campinas era aquela, em linhas gerais?

A denominação de “capital agrícola da Província”, na segunda metade do século XIX, indica a projeção econômica adquirida pela localidade, com base, notadamente, na cultura cafeeira. E a tal projeção econômica encontram-se articuladas: transformações nas relações capitalistas de produção; uma maior circulação de capitais e um maior consumo de mercadorias, notadamente por parte da nascente burguesia; a introdução de novos equipamentos urbanos que trazem embutidos o caráter da novidade, da velocidade, do progresso: o trem de ferro (1872), o bonde (1878), o telefone (1884), o Teatro São Carlos (1850), o Colégio Culto à Ciência (1873), o almanaque de Campinas (o primeiro deles publicado para o ano de 1870), dentre outros.⁵ Ou seja, é possível compor um cenário urbano campineiro a partir da segunda metade do século XIX articulado ao processo de modernização capitalista – sem excluir, aqui, as contradições inerentes ao mesmo, tais como as exclusões operadas neste “palco”, assentado em bases escravistas, por parte dos grupos dominantes.

A Casa Livro Azul, de propriedade de Antônio Benedito de Castro Mendes (1876-1958), é emblemática no sentido de ter-se constituído como espaço integrador de outros símbolos da modernidade capitalista, cujos ventos sopravam na cidade. Em sua tipografia encontravam-se máquinas impressoras “modernas” e coleções de tipos importados das fundições norte-americanas; em sua papelaria era possível adquirir mercadorias vindas diretamente do Rio de Janeiro e da Europa e a venda de pianos demonstrava-se muito promissora.⁶ Segundo Santos (2005, p. 38-40),

(...) a música também ocupava os salões de piano da casa, que eram freqüentemente visitados por artistas que chegavam para se apresentar em Campinas. Ali se faziam ensaios, preparavam-se concertos, que eram realizados depois nos salões especiais da cidade. As companhias líricas que chegavam logo se relacionavam com a CASA, pois era ali que eram impressos os cartazes de propaganda, os ingressos e os anúncios. (...) outros nomes famosos, como Carlos Gomes, quando se encontrava em Campinas, freqüentavam

Campinas, ano XXXIV, n. 184, janeiro-março, 2002, p. 33-42. Em estudo genealógico sobre Antonio B. de Castro Mendes, afirma-se que a sua filha Dulce, nascida em Campinas, em 1886, teve como padrinho de batismo “(...) seu tio paterno José Benedito de Castro Mendes”. **Estudo Genealógico de Antonio Benedito de Castro Mendes:** homenagem comemorativa de seu centenário de nascimento (12/5/1856 - 12/5/1956). Campinas, s.n., p. 8.

⁵ LAPA, José Roberto do Amaral. **A cidade:** os cantos e os antros. Campinas 1850-1900. São Paulo: Ed. USP, 1996, p. 24-31.

⁶ SANTOS, Maria Lygia Cardoso Kopke. **Entre louças, pianos, livros e impressos:** A Casa Livro Azul – 1876-1958. Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 2004.

também o salão de pianos (...) a CASA LIVRO AZUL foi o primeiro estabelecimento comercial a possuir luz elétrica em Campinas.

E José de Castro Mendes (1901-1970)? Que Campinas é esta na qual vive e sobre a qual escreve? Que movimentos dialogais podemos estabelecer entre temporalidades constitutivas da modernidade capitalista campineira?

O percurso que proponho, para esta empreitada, não tem por base a rigidez da cronologia linear, na qual poderíamos traçar uma linha contínua entre tais personagens e uma série de alterações da paisagem urbana como parte desta construção da cidade moderna. Interessa-me, fundamentalmente, por meio do foco nas fontes relativas a José de Castro Mendes – especificamente relativas à sua produção intelectual e à sua inserção social no universo campineiro, na primeira metade da década de 1960 – tentar estabelecer os nexos entre contextos históricos, considerando as continuidades e rupturas que permeiam o movimento da história e, em última instância, acercar-me de visões constitutivas da história local. Visões que José de Castro Mendes, com sua obra, contribuiu para forjar.

2.2 A inserção de José de Castro Mendes (1901-1970) no universo social campineiro

Às primeiras horas da tarde de ontem, a notícia correu célere em tôdas as dependências desta fôlha: morrera José de Castro Mendes.

O nome de José de Castro Mendes permaneceu sempre ligado à vida do CORREIO POPULAR. Desde a fundação desta fôlha, no ano de 1927, pelo saudoso Álvaro Ribeiro, aquele nosso companheiro de trabalhos dedicou esforços, dentro do campo de sua especialidade, a esta emprêsa jornalística. Acompanhou êle, sempre com grande lealdade, as diversas fases de crescimento desta fôlha, através de seus trabalhos escoimados de natural beleza, de sentido positivo, com a sensibilidade voltada para a arte.

Mas, acima de tudo, foi José de Castro Mendes o historiador de Campinas, galardão que merecidamente era portador.

A publicação de qualquer fato relacionado à história de Campinas merecia antes, a opinião de José de Castro Mendes. Durante tôda a sua vida, soube como ninguém coligir dados e informações a respeito da vida da cidade. Era realmente o pesquisador cômico de suas responsabilidades para a veracidade dos fatos e só emitia pronunciamentos depois de certificar-se daquilo que era verdadeiro.

(...) José de Castro Mendes, por assim dizer, nasceu, viveu e serviu Campinas, desinteressadamente, com entusiasmo e honestidade de propósitos. Deve-lhe a cidade, portanto, relevantes serviços.

Justo, pois, o sentimento de pesar que reina em tôdas as dependências desta fôlha, onde José de Castro Mendes, às vezes de espírito acolhedor e também outras pouco afável, mas sempre humilde e respeitoso, a todos atendia e conversava.

Perdemos assim o colega de todos os dias e o verdadeiro consultor de assuntos relacionados com a história de Campinas. (...) ⁷

Entramos em contato com a notícia de seu falecimento por parte de uma das instituições às quais José de Castro Mendes vinculou-se por anos a fio: o jornal campineiro **Correio Popular**. Neste, além de desempenhar a função de cronista de arte – era este o cargo formal que desempenhava – era tido como o “consultor mais fidedigno dos assuntos relacionados à história de Campinas”, o que lhe outorgava a designação de “historiador” sem, contudo, ter o título acadêmico pertinente. Seguiu a trilha do historiador amador – o que nos remete não somente ao que não tem o *status* de profissional, mas, também, àquele que ama o seu ofício – do historiador dileitante, do memorialista apaixonado pela história local, tal como tantos outros intelectuais, em distintos tempos e lugares, que deixaram suas marcas na historiografia. ⁸

Até o seu falecimento, ocorrido em 26 de janeiro de 1970, Castro Mendes produziu uma série de registros – estes, fundamentalmente sobre a história, sobre o universo social campineiro. Dentre eles, destaca-se a divulgada série denominada “História de Campinas”, composta de 20 números e publicada no jornal **Correio Popular** (período de 06/06/1968 a 03/04/1969). O suplemento comemorativo do centenário da ópera **O Guarani**, de Carlos Gomes, foi seu último trabalho, publicado postumamente, em 17 de março de 1970.

É ainda do interior do “Correio” que ecoa para a cidade a notícia da perda de um “filho dileto”:

A morte de José de Castro Mendes constitui uma grande perda para Campinas. Homem que aliava a sensibilidade artística ao culto das tradições campineiras, José de Castro Mendes foi obstinado no estudo do passado de Campinas. Era muitas vezes rijo em seus julgamentos, mas quem o conhecia perdoava os excessos, pois eram estes apenas o resultado de seu extremado amor à terra natal. Foi sempre fiel à arte e à princesa do Oeste, a quem ele cultivava acima das conveniências pessoais.
(...) agora, com a aproximação do centenário da primeira representação do ‘Guarani’, sonhava com grandes realizações que marcassem a data. Conversava a respeito, trocava idéias e desejava que as comemorações tivessem a exuberância fora do comum, ao nível

⁷ “PERDE CAMPINAS SEU HISTORIADOR: com a morte de José de Castro Mendes”, **Correio Popular**, Campinas, 27 jan.1970 (Hemeroteca do C.M.U. – Coleção João Falchi Trinca). Optei por manter a grafia da época neste e nos demais documentos transcritos neste capítulo. (ver reprodução fotográfica de Zeca Mendes nos anexos deste trabalho).

⁸ Sobre memorialistas campineiros: CARNIELLI, Flávio de Godoy. **Gazeteiros e Bairristas: histórias, memórias e trajetórias de três memorialistas urbanos de Campinas**. Campinas, qualificação: dez/2006 (Dissertação de Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

da genial criação de Carlos Gomes e, inconscientemente, à altura de seu grande amor às coisas campineiras.

José de Castro Mendes, como todo artista, teve amigos e adversários. Nem sempre era compreendido e podia ter atitudes estranhas. A sua sensibilidade de cultor da arte e da história era só sua, e marcava a sua conduta, como acontece com os grandes do mundo artístico José de Castro Mendes era desse tipo. Vibrava com os acontecimentos artísticos e da história campineira, mas tinha os seus princípios para julgá-los. Daí a incompreensão que muitas vezes surgia.

(...) Campinas teve, até hoje, um filho dileto que a todo momento procurava meios para engrandecê-la. De hoje em diante, a história se inverte: Campinas passa a zelar pelo nome de seu grande filho.

José de Castro Mendes passa a fazer parte da história campineira que êle tanto enriqueceu. Campinas chora a morte de José de Castro Mendes, o querido Zek.⁹

O “enriquecimento” proporcionado por José de Castro Mendes e a sua “obstinação”, no que tangem ao estudo da história local, podem ser conferidos ao consultarmos o seu livro **Efemérides Campineiras**, que contém dados históricos de Campinas no período de 1739 a 1960.¹⁰

Segundo o próprio autor, Zek Mendes,

Há muito tempo almejávamos organizar um livro onde estivessem condensados os principais fatos históricos e acontecimentos da vida campineira, eliminando citações que não fossem de interesse imediato, e de remota consulta. Em longas e exaustivas procuras, andávamos percorrendo bibliotecas à cata de livros, jornais, folhetos e revistas que pudessem conter material informativo, material esse muito falho, raríssimo mesmo, o que dificultou bastante o nosso trabalho.

Após dezesseis anos de paciente coletânea, conseguimos afinal compôr o volume que intitulamos “Efemérides Campineiras”, repositório de informações gerais que abrange o período de 1739 a 1960, duzentos e vinte e quatro anos de atividades da gente campineira, a contar da chegada de Barreto Leme a estas paragens até a descida do primeiro avião a jato.

Juntamente com a coletânea de dados históricos, fomos organizando um álbum de fotografias e desenhos antigos, no qual reunimos para mais de quatrocentos aspectos da cidade, entre eles, alguns que constituem verdadeira raridade, como o primeiro Teatro São Carlos, datado de 1850, as obras de construção da Matriz Nova (Catedral) e a Câmara

⁹ LISBOA, Luiz Horta. JOSÉ DE CASTRO MENDES. *Correio Popular*, 27 de jan. 1970. sem página (Hemeroteca do C.M.U.- Col. João Falchi Trinca).

¹⁰ MENDES, José de Castro. **Efemérides Campineiras**: 1739-1960. Campinas: Gráfica Palmares, 1963, 200 p. Para a publicação da obra contou-se com a subvenção pública de Cr\$ 250.000,00, fruto do projeto de auxílio apresentado pelo Presidente da Câmara Municipal, Laerte de Moraes, e aprovado pelo Prefeito Municipal, Miguel Vicente Cury. (conforme matérias publicadas no jornal **Correio Popular**, nos dias 02 e 15 de abril de 1962). No levantamento realizado até então neste jornal local, tive contato com a publicação diária, a cargo do autor, da seção “Efemérides Campineiras” durante o ano de 1961.

Municipal que, sendo o edifício sede do município, inexplicavelmente foi um dos menos documentados por desenhos e fotografias (...)¹¹

Nesta obra encontram-se dados biográficos de campineiros considerados ilustres; informações relativas a uma série de melhoramentos urbanos na cidade, tais como: iluminação (do querosene à eletricidade); transporte (bondes a burros e elétricos, a ferrovia e outros); inaugurações de instituições, tais como hospitais e colégios; históricos de teatros e cinemas; toponímia de ruas e praças... Enfim, um condensado informativo que abarca um período histórico amplo (cerca de duzentos anos), que se constituiu em fonte de consulta para estudos relativos ao passado campineiro, estruturado cronologicamente e com reproduções iconográficas referentes a este passado. O lançamento oficial deu-se nas dependências do Centro de Ciências, Letras e Artes (C.C.L.A.), e o grande interesse pela obra é destacado, na referida matéria do jornal: “(...) registrando-se a venda de quase duzentos volumes, antes do seu lançamento oficial (...)”.

Em termos institucionais, nota-se o papel conferido, ainda naquele momento, ao Centro de Ciências, Letras e Artes como sede do saber no cenário local e, portanto, extremamente adequado para a realização de atividades culturais, tais como o lançamento de livros ¹²; nota-se, também, o destaque conferido à divulgação da obra, por parte do jornal **Correio Popular**, no qual, antes de 1963, as “Efemérides Campineiras” foram publicadas, diariamente. A subvenção pública conseguida para a publicação pode ser vista tanto como um reconhecimento do trabalho intelectual de Zek por parte das autoridades locais e, também, como a oficialização da própria história de Campinas. História que José de Castro Mendes, pacientemente, investigou, compilou e formatou de maneira a se tornar um manual de referência de fácil leitura. Criação e reafirmação de fatos históricos; seleção de personagens que adquirem proeminência e ocupam um lugar nesta história; registro de acontecimentos considerados marcantes e que abarcam desde a Campinas colonial e da sociedade escravocrata até a emergência e consolidação da ordem social capitalista

¹¹ Principais fatos históricos e acontecimentos da vida campineira. Jornal “Correio Popular”, 02 de abril de 1963, p. 8.

¹² O Centro de Ciências, Letras e Artes (C.C.L.A.), de Campinas, foi fundado em 1901 por um grupo de intelectuais que objetivavam um espaço cultural propício aos debates e à divulgação de teses, bem como às apresentações artísticas – espaço, em suma, também de produção de cultura. Tendências liberais, republicanas, positivistas, românticas, conservadoras, modernas, por exemplo, constituem o caldo cultural que permeia a história desta instituição. Cf BORGES, Luiz Carlos R., MAZZOLA, Gustavo Omar. **Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas: CCLA – ano 101**. Campinas: Komedi, 2002. Cito, ainda, outra obra sobre o C.C.L.A: BARRETO, Paulo Sérgio. **O Caracol e o Caramujo: Artistas & Cia. na Cidade**. Campinas, 1994 (Dissertação de Mestrado), IFCH, Unicamp.

burguesa. Em síntese, “fatos e personagens marcantes” em íntima relação com a própria implantação e desdobramentos da modernidade capitalista em Campinas.

É interessante que a compilação de informações dá-se, também, pela coleta e organização de um acervo iconográfico referente à história local. Este pesquisador provavelmente teria recebido doações de imagens iconográficas? Teria ele também comprado algumas dessas imagens? Ele próprio produziu vários outros registros sobre aspectos da localidade com suas tintas e pincéis.¹³ Esse trabalho de pesquisa, de coleta, de compilação, desenvolvido por José de Castro Mendes ao longo de muitos anos, propiciou-lhe um acervo utilizado tanto para a elaboração de seus livros quanto para a elaboração das inúmeras matérias publicadas na imprensa local, ao longo de sua trajetória profissional. Seus escritos são referências para quem busca conhecer o passado e é grande a força das imagens iconográficas, por ele colecionadas, na composição de um imaginário local sobre a Campinas de outrora.

A sua faceta artística revela-se, por exemplo, nas produções iconográficas que, igualmente como a literária, têm Campinas como foco. Como vimos, José de Castro Mendes foi um colecionador de fotografias sobre sua cidade natal. É de sua autoria o documentário de Campinas antiga, com mais de 100 registros iconográficos e respectivos dados informativos, denominado **Retratos da Velha Campinas**.¹⁴ Valendo-se das habilidades de desenhista e de pintor, foi autor, dentre outras, de duas séries extremamente representativas sobre o passado local: os registros das antigas fazendas cafeeiras e as aquarelas sobre a Campinas de antigamente (Jardim Público, Igrejas, casario e outros lugares).¹⁵

É dele também a curiosa **História de Campinas**, em quadrinhos, publicadas no jornal **Diário do Povo**, de agosto a novembro de 1966, perfazendo um total de cinquenta e uma tiras. A

¹³ Várias destas imagens iconográficas que compuseram a coleção de José de Castro Mendes fazem parte do acervo do Museu da Imagem e do Som de Campinas (M.I.S.), especificamente as coleções “Biblioteca Municipal de Campinas” e “Maria Luiza S. Pinto de Moura”.

¹⁴ MENDES, José de Castro. **Retratos da velha Campinas**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1951. 274 p.

¹⁵ MENDES, José de Castro (aquarelas), TEIXEIRA, J. E. Mendes (texto). **Lavouras cafeeiras paulistas**: velhas fazendas do município de Campinas. São Paulo: Departamento Estadual de Informações, 1947. Edição fac-similar, Rio de Janeiro, Xerox do Brasil, 1983. Em relação ao conjunto de aquarelas sobre a cidade de Campinas, sabemos que as mesmas foram expostas no Teatro Municipal local, em 1950 (conforme folheto divulgador, do acervo de Maria Luiza S. Pinto de Moura) e atualmente pertencem ao acervo do Museu da Cidade de Campinas. De acordo com o historiador Américo Vilela, da Equipe Técnica do Museu da Cidade, o conjunto era composto por 34 aquarelas: 04 foram furtadas (26/12/1977), 26 estão em bom estado e 04 passaram por troca de moldura em função do ataque de cupins (informação obtida em julho de 2006). Ainda cabe destacar que as 26 respectivas aquarelas estão digitalizadas e compõem o acervo do Museu da Imagem e do Som (M.I.S.), de Campinas.

primeira remete-nos ao início do século XVIII, à chegada de Barreto Leme na região e à construção da primeira igreja; a última tem como marco cronológico o ano de 1965: uma Campinas impulsionada pelo *progresso em todos os setores de suas atividades*.¹⁶ Nota-se a passagem de José de Castro Mendes pelos dois periódicos locais – notadamente no jornal **Correio Popular**, onde atuou por longos anos. Foi também desenhista da revista modernista **A Onda**, que circulou na cidade no início dos anos vinte, quinzenalmente e aos domingos, atuando ao lado de Manolo Romano, Colombo Meirelles, Vitor Caruso e Hildebrando Siqueira.¹⁷

Paranhos Siqueira, colaborador do “Correio”, ainda sob efeito da notícia do falecimento de José de Castro Mendes, escreve um texto evocativo dos traços da sua personalidade e dos encontros casuais entre ambos pelas ruas da cidade.

Tomo, agora, à noite, conhecimento de que José de Castro Mendes, encontrado morto em sua casa de residência, baixou à sepultura às dez horas da manhã de hoje. (...) Cerro, entretanto, de manso, os olhos. E evoco, profundamente comovido, a sua figura ordinariamente calada e discreta.

Cabelos de entradas fundas, penteados para trás; testa larga, de filósofo sem filosofia; olhos grandes e esverdeados, sob a lente forte dos óculos de míope desconfiado; nariz alongado, meio adernado para a direita; boca larga, de lábios largos, emoldurados pelo rosto mongólio – José de Castro Mendes era, na verdade, uma criatura curiosa.

Havia nêle, como inquilinos da sua personalidade, dois sujeitos distintos: um alegre, conversátil, irônico, voltaireano, que raras vezes vinha à janela do edifício em que morava; e outro sorumbático, difícil, incontentável, ranheta, que era mais freqüente na sua maneira de ser.

Às vezes, quando me encontrava na rua, me dava uma porção de abraços. Perguntava pela minha família, pelos meus livros, pelas minhas espingardas, pelo meu cachorro. Queria saber se meu neto já estava falando porcarias... E outras vezes, quando estava, como se diz lá em Minas, ‘com a avó atrás do tóco’, passava por mim como se nunca tivesse me visto: sem um cumprimento vago, sem um sorriso de lábio, sem um gesto de mão.

Coisas do Zek...

De qualquer maneira, entanto, era um verdadeiro artista, era um belo intelectual. Desenhista inigualável, fazia milagres com o lápis. Uma fruta qualquer desenhada por êle enchia de água a boca da gente. Aquarelista de atilada sensibilidade estética, imprimia às figuras que pintava um sabor de naturalidade tão grande, tão comunicativa, que embevecia os olhos da gente. A sua arte tinha, nesse ângulo, um calor profundamente humano, que lembrava no presente os grandes gênios do pincel, no passado.

¹⁶ Nesta História de Campinas, em quadrinhos, os desenhos são de Henrique Zambelli e o texto de José de Castro Mendes. (consultadas no acervo de Maria Luiza Pinto de Moura).

¹⁷ Cf Jornal **Correio Popular**, em matéria de 06 de junho de 1968. Sobre a revista **A Onda**, ver: GOMES, Eustáquio Teixeira. “Modernidade e Política”. **Resgate**: Revista de Cultura. Publicação do C.M.U. (Unicamp), n. 02, 1991, p.35-47.

Era, ainda, o historiador meticuloso e paciente, que perdia meses a fio na pesquisa de uma data, na descoberta de um nome, na elucidação de um fato. E é neste ponto, neste setor de atividade do seu espírito, que Campinas lhe deve os mais assinalados serviços.

(...) Tudo quanto êle imaginou e realizou, através da imprensa e do livro, no campo da arte e da história, foi para engrandecer Campinas, foi para projetar o nome de Campinas lá fora. E fazia tudo isso de graça, por amor ao berço natal, do qual nunca se afastou.

Espírito solitário, andava sempre sozinho. Tinha muitos conhecidos, mas poucos amigos. Dava-se bem apenas com os papéis velhos dos arquivos oficiais, onde ia buscar, na cata das vigílias prolongadas, o acontecimento histórico ainda não revelado pela história. Aí, sim, no manuseio de alfarrábios comidos pelo tempo; no convívio de documentos sem idade, empastados de poeira e atacados de traças – aí, sim, êle sentia-se à vontade (...)

Morreu sexagenário, e solteiro! Em baixo da sua cama não houve, jamais, um chinelo de mulher que pudesse deixar, na estrada deserta do seu destino, a marca de um passo de amor e de esperança. Primeiro – como ele sempre me dizia – devido à sua mãe, que era velhinha e doente, e para a qual ele não desejava ‘o castigo de uma nora’... E, depois, devido ao Tempo, que passou por ele, em disparada, levando-lhe, com a idade, a confiança no futuro.

Águia perdida na amplidão do espaço – José de Castro Mendes, vencido pela solidão da vida, tombou, ontem, para o vácuo eterno da morte. Sem incomodar ninguém. Sozinho, como sempre viveu (...)¹⁸

Imagens de um intelectual, artista, amante de Campinas, solitário.

E também: desenhista, historiador, pianista, cenografista, crítico de arte, funcionário público, idealizador de museus... Trajetórias da vida deste personagem que me chamaram a atenção, e cuja complexidade tento apreender por meio desta pesquisa. Para isso, os relatos de quem conviveu com José de Castro Mendes são fontes importantes e que devem ser lidos, considerando-se o lugar social de quem fala, o tom saudoso, a reminiscência, o caráter da memória seletiva do narrador, que opera na relação entre lembranças e esquecimentos.

Para o jornalista Adir Giglioti, José de Castro Mendes é lembrado como o

(...) saudoso amigo e então companheiro das lides jornalísticas no Correio Popular. Pintor, pesquisador, historiador, Zeca (Zek) Mendes vivia e respirava Campinas, em todos os seus quadrantes e em todas as coisas que possui (ou possuía). Ao seu lado as conversas se prolongavam, na combatividade de seus reclamos, na construtividade das críticas, no calor das fartas reminiscências.

Para quem conviveu com Zeca Mendes, lembrar dele é associá-lo à cidade que tanto amou, onde pintou quadros de extrema inspiração; onde pesquisou velhas fazendas,

¹⁸ SIQUEIRA, Paranhos. “José de Castro Mendes”. **Diário do Povo**, Campinas (s.d.) (Hemeroteca do C.M.U. - Col. João Falchi Trinca).

desenhou-as e colocou num álbum hoje raro e valioso; onde criou o Museu de Carlos Gomes e onde é hoje o nome do nosso Teatro Municipal ‘José de Castro Mendes’, uma justa homenagem ao artista (...)¹⁹

Na visão de Conceição Arruda Toledo, jornalista que trabalhou nos jornais locais, **Diário do Povo e Correio Popular,**

Parafraseando Guimarães Rosa, quando José de Castro Mendes morreu, há exatamente dez anos atrás, (26-1-1970) alguém disse: ‘Zeca Mendes não morreu, encantou-se’.

É que a personalidade contraditória desse homem sensível e ao mesmo tempo ranzinza que todos nós conhecemos e amamos, humilde e simples, porém grandiosa em suas múltiplas facetas artísticas, sem vedetismo, longe dos processos tão comuns de auto-promoção e troca de confétis para aparecer e projetar-se perante a comunidade, não pode e não deve ser esquecida e ignorada pela nova geração, tão carente de modelos realmente copiáveis, de méritos genuínos e amor à cidade, embora seja ela costumeiramente ingrata com seus filhos a ponto de esquecê-los, relegando-os nas páginas olvidadas do passado – o mesmo passado que Zeca Mendes fez de tudo para pô-lo à tona, exibindo em seus trabalhos escritos, em suas aquarelas e páginas musicais, saciando nossa curiosidade e nosso desejo de conhecimento.

Realmente o encantamento de Zeca Mendes, notório em todas as manifestações de sua complexa personalidade, permanece vivo para aqueles que com ele privaram, os que tiveram a ventura de divisar debaixo da carcaça física do homem resmungão e descontente, em suas razões, vislumbrando-lhe a pureza de alma e as grandezas interiores, deslocadas pela mediocridade generalizada.

Zeca Mendes, o ‘Zek’, jornalista, pesquisador, amante de Campinas como ninguém, defensor intransigente da memória de Carlos Gomes – vulto que amou e a quem dedicou páginas grandiloquentes – deixou-me impressão profunda desde o primeiro contato que com ele mantive, quando, trabalhando eu no ‘Diário do Povo’, na implantação do ‘Diarinho’, necessitei de fotos de Campinas antiga para matéria que visava, justamente, mostrar às crianças de hoje, aspectos do passado da cidade. Alguém, muito afortunadamente, lembrou-me que se as procurasse com uma pessoa do ‘Correio Popular’ – o Zeca Mendes, eu as teria quantas desejasse. E não deu outra: levado até ele pelo sr. Aquiles Faria, assessor do jornal, não tive dificuldades em consegui-las (...)

Depois, quando passei para o ‘Correio’, onde permaneci durante sete anos, convivi com Zeca Mendes mais de perto. Pude ouvir dele coisas notáveis sobre a história de Campinas. Pude até entender-lhe as razões do afastamento da Academia Campinense de Letras, sócio fundador que fora, e seu secretário na fase de consolidação pré-instalação. Zeca Mendes era modesto demais, humilde mesmo, simples e puro, contentando-se em dar-se à cidade que amava acima de tudo, sem vedetismo, sem nada esperar em troca, trabalhando em silêncio, produzindo, produzindo, produzindo... Não tinha tempo para reuniões, conclusões e intrigas tão comuns nos nascedouros de entidades culturais. Renunciou à ‘imortalidade’

¹⁹ GIGLIOTI, Adir. José de Castro Mendes. Jornal de Hoje, Campinas, 15 de jul.1981 (s.p.) (Hemeroteca do C.M.U. – Coleção João Falchi Trinca).

acadêmica para conquistar aquela que é resultado do trabalho solitário e profundo, deixando-nos obras valiosíssimas, que nós, acadêmicos, continuamos a consultar sempre que temos que escrever algo sobre o passado histórico da cidade.

Há dez anos o ‘Zek’ encantou-se. Vamos rever seus trabalhos, vamos divulgar suas obras, projetar-lhe a produção artística e histórica? É tarefa que deixamos a cargo do Centro de Ciências e do ‘Correio Popular’, locais em que desenvolveram quase todas suas pesquisas e publicações. A sugestão está lançada. Mãos à obra, senhores!²⁰

Ao lermos estes escritos sobre José de Castro Mendes percebe-se que os autores que nos falam remetem aos laços estabelecidos com ele no interior da imprensa local, ressaltando sua forte ligação afetiva com Campinas e a dedicação à sua história. Ao analisarmos sua produção artístico-intelectual, nota-se que esta é, preponderantemente, voltada para a temática da história da cidade.

Percebemos alguns vínculos por ele estabelecidos em instituições, tais quais o jornal **Correio Popular** e o Instituto Agrônomo de Campinas, bem como o Centro de Ciências, Letras e Artes – local que seria uma sua “segunda casa”.²¹

Foi no Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) que José de Castro Mendes desempenhou a função de funcionário público por um largo tempo (1935-1961).²² Exerceu o cargo de desenhista, especializado na seção de Fitopatologia e, depois, na de Olericultura e, a partir de 1954, foi designado para exercer as funções de encarregado do Museu do Instituto Agrônomo – cargo em que se aposentou.²³

O Museu do IAC, criado em 1954, era diretamente subordinado à Diretoria Geral; funcionava no Edifício Central e não mais existe – é possível levantar a hipótese de que sua desarticulação tenha sido iniciada com a aposentadoria de Zeca Mendes, até então responsável pelo mesmo. Em artigos da imprensa sobre Museu do IAC, acentua-se o idealismo de José de Castro Mendes na criação e manutenção do referido museu, bem como o talento com o qual produziu parte considerável do acervo,

²⁰ TOLEDO, Conceição Arruda. “Zeca Mendes, o ‘Encantado’”. Campinas, **Folha de Barão**, 2 a 9 fev.1980 (s. p.) (Hemeroteca do C.M.U. – Col. João Falchi Trinca).

²¹ Em conversa com Maria Luiza S. Pinto de Moura, responsável durante muitos anos e até o seu falecimento pela biblioteca do C.C.L.A, soube que José de Castro Mendes passava longo tempo nas dependências desta instituição – inclusive pintando. (junho de 2002).

²² Originário da antiga Estação Agrônoma (1887), o I.A.C. caracteriza-se como um centro produtor de pesquisas relativas ao setor agrícola.

²³ Dados obtidos em consulta à ficha funcional de José de Castro Mendes, obtida na Diretoria do Centro de Documentação e Transferência do Conhecimento do IAC, em 2004.

(...) São de grande relevância os trabalhos em gesso (...) e todos eles realizados pelo funcionário acima mencionado. Maçãs, uvas, peras, laranjas, pêssegos e outras modalidades de frutas ou cereais, moldados à própria feição, com arte e engenho (...) assim como desenhos de fazendas velhas localizadas no município de Campinas (...) ²⁴

(...) As aquarelas de hortaliças e flores, os trabalhos de arte aplicada, os desenhos de diferentes variedades de café, cereais e frutos, executados por este grande artista campineiro, e pertencentes às coleções do Instituto Agrônômico são produções que pela utilidade e perfeição honram a arte nacional. ²⁵

No Museu do IAC, encontravam-se documentos referentes, por exemplo, aos ciclos da borracha e o do café e a coleção de miniaturas de madeira (engenhos, monjolos, carros de boi, tipos de pilão...) aparece, com destaque, nas matérias consultadas a respeito. ²⁶ Ou seja, parece-me um acervo significativo em termos da representatividade de modos de fazer da vida rural, notadamente relativos às culturas agrícolas e, especialmente, o café.

Na investigação realizada junto ao IAC, não foi possível obter informações mais precisas sobre o desaparecimento do referido museu, mas apenas alguns vestígios da presença José de Castro Mendes na instituição. Por exemplo, no Centro de Café “Alcides Carvalho”, localizado na Fazenda Santa Elisa, encontram-se expostas no saguão principal, como parte do acervo local, seis telas do nosso personagem, que compõem a série “Descascamento do café em coco” (1953) e é provável que alguma outra produção do artista esteja em outras unidades do Instituto Agrônômico. ²⁷

A atuação de José de Castro Mendes no que tange ao tópico museus não se restringe ao comentado acima. Durante alguns anos foi ele, também, Diretor do Museu Carlos Gomes,

²⁴ MORAIS, Maurício. “O Instituto Agrônômico (VIII de uma série de reportagens)”. Jornal **Correio Popular**, 22 de julho de 1962, p.5

²⁵ FARJALLAT, Célia Siqueira. “O Mundo artístico de José de Castro Mendes”. Jornal **Correio Popular**, 29 de março de 1964, p. 12.

²⁶ Moraes, Maurício. *Op. cit.*; Farjallat, Célia S. *Op. cit.*

²⁷ Em conversa com Sr. Oliveiro Guerreiro Filho, Diretor do Centro de Café, soube que sete telas sobre o descascamento do café foram achadas quando da transferência de prédio (descascamento: em pilão, por rodão, por pilão movido à água, por pisoteio de bois, em monjolo, à vara –bateção ou malhação). Uma delas sofreu ataque de cupins e as demais foram restauradas e encontram-se expostas (óleo sobre madeira, 34 x 47 cm, 1953). Algumas peças de gesso estão sendo restauradas. Na seção de Fitopatologia, há um rico acervo de desenhos (plantas, fungos...), em sua maior parte não assinados. Não localizei nenhum com sua assinatura. Como José de Castro Mendes exerceu a função de desenhista especializado na referida seção, pode ser que ali estejam produções suas – investigação que pode ser realizada por parte de algum outro pesquisador interessado no assunto. (Datas das visitas às referidas unidades do IAC: 08/07/2003 e 18/04/2004).

vinculado ao Centro de Ciências, Letras e Artes (período: 1956 a 1969).²⁸ Foi pelas mãos de César Bienrrenbach, em 1904, que se iniciou a reunião de documentos relativos a Carlos Gomes. A transformação do Arquivo em Museu Carlos Gomes, em 1956, deu-se por meio da organização a ele conferida por José de Castro Mendes e nota-se a expansão do acervo do Museu durante a sua gestão²⁹. “Lugar de memória” com um acervo riquíssimo referente não só a Carlos Gomes, mas também a Manoel José Gomes e Sant’ Ana Gomes³⁰. Lugar que apresenta, no canto direito da porta de entrada, uma fotografia de Zeca Mendes emoldurada e fixada na parede, como que a dar boas vindas aos visitantes – objeto de curiosidade de alguns de meus alunos, que vez ou outra, quando das visitas ao local, me inquirirem: “Professora, quem é este homem?”

Zeca Mendes foi também diretor do Museu Campos Sales³¹, criado em 1957, sediado no próprio C.C.L.A. e contando com documentação, inclusive, doada pelo próprio Campos Sales (1841-1913). Este último, associado ao C.C.L.A. ainda nos primórdios de seu funcionamento, ou seja, na Campinas moderna onde o Centro representava mais um espaço de fortalecimento dos ideais liberais, positivistas e românticos.

Em alguns dos registros consultados e anteriormente expostos neste texto, pessoas que conviveram com José de Castro Mendes apontam para uma certa atitude solitária e até avessa a determinados encontros sociais, por parte do mesmo: “Espírito solitário, andava sempre sozinho. Tinha muitos conhecidos, mas poucos amigos. Dava-se bem apenas com os papéis velhos dos arquivos (...)”, “ Águia perdida na amplidão do espaço (...)” ; “(...) sem vedetismo, longe dos

²⁸ Ficha Catalográfica da Direção do C.C.L.A. e Breve Histórico do Museu Carlos Gomes, consultados na Biblioteca do Museu.

²⁹ Algumas notícias de jornal apontam para esta expansão: “Estão em Campinas os manuscritos da ópera ‘A Noite do Castelo’ encontrados na França”.; “Doação de autógrafos ao museu Carlos Gomes” e “Jornal impresso em seda e em duas cores doado ao Museu Carlos Gomes: editado em 1880, no Pará”. Estas matérias foram publicadas no Jornal **Correio Popular**, respectivamente nos dias 17 de outubro de 1961, p. 8; 29 de janeiro de 1964; 29 de fevereiro de 1964, p. 5. Ainda, em outro registro: “ (...)O centro tem contado com esse coração beneditino e amoroso de José de Castro Mendes. Mendes tem feito tudo ali dentro do Museu: reúne peças hoje, busca documentos amanhã, organiza arquivos, faz a arrumação, funciona como erudito, registra como escritor, como historiador, e até, quando necessário, tem sido até operário de mangas arregaçadas a mourejar em prol do Museu que a sua casa, o Centro de Ciências, vem sustentando há anos. Se não fosse o ‘Centro’ e Mendes, claro que Campinas não teria êsse conjunto de lembranças e reminiscências que, em torno do grande maestro, tanto serviço presta a todo país”. Batuta de Carlos Gomes para o Museu do CCLA. Jornal **Correio Popular**, 08 de outubro de 1964, p 7. A respeito, ver os anexos deste trabalho.

³⁰ Carlos Gomes nasceu em Campinas, em 1836, sendo filho do músico Manuel José Gomes e irmão do também músico Sant’ Ana Gomes.

³¹ Manuel Ferraz de Campos Sales nasceu em Campinas, em 1841. Foi advogado e político brasileiro. Participou da fundação do Partido Republicano Paulista, em 1873, foi Presidente da República, entre 1898 e 1902. Faleceu em 1913.

processos tão comuns de auto-promoção e troca de confétis para aparecer e projetar-se perante a comunidade (...)”³²

Por outro lado, há indícios da presença significativa que ele exerceu no cenário cultural campineiro – notadamente nos acontecimentos que envolviam arte e história na localidade. Acercamo-nos, então, de alguns destes indícios – pontuando que estes se referem ao recorte temporal estabelecido para o desenvolvimento desta pesquisa (1960 - 1965).

Um deles,

Foi das mais concorridas a inauguração da mostra de arte do pintor André Fort, acontecida quinta-feira à noite, no saguão do Teatro Municipal Carlos Gomes (...) Os ‘aghás’ anotaram a presença dos artistas Aldo Cardarelli, Orestes Pezzotti, Franciso Biojone e Geraldo Souza; o fotógrafo Vitor Fiegert; o crítico de arte José de Castro Mendes (...)”³³

Aqui, em acontecimento artístico, José de Castro Mendes é notado como personalidade de relevo na vida social campineira e registrado como “o crítico de arte” – denominação que não foi a única por ele recebida, uma vez que também era conhecido como “o historiador” ou “o artista”, por exemplo.

Em outro registro, referente a junho de 1961, temos a notícia de que ele assume o cargo de presidente da Associação Campineira de Teatro Amador (ACATA), em função do pedido de demissão do até então presidente, cel. Luiz Felipe Wiedman. É ele, também quem preside reunião com representantes de grupos teatrais inscritos no II Festival de Teatro Amador Correio Popular.³⁴

Sua relação com o teatro é ainda mais íntima se atentarmos para a sua atuação enquanto cenografista – sobre a qual já havia ouvido, da parte de Maria Luiza S. Pinto de Moura³⁵ e captada também em texto sobre o Teatro Municipal Carlos Gomes,

³² SIQUEIRA, Paranhos. *Op.cit.* TOLEDO, Conceição Arruda. *Op. cit.*

³³ Mostra de Arte de André Fort. Jornal **Correio Popular**, 04 de junho de 1960, p.6.(grifo meu)

³⁴ Matérias do Jornal **Correio Popular**, respectivamente dos dias 24 de maio de 1961, p. 5, e 07 de outubro de 1962, p. 19.

³⁵ Maria Luiza S. Pinto de Moura foi, durante muitos anos, bibliotecária do C.C.L.A., e tinha um notável apreço pela história de Campinas.

(...) em 1955, em 10 de setembro, nas comemorações do 25º aniversário do Teatro, toda uma exposição – organizada por José de Castro Mendes – desses trabalhos e reminiscências foi realizada ali mesmo no saguão do Teatro (...)

Um dia, Bibi Ferreira precisava levar “O Noviço”, de Martins Pena. Julgava não ser isso possível por falta de cenários.

– Não é problema, disse-lhe Erbolato.

Em três dias, com os auxílios de José de Castro Mendes, tudo ficou pronto.³⁶

Notamos a presença de José de Castro Mendes no Teatro Municipal, tanto como expositor de obras suas, quanto na montagem de exposições referentes à história local. Por exemplo, em setembro de 1950, expôs 35 guaches e aquarelas sobre “Aspectos de Campinas no século passado.”³⁷ É ele o responsável pela organização de três exposições, no referido teatro e divulgadas pelo “Correio”, no ano de 1964, captadas através desta pesquisa junto ao arquivo do jornal. Vamos nos aproximar mais dessas exposições.

Em julho de 1964, em função do 190º aniversário de criação do município de Campinas, em promoção conjunta da Prefeitura e da Câmara Municipal, espetáculos teatrais, concertos e exposição histórica foram realizados. Em relação a esta última,

No saguão do Teatro Municipal encontra-se montada expressiva mostra histórica da cidade, organizada pelos srs. José de Castro Mendes e Luiz Langoni que aproveitaram material pertencente ao primeiro, à Prefeitura e Câmara Municipal, ao Instituto Agrônomo e ao Centro de Ciências, Letras e Artes. A exposição é formada de cinquenta aquarelas em sépia, mostrando antigas fazendas paulistas, trinta e quatro gouaches com aspectos da cidade antiga (todos de autoria de José de Castro Mendes), um esboço de Salvador Caruso mostrando a primeira missa rezada em Campinas e modelos de velhos processos de descascamento de café, executados em madeira, igualmente executados pelo historiador José de Castro Mendes para o Instituto Agrônomo de Campinas. Além desses, outros documentos históricos de raro valor (...)³⁸

É perceptível que grande parte dos documentos expostos relacionava-se ao Zeca Mendes, ou seja, era fruto do que pintou, colecionou e organizou nos museus das referidas instituições. Podemos nos interrogar sobre as visões de história possíveis de serem apreendidas por meio desta exposição, que constou de aval oficial e que, provavelmente, foi vista por muitos moradores

³⁶ As “reminiscências” constantes na referida exposição dizem respeito à coleção de programas executados no Teatro Municipal, do acervo de Manuel Erbolato, seu administrador no período de 1930-1961. Trinta e um anos de Administração. **Jornal Correio Popular**, 12 de setembro de 1965, p. 11.

³⁷ Folheto de divulgação da exposição, do acervo de Maria Luiza Pinto de Moura. (consultado em junho de 2002).

³⁸ História, Teatro e Música no Municipal: comemoração do aniversário de Campinas. **Jornal Correio Popular**, 14 de julho de 1964, p. 2.

locais. Ao atentarmos também para outros documentos que foram expostos, podemos nos aproximar um pouco mais da mesma: “Breve notícia da fundação de Campinas” (Ignácio P. Oliveira); documentos autografados pelos Imperadores (carta de patente, de 1823, e visita ao matadouro municipal, em 1866); autógrafo de José Bonifácio de Andrada e Silva (1822); “Homenagem da Vila de São Carlos ao Capitão Geral da Capitania de São Paulo” (1804); originais de “Poligrafia”, de H. Florence (1837); bandeiras imperiais do Brasil trazidas da Guerra do Paraguai por destacamento formado por campineiros; mecha de cabelo do padre Diogo Antonio Feijó; livro de atas consignando a elevação de Campinas à categoria de Vila de São Carlos (1897), etc.

Em relação à produção específica de José de Castro Mendes, que na ocasião foi exposta, observa-se que o tema é a Campinas antiga: são os “lugares da memória” que buscava, incansavelmente, registrar através de seus pincéis e, como já sabemos, pela coleção de fotografias e de desenhos que constituiu ao longo da vida – uma cidade que nos anos 60 do século XX já havia passado e continuava passando por um processo intenso de transformação do seu cenário urbano. O registro das antigas fazendas paulistas – ao qual se interliga a história da Campinas antiga – aborda a transição da cultura canavieira para a do café, bem como a da mão-de-obra escrava para a livre, e foi divulgado desde 1947, quando do lançamento de seu livro sobre a temática.

Ainda sobre as visões da história local possíveis de serem apreendidas por meio desta exposição no Teatro Municipal, percebe-se a preocupação com as origens de Campinas, com o registro da passagem dos Imperadores pela mesma, bem como o destaque a alguns personagens, como Hércules Florence e Diogo Feijó. O primeiro deles, Hércules Florence, desenhista, aquarelista, em função de seus experimentos na área da fotografia e atividades ligadas à imprensa, na ainda Vila de São Carlos, confere à localidade a sintonia com a Europa, em termos de desenvolvimento técnico-científico. Diogo Feijó, por sua vez, estabelece o elo da Campinas de homens importantes com atuação no cenário mais amplo do Império: Feijó, que inicialmente na Vila de São Carlos estabeleceu-se como professor e mais tarde tornou-se proprietário rural local, chegou a ser um dos regentes, em decorrência da abdicação de D. Pedro I, bem como exerceu uma liderança na Revolução Liberal que, em 1842, agitou o eixo Sorocaba-Campinas (batalha da Venda Grande). A imagem de Feijó, como político liberal, havia sido fortalecida, nas últimas

décadas do século XIX, por meio da revisitação do episódio da Venda Grande e, nessa exposição, é novamente reatualizada.

Em síntese, uma história campineira, apresentada como harmoniosa, progressista, e que reforça a história oficial do Brasil, e nas qual apenas alguns homens e fatos adquirem proeminência. Assim é que a exposição dos autógrafos reforça a ação, o nome de alguns personagens ilustres e, no caso das bandeiras imperiais trazidas da Guerra do Paraguai, reafirma-se a atuação de campineiros - também ilustres - em um fato histórico considerado relevante.

Exponho, aqui, minha opinião de que é possível, na educação escolar, trabalhar a interpretação de documentação exposta que tenha o caráter de constituinte da memória local e nacional oficial, de viés conservador, partindo do pressuposto de que é imprescindível a realização de uma “leitura a contrapelo” da mesma, nos termos benjaminianos³⁹. Ou seja, uma leitura que desconstrua os sentidos dominantes do próprio texto e traga outros significados contraditórios e dissonantes em relação à versão prevalecente. A questão fundamental a ser posta como condutora da análise deste tipo de acervo diz respeito às próprias visões de história contidas em tais fontes, à construção complexa da história, que opera com diferentes interpretações e nas quais o silenciar de algumas vozes e versões é o contraponto à hegemonia de outras.⁴⁰

No mesmo mês da exposição anteriormente comentada (julho de 1964), relativa ao 190º aniversário de Campinas, o nome de José de Castro Mendes integra, como historiador, uma comissão constituída para analisar a polêmica em torno da data da fundação de Campinas. Afinal, não era consenso que a data oficial deveria ser 14 de julho de 1774 – tanto é que já havia sido comemorado o bicentenário de sua fundação, em 1939. Por sua vez, em 1962, por meio de um requerimento, o vereador Antonio Rodrigues dos Santos solicitava a formação de uma comissão “(...) que estudasse o fato de no monumento à fundação construído na praça Guilherme de

³⁹ BENJAMIN, Walter. **Teses sobre o conceito da história** – VII. Trad. Jeanne Marie Gagnebin e Marcos L. Müller (s.n.t.). Tradução fornecida por Gagnebin, em curso realizado no I.E.L., Unicamp, 1999.

⁴⁰ Desde alguns anos desenvolvemos com os alunos e alunas do 1º ano do IV ciclo da Escola Comunitária de Campinas um Estudo do Meio interdisciplinar na cidade de São Paulo. Um dos acervos visitados é o do Museu Paulista (Museu do Ipiranga), que nos oferece uma ótima mostra da construção de uma memória oficial nacional. O encaminhamento metodológico, no caso, pauta-se por esta “leitura à contrapelo” realizada antes, durante e após a realização do Estudo do Meio. Em última instância, consideramos que tal leitura realiza-se processualmente, o que reforça a importância da questão da construção da história na linha do trabalho desenvolvido, também nas séries anteriores e posteriores à comentada.

Almeida, constar a data de 4 de julho de 1774”⁴¹ Além do vereador Alfredo Gomes Júlio e de José de Castro Mendes, os integrantes de tal comissão eram outros historiadores locais: Alaor Malta, João Batista de Sá (Jolumá Brito), Teodoro de Souza Campos e, posteriormente, Celso Maria Mello Pupo.⁴² Vejamos as diferentes versões em torno da fundação que constituíam tal polêmica.

Para Jolumá Brito⁴³, a fundação era fruto da chegada de Barreto Leme, em 1739, a essas paragens, que na época já contavam com alguns moradores situados às margens do caminho que levava até as Minas de Goiás. Sua ação teria sido decisiva na aglutinação dos moradores e na fundação da freguesia. “Neste sentido, a data da fundação da cidade proposta é a data do nascimento de um projeto mais do que de um acontecimento concreto”.⁴⁴ De acordo com Vilella, há uma outra versão, defendida por Jorge Antonio José, que aponta para a efetivação da posse da sesmaria concedida a Antonio da Cunha Abreu, ocorrida em 15 de novembro de 1732. E, ainda, a opinião de Benedito Barbosa Pupo⁴⁵ que “defende a data de 1774 e a co-autoria do capitão general Dom Luís Antonio de Souza Botelho e Mourão, o Morgado de Mateus, na fundação da cidade”.

Pois bem, a referida comissão concluiu que a data a ser oficializada deveria ser o 14 de julho de 1774, com base na análise de documentação: fundamentalmente, o primeiro censo da Capitania de São Paulo, de 1767, pelo qual o bairro de Mato Grosso apresentava uma população rural de 257 pessoas (considerou-se que esta era exclusivamente rural) e a “Breve Notícia da Fundação ou Ereção desta Freguesia de N.S. da Conceição das Campinas”, anotada no Livro Tombo por Frei Antônio de Pádua Teixeira, o primeiro vigário de Campinas. Neste, aparece a

⁴¹ VILLELA, Américo Baptista. “Fundações de Campinas: Fábricas de Representações”. **Sinpro Cultural**. Campinas, S.P., Departamento de Imprensa e de Cultura do Sindicato dos Professores de Campinas e Região. Ano X, n. 58, maio/2004, p.6-10.

⁴² É interessante observar que todos estes historiadores escreveram páginas sobre a história campineira e nenhum deles é historiador com formação acadêmica. Ou seja, o poder de produção da história oficial estava em suas mãos – quadro que passa a se modificar posteriormente, com as universidades locais, sobretudo com a expansão da então Universidade Católica de Campinas, aqui instalada desde a década de 1950, mas sobretudo com a fundação da Universidade Estadual de Campinas, em 1966.

⁴³ João Batista de Sá - Jolumá Brito - foi um estudioso da história campineira, publicando 26 volumes sobre o assunto.

⁴⁴ VILLELA, A. *op. cit.*, p. 8-9.

⁴⁵ Benedito Barbosa Pupo foi cronista dos jornais locais: **A Gazeta de Campinas**, **Diário do Povo** e **Correio Popular**, e autor de livros publicados sobre a história local.

motivação dos moradores da região em construir uma capela na localidade, em função da distância em relação à Freguesia de Jundiaí, à qual se encontravam subordinados. Paralelamente a isso, a comissão considera também as determinações do governador da Capitania de São Paulo, Morgado de Mateus, para a formação de uma povoação na Campinas do Mato Grosso, distrito da Vila de Jundiaí.

Demarcadas as ruas, concluída a ermida provisória, fêz-se o desmembramento do bairro de Mato Grosso da Vila de Jundiaí. Criou-se a nova freguesia de Nossa Senhora das Campinas instalada aos 14 de julho de 1774 (...) houve no mesmo dia a benção da ermida e celebração da primeira missa. Estava fundada a futura cidade de Campinas e a data da sua fundação não pode ser outra senão a de 14 de julho de 1774.⁴⁶

É esta a versão da comissão e que o jornal **Correio Popular** divulga à população. Segundo Villela, Jolumá Brito foi o único que não assinou o relatório da comissão, o que podemos compreender como fruto da manutenção de uma opinião divergente a respeito do assunto. Pareceristas do Instituto Histórico e Geográfico ratificam a data de 14 de julho de 1774, em setembro de 1964, e a oficialização de tal data deu-se somente em 13 de abril de 1971, com a promulgação de lei referente ao assunto.

Villela aponta a relação entre as disputas entre datas de fundação com as disputas entre representações do passado e do presente. Segundo ele,

(...) a Câmara Municipal e a Prefeitura de Campinas haviam optado por uma data que junto consigo trazia as idéias de modernidade, institucionalidade e origem nobre, representadas, respectivamente, pela demarcação do rocío com ruas planejadas, criação da freguesia e a primeira missa, fundação realizada por Francisco Barreto Leme (descendente de nobre português) e Morgado de Mateus.⁴⁷

Segundo o autor (2004, p.10), a distinção feita por Odilon Nogueira de Matos⁴⁸ (que não participou da comissão) entre a “fundação real”, de documentação escassa e imprecisa, e a “oficial”, possível de ser estabelecida pela documentação, foi importante para os trabalhos da comissão formada pela Câmara Municipal de Campinas, estabelecendo-se, assim, as diferenças

⁴⁶ “A Fundação da Cidade de Campinas”. Jornal **Correio Popular**, 19 de julho de 1964, p. 7.

⁴⁷ VILLELA, A. *op. cit.*, p.8.

⁴⁸ Historiador e professor da PUC-Campinas e, naquele momento, também professor da F.F.L.C.H, da USP-SP.

entre origem e fundação. Assim, “(...) a memória e a história oficial preservaram apenas uma visão do passado”.

Para José Roberto do Amaral Lapa⁴⁹, há um consenso sobre a origem de Campinas no povoamento como fruto do “fluxo e refluxo” das minas, “(...) mas o que não existe consenso com os historiadores e cronistas locais é com relação à data de fundação (...)”⁵⁰

Argumentos, motivações e interesses vários fazem parte desta disputa entre defensores de visões distintas sobre as origens. A versão oficial apóia-se em documentos escritos que se apresentam como verdades inquestionáveis e a afirmação de um acontecimento – a criação da freguesia e respectiva primeira missa – como acontecimento fundador.

Pelas fontes consultadas, notamos que José de Castro Mendes endossou o parecer final da comissão. Entretanto, nota-se, em suas obras, que ele menciona o período anterior à data oficial da fundação (1774), ou seja, faz referência às origens, ao povoamento inicial, demarcando o ano de 1739, que é o referente à chegada de Barreto Leme na região.⁵¹

O interessante é que este tema não se esgota. Há desdobramentos que merecem ser conhecidos. Vejamos as contribuições para o estudo da história de Campinas em tese defendida pelo arquiteto Antônio da Costa Santos⁵². No caso, embora corrobore a data oficial de fundação da freguesia – 14 de julho de 1774 – tece uma análise mais ampliada em torno de tal fato. Ou seja, articula esta data oficial de fundação ao interesse geopolítico da Coroa Portuguesa em garantir a posse territorial do Brasil, em razão das disputas ocorridas entre Portugal e Espanha, afastando-se da versão tradicional que confere destaque a um personagem: Barreto Leme. Por este enfoque, em meados do século XVIII, Portugal estava empenhado na execução de um plano para garantir a posse definitiva do território brasileiro, bem como em angariar recursos para a

⁴⁹ Historiador. Foi professor titular do I.F.C.H. e diretor do Centro de Memória da UNICAMP. Autor de uma produção historiográfica notável, inclusive no que diz respeito à história local.

⁵⁰ “Campinas esforça para conhecer seu passado”. Jornal **Folha de S. Paulo**, 13 de julho de 1997 (Entrevista com o historiador José Roberto do Amaral Lapa).

⁵¹ Em “Efemérides Campineiras”, publicado em 1963, vimos que ele inicia seu registro histórico a partir de 1739. Em obra anterior, “Retratos da Velha Campinas” (1951), antes do documentário iconográfico o autor traça um “apanhado” histórico através de pequenos textos, com a seguinte estruturação cronológica: “Um pouso à beira da estrada (1739-1774)”, “Fundação de Campinas”, “Ato de Elevação da Vila (1797)”, “Elevação à categoria de cidade (1842)”.

⁵² SANTOS, Antonio da Costa. **Compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiá** Tese de Doutorado defendida na Universidade de São Paulo, sob a orientação do urbanista Cândido Malta Filho, 1999. Publicada em Campinas, pela Editora da Unicamp, em 2002, com o título: **Campinas, das origens ao futuro: compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da**

reconstrução de Lisboa, devastada pelo terremoto de 1755. O Marquês de Pombal indicou o Morgado de Mateus para conduzir o projeto de povoação da Capitania de São Paulo.

Em suas mãos, o governador de São Paulo recebeu um mapa elaborado por Francisco Tosi Columbina, entre 1743 e 1758, onde o nome Campinas aparece talvez pela primeira vez em documentos semelhantes. Campinas é caracterizada no mapa como um arraial, designação na oportunidade para núcleos em estágio inicial de povoação (...) Em um espaço de 10 anos (1765-1775) (...) o Morgado de Mateus chefiou o processo de criação de um bloco de ao menos 20 cidades, traçando um desenho das regiões Sul e Sudeste do Brasil que permanecem até a atualidade. A última dessas cidades criadas, consolidando o projeto esboçado em Portugal, é Campinas, inicialmente Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Matto Grosso.⁵³

De acordo com esta fonte, nota-se que o documento em posse do Morgado de Mateus, elaborado anteriormente a 1774, apresentava um arraial denominado “Campinas”, indicando então a presença de moradores no local.

Considero que a análise de Santos colabora para rompermos com uma visão personalista e localista da fundação, trazendo-nos elementos para analisar o contexto micro aliado ao macro histórico. Além do que, seu percurso investigativo é inspirador: buscou compreender o histórico da fazenda Paraíso, que foi desmembrada da sesmaria inicial das Campinas Velhas e limítrofe ao rocio da vila açucareira e, com isso, ampliou a perspectiva interpretativa da fundação oficial de Campinas; articulou as transformações na referida fazenda às transformações administrativas, urbanas e econômicas, decorrentes de planos urbanísticos vários que vigoraram em Campinas – transformações também *modernas* componentes de um movimento que, conforme já comentado neste texto, se processava, na localidade, desde o século XIX. A sede da fazenda, comprada e restaurada por Antonio da Costa Santos, anos antes, é o ponto de partida de um interessante trabalho de pesquisa que desemboca na questão da preservação do patrimônio histórico-cultural de Campinas.

Ao menos nas últimas décadas, parece-me não haver ocorrido uma retomada das polêmicas em torno da data de fundação de Campinas; a versão oficial é reafirmada pelos textos, jornalísticos ou não, que abordam o assunto. E o jornal **Correio Popular** marcou, novamente,

Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiá. O autor foi também prefeito de Campinas, assassinado em 2001.

⁵³ MARTINS, José Pedro. “A Nova História de Campinas”. Jornal **Correio Popular**, 16 de dezembro de 1997, p. 5

sua presença, ao divulgar mais esta versão sobre a histórica local, comentada anteriormente. Cabe-nos, no tratamento da questão, especificamente no âmbito educacional, lançar mão destas representações do passado e promover o debate sobre a operação que consiste na construção de imagens relativas à história, à cidade e à própria educação.

Retomando o assunto das exposições, em 1964, que contaram com a participação de José de Castro Mendes, sabemos que em agosto do referido ano ocorreu a I Semana Campineira de Folclore, promovida pela Secretaria de Educação do Município, com mostra de mais de 500 “peças e motivos folclóricos”, instalada no saguão do Teatro Municipal.

A exposição (...) acha-se dividida em dois setores: 1) usos e costumes, organizada e montada pelo historiador José de Castro Mendes e 2) artesanato artístico e geral, organizada por Geraldo Jurgensen e José Francisco de Oliveira, abrangendo ambas a cultura folclórica do campo e da cidade (...) ⁵⁴

Não sabemos do que era composta a parte organizada por José de Castro Mendes, mas é possível saber que integrou, na época, uma comissão que pretendia viabilizar a criação do Museu do Folclore, em Campinas “(...) juntamente com um Museu de Etnografia, nos moldes dos que já se realizam em diversas cidades, incluindo São Carlos (...)”⁵⁵ É a época em que o Governo do Estado procura estimular a criação de museus ⁵⁶ e José de Castro Mendes era, então, reconhecido como uma pessoa com qualidades para compor o projeto – o que pode ser interpretado como fruto de sua ligação com a história local e de experiências desenvolvidas anteriormente, relativas à organização de museus.

Atentamos à configuração dos conceitos e a alguns problemas metodológicos em jogo, quando falamos em cultura folclórica. Segundo Galzerani (1998, p. 76),

Neste século XIX está sendo elaborado o conceito de “cultura popular”, em oposição à “cultura erudita”, como parte do processo de formação das identidades de classe burguesa. Assim, à tentativa de imposição da unificação dos padrões culturais para toda a sociedade, acrescenta-se o ideal – também de controle – de colecionar o exótico, o “irreduzível”, transformando-o em “folclórico”, em “popular”.

⁵⁴ “Obtém amplo êxito a I Semana do Folclore”. Jornal **Correio Popular**, 26 de agosto de 1964, p. 5.

⁵⁵ Jornal **Correio Popular**, 02 de setembro de 1964, p. 5.

⁵⁶ Cf MISAN, Simona. **A implantação dos museus históricos e pedagógicos do Estado de São Paulo (1956-1973)**. Tese defendida na F.F.L.C.H. – USP, 2005.

Por sua vez, se a estratégia de apropriação da cultura do “outro” vincula-se ao ideal de controle da sociedade pelos grupos dominantes, aí também reside um paradoxo, conforme Arantes,

Pois é justamente manipulando repertórios de fragmentos de “coisas populares” que, em muitas sociedades, inclusive a nossa, expressa-se e reafirma-se simbolicamente a identidade da nação como um todo ou, quando muito, das regiões, encobrando a diversidade e as desigualdades sociais efetivamente existentes no seu interior.⁵⁷

Creio que o anteriormente exposto ajuda-nos nesta tentativa de aproximação dos eventos – as exposições – que são narrativas compostas a partir de uma documentação pré-selecionada e que atuam na constituição de visões de história e de identidades e, no caso ao qual nos referimos neste texto, na constituição de visões de história e de identidade dos campineiros. Ao final, o “Museu do Folclore” não foi criado, mas percebi que “Usos e Costumes” era um mote para o personagem ora focalizado e que em relação ao mesmo já havia se dedicado quando de realização de uma palestra sobre Campinas antiga, conforme veremos.

Amanhã, às 20 horas, no salão de concêrtos do Instituto Cultural Ítalo Brasileiro, será realizada a palestra sôbre “Usos e costumes de Campinas há meio século” a cargo do conhecido historiador José de Castro Mendes, que apresentará interessantes flagrantes da vida campineira ilustrados com inúmeras projeções de fotografias e números de música dos bailes e cinemas executados pelo exímio pianista Fausto Massaini.

(...) José de Castro Mendes, na sua palestra amanhã, apresentará curiosos episódios do tempo do gás, dos bondes de burros, do cinema silencioso, dos bailes e casamentos, sistemas de reclame, e outros quadros interessantes que refletem a vida da cidade há meio século. A entrada do Instituto Cultural Ítalo Brasileiro estará franqueada a todos os interessados.⁵⁸

Temos, aqui, a emergência de outra das várias facetas deste personagem: a de palestrista sobre a história campineira. Alguém que, além de escrever, expõe oralmente seus conhecimentos para o público a convite de instituições culturais da cidade. Chama-me a atenção o uso de projeções de fotografias, a força da iconografia articulada à fala, assim como a articulação da temática do passado campineiro à audição de músicas de outros tempos, o tempo do cinema mudo, no qual músicos locais executavam peças ao ritmo das imagens projetadas. Considero

⁵⁷ ARANTES, Antonio Augusto. **O que é a Cultura Popular?** 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 14-15 (Primeiros Passos)

⁵⁸ “Usos e Costumes de Campinas há meio século”. Jornal **Correio Popular**, 12 de março de 1964, p. 6.

significativo o formato desta palestra no sentido de que o já sexagenário José de Castro Mendes, àquela altura da vida, provavelmente tecia sua abordagem sobre “Usos e Costumes de Campinas há meio século” a partir das suas pesquisas e, também, daquilo que experienciou na cidade; um trabalho no qual podemos vislumbrar certa articulação entre história e memória e no qual a utilização de imagens e sons sugere uma abertura significativa à dimensão do sensível – além do racional das verdades escritas. A entrada “franqueada a todos os interessados” e a divulgação do evento pelo “Correio” são outros indicativos que não passam despercebidos na leitura do documento.

Igualmente divulgado pelo referido jornal é a “Palestra sôbre Campinas antiga”, proferida por nosso “palestrante”, nas dependências do Colégio Culto à Ciência,

Conforme noticiamos realizou-se ontem, às 20 horas, no auditório do Colégio Culto à Ciência a palestra sobre Desenvolvimento urbano de Campinas, trabalho do conhecido artista e historiador conterrâneo José de Castro Mendes.

Numeroso público esteve presente, alunos, pais de alunos e pessoas interessadas que acompanharam atenciosamente as explanações e fatos históricos ligados à vida campineira relatados com detalhes pelo historiador.

A referida palestra bastante educativa agradou em todos os pontos, registrando mais um êxito para José de Castro Mendes e importante promoção para a cadeira de Geografia daquele tradicional educandário, um dos primeiros colégios fundados nesta cidade.⁵⁹

O jornal anuncia “Palestra sôbre Campinas antiga” e no corpo da matéria aparece “palestra sobre Desenvolvimento urbano”, o que sugere a força da temática inicialmente anunciada, pela qual José de Castro Mendes já era então conhecido. Por sua vez, pode ser que, para atender aos objetivos docentes relativos à cadeira de Geografia, o tema oficial tenha sido o “desenvolvimento urbano”. A questão do desenvolvimento, do progresso de Campinas, à época, estava na ordem do dia, tendo em vista o processo de transformações intensas que ocorriam na cidade, tais como aumento populacional, incremento industrial, expansão da área urbana, alterações de paisagens. Não sabemos o encaminhamento do tema por nosso palestrante junto ao público presente, mas uma foto publicada junto à matéria revela que o mesmo lançou mão, novamente, de projeção de imagens iconográficas. Na foto, enquanto o palestrante situa-se à frente do público e quase de costas para o mesmo, pois seu olhar dirige-se ao que imagino ser uma espécie de tela na parede do auditório, ao fundo do recinto vê-se uma mulher manipulando

⁵⁹ “Palestra sôbre Campinas antiga”. Jornal **Correio Popular**, 05 de novembro de 1965, p. 7. A respeito, ver anexos.

um projetor de imagens. Atentamos para o local onde foi proferida a palestra: o Culto à Ciência, um ícone da Campinas do final do século XIX (pedra fundamental datada de 1873), da progressista cidade onde a sociedade burguesa capitalista adquire um papel cada vez maior na configuração do espaço urbano. Esta, por sua vez, buscava implementar no espaço urbano instituições que atendessem às suas necessidades modernas.⁶⁰ Nos anos 60 do século XX, este colégio ainda não havia sido varrido pelos ventos da desestruturação do ensino público, sendo ainda uma referência na cidade.⁶¹

E, ainda em 1964, no mês de setembro, José de Castro Mendes participa da Semana de Carlos Gomes, promovida pela Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal, com parte da programação realizada no Teatro Municipal.

(...) 20 horas, no Teatro Municipal Carlos Gomes: a) abertura da exposição retrospectiva sobre Carlos Gomes, organizada pelo historiador José de Castro Mendes; b) exposição da Pinacoteca do Estado; c) apresentação da orquestra Sinfônica do Estado, sob a regência do Maestro Rochella (...)⁶²

É reiterada por muitos que conviveram com Zeca Mendes a sua paixão pela arte e pela história local. A figura de Carlos Gomes, nesse sentido, é emblemática por conjugar a música ao cenário campineiro – um cenário que por parte do maestro e compositor foi projetado mundo afora. Assim, Carlos Gomes encarna a Campinas das artes, dos grandes valores intelectuais e artísticos. Encarna, também, as contradições de uma cidade que se abria para a modernidade e engendrava a república, sem, ainda, extinguir a velha ordem calcada na escravidão. Carlos Gomes, abolicionista e monarquista, aparece-nos como uma figura um tanto quanto deslocada em sua terra natal, nos últimos anos de sua vida, tendo em vista o círculo republicano que assumiu fortemente o poder após 1889. Ou seja, pouco tempo antes da sua morte (1896), o maestro e compositor (que chegou a se recusar a elaborar o hino republicano, por fidelidade ao apoio financeiro, cultural, recebido do Imperador D. Pedro II) passou seus últimos tempos no Brasil,

⁶⁰ A respeito desta instituição escolar: cf MORAES, Carmen Sylvania Vidigal. **O ideário Republicano e a Educação: uma contribuição à história das instituições**. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

⁶¹ Há alguns anos atrás a imprensa anunciou a criação do “Movimento Pró-Culto à Ciência”, por estudantes secundaristas, objetivando a defesa de um dos patrimônios valiosos da cidade bem como a arrecadação de recursos para a escola, a promoção de eventos culturais e o lançamento de uma publicação comemorativa dos 125 anos do colégio. “Culto à Ciência ganha movimento pró-história”. Jornal **A Tribuna**, Campinas, 07 de junho de 1998.

⁶² “Inicia-se amanhã a ‘Semana de Carlos Gomes’”. Jornal **Correio Popular**, 12 de setembro de 1964, p. 2.

em Belém do Pará e não em sua cidade natal, pois o emprego num conservatório de música local lhe fora vedado por sua postura monarquista. Esta é uma outra perspectiva pela qual podemos abordar a sua inserção na cidade, descolando-se da versão de caráter mais mitológico que apresenta Carlos Gomes e Campinas como constituindo um só corpo; como fruto de uma relação linear e não contraditória entre a cidade-mãe e o filho querido.

José de Castro Mendes dedicou-se à manutenção do Museu Carlos Gomes (situado nas dependências do C.C.L.A.). Conforme relatado por Lisboa, no “Correio” (1970), “(...) agora, com a aproximação do centenário da primeira representação do ‘Guarani’, sonhava com grandes realizações que marcassem a data (...)”, no entanto, faleceu antes; escreveu o que seria a sua última produção, enfocando o maestro e compositor campineiro; exerceu uma atuação em outro *locus* rememorativo de Carlos Gomes, o Teatro Municipal. Somente em 1964, colaborou na montagem de 3 exposições realizadas no local – uma atuação que na visão de quem, como eu, neste momento, conta com os referenciais do tempo já transcorrido, pode ser alegoricamente interpretada como “urgência do fazer” perante a tragédia iminente: a demolição do teatro, a perda de mais um lugar significativo da Campinas antiga, a ocorrer no ano seguinte, 1965.

Continuo com a abordagem da relação de José de Castro Mendes com a figura de Carlos Gomes, mas focando, agora, uma outra instituição: o Centro de Ciências, Letras e Artes. Como Diretor do Museu Carlos Gomes (1956-1969), promoveu festivais de arte, como o referente à comemoração conjunta do centenário da primeira ópera do maestro e compositor, **A noite do Castelo**, e do 125º aniversário do seu nascimento, em 1961. Como parte do programa, consta uma palestra proferida por Zeca Mendes,

O trabalho apresentado, a seguir, pelo sr. José de Castro Mendes mereceu gerais elogios em virtude não só da substância, da originalidade com que se houve, mas também da concisão e clareza com que tudo foi expresso e vivido. Tratando o tema de sua palestra ‘Carlos Gomes. Vítima de Calúnia’, fê-lo de maneira modesta, mas o conteúdo, sem exceção de qualquer passo, foi todo traçado com realidade, com objetividade, com material do mais alto interesse (...)⁶³

Nota-se a divulgação do festival com certa antecedência, pelo jornal “Correio Popular”, bem como os comentários sobre o sucesso do evento transcorrido. O destaque conferido ao palestrante, também colaborador do respectivo jornal, é expresso em termos elogiosos – dentre

⁶³ “Centenário da ópera ‘A Noite do Castelo’”. Jornal **Correio Popular**, 12 de setembro de 1961, p. 5.

eles “substância e originalidade” parecem perder sua força no texto diante de outros termos de viés mais racional como “concisão, clareza, realidade, objetividade”. O tema da palestra, “Carlos Gomes. Vítima de uma calúnia”, parece-me instigante e encontro uma pista em Leopoldo Amaral – cronista local, da virada do século XIX para o XX, a quem Zeca Mendes, como seu leitor, fazia referências em alguns dos seus escritos. Uma pista, então, que pode sugerir-nos algo a respeito da tessitura de tal palestra. Sobre Carlos Gomes, diz Leopoldo Amaral,

A calúnia, certa vez, tentou envolvê-lo numa atmosfera de antipathias, fazendo espalhar no Brasil, boatos de que o maestro se havia naturalizado italiano. Isto, ainda hoje (!), uma ou outra vez, temos ouvido, como um eco longínquo, reproduzido por aqueles que desconhecem o protesto enérgico do maestro, lavrado a este tempo (...)⁶⁴

O protesto de Carlos Gomes, segundo Amaral, foi publicar na imprensa uma certidão do cônsul geral do Brasil na Itália, por meio da qual este declarava que Carlos Gomes, apesar de muitos anos residindo na Itália, nunca havia solicitado a naturalização de outros países, mantendo-se sua situação de cidadão brasileiro. E, no caso, uma condição de cidadão brasileiro e campineiro afirmada no final do século XIX, segundo Amaral. Teria sido esta mesma condição reafirmada, no início da década de 1960, por José de Castro Mendes?

A homenagem recebida por José de Castro Mendes pela diretoria do Conservatório Carlos Gomes⁶⁵ – outra instituição proeminente na época e ainda em atividade na cidade – é noticiada na imprensa.

⁶⁴ AMARAL, Leopoldo. **Campinas: Recordações**. 2º milheiro. São Paulo: Secção de Obras d' “O Estado de S. Paulo”, 1927, p. 23-4.

⁶⁵ Instituição existente até os dias atuais e, segundo Pupo, criada a partir de uma campanha “(...) que planejei e fiz em fins de 1927, em ‘A Gazeta de Campinas’ em favor da implantação em Campinas, de estabelecimento do gênero. Foi a minha primeira vitória jornalística (...) O ano de 1927, foi para mim cheio de eventos. Além da fundação do ‘Conservatório Musical Carlos Gomes’, fundados pelos professores João Rocella e d. Catarina Ingleso Soares, Campinas ganhou naquele ano a Associação Campineira de Imprensa, cuja ata de fundação assinei (...)”. In PUPPO, Benedito Barbosa. **Oito bananas por um tostão**: crônicas campineiras. Campinas: Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo, 1995, p. 76. Este livro é uma reunião de crônicas publicadas pelo autor, no **Correio Popular**, sob o título “Campinas de outros tempos”. A primeira edição é de 1976. Gostaria de ressaltar que, à semelhança de José de Castro Mendes, Pupo, jornalista e memorialista campineiro, escreveu páginas dedicadas à história local e divulgadas pela imprensa. Em conversa com Mercedes Tessario de Oliveira e José de Oliveira (junho de 2006), que trabalharam para o “Correio durante a década de 1960, ela como funcionária do recém-criado arquivo (data estimada: 1967) e ele como fotógrafo, ela me disse, em tom de brincadeira: “Eles devem estar brigando no céu”. Quando a inquiri sobre o porquê, os dois comentam das discussões havidas entre Zeca Mendes e Pupo a respeito de fatos da história campineira... Ressalto que a escrita da história local, em versões que vão se tornando oficiais, não se faz sem embates... Ainda chama a atenção, no texto de cunho autobiográfico de Pupo, o uso da imprensa como veículo de fortalecimento de campanhas - assunto que abordarei no final deste capítulo.

(...) antes de iniciar a segunda parte do programa, o diretor do Museu Carlos Gomes, sr. José de Castro Mendes, foi alvo de expressiva homenagem por parte da diretoria do Conservatório Carlos Gomes, que lhe ofertou delicado mimo em homenagem aos seus esforços pela efetivação dos festivais que estão assinalando de forma expressiva a passagem da grata efeméride (...)⁶⁶

As efemérides dizem respeito ao registro dos acontecimentos e as homenagens ao passado rememorado; ambas falam-nos do tempo transcorrido, da rememoração do passado. Segundo Raynaud, “Comemoração é a cerimônia destinada a trazer de volta a lembrança de uma pessoa ou de um evento... é um espaço para perpetuar a lembrança e indica a idéia de uma ligação entre os homens, fundada na memória”.⁶⁷ Para Arruda, “As comemorações são manifestações vivas da história. Mas são também dimensões explícitas do lembrar e do esquecer – portanto, da memória. Há momentos históricos de forte exaltação do sentimento comemoracionista”.⁶⁸ Memórias e histórias, portanto, em íntima relação com o ato de comemorar; memórias historicizadas, ou seja, apropriadas pela história.

A evocação das realizações, dos grandes feitos dos antepassados, se dá pelo trabalho da memória – esta, acionada em função do ritual comemorativo. Por sua vez, a comemoração tem um duplo papel, pois, ao trazer à tona os frutos desta rememoração – processo marcado pela seletividade – alimenta a própria história. A história, que se constitui e se oficializa fundada nos rituais memorialísticos, adquire, nas comemorações, a função de manter o vínculo (...) entre o passado, presente e futuro de um povo.(...) Portanto, tratar das comemorações significa entrar em um campo marcado por cerimônias oficiais e não-oficiais; por busca de legitimidades políticas e definição de identidades; por relações humanas com o passado em que memória e história são instrumentalizadas para atender a objetivos do presente.⁶⁹

Para uma análise mais abrangente das efemérides acho importante destacar o seu caráter ambivalente, posto que, ao mesmo tempo em que podem significar a rememoração, a resistência

⁶⁶ Coroado de êxito o recital de ontem no Centro de Ciências. Jornal “Correio Popular”, 13 de setembro de 1961, p. 8. As outras matérias do referido jornal e relacionadas ao evento são: “Valores artísticos de Campinas nos festivais comemorativos do centenário da ópera ‘A Noite do Castelo’”, de 04 de setembro de 1961, p. 8 e “Festivais de arte comemorativos do centenário da ópera ‘A Noite do Castelo’ de A. Carlos Gomes”, de 05 de setembro de 1961, p. 5

⁶⁷ RAYNAUD, P. La comemoración: ilusion ou artifice? *Le Debate*, n.78, jan-fev.1994, p.104-6. *Apud* FERREIRA, Marieta de M. História Oral. Comemorações e Ética. **PROJETO HISTÓRIA**: Revista de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. PUC - SP, São Paulo, n.15 (Ética e História Oral), p. 157-164, abril, 1997.

⁶⁸ ARRUDA, José Jobson de A. **O Trágico 5º Centenário do Descobrimento do Brasil**: Comemorar, Celebrar, Refletir. Bauru: EDUSC, 1999, p.43.

⁶⁹ LOPES, Fátima F. **Memória, História, Educação**: trilhas sugeridas por um *Almanaque*. Dissertação de Mestrado, defendida sob a orientação da Profª Dra. Eloísa de Mattos Höfling, Campinas, Faculdade de Educação, Unicamp, 2002, p. 73.

frente ao esquecimento e à diluição do passado, podem, também, contribuir para a sedimentação de visões reducionistas do passado e da história, ou seja, visões pautadas em alguns fatos e personagens recorrentemente mitificados.

Na reflexão sobre os significados das comemorações do centenário da primeira ópera de Carlos Gomes, bem como do 125º aniversário do seu nascimento, atentemos para as observações de Hobsbawm (1984). Ele localiza o rompimento com a tradição devido às transformações sociais, no século XIX, e denomina de “tradição inventada” um conjunto de práticas que visam ao estabelecimento de uma continuidade em relação ao passado; em última instância, tais invenções de tradições dizem respeito ao paradoxo das sociedades alteradas pela modernidade capitalista, que buscam, por outro lado, a manutenção de alguns aspectos da vida social. O autor coloca-nos uma reflexão sobre o ofício do historiador, no sentido de que este contribui “conscientemente ou não, para a criação, demolição e reestruturação de imagens do passado, que pertencem não só ao mundo da investigação especializada, mas também à esfera pública onde o homem atua como ser político”.⁷⁰

Nesse sentido, a atuação de José de Castro Mendes contribui em termos da reatualização da memória de Carlos Gomes, notadamente no cenário de Campinas. Ele escreveu páginas publicadas na imprensa sobre o maestro e compositor, atuou como diretor do Museu Carlos Gomes durante anos e esteve à frente na organização dos festivais relativos a esta personalidade campineira. Percebe-se que o nome de Zeca Mendes é reconhecido por determinado segmento cultural da cidade – como bem demonstra a homenagem por ele recebida, de parte da direção do Conservatório Carlos Gomes – assim como é um nome que, de certa maneira, se projeta na cidade, uma vez que é objeto de divulgação em periódico local.

O Centro de Ciências, Letras e Artes (fundado em 1901) é uma instituição cultural nascida no bojo da efervescência da modernidade cultural na cidade, relacionada à expansão cafeeira, à maior circulação de capitais e ao consumo de mercadorias, a uma elite intelectualizada que cria um local de reunião e divulgação de saberes de distintas áreas do conhecimento. Sua fundação relaciona-se um determinado contexto histórico no qual surgiram, anteriormente, outras instituições na cidade, tais como o Colégio Culto à Ciência (1873) e a Estação Agrônômica (1887).

⁷⁰ HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. (org) **A invenção das tradições**. Tradução de Celina C. Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.20.

O Centro de Ciências, Letras e Artes teve atuação expressiva no cenário cultural local desde a sua criação. Tendo por base as referências a esta instituição, apreendidas na pesquisa junto ao arquivo do jornal **Correio Popular** relativas ao período de 1960 a 1965, pude perceber que ainda naquele momento, primeira metade dos anos 60 do século XX, o C.C.L.A. apresentava um papel relevante em termos de promoção de eventos culturais. Vejamos alguns deles, ocorridos no ano de 1960: curso de Taquigrafia (junho); Semana Mario de Andrade (palestra e exposição - junho); exibição de filme para crianças (junho); curso de Formação Cinematográfica organizado pelo Centro dos Cine-Clubes e colaboração da Cinemateca Brasileira (junho); curso de Arte Dramática (divulgado como sendo “o primeiro a ter lugar em nossa cidade” – em matéria de 03 de julho); apresentação do jovem pianista José Franco (julho); conferência sobre o tema “Fundamentos da Teoria econômica do Marxismo”, proferida pelo Prof. Stênio Pupo Nogueira (julho); curso de Literatura Infantil (agosto);conferência a cargo do Prof. Florestan Fernandes relacionada ao tema “Projeto de Diretrizes e Bases do Ensino” (agosto); ciclo de filmes científicos visando “(...) a aproximação do cinema ao ensino didático, não apenas como fator ilustrativo porém como parte integrante do mesmo” (em matéria de 13 de novembro, p. 2) ⁷¹.

Não tenho o objetivo de investigar a história do Centro e nem mesmo realizar uma análise de sua produção na primeira metade dos anos 60 do século XX. Para isso, seria fundamental ter acesso a outras fontes, como, por exemplo, número de inscritos e participantes nestas atividades, consulta à Revista publicada pela referida instituição, dentre outras. Temos por base a relação de eventos para o ano de 1960, divulgados pelo jornal e não a relação do próprio Centro. Contudo, podemos perceber uma certa diversificação da programação anunciada, assim como certo caráter vanguardista, inovador, em alguns destes eventos – caráter expresso, por exemplo, pelo presidente do Departamento de Cinema, na época, Luiz Piccoloto Júnior, ao objetivar aproximar o cinema da educação não meramente como “ilustração” mas como conteúdo educativo – questão que ainda hoje faz parte das discussões, por exemplo, do ensino de história...

Outra fonte de informação a que tive acesso foi o balanço das atividades do C.C.L.A., referentes aos anos de 1961 e 1962.

(...) 1.119 aulas técnico-didáticas; 80 exposições cinematográficas; 69 audições musicais; 67 aulas técnico-especializadas; 65 conferências diversas; 29 reuniões administrativas; 23

⁷¹ As informações foram colhidas em matérias do Jornal **Correio Popular**, nos respectivos meses, em 1960.

realizações do Cine-Clubinho Infantil; 19 exposições artístico-educativas; 7 palestras elucidativas; 7 reuniões-debates; 7 recitais lítero-musicais; 6 homenagens a personalidades ilustres; 5 realizações dramático-teatrais; 1 Simpósio de Habitação Popular; 1 Curso de Sociologia.⁷²

É interessante observar que, ao lado daquelas atividades que marcaram a vida do C.C.L.A. desde o princípio – recitais, exposições, homenagens a vultos –, nota-se a forte presença das atividades cinematográficas, inclusive destinadas ao público infantil. Podemos, de certa maneira, relacionar a presença marcante do cinema na programação deste centro cultural local ao contexto de implantação, desde décadas anteriores, da indústria cinematográfica brasileira. E no início dos anos 60, passávamos por um incremento, por uma fase de experimentações, pela introdução de temáticas e linguagens nacionais, articuladas ao “Cinema Novo”. Por outro lado, o C.C.L.A. estrutura-se dividido em Departamentos e, no caso, há que ser considerado em que medida a direção do Departamento de Cinema (ocupada também, na primeira metade dos anos 60, por Marino Ziggiatti) pode ter sido mais atuante do que outras.

Por sua vez, o I Simpósio de Habitação Popular⁷³ pode ser um indicativo de que a questão da moradia, do âmbito das políticas públicas, urgia ser tratada em época de transformações aceleradas no cenário local e nacional, embaladas pelo lema do desenvolvimentismo. A respeito deste Simpósio, posicionou-se o Diretor do Centro, Dr. Marino Ziggiatti, em matéria supra-citada: “(...) iniciativa de alto sentido social do ‘Centro’, teve repercussão para além de nossas fronteiras: o Centro Inter-Americano de Habitação Popular, entrou, a propósito, em intercâmbio com os resultados obtidos no certame”. Aponta-se para uma outra faceta importante de instituições educativas e culturais: o estabelecimento de relações – neste sentido, a **Revista do C.C.L.A.**, publicada regularmente no período de 1902 a 1959 e com números isolados (1972, 1976, 2003), foi uma maneira do Centro fazer permutas e dialogar com outras instituições culturais.

Se podemos afirmar que o C.C.L.A. teve um papel relevante no cenário cultural local desde o início do século XX, notabilizando-se por sediar inúmeros eventos, por suas publicações, por seu acervo (Museus Carlos Gomes e Campos Sales, Pinacoteca, Biblioteca César

⁷² “O Centro de Ciências, Letras e Artes, uma casa a serviço de Campinas”. Jornal **Correio Popular**, 09 de março de 1963, p. 6.

⁷³ Pela fonte consultada não foi possível saber a data exata da ocorrência de tal evento, mas podemos situá-lo entre os anos 1961-1962.

Bierrenbach), podemos afirmar, também, que ainda no início dos anos 60 tal instituição é uma referência importante em termos de produção e divulgação de cultura – cultura produzida em um ambiente de discussão intelectual historicamente marcado por tonalidades republicanas, liberais, positivistas, românticas, dentre outras e, também, por embates de tendências face ao movimento modernista, também nesta cidade, tal como nota-se, a seguir:

A década de 1950 assinala o ingresso no Centro de associados imbuídos de idéias de modernização, o que não tarda a refletir na própria Revista, que passa a ser dirigida pelo jornalista Francisco Isolino de Siqueira (...) mas seria o número 65, correspondente aos anos de 1958-1959, a marcar drástico rompimento com o perfil tradicional da Revista, através de ilustrações de Raul Porto e dos poemas de Alberto Amêndola Heinzl, artistas comprometidos com novíssimos ideais estéticos, circunstância que ocasionaria forte reação por parte dos sócios mais conservadores.⁷⁴

Outro exemplo a ser citado é o papel importante desempenhado pelo C.C.L.A. na divulgação do *Manifesto do Grupo de Vanguarda de Campinas* – movimento levado a cabo por um grupo de artistas plásticos locais desejosos de renovação (Borges e Mazzola, 2002).

Observei que, no período de 1960-1965, o C.C.L.A. é amplamente citado no “Correio”, no que tange à realização de eventos locais, reafirmando seu papel ainda de relevo, como espaço cultural. Há que ser ressaltado que havia algumas pessoas que transitavam pelas duas instituições (**Correio Popular e C.C.L.A.**), na época em questão. Por exemplo: o próprio José de Castro Mendes, o advogado e jornalista Francisco Isolino de Siqueira (que foi articulista e diretor de redação do “Correio”), o jornalista Bráulio Mendes Nogueira e Ernesto Alves Filho, que, por sua vez, foi orador oficial do Centro – o que sugere motivações, interesses, na divulgação dos eventos do C.C.L.A. nas páginas do jornal local.

Borges e Mazzola (2002, p. 49) elencam alguns fatores que podem explicar a perda do vigor e da representatividade, em termos de realização de atividades culturais locais, que marcaram o C.C.L.A, após a década de 1960 – os quais considero pertinentes,

(...) de um lado, as restrições impostas pelo regime militar às atividades culturais de um modo geral e, de outro lado, o próprio crescimento da cidade, cujo equipamento cultural se amplia para abranger a UNICAMP e seu Centro de Memória, a Orquestra Sinfônica, as Academias de Letras, os cursos de idiomas, as salas de cinema de arte e outras inúmeras

⁷⁴ BORGES, Luiz Carlos R., MAZZOLA, Gustavo Omar. **Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas: CCLA** – ano 101. Campinas: Komedi, 2002, p.41-2.

entidades e associações que vêm ocupar espaços onde o CCLA deixa de atuar com exclusividade.

Percebe-se, neste momento, um movimento duplo: por um lado, as restrições impostas às atividades culturais pela ditadura militar e, por outro, o início da ampliação dos campos de produção de conhecimento na cidade, notadamente com a criação da Unicamp (1966) e a expansão paulatina da Puccamp. Campos de produção de conhecimento e campos de disputa de poder que junto a outras instituições, tal como o C.C.L.A, têm um papel importante na configuração da memória oficial local.

Retomo, a seguir, as visões constituídas a respeito de José de Castro Mendes por parte de pessoas, ou melhor, de determinados representantes da intelectualidade local, atuantes principalmente na imprensa e que com ele conviveram.

Assim, há escritos sobre José de Castro Mendes pelos quais os autores buscam traduzir ou definir este personagem, considerando sua atuação profissional e sua projeção no universo social campineiro. Por exemplo, segundo o cronista local e ex-prefeito, Rafael Duarte,

(...) José de Castro Mendes possui um tríplice cabedal artístico, porquanto, além de pintor, é um ótimo crítico musical, sendo muito acatadas suas ponderações entre os profissionais e amadores da música. E, para completar a trilogia, aí temos as suas excelentes crônicas citadinas em que põe ele de manifesto a sua ciência e consciência no bordar umas belas páginas sobre o passado de Campinas, havendo-se com uma precisão e veracidade muito de serem apreciadas e aplaudidas. (...) ⁷⁵

Em registro do jornalista Francisco Isolino de Siqueira,

(...) Tríade e unidade, porque pintor, músico e escritor e, no entanto, um só artista em três pessoas (...)
Há um denominador comum, determinante e entrosado ao pintor, ao músico e ao literato; é a evocação – menos passadista que saudosista – que reage construindo sua maneira estética de compor.
Extravaza, o evocativo, dos quadros para o contraponto e daí para as crônicas, artigos e livros (...) o que os torna, ao claro, obra como que tripartida, todavia, em íntima simbiose (...) ⁷⁶

⁷⁵ DUARTE, Rafael. “Um tríplice artista”. Jornal **Correio Popular**, Campinas, 17 out. 1947. (Hemeroteca do C.M.U. – Col. João Falchi Trinca).

⁷⁶ SIQUEIRA, Francisco de. “Zéca, Uno e Trino”. Jornal **Correio Popular**, Campinas, 03 de out. 1948 (Hemeroteca do C.M.U.- Col. João Falchi Trinca).

Ao Zeca *trino* (o pintor, o crítico e o cronista) contrapõe-se o Zeca *trino e uno* (o pintor, o músico e o escritor: “um só artista em três pessoas”). Ou três artistas em uma única pessoa? Ou múltiplas identidades na constituição de um sujeito?

Há outros aspectos nestas caracterizações de nosso personagem que chamam a atenção: Rafael Duarte sugere a aceitação, por parte dos artistas, das críticas elaboradas por José de Castro Mendes e divulgadas pela imprensa – o que não pode ser tomado de modo consensual, uma vez que é um único ponto de vista que é aqui exposto. Ainda indica que a leitura que este fez da história campineira rege-se pela “precisão e veracidade” – condições para a escrita da história que Rafael Duarte, que também deixou páginas escritas sobre a história local, põe em relevo. Para Francisco de Siqueira, o traço que une esse “homem trino” é a “evocação – menos passadista que saudosista”: neste caso, é trazer à lembrança o passado campineiro, é ter saudades, sem necessariamente ser um cultor do passado. Com base na própria produção de José de Castro Mendes, perceberemos, ao longo desta pesquisa, como se apresenta a questão da rememoração para o autor.

Importa-me, neste momento, perceber a linguagem colocada em ação, nestes textos jornalísticos, como sendo práticas de classificação e que, uma vez divulgadas pela imprensa, ajudam a produzir uma determinada imagem deste sujeito – também ser social – bem como imagens relativas à cidade, à cultura, à história, à educação.

Temos um outro texto, fruto de uma entrevista realizada em 1964 com José de Castro Mendes, em que se retoma esta caracterização, assentada no tripé: “o crítico”, “o artista”, “o cronista”. Fala-nos Célia Farjallat Siqueira, colaboradora durante décadas, do “Correio”,

(...) Sensibilidade privilegiada, inspiração feliz, talento verdadeiro, modéstia e dedicação formam os traços básicos dêste artista que tanto admiramos.

O ‘CRÍTICO’

J. de Castro Mendes assina, há longos anos, neste jornal, uma coluna de crítica artística, que se caracteriza pela honestidade, competência e objetividade. Não sendo um apologista de toda a fantasia contemporânea é êste crítico, entretanto, um eterno curioso das artes de seu tempo, estando perfeitamente integrado em sua época.

Quando a reportagem lhe perguntou o que achava da arte moderna, obteve a mais sensata e arguta das respostas: Embora nem tudo o que se apresenta como arte moderna seja arte, disse, “há por certo, muitas produções apreciáveis de artistas verdadeiros. A arte moderna em seu conjunto é mais intelectual do que a arte clássica, e é preciso aceitá-la como fruto da época. Porque tôda época produz grandes idéias novas, fascinantes, comentadas por todos, e se quisermos estar dentro de nosso tempo, temos de usá-las também”.

Nos dois campos em que J. de Castro Mendes está mais intimamente ligado como crítico – música e artes plásticas, tem sido apreciável a sua influência sobre a opinião pública. Sua crítica honesta nunca foi destrutiva, como também nunca serviu para insensar mediocridades. Neste campo difícil e escorregadio, J. de Castro Mendes – o sizado e grande ‘Zek’, sabe manter-se com perfeita ombridade e equilíbrio. Sua fina sensibilidade sabe reconhecer a obra de arte. (...)

O ARTISTA

(...) No caso de nosso entrevistado, o talento para o desenho e para as artes plásticas em geral floresceu muito cedo, e aperfeiçoou-se pela aplicação constante (...) Aquarelista de reais méritos, ninguém o iguala entre nós neste campo (...) Ele fixou para as gerações vindouras os derradeiros aspectos das últimas grandes fazendas paulistas do Município (...) As aquarelas de hortaliças e flores, os trabalhos de arte aplicada, os desenhos de diferentes variedades de café, cereais e frutos (...)

O CRONISTA

À semelhança de Leopoldo Amaral, Rafael Duarte e outros que no passado fixaram os aspectos mais característicos da vida campineira, também J. de Castro Mendes, descendente de tronco ilustre, inclina-se para as pesquisas cronológicas. É um estudioso de nosso passado, um fino, arguto, cintilante, fidelíssimo observador de fatos e documentos, um cronista de nosso antigo modo de vida, um cultor comovido do passado. Autor de ‘Retratos da Velha Campinas’ (obra esgotada) e ‘Efemérides Campineiras’, tem já pronto um terceiro livro, ‘História da Arte em Campinas’, com revisão do Professor J. Alexandre Santos Ribeiro, e onde estuda as antigas bandas de música, os elencos, as orquestras, as sociedades literárias, os artistas que brilharam outrora no cenário campineiro, e cujos nomes estão quase esquecidos, como Raul de Castro, Maria Monteiro, e o próprio Santana Gomes, cujo talento de compositor é mal conhecido. A obra terá muitas ilustrações e gravuras antigas, sabido como J. de Castro Mendes é um dos maiores colecionadores de gravuras e fotografias de Campinas.

Neste esboço do mundo artístico de J. de Castro Mendes a reportagem não poderia omitir, por certo, o traço dominante de sua personalidade: o seu profundo amor à terra natal (...) ⁷⁷

Para a autora, prepondera a atitude ponderada de José de Castro Mendes como crítico, bem como a sua “influência na opinião pública” – neste caso, além dele, há que ser considerado o papel do próprio jornal ao qual se mantinha vinculado (“Correio”), no que se refere à formação da opinião pública. De acordo com o texto –elaborado a partir de uma entrevista – nota-se que ele, de certa forma, questiona o estatuto da arte moderna, embora reconhecendo-a como “fruto de sua época” – época em que José de Castro Mendes parece querer reconhecer-se como fazendo parte. Como artista, é tido como inigualável em Campinas, se consideradas as temáticas às quais se dedicou. Nos termos da historiografia, sugere continuidade entre seus estudos e os de outros

⁷⁷ FARJALLAT, C. Siqueira. “O mundo artístico de José de Castro Mendes”. Jornal **Correio Popular**, Campinas, 29 mar. 1964. (Hemeroteca do C.M.U. - Col. João Falchi Trinca). Em conversa com o Prof. José Alexandre dos Santos Ribeiro, nas dependências dos C.C.L.A., em dezembro de 2005, o mesmo me afirmou desconhecer o fato de que José de Castro Mendes preparava um livro sobre a história das artes em Campinas quando do seu falecimento.

cronistas do passado campineiro, além de ressaltar sua descendência “ilustre”, sua fidelidade aos fatos e documentos e seu culto ao passado local.

Em suma, podemos captar, neste e nos outros textos antes comentados, não somente determinadas visões sobre José de Castro Mendes, mas, também, determinadas concepções de individualidade e de história, por parte destes próprios autores.

Para além de tentativas de classificação e nomeação, que muitas vezes buscam traçar perfis pessoais nos quais a coerência e a estabilidade alicerçam determinadas construções de identidade, devo ressaltar que concebo o indivíduo como ser incompleto, múltiplo, contraditório.⁷⁸ Em alguns dos relatos sobre José de Castro Mendes pode-se notar alusões a um homem contraditório (amável, sisudo...), de homem múltiplo (“uno e trino”). Minha preocupação reside em não me enredar em qualquer definição que possa reduzi-lo a uma fixa e determinada identidade – afinal, penso na existência de José de Castro Mendes como singularidade, com sua imaginação e sensibilidade, suas contradições e idiossincrasias, sua solidão, sua exposição pública; um indivíduo que adquiriu proeminência na sociedade local – um ser social, na relação com o(s) outro(s) seres e com o(s) outro (s) de si mesmo. E meu olhar sobre ele, tecido ao longo desta pesquisa, é apenas uma de outras construções possíveis.⁷⁹

Consegui captar um pouco da voz do próprio José de Castro Mendes – voz reelaborada em texto jornalístico por meio do qual ele nos fala sobre aspectos diversos de sua vida. Que sua voz ressoe, então!

Instantâneos: uma viagem ao redor de mim mesmo

- colhidos para “Artes de Letras”
- responde: José de Castro Mendes

Nasceu há muitos anos na velha rua do Regente Feijó, antigo 172.

Faz questão de ser desenhista, e o seu primeiro desenho foi uma reprodução das ruínas de Ypres, causadas pela guerra de 1914.

Não sabe a respeito de política.

⁷⁸ Sobre esta questão, Michel Foucault trabalha com a perspectiva da “individação” (modelização dos sujeitos na modernidade capitalista). Cf FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução, organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado, 13ª ed, Rio de Janeiro: Graal, 1998.

⁷⁹ O artigo, a seguir referenciado, trouxe contribuições importantes para a construção deste olhar sobre José de Castro Mendes: SCHIMIDT, Benito Bisso. “Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura”. In RAGO, Margareth, GIMENES, Renato A. de Oliveira (Orgs.). **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas: Ed.UNICAMP, IFCH.(Idéias).

Desenhar, e ouvir um bom concerto de piano, são as suas distrações prediletas.

Os compositores de sua predileção: Beethoven, que é inigualável, e Chopin, o grande romântico do teclado.

Entre os escritores estrangeiros e nacionais destaca – Eça de Queiroz e Coelho Neto... dos poetas o italiano Stechetti.

Sobre a arte em Campinas, diz que vai se desenvolvendo vagarosamente, sem o entusiasmo do passado.

Afirma que a religião é necessária, principalmente nas horas mais tristes da vida.

Ainda não teve a rara oportunidade de selecionar, entre tantas emoções, qual teria sido a maior.

Não acredita na existência de assombrações...

Gostou do cinema antigo, e atualmente aprecia o cinema italiano.

Pensa em fazer uma viagem bem longa – ‘Vedere Napoli, e poi morir’.

A respeito da pintura moderna não dá opiniões, visto que ainda não conseguiu entendê-la.

Como crítico acha que o trabalho de crítica, só tem o seu valor quando imparcial e baseado no profundo conhecimento de causa.

Se tivesse que começar a vida novamente desejaria ser desenhista.

Observa que o acontecimento de maior repercussão, verificado em Campinas, no seu tempo, foi o da volta dos nossos ‘pracinhas’.

É diplomado pela mais severa das escolas – a escola da vida.

Já recebeu uma carta anônima, que guardou religiosamente, porque era uma apaixonada declaração de amor.

Já cometeu uma imperdoável ‘rata’. Criticou severamente um quadro, dirigindo a verrina das suas considerações diretamente ao autor que não era seu conhecido.

Trocando tintas para viver, afirma que não tem a côr predileta.

Não tendo conhecido outros regimes políticos acredita que vive muito bem no ambiente democrático.

Entre o povo e a arte, considera que o povo deve procurar compreender a alcançar o nível da arte mais elevada, no sentido de educar-se progredindo culturalmente.

Não bebe, não joga e não fuma; dorme cedo quando pode, e levanta cedo sem querer. Como tem ótimo apetite come carne ou legumes com a mesma disposição.

Possui um álbum de aquarela sobre fazendas antigas do município de Campinas, publicado em edição oficial pelo Departamento Estadual de Informações. Já concluiu uma outra obra de maior envergadura ‘Retratos da Velha Campinas’ e que será publicada brevemente.

Sente-se bastante forte sem jamais ter praticado o mais rudimentar exercício de ginástica sueca.

Nunca assistiu a uma partida de futebol. Conhece apenas o Guarani e a Ponte Preta de ouvido.

Deseja morrer quando não puder mais trabalhar.

Não tem medo da morte, pois acredita que fechará os olhos com a consciência tranqüila.⁸⁰

2.3 “Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos”

Este é o sugestivo título da série produzida por José de Castro Mendes, publicada no jornal campineiro **Correio Popular**, a partir de janeiro de 1960, e que assim é apresentada ao leitor,

“Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos

Duas épocas em dois quadros: casario baixo de telhados enegrecidos e brancos, arranha-céus a alterar-se cada vez mais em direção ao firmamento; provincianismo e a marcha para a metrópole; ruas desertas de ontem e movimentadas de hoje; as taipas substituídas pelo ferro e cimento; o arvoredo verde, tão comum nos quintais das casas, desapareceram do centro, absorvidos pela marcha febricitante do progresso que torna a cidade majestosa e pujante. Ontem era a quietude das ruas hoje tocadas pela trepidante atividade dos filhos da terra campineira. *Ilustrando esse progresso estonteante e cheio de dinamismo que invade Campinas, José de Castro Mendes, historiador e conhecedor das coisas que falam de perto da nossa terra, estará estampando fotografias de Campinas de ontem e de hoje traçando comparações de sua magnífica grandiosidade.* Na foto superior, vista do alto da Catedral, em 1910, vendo-se entre o casario baixo, de telhados enegrecidos e seu beiral, a rua 13 de maio, com aspecto provinciano, quase deserta, às duas horas da tarde. À esquerda, o velho Teatro São Carlos, o primeiro que existiu

⁸⁰ “José de Castro Mendes”. Instantâneos: uma viagem ao redor de mim mesmo (s.n.t.). (Hemeroteca do C.M.U. - Col. João Falchi Trinca). Apesar de não constar a data de tal matéria jornalística, podemos deduzir, com base em próprio trecho da entrevista, que esta se refere ao interstício 1947-1951 (1947: data de publicação de **Lavouras Cafeeiras** e 1951: data de publicação de **Retratos da Velha Campinas**).

nesta cidade, inaugurado em 1850 e demolido em 1922 para a construção do Municipal. À direita, no primeiro plano, o grande sobrado de taipa erigido nos princípios do século XIX e famoso na velha Campinas onde se tornou conhecido como a “ Casa Fatal”, em razão da série de crimes e episódios sangrentos verificados. Hoje, tudo desapareceu. Na foto atual, vemos a cúpula nova da Catedral, antes apenas um zimbório, parte do Teatro Municipal e a rua Treze de Maio, via tradicionalmente comercial, ostentando grande movimento. Isto é Campinas de 60”.⁸¹

Vejamos as imagens fotográficas às quais este texto faz referência, a seguir.

⁸¹ Jornal **Correio Popular**, 21 de Janeiro de 1960, p. 10 (grifo meu). Não há créditos referentes à autoria destas imagens fotográficas. Por meio do levantamento realizado junto ao Museu da Imagem e do Som (M.I.S.), de Campinas, sabemos que a imagem referente a 1910 faz parte do seu acervo (coleção Maria Luiza S. Pinto de Moura) e, provavelmente, era da coleção do próprio José de Castro Mendes quando da feitura da série jornalística. Por sua vez, a foto de Campinas, em 1960, possivelmente tirada por um fotógrafo do próprio jornal, não foi encontrada no arquivo do “Correio Popular”.

Visão em dois tempos

Campinas de Ontem e de Hoje



Vista do alto da Catedral MIS-ML 6520



Como cheguei até esta série?

Ainda na época da elaboração do projeto de pesquisa, procurava conhecer um pouco mais da produção de José de Castro Mendes. Foi na biblioteca do C.C.L.A que tomei contato com alguns de seus escritos, fotocopiados de jornais e do acervo de Maria Luiza S. Pinto de Moura, bibliotecária da Instituição.⁸² Ela os denominava “crônicas” e destas reproduzo, a seguir, alguns trechos.

Inaugurada a Estrada de Ferro da Cia. Paulista, a 11 de agosto de 1872, iniciou-se para Campinas uma fase auspiciosa para suas atividades culturais e artísticas, propiciando a vinda de importantes conjuntos que passaram a se apresentar no teatro São Carlos e, posteriormente, no Rink, pavilhão esportivo, pouco tempo depois de sua abertura adaptado para as atividades da ribalta (...)

No mês de dezembro, a partir da véspera de Natal, começavam as visitas públicas aos presépios armados pela cidade (...) Lá na rua Regente Feijó, estava o presépio de Aninha de Frias, onde tudo se movimentava, como obedecendo aos comandos de um gênio miraculoso. E quantos contrastes, quantos absurdos passavam despercebidos aos grandes e pequenos visitantes, nivelados pela mesma e contagiosa fascinação (...) mas o carro da vida foi rodando, rodando a deixar para traz muita coisa bonita e os velhos presépios também (...)

A movimentação cultural relacionada à chegada da ferrovia e da modernidade... A tradição dos presépios natalinos, movidos mecanicamente, que vai se perdendo na marcha do tempo... Que Campinas era esta que os escritos de José de Castro Mendes me faziam entrar em contato? Em que fontes o autor se baseava para fazer estes textos? Que ligações poderiam ser possíveis de serem estabelecidas entre este autor e outros cronistas da história campineira? Qual era a periodicidade em termos da publicação destes escritos pelo jornal local? Afinal, o que mais eu poderia buscar descobrir em relação a José de Castro Mendes?

Pareceu-me instigante a proposta de localizar outros escritos do mesmo gênero, por meio da pesquisa junto ao arquivo do jornal “Correio Popular”, na tentativa de captar as concepções

⁸² Retratos da Velha Campinas: Sucessos Teatrais. **Correio Popular**. Campinas, 18 de março de 1962; Presépios. **Correio Popular**. Campinas, 23 de dezembro de 1967.

de história do autor e como elas se relacionavam à sua produção literária. Do mesmo modo, considerei importante estar atenta às imbricações entre memória e história nestas elaborações.

Decidi iniciar o levantamento a partir de janeiro de 1960 e logo me deparei com uma notícia que colocava em relevo a polêmica relativa à remoção do monumento a Campos Sales, do largo do Rosário, onde havia sido instalado originalmente (em 1934), para outro local da região central: a Rua Campos Sales. O autor da escultura, Yolando Mallozzi, movia uma ação ordinária de reparação e violação de direitos autorais contra a Prefeitura Municipal de Campinas, uma vez que a remoção acabou por alterar a composição original do monumento: os blocos de granito que formavam a sua base haviam sido eliminados. E mais: José de Castro Mendes, “cronista e historiador apaixonado pelas coisas de sua terra” é uma das vozes ouvidas pelo jornal a respeito do assunto. Para ele,

Uma obra de arte traz sempre a responsabilidade do nome artístico que a executou e qualquer alteração que nela se faça, poderá ser prejudicial ao renome e à capacidade do seu autor. As pedras que compõem o monumento de Campos Sales, evidentemente não foram colocadas ali a esmo. Tôdas obedecem a um impulso criador, completando o conjunto arquitetônico que se aliam a parte ilustrativa formada pelos grupos alegóricos e a figura do homenageado. Trabalho dispendioso como foi a remoção do monumento, efetivada apesar dos protestos que se levantaram na ocasião, talvez seja tarde demais para que se repare o estrago.⁸³

Percebo nessa manifestação embates que envolvem a memória da cidade e os indícios de transformações da paisagem urbana; ouço na voz deste “cronista e historiador” um tom de defesa da obra de arte e do artista e um eco de ceticismo em relação a uma possível solução favorável aos mesmos; instiga-me o fato de José de Castro Mendes aparecer como uma voz importante neste debate, ao qual o “Correio” conferiu destaque – ou seria também ele uma espécie de porta-voz do jornal para o qual colaborava há anos?

Continuo em minha investigação e aí, sim, encontro a série apresentada inicialmente, “Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos”. O formato da mesma, baseado em contrastes de imagens fotográficas sobre um mesmo local da cidade, em tempos históricos diferentes, me pareceu muito sugestivo. Começo a elocubrar e a pensar em relações possíveis de serem estabelecidas, tais quais: a iconografia e o imaginário dos leitores do jornal; as

⁸³ “Justiça de Campinas vai decidir sobre a recomposição do Monumento de Campos Sales”. Jornal **Correio Popular**. Campinas, 17 de janeiro de 1960.

permanências e mudanças intrínsecas ao processo histórico; a produção de uma dada educação política dos sentidos ⁸⁴, que se colocava em ação por meio desta publicação. Pergunto-me: o que leva José de Castro Mendes a elaborar esta série? Que cidade é esta sobre a qual ele se debruça? Em que medida o diálogo com estas fontes jornalísticas pode me trazer elementos para me acercar de José de Castro Mendes na relação com esta cidade?

Assim foi se configurando este objeto de pesquisa. À medida que avançava na investigação, dei-me conta da periodicidade relativa à série em questão: esta foi publicada durante todo o ano de 1960, em três ou nas quatro semanas de cada mês – salvo algumas poucas exceções – e aos domingos. Continuou a constar no jornal dos primeiros meses de 1961 e, após interrupção, volta a ser publicada esporadicamente, em 1965. ⁸⁵

Após o início da pesquisa no arquivo, necessitava estabelecer um recorte temporal que delimitasse minhas buscas: 1960-1965 foi o marco referencial escolhido e tal delimitação não aconteceu fortuitamente. Sabia, sim, que no ano de 1965 ocorrera a demolição do Teatro Municipal Carlos Gomes, fato também polemizado no seio da sociedade local – polêmica, inclusive, reatualizada até hoje. ⁸⁶ Como a investigação não avançou para além desta última data, não tenho elementos para afirmar se esta série continuou ou não a ser publicada – o que podemos afirmar é que no período de 06/06/1968 a 03/04/1969 foi publicada, no mesmo jornal e de autoria de José de Castro Mendes, a série avulsa denominada **História de Campinas**, composta de vinte números e que se tornou bem conhecida e, a partir de então, uma outra fonte de consulta sobre a história campineira.

Em síntese, o que comentei até aqui diz respeito à construção do objeto de pesquisa, no sentido das escolhas que fui fazendo em relação a qual parcela da vasta produção de José de Castro Mendes gostaria de me deter, e a partir de quais problemáticas pretendo enfocar estas

⁸⁴ Refiro-me, aqui, ao conceito proposto pelo historiador Peter Gay, no sentido das práticas político-culturais relacionais, nas quais as noções de sujeito, cultura e educação não se restringem às dimensões racionais, mas, também, incorporam as dimensões sensíveis. Cf GAY, Peter. GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: educação dos sentidos**. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

⁸⁵ Ver anexo sobre a publicação da série referente aos anos de 1960, 1961 e 1965.

⁸⁶ Uma obra na qual se procura ouvir diversas vozes a respeito do assunto é: FARDIN, Sonia Aparecida (org). **Fragments de uma demolição: História Oral do Teatro Municipal Carlos Gomes**. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas - Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo e Museu da Imagem e do Som de Campinas. Átomo, 2000.

fontes preciosas. Nesse sentido, pretendo analisar 09 das 43 “crônicas” que compõem a série “Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos”, do período de 1960-1965.

E quais critérios utilizar para a delimitação deste novo recorte do objeto? O primeiro critério de seleção passa por uma dificuldade encontrada, uma vez que as fontes que tenho em mãos se constituem de fotocópias dos jornais microfilmados e pesquisados junto ao arquivo do “Correio”. A qualidade de reprodução das fotografias deixa muito a desejar e, em muitos casos, impede sua utilização neste trabalho analítico. Reafirmo que José de Castro Mendes trabalhou na série com um contraste de fotografias de um mesmo lugar, em épocas diferentes. As imagens fotográficas que retratavam Campinas “Ontem” foram localizadas, em sua grande maioria, no acervo do Museu da Imagem e do Som (M.I.S.) de Campinas, encontrando-se digitalizadas – o que propicia o desenvolvimento da pesquisa. Por sua vez, as imagens de “Hoje”, não foram preservadas: de quarenta e três, somente localizei uma no arquivo do jornal. Considerada esta questão, procedi a uma seleção, levando em conta a melhor qualidade visual das fontes iconográficas fotocopiadas.

Percebe-se, conforme quadro em anexo, que os lugares escolhidos pelo autor da série remetem, notadamente, à região central, e um ou outro lugar foi foco da publicação por mais de uma vez – como o largo do Rosário e a Rua Barão de Jaguará, por exemplo. Então, outro critério foi escolher algumas imagens fotográficas referentes a lugares que podem ser considerados como referências oficiais da memória local.

Acho importante, também, apresentar ao leitor os diferentes caminhos narrativos pelos quais José de Castro Mendes tecia seus comentários acerca de “Campinas de Ontem e de Hoje”: em que medida ele contrasta as épocas em seu breve comentário? Em que medida ele remete exclusivamente ao passado? Procurei, em minha seleção, considerar esta questão também.

Assim feito, devo registrar que o trabalho com a fonte jornalística, visto por mim, é extremamente rico no sentido das relações outras que podemos apreender. Neste sentido, procuro captar, nas páginas do jornal **Correio Popular**, outros indícios que me abram frestas para novas indagações sobre esta Campinas *moderna* da primeira metade dos anos 60 do século XX, bem como elementos outros de compreensão mais ampla de contextos (local, nacional...) – sem desconsiderar o papel do próprio “Correio” como formador de opinião na sociedade local.

Foi uma grata surpresa perceber que meu tema de pesquisa suscitava um interesse no funcionário do arquivo, Antonio João Boscolo, campineiro, nascido em 1940 e há quarenta e oito anos trabalhando no jornal, e que, gentilmente, me atendeu durante todo o trabalho que realizei nas dependências do “Correio”. Convido-o, a partir de agora, para ser também meu interlocutor nesta escritura:

(...) Agora: hoje mudou muito, né? Fátima. Hoje “tá” tudo mudado (...) Pois Campinas mudou muito! Você vê: eu, vendo o meu tempo de criança, eu tenho saudades do meu tempo de criança! Então, tem lugares que a gente conhecia... É diferente hoje! A gente ia no chafariz ver os cavalos beberem água, aquela água limpinha, ninguém jogava nada... Ali, na porta da estação, aquelas carroças que faziam transporte de pequenos volumes, caixas que vinham da Campanhia Mogiana, da Companhia Paulista... Quando a gente ia na estação, a gente ia lá comprar o bilhete pra (...) ver o trem passar. Uma diversão! Então, eu me lembro do tempo de criança, às vezes a gente ia na Padaria do Sol... Eu morava ali perto; era a molecada, a meninada... A mãe de alguém dizia: “vai ali, na Padaria do Sol, comprar um pão”. Então, iam cinco crianças pra comprar um pão! (risos) Mas o quê que nós fazíamos? A nossa maior alegria era, antes de comprar o pão, nós íamos ali no viaduto (depois de 1963, Viaduto Cury). Ali tinha uma escada, você subia e saía lá em cima (...) Nossa maior alegria era: “Ó, o trem ‘tá’ parado lá! Ele vai sair já...” Daí, agente ficava ali, em pé, na grade. Daí o maquinista passava e a gente: “Eh!!!”. E ele: “Mooooou... moooou...” E abanava a mão pra gente... Puxa!⁸⁷

Esta narrativa da rememoração coloca em relevo sua cidade natal, Campinas, vivida e percebida em suas transformações, numa dada leitura do passado que também confere sentidos ao momento presente. Presente como tempo de recordar, na pura acepção da palavra: trazer de volta ao coração. A memória afetiva, saudosa, que se revela por meio dos lugares: a memória topográfica. E como isso veio à tona? Quando o interroguei sobre José de Castro Mendes: “O senhor acha que ele deixou uma contribuição para Campinas?” Ouço sua resposta:

Ah, deixou! Ele deixou uma grande contribuição para a cultura... Você vê: você mesmo, uma professora, está fazendo um trabalho em cima do que ele escreveu, né? No meu modo de ver, é uma contribuição cultural pra cidade, pra nós! Cada um vê de um ângulo... Tem gente: “Ah, bobeira...” Isso aí não é bobagem, isso aí é um documento histórico de Campinas, né? Pois Campinas mudou muito! (...)

E prossigo em minhas indagações: “(...) o senhor se lembra da época em que se fazia aquela coluna que eu estou estudando, da ‘Campinas, Ontem e Hoje’ (...)?”.

(...) É, aquilo saía no domingo. Então, por exemplo, o chefe da oficina sempre pedia para o pessoal o material na quinta-feira. Por que na sexta-feira, o que acontecia? Toda sexta-feira a oficina inteira ia fazer hora extra para adiantar o serviço pra domingo. Nós tínhamos poucas máquinas, poucas linotipos (...) A gente, na sexta-feira adiantava, fazia o fechamento de várias páginas, aquelas páginas que não mudam. Então, numa dessas páginas estava a coluna do José de Castro Mendes: “Campinas de Ontem e de Hoje”. Então, toda quinta-feira ele já trazia os originais e falava para o senhor João (João Galerani, chefe da oficina): “Senhor João, pelo amor de Deus, essa foto aqui o senhor me devolve porque ela é pessoal, é minha, do meu arquivo”. Porque naquela época não era como hoje. Hoje o jornal tem o acervo, naquela época não tinha acervo... (...) Eram dele as fotos, então ele trazia, claro, prá ilustrar a coluna dele, prá deixar a coluna mais bonita... para o pessoal saber como é que era ... teve gente que não conhecia... então, prá saber como é que era Campinas de ontem e de hoje...

Para falar da convivência com José de Castro Mendes, o senhor Antonio empreende uma viagem na qual o tempo se renova e ganha forma na liberdade do narrador:

Uma pessoa dada, uma pessoa do meio. Ele ía na oficina, depois ele ia buscar o jornal... A gente sempre guardava o jornalzinho prá ele. O jornal de domingo... Porque naquela época o jornal de domingo... a gente não trabalhava... Então, na segunda-feira a gente sempre guardava o jornal...

_ “O Zeca vem aí, vamos guardar um jornal prá ele” .

_ “Oi, tem um jornalzinho prá mim aí ?”

_ “Tá aqui, ó... a gente guardou...”

_ “Oh, muito obrigado, hein, meu amigo... Saiu boa?”

_ “Saiu, saiu boa!”

_ “E as fotos?”

(risos)

_ “As fotos estão com o Sr. João, guardadas no armário dele”. (...)

É, lógico, ele ia buscar as fotos... Daí, às vezes ele vinha trazer as Efemérides, daí já passava e:

_ “Ô, sr. João, e aí? E as minhas fotos?”

87 Entrevista realizada com Antonio João Boscolo, no Arquivo do jornal **Correio Popular**, Campinas, 1º de junho de 2006. Veja a entrevista, na íntegra, nos anexos. Sobre História oral: cf SIMSON (1997) e QUEIROZ (1991).

_ “Tá aqui, ó...”. “Ah, eu rasguei, joguei fora as tuas fotos!”
_ “Ô, pelo amor de Deus...”
_ “Ah, eu rasguei... mas era prá guardar?”
Meu chefe era um homem brincalhão... (risos)
_ “Ah, eu joguei aquela porcaria... eu vou guardar papel velho?”
E aí, né?

O diálogo suscita a rememoração e sabemos ser esta acionada, também, pela força da imagem fotográfica. Para Kossoy,

Os homens colecionam esses inúmeros pedaços congelados do passado em formas de imagens para que possamos recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias de vida. Apreciando essas imagens, “descongelam” momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida. Acrescentando, omitindo ou alterando fatos e circunstâncias que advêm de cada foto, o retratado ou retratista têm sempre, na imagem única ou no conjunto das imagens colecionadas, o “start” da lembrança, da recordação, ponto de partida, enfim, da narrativa dos fatos e emoções.⁸⁸

É pelo viés da *fotografia como detonadora da memória* que abordarei os registros da série “Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos”, de Zeca Mendes. Antes, vale a pena lembrar que ele foi um colecionador de registros iconográficos sobre a cidade, notadamente de fotografias, e reuniu muitos deles no livro **Retratos da velha Campinas**, publicado em 1951. O que o movia nesta empreita? Ele próprio afirma, em nota introdutória ao mesmo, que,

Tomada de extraordinário impulso e notável crescimento nestes últimos anos, era natural que seus aspectos tradicionais de cidade antiga fôssem desaparecendo rapidamente, postos abaixo pelas imposições dos modernos traçados urbanos. Nasceu daí o desejo de reunir num livro, embora modesto, tudo o que fôsse possível documentar pela imagem, com referência à grandeza dêsse passado belo, rico e glorioso, formando a história visual que nos mostrará seu desenvolvimento, progresso e vários aspectos interessantes, registrados até os começos dêste século. Pouca coisa, entretanto, ainda resta de pé, inatingida pela onda revolvente das atuais modificações, e foi para esse remanescente preciosíssimo que volvemos as nossas vistas, fixando-lhe o perfil e as linhas vivas de sua época. O que não

⁸⁸ KOSSOY, Boris. “Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia”. In SAMAIN, Etienne. **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998, p.41

mais existe, demolido ou modificado pelas reformas, incluímos neste acervo histórico reproduzido de alguns desenhos e fotografias raras, material valiosíssimo, dificilmente encontrado aqui e ali, guardado sempre, carinhosamente, pelos bairristas apaixonados e zelosos de tudo quanto diz respeito à sua terra natal. Campinas, 1950.⁸⁹

Em época de expansão da economia de base industrial e da urbanização, assim como da implantação do plano de melhoramentos urbanos⁹⁰, as mudanças nas feições da cidade não passam despercebidas a José de Castro Mendes, impelindo-o a coletar, a documentar, a resguardar do esquecimento os vestígios de um passado, em sua visão, “belo, rico e grandioso”, tal como convém a um “bairrista apaixonado e zeloso da terra natal”.

Esse repertório iconográfico valioso, esta “história visual” passou, então, a ser divulgado por meio do referido livro e das inúmeras outras reproduções a serem publicadas na imprensa, em matérias por ele assinadas, como foi possível observar em relação ao período referente a 1960-1965.⁹¹ E, hoje, o conjunto de fotografias, conforme já afirmei anteriormente, passou a compor parte do acervo do Museu da Imagem e do Som (M.I.S.), de Campinas, contribuindo na reatualização das memórias locais.

Vamos nos aproximar desta “história visual”, atentando para o papel desempenhado por José de Castro Mendes na sua construção e na continuidade da trajetória de escrita iconográfica sobre Campinas, iniciado por pioneiros, tais como Hércules Florence e H. Lewis,⁹² ainda no século XIX. Uma história visual que foi sendo tecida conjuntamente à criação das páginas da história campineira, publicadas notadamente por memorialistas, historiadores acadêmicos e não acadêmicos, aos quais também se juntou o personagem aqui focado. Uma história visual cuja dimensão educacional, com certeza, tem uma projeção e uma força emblemática a serem

⁸⁹ MENDES, José de Castro. **Retratos da velha Campinas**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1951.

⁹⁰ O referido plano será comentado posteriormente neste texto.

⁹¹ Entre 1960 e 1965, José de Castro Mendes publicou outras colunas no **Correio Popular**, além da que é foco de minha análise. São elas: “Efemérides Campineiras”, “Retratos da Velha Campinas”, “Velhos Teatros e Cinemas de Campinas”.

⁹² Estrangeiros radicados em Campinas que nos legaram representações iconográficas valiosíssimas sobre o passado campineiro, tais como desenhos elaborados no século XIX. Dentre eles, destaco o que diz respeito à construção da Matriz Nova (H. Florence, 1830), assim como os referentes à celebração da primeira missa em Campinas e à primeira cadeia local (H. Lewis, 1863). Ao analisar as imagens digitalizadas das aquarelas produzidas por José de Castro Mendes sobre Campinas antiga (originais pertencentes ao Museu da Cidade e imagens digitalizadas do acervo do M.I.S.-Campinas), observei que ele se inspirou, também, em tais desenhos.

ênfatizadas, justamente porque inseridas numa sociedade que prioriza cada vez mais a dimensão visual, iconográfica, também nessa localidade.

1: MERCADO DAS HORTALIÇAS - 02 de fevereiro de 1960, p. 10.

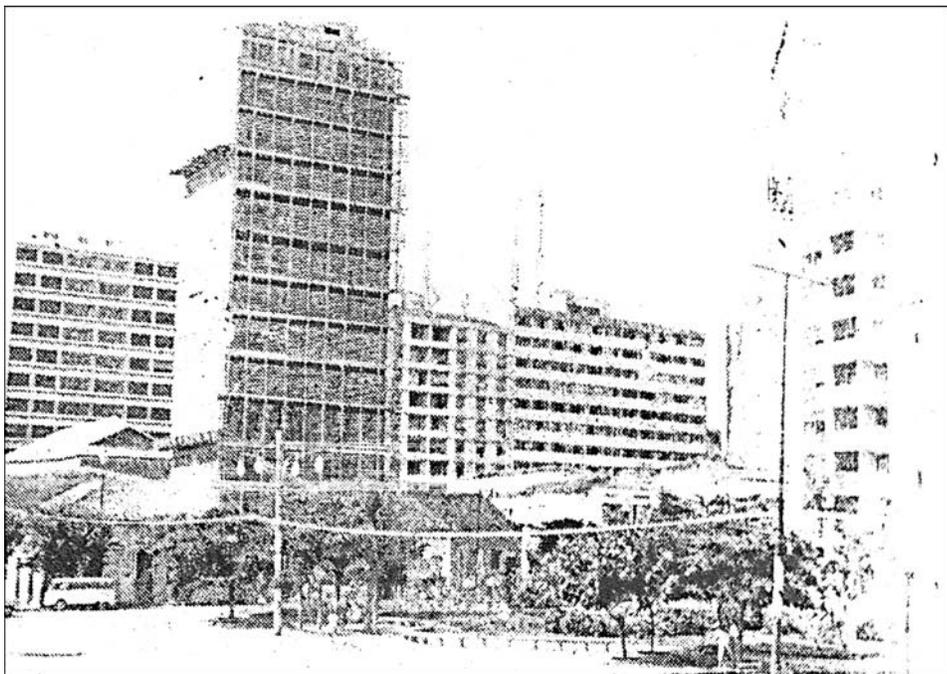
“Campinas prossegue na sua marcha cadenciada de progresso. A cidade de hoje é estuante de vida, a de atividade intensa, cidade que luta pela expansão de seus limites e que ostenta, em todos os setores de trabalho, a energia e a vitalidade do campineiro que, ao desfiar do tempo, vai modificando a paisagem de Campinas. Hoje focalizamos a vista tirada dos terrenos da Santa Casa, em 1900, vendo-se ao centro o Mercado de Hortaliças, construído em 1855, em substituição ao pequeno mercado que existia na Praça Antônio Pompeu. À esquerda, uma série de casas geminadas, fazendo esquina com a antiga rua da Cadeia, hoje avenida dr. Thomaz Alves. À direita, velhas casas de taipa e beiral já demolidas para o alargamento da rua Benjamin Constant. Ao fundo, a tórre da Matriz Nova (Catedral) dominando o panorama de Campinas no início do século XX”.

Visão em dois tempos

Campinas de Ontem e de Hoje



Mercado das Hortaliças MIS-BMC 477



A idéia marcante, aqui, é a do contraste. De um lado, a cidade antiga e de feições ainda coloniais, com suas casas de taipa dispostas nas ruas originárias do núcleo central, tal como a rua onde foi erguido o prédio da Câmara, com a respectiva Cadeia, no térreo: um marco da elevação da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso à Vila de São Carlos (1797), e em cujo local, posteriormente, foi inaugurado o monumento-túmulo de Carlos Gomes (1905). O Mercado das Hortaliças abasteceu, durante anos, a então considerada *cidade* de Campinas (1842), cuja população crescia aliada à expansão da economia cafeeira. Os primeiros contornos do que seria o avanço da modernidade capitalista, nestas plagas, se davam com base, fundamentalmente, no trabalho escravo.⁹³ Dentre as várias instituições surgidas na cidade, a partir da segunda metade do século XIX, figura-se a Santa Casa como local de assistência à pobreza enferma e de repositório de doações financeiras de famílias enriquecidas⁹⁴, ou seja, de representação material das contradições inerentes ao sistema sócio-econômico e político em vigor, caracterizado pela desigualdade social. A visão panorâmica de parte da área central é tomada da altura dos terrenos da Santa Casa, nas proximidades de onde, na década de 1960, ergueu-se um edifício-símbolo do poder e de outra onda de modernidade local: a Prefeitura Municipal. É das imediações deste último edifício que foi captada a imagem da cidade dos arranha-céus, “em sua marcha cadenciada de progresso”, a instigar José de Castro Mendes. Que ritmos dessa marcha progressista poderemos apreender a partir dessas representações jornalísticas?

2: TEATRO - 17 de fevereiro de 1960, p. 8.

“Aspecto do antigo Teatro São Carlos, apanhado em 1922, poucos meses antes da sua demolição, vendo-se parte do jardim fronteiro construído em 1911. Inaugurado em 1850, o São Carlos funcionou por mais de 70 anos acolhendo importantes companhias dos mais variados gêneros que aqui aportavam, levando a efeito longas temporadas que marcaram sucesso na vida campineira. Artistas famosos pisaram a ribalta do tradicional teatro campineiro, destacando-se entre eles a célebre trágica francesa Sarah Bernhardt, que ali representou a sua famosa criação ‘A Dama das Camélias’, espetáculo esse que ficou marcado com letras de ouro nos anais artísticos da cidade. Na fotografia de hoje verificamos que até o largo se transformou. Antes era um jardim com aspecto bucólico. Hoje, um largo amplo, onde elevado número de veículos

⁹³ “Entre os anos de 1836 e 1854, enquanto a população da Província como um todo cresceu a uma taxa de 2,1% a.a., a de Campinas chegou a registrar 4,3% a.a.. Nesse período, a taxa de crescimento da população escrava no município foi equivalente à taxa de crescimento da população total (4,2% a.a.) (...) a população escrava, em 1854, ainda representava 57,7% do total populacional de Campinas (...)” In BAENINGER, Rosana. **Espaço e tempo em Campinas**: migrantes e a expansão do pólo industrial paulista. Campinas: Área de Publicações do CMU/UNICAMP, 1996, p. 23 (Campiniana, n.5)

⁹⁴ AMARAL, Leopoldo. **Campinas**: Recordações. 2ª milheiro. São Paulo: Secção de obras d’O Estado de S. Paulo, 1927, p.139-145.

estacionam ali. Aí estão duas épocas de Campinas no setor da arte. Teatro São Carlos e Teatro Municipal”.

Visão em dois tempos

Campinas de Ontem e de Hoje



Teatro São Carlos MIS-ML 6131



Símbolo da modernidade que constrói e destrói, na vertigem das mudanças que fazem do novo o “sempre-igual” e contribui no apagamento dos rastros temos, em Campinas, o Teatro e a sua história. História-emblema da cidade que adquiria projeção, na segunda metade do século XIX, como “capital agrícola da Província”, e que contava com uma camada da população desejosa de um espaço para a fruição dos espetáculos artísticos e das novidades que cruzavam mares e aqui aportavam, tais como o cinematógrafo e as companhias teatrais. José de Castro Mendes “bebe” na fonte de um cronista local, Leopoldo Amaral, em cujas páginas encontramos referências a Sarah Bernhardt.

Aqui chegou ella no dia 4 de julho de 1886, em trem especial, num domingo de sol deslumbrante e de céu deliciosamente azul, sahindo do carro entre grandes demonstrações de jubilo da multidão que a aguardava (...) Nesse teatro, pois, onde em 1871, Carlos Gomes regêra a orchestra da sua terra natal (...) onde o partido republicano, ao tempo de suas lutas efferecentes de propaganda (1882) realizára um memorável banquete (...) onde, mais tarde, vibrou o verbo eloquente e arrebatador de Ruy Barbosa; nesse scenario pequenino materialmente, mas de grande e honrosas tradições, representou, dominando a sala, a excelsa Sarah Bernhardt. Foi à scena nessa noite, a velha, mas sempre apreciada peça de Dumas Filho - “La dame aux camélias”.⁹⁵

O Teatro Municipal, construído em 1850 e no bojo da configuração ainda incipiente da *cidade moderna*, se afigurava, no início da década de 1920, como acanhado e em más condições para fazer frente à nova onda de progresso que caracterizava Campinas em seu ressurgir, como fênix, após o período traumático das epidemias da febre amarela.⁹⁶ Após ser demolido, em 1922, surgiu, no mesmo local, o Teatro Municipal, inaugurado em 1930, junto ao burburinho das “ruas

⁹⁵ AMARAL, *op. cit.*, p. 447-448. Como testemunho afetivo desta ligação entre os dois cronistas da história local, temos a dedicatória do livro **Retratos da velha Campinas**, da parte de José de Castro Mendes a Leopoldo Amaral: “A Leopoldo Amaral, saudoso e admirável cronista de nossa terra, em cujas obras fomos cõlher grande parte das notas que acompanham as ilustrações deste livro”. Leopoldo Amaral teve uma atuação no cenário campineiro, na transição do século XIX para o XX. Páginas sobre a cidade foram por ele escritas e publicadas em jornais, tais como **A Gazeta de Campinas** e o **Estado de S. Paulo** - muitas delas reunidas, posteriormente, na publicação citada.

⁹⁶ Sobre as epidemias: “As epidemias de febre amarela que se abateram sobre a cidade a partir de 1889 e por toda a década de 90 (...) serão decisivas, não apenas para interromper o seu processo de modernização (...) como dar em resultado políticas públicas de saneamento, higiene e saúde pública, com mudanças permanentes na vida urbana, que afetarão toda a população e implicarão decisivas intervenções cirúrgicas na estrutura e morfologia de Campinas”. In LAPA, José Roberto do Amaral. **A cidade: os cantos e os antros: Campinas 1850-1900**. São Paulo: Ed. da USP, 1996, p. 259. A fênix foi o símbolo escolhido para figurar como emblema da bandeira campineira, em alusão ao renascimento da cidade após as epidemias e à imortalidade do povo campineiro. Tal bandeira foi criada por Dr. Ricardo Gumbleton Daunt e aprovada oficialmente em 1961, na gestão de Miguel Vicente Cury. In Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo de Campinas. <http://eptv.globo.com/nossascidades/interna.asp> Acesso em: 28/04/2004.

centrais em polvorosa”, com “dezenas de Fords bigodes” nas suas imediações⁹⁷. No contraste entre momentos distintos do Teatro, não passaram despercebidas a José de Castro Mendes as transformações operadas em seu largo, como que em unísono aos rumos impressos pela modernidade: esta, em um primeiro momento, mesclada a ares românticos a permearem o “jardim bucólico” e, em outro, expressa por símbolos, como o automóvel, que passaram a imprimir um outro ritmo na relação sensível do indivíduo em relação à cidade vivida e percebida. A segunda demolição do teatro campineiro, em 1965, legou-nos um espaço de memórias silenciadas.

3: RUA DO ROSÁRIO - 24 de março de 1960, p.10.

“Vista da rua do Rosário (atual av. Francisco Glicério) em 1882, no cruzamento da Rua Barreto Leme, vendo-se à esquerda o velho casarão de taipas e beiral, construções típicas da época e os lampiões da iluminação a gás. À direita, no segundo plano, o grande sobrado ainda existente, onde se realizou a Exposição Regional de 1885, importante certame agrícola-industrial, inaugurado em dezembro daquele ano, com o *Hino Progresso*, inspirada página especialmente escrita por Carlos Gomes, hoje transformado em hino oficial de Campinas. Em frente, outro sobrado de vastas proporções que pertenceu aos barões de Atibaia e demolido há vários anos. Vemos ainda na Campinas de ontem, a rua de terra batida, tão peculiar daquela época. Hoje, aí está leitores, como o progresso modificou o panorama da cidade tradicionalmente provinciana, berço de tantos movimentos que polarizaram a atenção do país, destacando aquele em que Campinas ganhou o cognome de ‘meca da República’”.

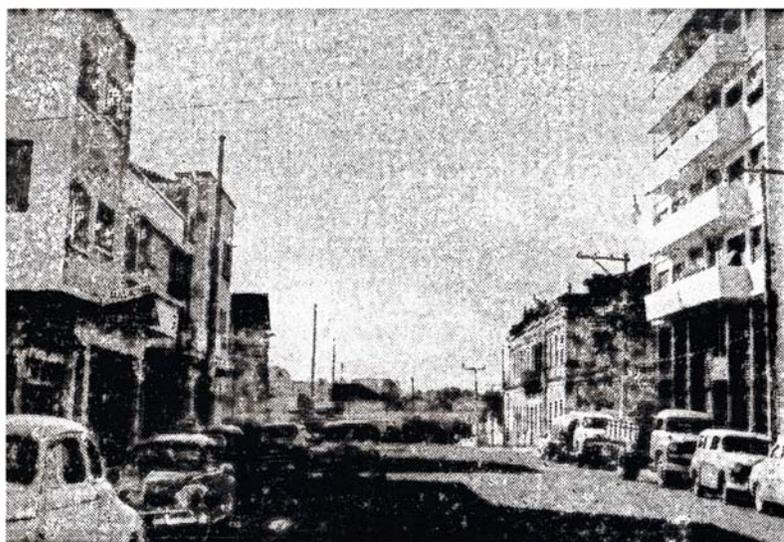
⁹⁷ FARDIM, Sonia (org.). **Fragmentos de uma demolição**: História oral da demolição do Teatro Municipal Carlos Gomes. Campinas: SMCT-MIS, 2000, p. 16. Conforme a obra citada, p. 13, data de 1959 a denominação de Teatro Municipal Carlos Gomes. Um artigo muito interessante sobre a questão da modernidade em Campinas, nas primeiras décadas do século XX é o de GOMES, Eustáquio Teixeira. Modernidade e Política. In **Resgate**. Revista de Cultura. Campinas:CMU/UNICAMP, Papirus, 1991, n. 2, p.35-47.

Visão em dois tempos

Campinas de Ontem e de Hoje



Rua do Rosário MIS-BMC 069



A cidade escura das velas e das poucas lanternas se ilumina: clarões do progresso tão reclamado por moradores e pela voz da única folha local, a **Gazeta de Campinas**⁹⁸. Conforme Amaral (1927, p. 510), “Ficou incumbido o engenheiro Roberto Normanton, de fazer compra na Europa, de todo o material, encanamentos, machanismos, tudo enfim necessario para instalação do Gazometro”. Em 1875, finalmente, inaugura-se este importante melhoramento público: a iluminação a gás, a servir algumas ruas e praças da cidade. O olhar que José de Castro Mendes lançou sobre os casarões e solares pode ser ampliado com base nas considerações, abaixo.

Até meados do século XIX, as construções particulares não chegariam a ocupar uma posição de destaque no meio urbano. A pobreza do centro, de um lado, e o interesse em aplicar recursos no mundo rural, de outro, não favoreciam o aparecimento de construções mais importantes. Todavia, com a elevação da vila à categoria de cidade (...) começam a surgir os primeiros sobrados de beiral, ainda de taipa (...) A taipa, marca registrada da arquitetura campineira, aos poucos deixa de ser usada, quando, em 1867, foi instalada a olaria de Sampaio Peixoto, com máquinas de fazer tijolos (...) Com o tijolo, novos programas de habitação, novas fachadas, novas soluções de composição, em que os vazios das janelas passam a predominar sobre os cheios (...) Mais tarde, com a instalação dos serviços de água e esgoto, modificaram-se os quartos de banho e os sanitários (...) anteriormente, estes permaneciam fora da casa, no quintal. Agora ficarão no próprio recinto, onde muitas famílias chegam a ter banheiros e pias elegantemente decorados, de procedência inglesa (...)⁹⁹

Às janelas envidraçadas somam-se os gradis de ferro, nas sacadas, a enfeitarem a fachada dos nobres solares. Um solar de linhas neoclássicas se impõe na paisagem, acompanhando a transformação da pacata rua do Rosário em avenida ampla, “moderna”. Hoje, desaparecido! Este solar, conforme Battistoni Filho (1996, p. 39), era conhecido como Palácio dos Alves e foi construído em 1882, “obra de Próspero Belinfanti, italiano radicado na cidade, formado em Belas Artes na Península e que chegou a buscar o mármore de Carrara para embelezar as suas escadas”.

⁹⁸ Jornal que passou a circular, em Campinas, em 1869, tendo como redator chefe o bacharel em direito, poeta, jornalista e republicano Francisco Quirino dos Santos. José Maria Lisboa, que se tornou gerente da “Gazeta”, foi o responsável pela organização de Almanques Campineiros relativos às décadas de 1870-1880. Além de Francisco Quirino dos Santos, outros redatores da “Gazeta” escreveram para os “Almanques”, dentre eles Manoel Ferraz de Campos Salles e Francisco Glicério que, por sua vez, faziam parte de um grupo de republicanos com grande atuação na vida social campineira, seja como literatos, políticos, fundadores ou frequentadores de instituições, tais como o C.C.L.A.

⁹⁹ BATTISTONI FILHO, Duílio. **Campinas: uma visão histórica**. Campinas: Pontes, 1996, p. 35-38. O autor cursou História, na PUC-Campinas (entre 1958-1961), é professor do Instituto de Artes da referida instituição, com atuação profissional também no antigo “segundo grau”, do Colégio Pio XII, Campinas. Destacam-se, na bibliografia utilizada pelo autor, o *Almanack de Campinas para 1873*, de José Maria Lisboa, assim como obras de vários outros historiadores acadêmicos e não acadêmicos voltados à história local, como José de Castro Mendes.

“Próspero, Próspero...”. Inspirada pela sonoridade deste nome próprio, adentremos no território do progresso como campo pertinente à nova subjetividade histórica, marcada pelo signo da razão, que caracteriza a constituição da idéia de modernidade e, por sua vez, da constituição da discursividade moderna: aquela na qual a história passa a ser concebida como caminho da emancipação humana num futuro ditado pelo ritmo do progresso.

A constituição da modernidade capitalista, em Campinas, como já foi destacado, tem como uma das suas forças motrizes o positivismo e o liberalismo (além do próprio romantismo) e suas respectivas ênfases no progresso científico da sociedade. Neste sentido, a letra do hino “Ao povo campineiro: Progresso”, composto por Carlos Gomes, contribui para a ampliação do bordão de “Campinas, cidade progressista”. Atentemos à letra do mesmo.

Progresso! Progresso! Seja a nossa divisa
Progresso! Progresso! Seja a nossa divisa por mim!
Das indústrias no enorme congresso.
Precisamos agir. Precisamos galhardos agir!
Progresso! Progresso!
Vamos todos. Vamos todos!
Vamos todos com frente incendiada honra e fama conquistar!
Vamos todos, vamos todos honra e fama conquistar!
Honra ao povo! Honra ao povo que sabe
Da glória os louros colher!
Progresso! Progresso!
Seja a nossa conquista porvir! Progresso!¹⁰⁰

A apresentação deste hino na inauguração da Exposição Regional realizada na cidade, em 1885, fortalece a imagem de Campinas como centro de projeção econômico-cultural no cenário nacional, a conquistar o tão almejado “progresso” pela iniciativa particular da sua população. A Exposição Regional tem, por sua vez, o papel de “vitrine” dos frutos deste progresso.¹⁰¹ Vale a pena mencionar que tal exposição tem nítida inspiração nas famosas Exposições Universais

100 Composto em 1885. In Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo de Campinas. <http://eptv.globo.com/nossascidades/interna.asp> Acesso em: 28/04/2004.

101 A relação de Campinas com centros do capitalismo mundial e a expansão de seu papel como cidade exportadora de um gênero primário, cuja procura no mercado internacional crescia, é apresentada em texto de Battistoni Filho (1996, p. 25): “O Clube da Lavoura, em 1878, resolve participar de uma grande exposição Industrial e Agrícola da França (...) enviando 2.134 sacas de café e expostas em Paris. Tal acontecimento serviu para aumentar as exportações para a Europa”.

realizadas, a partir do século XIX, nos centros do capitalismo mundial e constituintes do que Walter Benjamin denominou de “mitologia da modernidade”.

À idéia de “progresso”, nas décadas finais do século XIX, se acoplava, em Campinas, o ideário republicano. Segundo Amaral (1927, p. 147-149), o *Club Republicano Campineiro*, a partir de 1886, passou a realizar conferências “em que seriam desenvolvidas théses sobre os magnos problemas concernentes ao movimento da sociedade contemporânea”. Entre as “questões de maior responsabilidade moral” estava a referente à escravidão, “mancha que não podia continuar a nos encher de vergonha em face da civilização e do progresso humano”. Por sua vez, o cognome de “Meca da República”, reatualizado por José de Castro Mendes, deve-se à conferência proferida por Quintino Bocayuva, no *Club*, na qual ele afirma:

Assim como os mahometanos tinham o costume de fazer uma peregrinação a Meca, para pedir inspiração ao seu profeta, assim também deviam os republicanos vir a Campinas, não para pedir inspiração aos seus correligionários, mas para ver como germina, e como se desenvolve aqui, graças a um trabalho incessante, a doutrina regeneradora da República, que ainda há de ser a salvação da nossa pátria.

A avenida que surgiu no lugar da antiga rua do Rosário, denominada de “Francisco Glicério” em homenagem a um dos líderes do movimento republicano que contribuía para compor o espírito da modernidade local do final do século XIX, aparece, em 1960, com uma fisionomia marcada pelos edifícios de linhas retas e “novamente” modernas, junto à circulação dos automóveis, tal como o moderno “Fusca” de então. Portanto, nesta representação iconográfica, José de Castro Mendes não apenas enfatiza o progresso campineiro dos últimos anos, mas, sobretudo, busca educar politicamente os sentidos dos leitores, destacando que tal conquista foi produzida pela elite local, tanto sob o ponto de vista intelectual (ou, mais especificamente, por figuras ilustres como Carlos Gomes), mas, sobretudo, sob o ponto de vista econômico, político e cultural (pelo destaque impresso aos barões do café e ao movimento republicano).

4: LARGO DA CATEDRAL -10 de abril de 1960, p. 12.

“Prosseguindo em nossa série de publicações de fotografias comparando Campinas do passado e do presente, hoje focalizamos o prédio que existiu no Largo da Catedral, na esquina formada pelas ruas Costa Aguiar e Francisco Glicério. O velho casarão, conforme vemos na foto, era o antigo solar da Viscondessa

de Campinas e posteriormente adaptado para as instalações do 2º Grupo Escolar desta cidade. Com a mudança da escola para outro local, o edifício foi remodelado internamente para o funcionamento do Cine República, uma das melhores casas do gênero, na época. Hoje, naquele local, o ferro, aço, cimento, formam um dos magníficos arranha-céus de Campinas, numa patente demonstração do progresso que envolve a cidade que tem posição de destaque perante as comunas brasileiras, graças aos esforços e trabalhos incessantes de seus filhos”.

Visão em dois tempos

Campinas de Ontem e de Hoje



Grupo Escolar Dr. Quirino dos Santos MIS-BMC 591



Vejamos duas opiniões sobre o ensino em Campinas. Segundo Amaral (1927, p. 179-180), por volta de 1920, “a instrução publica, em nosso meio, com quanto já em melhores condições que a primitiva, deixava muito a desejar. Grande era o numero de crianças analfabetas que não conseguiam receber a luz do ensino, por falta de logares nos dois grupos escolares existentes (...)”. Para Lapa (1996, p. 163), no final do século XIX, “(...) registre-se o notável avanço da iniciativa particular, dando cobertura onde o Estado se revelava tímido, quando não inoperante e desorganizado”, atendendo a uma clientela de crianças e jovens pertencente a segmentos economicamente privilegiados da sociedade local.

A concepção do ensino como “a luz”, que orienta os discursos republicanos, tem raízes na razão kantiana, encarregada de promover a emancipação dos indivíduos, no seio da sociedade moderna que começava a ser gestada, em fins do século XVIII. Vejamos um trecho de um texto, de 1871, do republicano Campos Sales, segundo Lapa (1996, p. 163): “A sociedade campineira explicita, em diferentes oportunidades, através dos seus porta-vozes, a aguda consciência e prática social de que é portadora em favor da educação e do ensino. Nota-se mesmo uma sintonização entre o seu desenvolvimento econômico e o investimento, incentivo e defesa da instrução como o seu pré-requisito”. Ou seja, nos termos foucaultianos, trata-se da escola como *locus* privilegiado da educação moderna, como produtora de homens economicamente ativos e politicamente dóceis.¹⁰² Por outro lado, a questão do acesso à educação pública, do papel do Estado e da presença do capital privado permeia a história da educação nacional e é inerente ao processo de constituição da modernidade capitalista no cenário não somente brasileiro. Por isso é, ainda, uma questão atual.

O contraste entre as imagens e os comentários pertinentes, propostos por José de Castro Mendes, sugerem ao leitor a forte idéia da mudança ao longo do tempo. O autor da coluna expõe sua visão da cidade e dos “filhos”, os quais, com “trabalho e esforço” fazem-na destacar perante outras “comunas brasileiras”. Nos idos de 1960, o arranha-céu se afigura como um ícone dos “novos” tempos do progresso. Novamente aparece a imagem de que os leitores campineiros podem orgulhar-se do seu presente, mas, igualmente, do seu passado, fundado no trabalho, no esforço criativo de seus conterrâneos, sobretudo os da elite, dos mais ilustres. O que nos cabe indagar é o quanto tal produção imagética, produzida pelo autor e a partir de um determinado

¹⁰² Cf FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir. Nascimento da prisão.** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1984

lugar social, significa, por sua vez, o apagamento de experiências, de conflitos e de vivências urbanas, de marcas de outros sujeitos sociais: por exemplo, não há referências, no trecho escrito por Zeca Mendes, às pessoas que também compõem a foto.

Num exercício de ativação da memória topográfica, o “gigante” de “ferro, aço e cimento”, a se destacar na esquina do largo da Catedral com a avenida Francisco Glicério, no início da década de 1960, é ressignificado: saltando para outro tempo, nos deparamos, neste local, com o Cine República, inaugurado na década de 1920, com a sua platéia recheada de curiosos pelas novas fitas, como “Ver Nápoles e depois morrer”, e a arder em chamas, em 1944 ¹⁰³; retrocedendo um pouco mais no tempo, ouvimos o barulho das crianças na porta de entrada do Grupo Escolar e seguimos os passos dos transeuntes em seu caminhar pela rua; chegamos até Maria Luiza de Souza Aranha, a Viscondessa, a recepcionar as personalidades ilustres em seu nobre solar com platibanda ornada por azulejos e pequenas estátuas.

5: BARAO DE JAGUARA -29 de maio de 1960, p.14

“Flagrante apanhado há vinte e cinco anos na rua Barão de Jaguará num domingo às 10 horas da manhã. À esquerda, na esquina da rua Bernardino de Campos, num prédio comercial demolido para a construção do edifício Regina, seguindo-se a entrada do Cassino Carlos Gomes, excelente casa de diversões que marcou época pelas suas atividades cine - teatrais, tendo ao lado imenso prédio de linhas coloniais onde funcionou até pouco tempo o Clube Semanal de Cultura Artística. À direita, o tradicional sobradinho Proença, já desaparecido, a Casa Livro Azul, seguindo-se na esquina do largo do Rosário o primeiro sobrado que se construiu em Campinas (local ocupado pelo Edifício Colúmbia) onde se instalou por muitos anos o conhecidíssimo Bar Cristofani”.

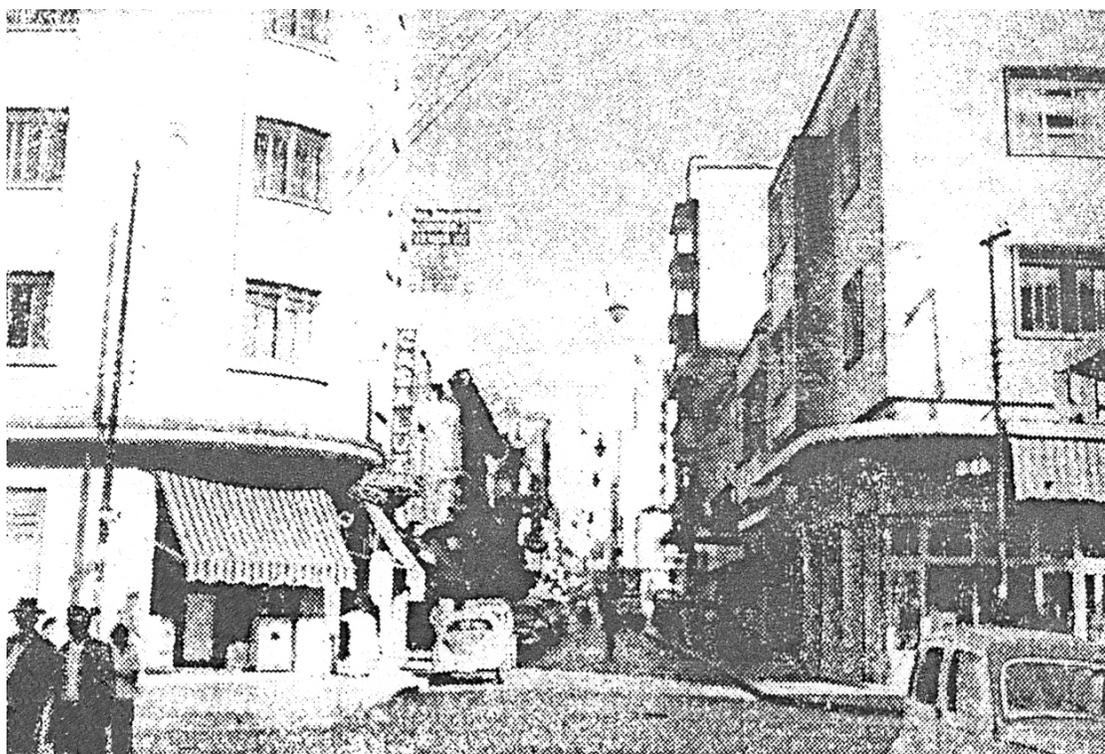
¹⁰³ **Campinas século XX:** 100 anos de história. Campinas: Rede Anhangüera de Comunicação, 2000, p.57. José de Castro Mendes, em entrevista apresentada anteriormente neste capítulo, diz que “Pensa em fazer uma viagem bem longa - ‘Vedere Nápoli, e poi morir’” (p.96). Seria uma vontade despertada em uma sessão possivelmente assistida em uma poltrona do Cine República?

Visão em dois tempos

Campinas de Ontem e de Hoje



Rua Barão de Jaguará MIS-ML 6477



Que viagem podemos empreender pela antiga Rua de Cima, hoje Barão de Jaguará, a partir destes lampejos imagéticos de J. de Castro Mendes! Tomemos assento no *bond*! Ouvimos, antes, a voz de alguém (neste caso, Leopoldo Amaral, da mesma formação social de J. de Castro Mendes: jornalista aliado às classes burguesas locais), que pode, aqui, ser tomado como nosso condutor, em 1913.

(...) Campinas está, nestes últimos tempos, tomando uma feição nova, oferecendo aos olhos do visitante um outro aspecto em seu viver costumeiro. As suas ruas movimentam-se, dia a dia, principalmente à tarde, quando os passeios se adornam com a presença de famílias, que lhes emprestam esse tom peculiar às grandes cidades, augmentado agora pela brilhante iluminação eléctrica e pelo continuo perpassar dos *bonds* eléctricos, limpos, cheios de luz, que vieram tomar o lugar dos antigos carros por tracção animal.¹⁰⁴

A inauguração deste serviço, em 1912, conforme nosso condutor-cronista,

(...) atrahiu como era natural a atenção pública, não só pela novidade como pelo grande beneficio que traria ao progresso local. Os arrabaldes, agradecidos pelo meio de comunicação fácil e prompta com o centro urbano, fornecem passageiros e apresentam prédios novos e elegantes. Os eléctricos provocaram uma verdadeira e útil reviravolta nos velhos costumes.¹⁰⁵

O que é esta feição nova? É a feição configurada pelo processo de modernização capitalista, a transformar paulatinamente a cidade, até então de base essencialmente agrícola, em um centro com maior diversificação econômica a partir do aumento do número de fábricas e da expansão da rede de comércio e serviços. A cidade, conforme Bresciani (1992, p. 161), ao adquirir feição moderna, passa a ser problematizada, adquirindo relevo a questão técnica e a idéia sanitária. Os bondes elétricos estão mais adequados, então, a uma cidade que se pretende “limpa” e “clara” e que passa por transformações orientadas por critérios de uma maior racionalidade, como convém aos foros de uma cidade e povo “civilizados”.

As mudanças na cidade, apresentadas acima, devem ser vistas como representações dadas de um processo gerador, sim, de novas sensibilidades, por parte dos moradores, e, também, de

¹⁰⁴ AMARAL, L. *op. cit.* p. 425.

¹⁰⁵ AMARAL, L. *op. cit.* p. 426. Sobre a temática dos bondes em Campinas, ver HADLER, Maria Silvia Duarte. **Trilhos de modernidade: memórias e educação urbana dos sentidos**. Campinas, 2007 (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Unicamp. Na mesma, a autora contextualiza historicamente os bondes de tração animal e os elétricos, considerando os campos da memória e da educação política dos sentidos.

contradições sociais a acompanhar a marcha do tão propalado progresso. Nesse sentido, para Lapa (1996, p. 150), a cidade de Campinas, no período de 1850-1900, “(...) organiza-se em função da divisão de classes. O seu espaço e a ocupação dele, a movimentação intra e interespaços far-se-ão tendo em conta também a estratificação social em classes que avançava”. A questão da relação de dominação/resistência entre as classes sociais deve ser levada em conta, tendo em vista a compreensão da formação das variadas sociedades recreativas e culturais e sua multiplicação considerável, na transição do século XIX para o XX, bem como para uma percepção mais apurada do ambiente de circulação de pessoas e mercadorias que caracterizava as ruas da cidade, tal como a Barão de Jaguara.

Do interior do bonde, percorremos esta rua do centro. Dele saltamos e voltamos nosso olhar para a paisagem que ficou pra trás. Congelamos a mesma em um instantâneo. Passados os anos, olhamos esta imagem fotográfica e rememoramos, seguindo as trilhas abertas por José de Castro Mendes.

Do lado esquerdo da Barão de Jaguara, vemos as bilheterias do Cassino Carlos Gomes, que tinha a frente principal voltada para a praça Antonio Pompeu.

Internamente era de agradável aparência na sobriedade de suas instalações (...) para se formar uma idéia do movimento de artistas que ali atuavam publicamos a programação de dois meses de funcionamento no ano de 1911: “Musmecio e Mitano, duetistas italianos; Frídoli, notável imitador e transformista; Rina Viero, cantora italiana; Mor oson Hede, ilusionista; Troupe de variedades francesas (...); Jos-jos e orquestra de damas francesas (...)” Cheio de atrativos era o Cassino Carlos Gomes, já desaparecido no rol de nossas casas de diversões (...) ¹⁰⁶

Uma indagação ganha corpo: qual o preço cobrado em espetáculos como estes? Quem eram os seus freqüentadores? As classes trabalhadoras tinham acesso a este espaço?

Passemos a um outro centro de atividades recreativas, localizado nas imediações do Cassino: o *Club* Semanal de Cultura Artística, instalado, inicialmente, no solar que pertenceu ao Visconde de Indaiatuba. Vejam a imponência deste prédio, no final do quarteirão, à esquerda! ¹⁰⁷

¹⁰⁶ MENDES, José de Castro. “Velhos Teatros e Cinemas de Campinas”. Jornal **Correio Popular**, Campinas, 19 de março de 1960, p. 8. Percebe-se que além da coluna “Campinas de Ontem e de Hoje...”, Castro Mendes publicava, esporadicamente, matérias que versavam sobre aspectos históricos locais, notadamente os relacionados à vida artística. Neste texto, percebe-se o uso de “uma folha local” como fonte, embora sem a explicitação da mesma pelo autor.

¹⁰⁷ Esse edifício, mais um lugar da memória campineira, foi destruído, em sua grande parte, por um incêndio, em 1993.

“Aquelles salões da antiga sede do club são como que um eco do passado, das ruidosas e sympathicas festas da família campineira” (Amaral, 1927, p. 331-332). Quais os membros desta “família campineira”, na época?

Para Galzerani (1998, p.117,124), os pontos de reunião da elite campineira (*Club Campineiro*, Rink Campineiro, Passeio Público, Hyppodromo Campineiro, Theatro São Carlos), em fins do século XIX, são os “novos” espaços paradigmáticos da iniciativa privada local, assim como as “esferas aptas a gerar a civilização”:

Deparamo-nos, pois, com uma dada acepção de “sociabilidade” ou de “civildade”, que pode ser lida não como “convívio de conhecidos e estranhos”, mas muito mais como controle de práticas e sensibilidades sociais que chega a afetar o corpo das pessoas, principalmente das socialmente “menores” - das figuras a serem “civilizadas”, i.é, dos caipiras, dos casmurros, das mulheres (...) controle concebido como mecanismo capaz de promover a “civilização”.

A rua Barão de Jaguará, assim como suas adjacências, passou a concentrar, com o passar do tempo, uma rede de comércio e serviços importante para a cidade, além de ser um espaço destinado ao *footing* dos desejosos de verem e serem vistos.

Prosseguindo em nossa leitura do flagrante captado, por José de Castro Mendes, desta artéria central, olhamos para a direita e fazemos uma parada na Casa Livro Azul¹⁰⁸. Nesta notável casa comercial, de propriedade de Antonio Benedito de Castro Mendes e fundada na década de 1870, funcionava uma tipografia que atendia a demanda de importantes empresas instaladas na cidade, além de uma papelaria, em cujo estoque era possível encontrar mercadorias diretamente vindas da capital e da Europa. Outras “novidades” chegavam à cidade pelas mãos de seu proprietário, tal como o Bioscópico, aparelho por meio do qual se projetava imagens em movimento e que foi trazido da França por Antonio Benedito de Castro Mendes, quando da sua visita à Exposição Internacional de Paris (Battistoni Filho, 1996, p.60). Nesta mesma casa funcionou o Clube Livro Azul, palco de reuniões lítero-musicais. Segundo Amaral (1927, p. 212-214),

Havia aqui o Club Livro Azul, de pequeno numero de associados, tendo como presidente, secretario, toda a directoria, emfim, encarnada na pessoa do chefe da casa - Castro Mendes. No estabelecimento que lhe emprestara o nome, a associação realizava seus

¹⁰⁸ Ver reprodução de imagem fotográfica nos anexos.

pequenos concertos, fazendo-se ouvir não só musica de valor, como também versos primorosos. Allí nasceu a *Pastoral*. Aproximava-se o Natal (1903). Surgiu uma idéia: fazer-se uma festa de caracter intimo, ficando Coelho Netto, como “o principal do bando”, incumbido de escrever alguma coisa sobre o suave mysterio (...) e essa *alguma coisa*, que deveria ser exhibida em sala particular, tomou proporções! Teve que ser levada para recinto maior e escolheu-se o velho teatro S. Carlos (...) brilhantemente illuminado a luz electrica, pois graças á Casa Livro Azul havia sido installada, expressamente, pequena usina geradora, para a illuminação interna do edificio (...)

Podemos captar nas referências que os estudiosos da história local fazem a esta casa um dinamismo no que se refere não somente à circulação de mercadorias, mas, também, à circulação de pessoas, de idéias, de sensibilidades. Movimento dinâmico e sintonizado com as “novidades” européias, responsável, em terras campineiras, pela importação de hábitos e, concomitantemente, pela produção de uma dada versão da produção de cultura local. Esta, convencionalmente enfocada como a “cultura da erudição”, firma-se na contramão da denominada “cultura popular” e também da “folclórica”. Sob estes rótulos, passam a ser agrupadas manifestações culturais articuladas às raízes indígenas, negras, portadoras de nítidos hibridismos culturais, tais como os batuques, as congadas, a umbigada, os cayapós. Manifestações vistas, geralmente, como “cultura menor” por parte dos grupos economicamente dominantes.

6: LARGO ROSÁRIO- 5 de junho de 1960, p. 17.

“Vista do largo do Rosário em 1932, vendo-se a igreja do Rosário, o tradicional templo campineiro, cuja demolição provocou a completa transformação do local. À esquerda e à direita velhos prédios também desaparecidos e substituídos pelos imponentes arranha-céus que atestam progresso e dinamismo dos dias em que vivemos. No primeiro plano, o monumento de Campos Salles, removido para as proximidades da Estação da Cia. Paulista, destaca-se sôbre o tapete de mosaicos a duas cores formando artísticos desenhos”

Visão em dois tempos

Campinas de Ontem e de Hoje



Largo do Rosário MIS-BMC 177



Largo do Rosário, 1960 Autor: Balan CEDOC RAC/AAN

O largo do Rosário é um espaço emblemático, pois através dele podemos captar transformações importantes decorrentes do processo de urbanização campineira e possíveis de serem lidas por meio dos registros iconográficos disponíveis sobre o local. Em imagens fotográficas do final do século XIX descobrimos ter sido ele um local ajardinado, onde se podia descansar à sombra das árvores frondosas, num cenário bucólico no qual se amalgamavam as diferentes dimensões da modernidade de então: por exemplo, a iluminação a gás e um belo chafariz fabricado pela Companhia Mac Hardy, notável fundição que atendia a demanda de máquinas agrícolas, por parte dos cafeicultores¹⁰⁹, além da feição romântica já mencionada. Constituía-se, então, numa espécie de cartão postal da cidade que, a partir da década de 1930 passou a sofrer os impactos do plano de urbanismo.

As razões para a contratação deste plano, segundo Badaró,¹¹⁰ se justificam por três motivos. Primeiramente, pelo próprio processo de desenvolvimento industrial local, com respectivas “repercussões econômicas e físico territoriais”: maior urbanização e valorização dos terrenos, assim como a expansão da área urbana edificável “sob os auspícios da especulação imobiliária”, a partir de meados dos anos 20. Em segundo lugar, o binômio higiene e saneamento, que passou a constar nos programas políticos das autoridades municipais desde as primeiras medidas tomadas para se debelar a febre amarela. Finalmente, fatores de “significação cultural”: “o orgulho pela cidade - o bairrismo - e o nível intelectual de sua elite dominante, herdados sobretudo do período cafeeiro (...)”. Assim, segundo o autor (1996, p. 38),

O sentimento bairrista, profundamente ofendido com a destruição e a estagnação conseqüentes da epidemia, associado às questões concretas que até então se colocavam, traduziu-se no empenho das autoridades municipais em fazer de Campinas a cidade mais limpa e salubre do país (...) Quando a recuperação econômica e o desenvolvimento industrial impuseram à cidade um novo ritmo de crescimento, prosperou a idéia de um plano de urbanismo. Prosperou também - já como fruto do bairrismo - a esperança de transformar Campinas, novamente numa grande cidade. As estreitas ruas centrais com suas edificações do século passado representavam então a antítese do progresso (...)

¹⁰⁹ O próprio José de Castro Mendes, em sua coluna “Campinas de Ontem e de Hoje...”, foi responsável pela publicação de outras imagens fotográficas sobre o local, no fim do século XIX, que não são analisadas, especificamente, neste texto.

¹¹⁰ Ricardo Badaró é arquiteto, formado pela FAU-USP, em 1969, e professor da PUC-Campinas. Sua dissertação de mestrado, defendida na USP-São Carlos, em 1986, denomina-se: **O Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas, 1934-1962**. Badaró opera, a partir da óptica da arquitetura, a desconstrução histórica da versão oficial da história de Campinas. Cf BADARÓ, Ricardo de Souza Campos. **Campinas: o despontar da modernidade**. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996, p. 36-39. (Campiniana, n. 7).

O engenheiro e arquiteto Francisco Prestes Maia¹¹¹ foi contratado, em 1934, para realizar um plano urbanístico para Campinas, o qual foi aprovado em 1938 e se caracterizava por “ser abrangente, técnico, prático e objetivar um período de tempo dilatado”. Não passa despercebida a Badaró (1996, p.50) a fala de Prestes Maia quando da apresentação do plano ao prefeito e ao Conselho Consultivo da cidade (substituto da Câmara Municipal em tempos de Estado Novo). O engenheiro aludiu ao “caráter técnico e científico” do plano, oposto ao “palpite ou ao sentimento” , assim como ressaltou a importância da contribuição da experiência estrangeira na área, tais como a americana e a alemã. Ou seja, estão em curso, em Campinas, orientações urbanísticas que dialogam com os pressupostos dominantes da racionalidade técnico-científica dos centros do capitalismo mundial, ou centros de modernidade, às vésperas da II Guerra Mundial.

À trama retilínea e contínua da cidade do século XIX, Prestes Maia propõe um sistema viário composto de radiais externas e internas, perimetrais externa, média e interna, avenidas centrais e melhoramentos complementares. Naquela época, segundo Badaró (1996, p. 57, 58),

Sobre esta estrutura primitiva passaram a atuar vários agentes. As indústrias, via de regra, procuravam terrenos maiores e mais baratos na periferia, mas o setor terciário, a elas vinculado, adensava as áreas mais centrais da cidade, contribuindo para a sua valorização. As novas habitações tendiam a se afastar do centro ocupando a nova periferia, constituindo os bairros operários próximos às indústrias ou os jardins destinados aos segmentos de maior renda. O parcelamento do solo urbano, anteriormente a cargo do poder municipal, havia se transformado em rentável empreendimento, subvertendo a ordenação do solo, agora sujeita aos interesses do capital e conduzida ao sabor do lucro das empresas de loteamento.

Como parte deste processo, há que ser destacada a dificuldade de muitos moradores na aquisição da casa própria, fazendo com que antigas construções da área central fossem

111 A escolha de Prestes para a realização dos estudos campineiros não foi fortuita, tendo em vista sua experiência no urbanismo paulistano. Vejamos algumas informações básicas sobre o mesmo. Prestes Maia foi Engenheiro-Arquiteto da Diretoria de Obras Públicas, órgão da administração estadual, a partir de 1928. Nesta década, havia sido convidado para assessorar os estudos relativos à circulação de veículo do centro da cidade de São Paulo. Foi nomeado prefeito de São Paulo (1938-1945) durante o Estado Novo, quando deu prosseguimento à execução do “Plano de Avenidas”, que redesenhou, notadamente, parte do centro da cidade. Construção de viadutos e túnel, alargamento de avenidas, por exemplo, fizeram parte das obras realizadas na capital paulista. Foi novamente prefeito de São Paulo no período de 1961-1965. Cf PONTES, José Alfredo O. Vidigal. “Francisco Prestes Maia: ‘o político que não gostava de política’”. In **Revista Cidade**: a saga da metrópole e seu inventor. Cem anos de Prestes Maia. Revista do Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, ano 3, v. 4, n.4, p.4-9, setembro, 1996.

transformadas em cortiços, o que já acontecia anteriormente à elaboração do plano.¹¹² Os cortiços, por sua vez, são até hoje tomados por muitos como “incômodas chagas” a serem extintas do seio das “cidades progressistas”, a exemplo do que sabemos ter acontecido no processo de remodelação do Rio de Janeiro, ao qual se vincula a Revolta da Vacina (1904). Nota-se, também, a força paulatina adquirida pelo capital privado no bojo das transformações urbanas na cidade. O centro, neste sentido, não passou incólume à força do mesmo.

De acordo com Badaró (1996, p.58), o centro histórico, no plano de Prestes Maia, “recebeu tratamento próprio sendo redesenhado com grande preocupação estética e cívica, principais parâmetros a justificar o alargamento das ruas, a padronização das edificações particulares e a disposição dos edifícios públicos”. E o largo do Rosário diz respeito a esta área central a ser remodelada.

Certo espírito de racionalidade no modelo de gestão da cidade já havia sido impresso, no largo do Rosário, antes mesmo da aprovação do plano Prestes Maia,

Em agosto de 1933, a Prefeitura, inopinadamente, sem alarde, na calada da noite, procedeu à derrubada das velhas árvores para ereção de um grande monumento em Homenagem a Campos Sales. A surpresa foi geral, os protestos inúmeros, mas o fato estava consumado. O exuberante Jardim do Largo do Rosário desaparecia para sempre! No ano seguinte (...) inaugura-se o monumento (...) de granito cinza picolado com colunas simbólicas e figuras de bronze representando algumas qualidades do governo do homenageado. Ou seja, a harmonia, o crédito e a abundância, além das alegorias alusivas a lei, ao trabalho e a vitória da República, ficando bem em frente à figura em bronze de Campos Sales (...) espaços internos livres, calçamento em mosaico português (...) os grandes comícios políticos e as grandes concentrações populares começaram a acontecer nesse local a partir de então, atravessaram os anos e continuaram até os dias atuais.¹¹³

Ao invés dos bancos de descanso espalhados por entre vegetação frondosa, surge o piso de mosaico português, com luminárias dispostas simetricamente e com destaque, em seu centro, o

¹¹² Segundo Badaró (1996, p. 111), o desenvolvimento industrial trouxe a problemática da moradia operária. As primeiras vilas operárias, em Campinas, foram construídas pelas próprias fábricas ou pela iniciativa privada, estimulada pela isenção tributária propiciada pela Prefeitura Municipal. No entanto, sobretudo a partir de 1922, os preços dos terrenos municipais se tornam muito altos, e o cortiço, “sucessor urbano das senzalas e ancestral próximo das favelas”, termina por ser uma “solução alternativa”.

¹¹³ GASPAR, Bertholdo F. **Andorinhas que cantam histórias de Campinas**: causos e lendas que formam a história de Campinas. Campinas: Somus Gráfica e Editora, 2001, p.102. Obra que apresenta textos de outros autores, além de Bertholdo F. Gaspar. Para ele, “Acreditamos que esta modesta e despretensiosa coletânea de crônicas, causos, lendas e fatos históricos de Campinas, imperfeita mas com as melhores das intenções, de poder manter viva a nossa história, tem pelo menos, a atenuante de nada ter inventado (...) deixando aos escritores e historiadores consagrados, a tarefa de responderem pela veracidade e exatidão dos dados coligidos”, p. 162. Diferindo do subtítulo do livro, creio que “causos e lendas”, assim como os “fatos históricos” formam *as histórias e as memórias* de Campinas. Muitas destas memórias, segundo Galzerani (2004), “sobrevivendo na forma de fios fragmentários”, como a lenda do “Boi Falô”, em Barão Geraldo, distrito de Campinas.

monumento. O fragmento, acima, aponta para a idéia de que esta alteração gerou protestos. No entanto, só por meio dele não é possível termos uma dimensão mais ampla das repercussões desta transformação do cenário deste importante *locus* da memória campineira. Neste sentido, quais as significações atribuídas a esta reforma, por parte da população? Em que medida a mesma se via representada na figura de Campos Sales, o homenageado? Que tipo de memória se privilegia nesta homenagem? Em que medida as alegorias constantes no monumento representam as várias faces do governo Campos Sales? São indagações necessárias quando se trata de refletir sobre a memória histórica que se configura, também, nos espaços por onde circulamos.

Na coluna de José de Castro Mendes, a imagem fotográfica referente ao “Ontem” do largo do Rosário nos revela esta “nova” configuração espacial, tendo como destaque a igreja do Carmo e o monumento a Campos Sales, bem como o bonde elétrico como meio de transporte, à época. O monumento aos “voluntários de 1932” não é destacado pelo autor na leitura textual que o mesmo faz desta imagem. Pergunta-se: que figuras e dimensões outras são apagadas por meio das suas considerações escritas? A outra reprodução fotográfica, referente ao “Hoje”¹¹⁴, nos faz perceber que uma “nova” reforma havia sido implementada no local: não vemos mais a igreja e nem o monumento a Campos Sales; temos um espaço circundado por novos edifícios de vários pavimentos, inclusive com um, à esquerda, em plena construção. Ao fundo, o novo prédio do Fórum. Marquises de concreto contornam o largo, carros circulam pela avenida Francisco Glicério. Qual o fio que interliga estes momentos históricos representados, àquilo que eles apresentam em termos de mudanças e continuidades?

Tratam-se de registros do aprofundamento de uma lógica urbanística, não centrada no religioso, mas no laico, na ampliação das avenidas, priorizando a circulação de mercadorias e das pessoas, feitas, também, mercadorias. Os espaços públicos, nesta lógica, são cada vez mais privatizados pelas relações sócio-culturais de produção.¹¹⁵

Para prosseguir nesta análise, voltemos ao plano Prestes Maia, cuja implementação apresentou duas fases distintas, segundo Badaró (1996, p. 102): primeira fase (1934-1955) e

¹¹⁴ Vale a pena enfatizar que, das mais de quarenta imagens fotográficas sobre Campinas (período de 1960-1965), divulgadas nesta série de José de Castro Mendes e localizadas através da pesquisa aos jornais microfilmados do Correio Popular, apenas esta consta no acervo da referida instituição, sendo datada de 1960 e da autoria do fotógrafo Balan. Aí, portanto, se justifica a melhor qualidade da reprodução, neste trabalho, comparada às demais do mesmo período, que foram fotocopiadas dos microfilmes e apresentam difíceis condições de legibilidade, o que se tentou melhorar através de tratamento digital criterioso realizado por Ricardo Cruzeiro.

¹¹⁵ Cf SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1994.

segunda fase (1956-1962).¹¹⁶ Um ponto que deve ser mencionado, sobre a legislação referente à implantação desta segunda fase do plano, é que a mesma conferiu autoridade ao prefeito para proceder às desapropriações necessárias à sua viabilização. Já no início da gestão de Rui Novaes, em 1956, segundo Badaró (1996, p. 132,133), “foram demolidos 66 prédios na área central, para possibilitar o alargamento de vias públicas, dos quais 31 localizavam-se na av. Campos Sales e 14 na av. Francisco Glicério”.

A demolição que causou mais polêmica foi a da igreja do Rosário e, apesar de a mesma ser aventada desde anos anteriores, deu-se, de fato, em 1956. Conforme matéria de jornal **Correio Popular**, na época:

(...) com a desapropriação da igreja do Rosário, obtida num expressivo acordo entre a prefeitura e o bispado, e que, representou uma solução desejada por vários governantes municipais anteriores, resolveu-se, de uma vez por todas, a questão do alargamento da avenida Francisco Glicério, e da ampliação da nossa principal praça. Firmadas as escrituras respectivas, iniciou-se logo a demolição do templo tradicional e que viverá sempre no coração religioso dos campineiros, através de uma reverente saudade. *A veneração que aquela igreja inspirava não pôde impedir a força incoercível do progresso* (...)¹¹⁷

Por meio da leitura iconográfica, podemos perceber determinadas mudanças que ocorrem nos espaços da memória campineira e que se interligam às transformações de cunho mais estrutural, pertinentes ao ritmo de expansão da economia capitalista no cenário local e nacional. Podemos perceber, por outro lado, um discurso produzido por tais representações que perpassa os diferentes contextos históricos e que se apresenta como legitimador de tantas transformações: o discurso que se pauta na força “incoercível” do progresso.

7: RUA CONCEIÇÃO - 26 de junho de 1960, p.14.

“Antigo trecho da rua Conceição, vendo-se à esquerda um grande sobrado na esquina da rua Barão de Jaguara, o velho Teatro Rinque, com a sua nova fachada construída em 1914 e mais adiante o Centro de

¹¹⁶ Segundo o autor, a primeira fase (1934-1955) “está associada ao período em que a expansão industrial processou-se de forma restrita pela insuficiência do setor de bens de produção. Engloba os trabalhos de concepção do Plano de Melhoramentos Urbanos e a lenta implantação de suas proposições, que foram se consubstanciando a reboque do curso normal do crescimento da cidade”. Já a segunda fase (1956-1962) “corresponde à expansão industrial que se seguiu ao ingresso de investimentos estrangeiros, destinados à instalação do setor de bens de produção (industrialização pesada)”. *op. cit.* p. 102.

¹¹⁷ Jornal **Correio Popular**, Campinas, 28 de junho de 1956 (grifo meu). Citado por CARPINTEIRO, Antonio Carlos Cabral. **Momento de ruptura:** as transformações no centro de Campinas na década dos cinquenta. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996, p. 65.

Ciências, Letras e Artes, todos demolidos para o alargamento da mesma rua. À direita, um prédio baixo onde funcionava a Confeitaria Tolle e o sobrado ainda existente e ocupado pelo Bar e Restaurante Ideal”.

Visão em dois tempos

Campinas de Ontem e de Hoje



Rua Conceição MIS-BMC 053



A rua Conceição, antiga rua Formosa, percorre um espaço importante da região central, constituído pela ligação do largo da Catedral Nossa Senhora da Conceição com a antiga rua do

Brejo¹¹⁸, hoje Irmã Serafina, onde o antigo largo do Passeio se transformou na atual praça Carlos Gomes, com suas imponentes palmeiras imperiais a desafiar os arranha-céus. Deste ponto, a rua Conceição passa a abrir caminho rumo a uma área, antes constituída por várias chácaras, que se transformava num novo bairro campineiro, já no início do século XX: o Cambuí, em referência à presença da árvore de mesmo nome encontrada no local.

Na rua Conceição, em 1908, foi inaugurada a imponente sede do Centro de Ciências, Letras e Artes, C.C.L.A., fundado em 1901, nas dependências do Clube Campineiro¹¹⁹. Segundo Borges e Mazzola (2002, p. 29-32), as atas das primeiras reuniões, “minuciosamente elaboradas”, são reveladoras “do calor” com o qual eram discutidas as teses nos encontros semanais promovidos pela instituição. Os autores apontam também para alguns dos temas discutidos,

Nas teses expostas nessas reuniões predominavam temas científicos, sobretudo ligados à área médica (reflexo, ainda, das recentes epidemias?): doenças infecciosas, saneamento básico e, questão que suscitou larga discussão, os efeitos terapêuticos do “*magnetismo animal*” (hipnose). Também assuntos de engenharia, de agropecuária, de viação férrea... Porém, já em fevereiro de 1902, o Centro se reuniria em sessão solene para comemorar o centenário de nascimento de Victor Hugo (...) em abril de 1903, Coelho Netto faria uma conferência abordando os livros *Canaã*, de Graça Aranha, e *Os sertões*, de Euclides da Cunha (...) Já na quarta sessão ordinária, em novembro de 1901 as preocupações ecológicas do grupo reunido em torno da entidade revelam-se no título e teor de uma conferência ministrada por Souza Brito sobre *A Devastação das Matas* (...)

Estes temas traduzem o espírito vanguardista que animava os fundadores do C.C.L.A. e sócios, no geral. Nota-se que a visão de “científico” tem por base o campo das ciências naturais, que se estende para a área médica. A literatura de tonalidades modernas (com destaque à programação de comemoração do centenário de nascimento do emblemático Victor Hugo) adquire relevo na programação, inclusive com o papel desempenhado por Coelho Neto, um dos seus fundadores e recém chegado a Campinas para lecionar no Gymnasio. De acordo com os autores citados (2002, p. 31), as atas das reuniões também propiciam a percepção de momentos marcados por divergências de opiniões, tal como o ocorrido em 1909,

¹¹⁸ Podemos encontrar a nomenclatura de ruas e praças de Campinas, com relação ao “antes” e “depois”, em duas obras de José de Castro Mendes: **Efemérides Campineiras** e **Retratos da velha Campinas**. Ele usa como fonte outros cronistas locais, como Rafael Duarte. Na série “Campinas de Ontem e Hoje...” encontramos várias referências a essa alteração toponímica de lugares campineiros, com a transformação de nomes bucólicos para nomes que remetem a personagens ilustres da cidade, e sugerindo-nos um exercício de rememoração por meio do qual é possível ressignificar a memória que é impressa nos lugares, pela nomeação.

¹¹⁹ Ver reprodução de imagem fotográfica nos anexos.

Naquele ano, uma das inúmeras agremiações de operários que haviam se formado em Campinas, a Liga Operária, programara um comício no Teatro São Carlos, como forma de protesto contra a morte de um professor e pedagogo, Francisco Ferrer, fuzilado na Espanha; convidado o CCLA para se fazer representar, essa participação é arduamente defendida pelo orador do centro, Horta Barbosa. A ela, contudo, opuseram-se justamente os dois diretores que anos antes haviam erguido a bandeira da causa indígena, Melillo e Tito de Lemos, aparentemente não por razões ideológicas, mas estatutárias: os estatutos sociais vedavam pronunciamento em matéria política e religiosa. A propositura de Horta Barbosa resulta todavia vitoriosa, e o Centro faz-se representar no comício pelo sócio Henrique Serra.

Defender as matas e o centenário de Victor Hugo não seria uma “atitude política”? Quais os critérios para a definição do que seria “matéria política”? A “neutralidade” diz respeito aos propósitos da produção de cultura de viés positivista. Além do positivismo, traços liberais, românticos, republicanos, diga-se, modernos, eivados de caráter político compõem a história desta instituição: no caso, a questão era reconhecer como legítimo, ou não, o apoio do C.C.L.A. ao protesto em função do fuzilamento de Francisco Ferrer y Guardia, um anarquista catalão ligado à educação libertária.¹²⁰

Segundo Borges e Mazzola (2002, p. 36), a sede do C.C.L.A., situada na esquina da rua Conceição e em frente ao largo da Catedral, compunha-se de dois pavimentos. No térreo, estavam localizadas as duas bibliotecas e a saleta de café; no pavimento superior, “localizava-se o amplo salão de festas, com palco, dois pianos de cauda e paredes ornamentadas com uma série de quadros. Na fachada, bustos de Wagner, Michelangelo, Lineu, Claude Bernard, Gonçalves Dias”. Notam-se, pela imagem, exposta no anexo deste trabalho, e pela descrição anterior, a arquitetura e o ambiente requintados desta sede.

Como parte da implementação do plano de urbanismo na região central da cidade, este prédio foi demolido no início da década de 1940, e em 1942, por sua vez, foi inaugurado o edifício que é sede da instituição até a atualidade.

¹²⁰ “A educação libertária ou ‘educação moderna’ dos anarquistas e anarco-sindicalistas, com as suas teses fundadas principalmente nas idéias de Paul Robin e Francisco Ferrer y Guardia, originou a formação de várias ‘escolas modernas’ por todo o Brasil, as escolas operárias e libertárias. As Escolas Modernas I e II, fundadas na cidade de São Paulo no ano de 1912, a *Escola Moderna* de Bauru e de Cândido Rodrigues, criadas em 1914 nas duas cidades do interior de São Paulo, e a *Escola Moderna* de São Caetano, de 1918 (...) foram exemplos da aplicação da pedagogia anarquista desenvolvida pelo educador francês Paul Robin e Francisco Ferrer y Guardia (...)”. In CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Da escola disciplinar à pedagogia do controle**. Campinas, 2004 (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Unicamp, p.68.

Outra construção focalizada por José de Castro Mendes, em sua coluna, é o do Cine Rink, que se localizava na rua Conceição, entre a avenida Francisco Glicério e a rua Barão de Jaguará. Segundo ele, construído em 1878, “inicialmente para o esporte da patinação”, e posteriormente remodelado para teatro, “acolheu todos os gêneros de atrações existentes no mundo dos divertimentos”, durante muitos anos.¹²¹ Em 1951, ocorreu um acidente no local que marcou a memória campineira: o teto desabou, deixando muitos mortos e feridos. Ouçamos a voz de João Belette Júnior, que vivenciou a tragédia, em matéria jornalística a respeito.

Era tarde de domingo (...) estava sentado bem no centro do cinema lotado - a capacidade era de 1,2 mil lugares - assistindo a matinê do filme *Amar foi minha ruína*, quando o teto caiu e uma viga o atingiu. Ao ouvir o estrondo no cinema, lotado de crianças como ele, Belette teve tempo apenas de ver pedaços de madeira caindo e o céu nublado. “Era um dia cinzento”, diz. Assim que a viga caiu sobre o seu corpo, ele desmaiou. “Sei que fui retirado do cinema só na manhã de segunda-feira, mais de 15 horas depois do acidente”, afirma. Das ruínas do cinema, Belette foi levado direto para o Hospital Vera Cruz. “Eram tantos os feridos que grande parte foi colocada no chão do terceiro andar que estava em construção. Meus pais demoraram dois dias para me achar”, relembra. Belette, então com 9 anos de idade, tinha ido à matinê dupla com outros dois amigos e três amigas (...) Antônio, de 13 anos, morreu. Celina, Jandira, Maria e Paulo saíram ilesos. As marcas do desabamento ainda estão encravadas na alma e no corpo do gerente. “Nunca vou me livrar delas”, diz. Ele teve o antebraço direito esmagado. Também sofreu fraturas nas duas pernas (...) Desde a tragédia, Belette nunca mais assistiu a um filme no cinema. “Tentei ir quando casei. Minha mulher insistiu muito, mas fiquei menos de cinco minutos e saí, relata.¹²²

A memória se relaciona à lembrança e, também, ao esquecimento, ao silenciamento e ao (re)sentimento.¹²³ A memória se revela traumática quando Belette não vê mais como possível assistir a uma sessão de cinema; quando não consegue dormir, pois imagens do vivido em 1951 vêm à tona ao saber do desabamento do teto da igreja Universal do Reino de Deus, em Osasco, em sete de setembro de 1998.

¹²¹ MENDES, José de C. “Campinas de Ontem e Hoje (...), Jornal **Correio Popular**, 02 de abril de 1961, p.22.

¹²² MIRANDA, Adriana. “Tragédia do Cine Rink resiste na memória”. Jornal **Correio Popular**, Campinas, domingo, 20 de setembro de 1998, p. 1. Caderno Cidades. Na matéria, temos, reproduzida, uma imagem fotográfica que seria, em tese, um documento da tragédia. No entanto, percebi que havia um engano: a reprodução fotográfica era do incêndio do Cine República e não do Cine Rink. Chamou-me a atenção que somente numa segunda leitura da matéria pude chegar a esta conclusão. O que quero pontuar, aqui, é o quanto a iconografia é ainda tomada, seja pela mídia, seja pela escola, como ilustração de fatos, o que contribui para a naturalização das paisagens da cidade e para a produção de verdades tomadas como incontestes.

¹²³ Sobre esta questão: SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In BRESCIANI, Maria Stella M.; NAXARA, Márcia. (org.) **Memória e (re)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas:Ed.UNICAMP, 2001, p.37-58.

A memória traumática se revela, também, nos receios de pelo menos parte da população campineira em relação ao mau estado de conservação do Teatro Municipal Carlos Gomes, demolido em 1965, segundo entrevista concedida por Bráulio Mendes Nogueira,

(...) Quando o Teatro foi demolido (...) a imprensa registrou alguns protestos... mas sem grande amplitude... porque Campinas estava ainda sofrendo o impacto emocional da tragédia do *Cine Rink*... e tinha receio de que o Teatro viesse a sofrer também um desmoroamento (...)¹²⁴

Há que ser considerado, neste depoimento, um ponto de vista particular, seja quanto à amplitude dos protestos da população, face à demolição, seja quanto ao “impacto emocional” do acontecido no Cine Rink. Por outro lado, a memória individual estabelece relações com a memória coletiva. Nesse sentido, Seixas (2001) aponta para a necessidade de ultrapassarmos a mera oposição entre memória individual e coletiva, entre memória e história, e pensarmos nos mecanismos de produção e reprodução da memória coletiva.

Observemos as imagens fotográficas. Na referente à “Campinas de Hoje”, vemos as modernas linhas *art decò* da sede desta empresa, inaugurada em 1941, em edifício que foi um dos primeiros arranha-céus da cidade¹²⁵. Neste conjunto iconográfico, nas imagens modernas de “ontem” e de “hoje”, a imbricação, a convivência cultural harmoniosa, entre os poderes sacros e laicos (comerciais e científicos) se explicitam, nesta cidade. No sentido da construção de uma memória coletiva campineira, uma elucubração sobre o papel desempenhado pelo jornal campineiro **Correio Popular**, criado em 1927, ganha corpo. O que podemos apreender da análise destas representações iconográficas? Por hora, deixemos esta questão ressoar.

8: RUA BENJAMIN CONSTANT - 26 de fevereiro de 1961, p.12.

“Na rua Benjamin Constant, antigo Beco do Roso ou do Caracol, na esquina da rua Barão de Jaguará, localizava-se o velho prédio residencial onde, durante vários anos, funcionou a Associação Comercial de Campinas. Das mais estreitas, com 3 metros de largura a tradicional via pública que até o segundo decênio deste século conservou o seu aspecto primitivo e acanhado, depois alargada, transformou-se

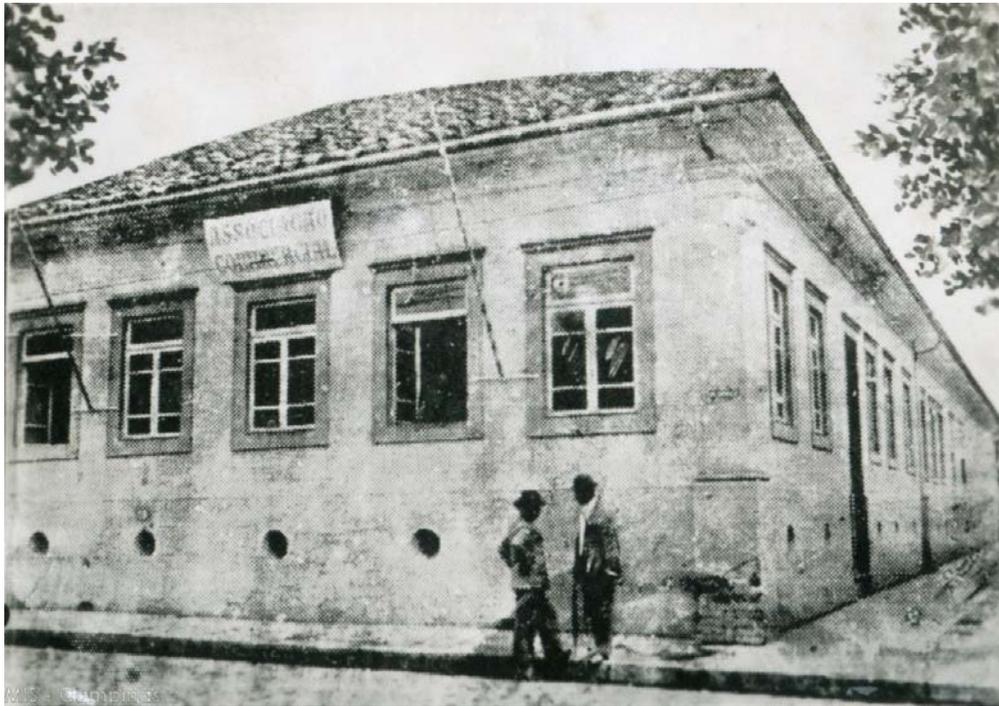
¹²⁴ FARDIM, Sonia (org.) *op. cit.* p. 73. O campineiro Bráulio Mendes Nogueira atuou como jornalista em jornais locais, como o “Diário do Povo” e o “Correio Popular”. Foi chefe do setor de Difusão Cultural da Prefeitura e presidente do C.C.L.A. (1982-86 e 1990-94), falecendo em 2002.

¹²⁵ MENDES, José de C. “Campinas de Ontem e Hoje...” Jornal **Correio Popular**, 25 de setembro de 1960, p. 13.

completamente com a construção de vários edifícios modernos onde se localizam escritórios e importantes firmas comerciais, colocando-se entre as mais bonitas da cidade”.

Visão em dois tempos

Campinas de Ontem e de Hoje



Esquinas das ruas Benjamin Constant e Barão de Jaguará MIS-BMC 663



O antigo e estreito Beco do Caracol deu lugar a uma das ruas mais movimentadas da região central, a Benjamin Constant. A cidade ainda calma, a permitir uma conversa descontraída de dois cidadãos, sem a preocupação com os inconvenientes do trânsito e com o aval de um prédio antigo cujas paredes e janelas serviram de ouvido, durante muitos anos, aos segredos

diurnos e noturnos dos transeuntes. A cidade frenética, em ritmo de mudanças que são perceptíveis na rua enfocada: ampla, com edifícios a atestarem a movimentação financeira, a rua embelezada, segundo o cronista.

É a idéia de contraste, como já afirmei anteriormente, que orienta a escolha das imagens, por José de Castro Mendes. Contrastes e contradições que permeiam o (re) desenho urbano de Campinas e que podem ser percebidos, não somente pela contraposição de momentos históricos distintos no tempo, mas, também, por um mergulho junto a uma dada época. Decifrar a *fisiognomia* da cidade moderna por meio das imagens dialéticas que a compõem e produzir, assim, conhecimento histórico: é a proposta de Benjamin a inspirar esta análise.

Assim, tratemos dos becos, por exemplo. Os becos estreitos, iluminados com lampiões se afiguram como traços de uma cultura colonial que era deixada para trás na localidade, notadamente a partir da segunda metade do século XIX, com a penetração de novas idéias e com o questionamento do estatuto da tradição, impulsionados pela racionalidade e moral burguesas a incidirem no corpo e alma da cidade. O binômio thompsoniano da dominação e resistência há que ser considerado, tal como, por exemplo, aparece na perspectiva de Lapa sobre a cidade, no período de 1850-1900 (1996, p. 17),

(...) Dessa maneira, o processo de modernização que se faz sentir, ainda que contínuo, é setorial e epidérmico, encontra resistências ponderáveis ao seu avanço e procura ajustar-se à nova ordem social. Novas idéias e novos ideais são propostos, perseguidos e aceitos. Novos comportamentos decorrem deles, conformando aos poucos a cidade à sua disciplina (...)

Alguns comportamentos, em época de normatização da vida urbana, precisam ser controlados. Desvios de conduta; perigos contra os quais o “cidadão de bem” deve se precaver. E a descrição do “Bêco do Inferno”, a seguir, indica a presença, na cidade, da hierarquização social, dos preconceitos, das exclusões, das violências e, também, das resistências.

Ligando a Rua do Meio (Dr. Quirino) ao Mercado Grande, localizado onde atualmente se encontra o Instituto de Educação Carlos Gomes. A travessa São Vicente de Paula destaca-se nas crônicas da velha Campinas como cenário de episódios interessantes que a tornaram conhecida popularmente como o Bêco do Inferno. Apesar de situada em ponto bastante central, a estreitíssima via de comunicação todas as noites se animava com a presença de malandros, desocupados e mulheres de baixa classe que ali permaneciam até

altas horas em algazaras e discussões, perturbando o sossego dos moradores vizinhos desesperados com a infernal barulheira sem paradeiro.¹²⁶

Lapa (1996, p. 123, 124) aponta para as duas faces da mesma cidade, convivendo em contraponto:

O que se verifica em Campinas, como de resto em outras cidades que viveram processo semelhante, é que existe mais de uma cidade num convívio forçado. Há um contraponto em relação à cidade racional, objetiva, civilizada que é proposta pela emergência capitalista e que se confronta com a outra cidade (...) é a cidade praticada, vivida ao arrepio das posturas, da vigilância, do poder público (...) esta cidade de que vos falo não é tão visível, a sua existência é furtiva, pois é incômoda à outra. É produzida a cada dia, sobretudo pelos escravos e pelos pobres (...)

A vida urbana de Campinas se tece no movimento de diálogo e de tensões entre estas duas cidades, a “iluminada” e a das “sombras”, espalhando as marcas das dominações e das resistências também no espaço público, tal como ruas e praças. Neste conjunto imagético comparativo, J. de Castro Mendes destaca na Campinas de então, a superação de contradições do passado (prédio da Associação Comercial, ao lado de um beco), reforçando a linha progressista de história da cidade.

9: RUA BARÃO DE JAGUARA - 19 de setembro de 1965, p. 16.

“Rua Barão de Jaguara num dia de semana, em 1903, com as casas comerciais embandeiradas, arcos de bambu e lanternas japonesas, num flagrante apanhado da esquina da rua Góis (atual César Bierrenbach) momento antes da passagem de Alberto Santos Dumont, o grande inventor brasileiro, o pai da aviação que se achava nesta cidade para colocar a primeira pedra no monumento a Carlos Gomes. A foto nos mostra a casa Ao Monde Elegant, depois Casa Genoud, uma das mais importantes da cidade nos ramos de livraria, papelaria, armarinho, brinquedos e instrumentos musicais. Sessenta e três anos depois, num dia feriado, focalizamos o mesmo trecho central, antes quieto e sem movimento e agora transformado, com ares metropolitanos no movimento intenso de veículos e pedestres – contraste evidente do progresso que a terra do genial compositor conterrâneo apresenta na atualidade”

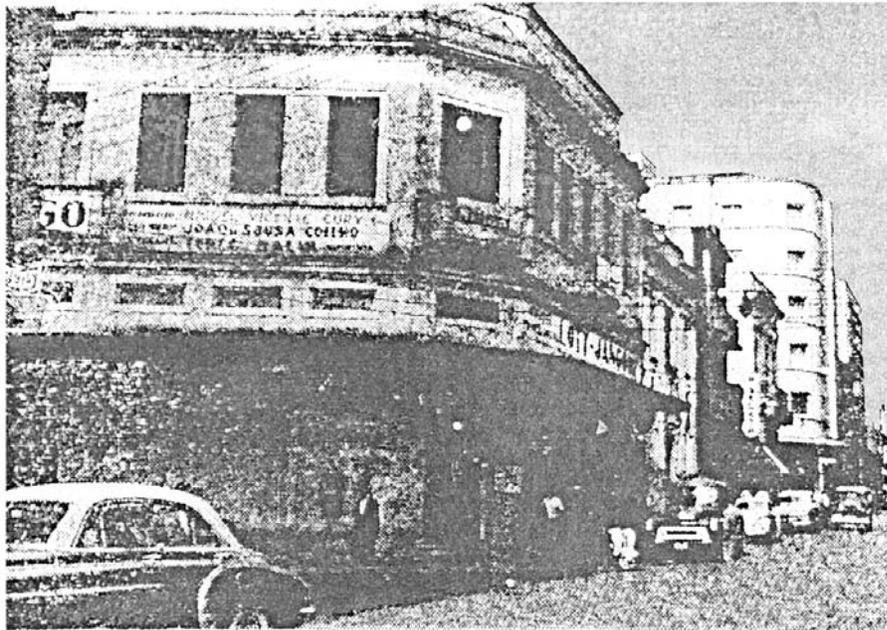
¹²⁶ MENDES, José de C. “Campinas de Ontem e Hoje (...)” *Jornal Correio Popular*, 30 de outubro de 1960, p. 09.

Visão em dois tempos

Campinas de Ontem e de Hoje



Rua Barão de Jaguará MIS-BMC 485



Mais uma vez uma proposta educativa de viagem ao passado da cidade, a partir do presente, onde o autor destas representações enfatiza as dimensões emblemáticas desta história

urbana, situadas em produções da elite local, de caráter intelectual, artístico e comercial. A cidade estava em festa! A *Monde Elegant*¹²⁷ (Casa Genoud), estabelecimento comercial e ponto de encontro de artistas e intelectuais, aparece enfeitada! Pessoas circulavam pela Barão de Jaguara rumo ao largo da Igreja do Carmo ou Matriz Velha. Afinal, nada menos que Santos Dumont, este ilustre “senhor dos ares”, estava em Campinas a rever os velhos amigos da época dos estudos no tradicional Colégio Culto à Ciência, em ato para o qual havia sido incumbido: a colocação da pedra fundamental do monumento-túmulo de Carlos Gomes.

O cronista Leopoldo Amaral fez parte da comissão encarregada pela municipalidade para cuidar do monumento, logo após o falecimento do maestro e compositor, em 1896, no Pará. Segundo ele (1927, p. 80,81), o ato de 1903 “realizou-se com o maximo brilho”,

Janelas e sacadas de todos os prédios visinhos, estavam repletas de senhoras; sobre degraus, sobre bancos, procurando, cada qual, poder melhor observar a cerimônia em que se ligavam os nomes de dois grandes brasileiros: Santos Dumont e Carlos Gomes!

As homenagens, inscritas nos espaços da cidade, dizem respeito ao diálogo entre memória e história. Os significados destes diálogos podem ser vários: da carga afetiva e simbólica da memória que vem à tona até seu caráter mais deliberado de corresponder a determinados interesses políticos no presente. Em Campinas, o monumento a Carlos Gomes pode ser tomado como inaugural de uma etapa de surgimento de outros monumentos, notadamente na década de 1920, segundo perceptível na obra de Amaral (1927). Vejamos!

Em 1912, no largo do Rosário, inaugurou-se uma herma com o busto em bronze em memória do campineiro João César Bueno Bierrenbach, bacharel em Direito, pela Faculdade de São Paulo, intelectual de destacada oratória, um dos fundadores do C.C.L.A. Homenagem levada a cabo por um grupo de amigos do falecido (1927; p. 237-240).

Nos anos 20, seguiram-se outras ações na mesma direção. Por exemplo, em 1924, na praça Carlos Gomes e por projeto encampado pelo C.C.L.A., ocorreu a inauguração do monumento - herma com busto em bronze - em honra a Rui Barbosa, que esteve várias vezes

¹²⁷ Segundo Lapa (1996, p. 283), “A modernidade irá afrancesar o comércio de artigos finos, contribuindo naturalmente para mudar o estilo de vida dos estratos mais altos da sociedade local. Vestuário e alimentação, condução e estética, lazer e arte, serviços e conforto passam a ser atendidos por uma variedade de estabelecimentos que se apresentam com nomes franceses e variado estoque de mercadorias importadas da França”. Considerando esta perspectiva de análise, podemos situar o papel desempenhado pela *Monde Elegant* na divulgação de outros padrões de comportamento, na cidade, incluindo hábitos de consumo e sensibilidades, dentre os quais o hábito de leitura, tão valorizado na sociedade capitalista moderna.

em Campinas, cidade que o recebeu “ entre manifestações festivas, esplendentes, principalmente quando elle tratava de sua candidatura á presidencia da Republica” (1927, p,123-128). Em 1925, também na praça Carlos Gomes, um novo monumento: desta feita, a homenagem foi para o médico carioca Dr. Thomaz Alves. Atuando em Campinas como médico durante a época da febre amarela, “attendendo, sem hesitação, os chamados, em sua maioria, provindos das camadas sociaes em que, às vezes, são escassos os meios de subsistência”, foi intendente no início da República e colaborador, durante curto tempo, da **Gazeta de Campinas** (1927, p. 189-196). Ainda em 1925, a estátua em homenagem a Dom Nery, campineiro e primeiro bispo da diocese de Campinas, passou a figurar, em pleno largo da Catedral. Sua ação no tocante às crianças órfãs da febre amarela e à criação do Lyceu de Nossa Senhora Auxiliadora foi perenizada pela pena de vários escritores da história local, dentre eles Amaral (1927, p. 157-161).

Podemos perceber que renomados escultores, como Rodolfo Bernardelli, responsável pelo monumento-túmulo a Carlos Gomes, e Ettore Ximenes, foram convidados para a execução das obras, em projetos idealizados e levados a cabo por comissões compostas, geralmente, por homens com atuação destacada na vida pública local. O C.C.L.A. faz parte, também, este projeto memorialístico local.

Estabelecendo uma ponte com a atualidade, em 2006, os nomes de Santos Dumont e Carlos Gomes, voltam à cena. O primeiro, em função das comemorações dos cem anos do 14 Bis (1906-2006), teve sua memória reatualizada no cenário nacional e internacional em função da programação comemorativa específica, elaborada pela Comissão Interministerial para as comemorações do Centenário.¹²⁸ O segundo, veio “coroar” as obras de revitalização das imediações do viaduto conhecido como “Laurão”, onde foram instaladas três esculturas, em linguagem contemporânea, alusivas ao maestro e compositor, fruto de um concurso público promovido pela Prefeitura Municipal de Campinas, em 2006.¹²⁹ Ou seja, o que quero destacar, aqui, é esta reatualização da memória como parte mesmo de certo *boom* da memória na

¹²⁸ Cf www.santosdumont.14bis.mil.br , acesso em 12 de janeiro de 2007. Veja, também, sobre a questão das comemorações e das “tradições inventadas”, Hobsbawn, Eric, RANGER, Terence.(org) **A invenção das tradições** (1984)

¹²⁹ O concurso foi de âmbito nacional, denominado “Memorial Cultural Carlos Gomes” e promovido pela parceria da Secretaria de Cultura, Esportes e Lazer com a Sanasa-Campinas. Os vencedores foram os arquitetos campineiros Pedro P. Manieri, Carlos A. Lazanha e Daniela S Galli. Cf ACOSTA, Sandro, DINI, Alberto, VIEIRA, Donizeti. “Prefeitura de Campinas premia vencedores do Memorial Cultural Carlos Gomes”. 14 de setembro de 2006 www.campinas.sp.gov.br . Acesso em: 12 de janeiro de 2007.

fragmentária e acelerada “contemporaneidade”, tal como já posta em questão por vários autores¹³⁰ e que nos leva a refletir sobre as relações entre presente e passado.

No caso de Campinas, chama-me a atenção um fragmento da fala do prefeito sobre o concurso, Hélio de Oliveira Santos, segundo fonte já explicitada: “Dr. Hélio disse também que se sentia orgulhoso por fazer parte de uma administração municipal que tem por meta desenvolver atividades que visem homenagear e pagar a dívida que o País e a cidade têm para com Carlos Gomes”. A que “dívida” ele se refere? Em que medida esta “dívida” já não foi paga, tendo em vista as variadas homenagens já prestadas a Carlos Gomes? Se a dívida, por suposição, for devido ao fato do maestro-compositor, abolicionista e monarquista não ter sido acolhido na sua cidade natal pelo círculo republicano no poder, no final do século XIX, entramos em outro campo: pode o presente dirimir as falhas do passado? Qual (is) o(s) papel (éis) atribuídos à memória, neste caso? As considerações de Seixas (2001, p.42) sobre o tratamento que muitas vezes é dado às questões da memória, no qual é ressaltado não o seu caráter de memória espontânea e, sim, o de “reconstrução deliberada”, podem fazer com que lancemos outras luzes sobre o assunto.

A memória é ativada visando, de alguma forma, o controle do passado (e, portanto, do presente). Reformar o passado em função do presente via gestão das memórias significa, antes de mais nada, controlar a materialidade onde a memória se expressa (das relíquias aos monumentos, aos arquivos, símbolos, rituais, datas, comemorações...) Noção de que a memória torna *poderosos* aquele(s) que a gere(m) e controla(m).

A gestão das memórias é o que se coloca, aqui, como questão a não perdermos de vista. E ainda, nesse sentido, que papéis foram desempenhados por José de Castro Mendes e o jornal **Correio Popular** no que tange à gestão das memórias campineiras?

Uma concepção muito presente na série “Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos” é a da marcha progressista ocorrente no seio da cidade, no início da década de 1960.

¹³⁰ Dentre eles: CRUZ, Manuel (compilador). **Hacia dónde va el pasado**: el porvenir de la memoria en el mundo contemporáneo. Barcelona: Paidós, 2002. HUYSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumento, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória, História e Documento: reflexões para um tempo de transformações. In SILVA, Zélia Lopes da (org). **Arquivos, patrimônio e memória**: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP:FAPESP, 1999, p. 11-29.

Tentei puxar os fios, nesta análise, de outros momentos históricos também marcados pelo que convencionou-se denominar de “ritmo do progresso” local, como na segunda metade do século XIX e a partir dos anos de 1930. Em linhas gerais, cada época histórica tem determinadas especificidades em termos de conjuntura sócio-econômica e política, assim como de comportamentos, de sensibilidades. Entretanto, há um “fio” a perpassar diferentes momentos da história campineira: é o referente ao processo de modernização capitalista operante em Campinas, ao qual se interliga a concepção e a consciência do moderno e da modernidade, veiculados pelo discurso do progresso. Nos textos de José de Castro Mendes, encontramos várias referências que vão nesta direção, quando o mesmo estabelece um paralelo entre o passado e o presente.

Reproduzo, a seguir, algumas delas. “A cidade cresce e se expande, em ritmo cada vez mais acelerado, onde o progresso está numa dinâmica sempre constante e que modifica Campinas da noite para o dia”; “(...) o progresso que rapidamente vai tomando conta da cidade modificando completamente as suas antigas e tradicionais perspectivas”; “Entretanto, atendendo aos imperativos do progresso, picaretas implacáveis nada respeitaram, deitando por terra quarteirões inteiros para o alargamento da rua que, indiscutivelmente, muito se embelezou com as importantes edificações que ali se encontram.”¹³¹ Este cidadão percebe as alterações na cidade e as ressignifica na produção de seus textos, articulando os mesmos às imagens fotográficas escolhidas. O contraste entre imagens fotográficas realizado propicia a percepção das alterações, notadamente arquitetônicas e, em certos casos, o autor alude também às mudanças nos costumes locais. Às vezes, sua fala indica um certo fascínio em relação aos novos arranha-céus e avenidas amplas: aos frutos do progresso, em suma. Em outros casos, oscila entre o reconhecimento da força destrutiva das “picaretas implacáveis” e o embelezamento das novas obras. Às vezes, um tom saudosista lhe escapa: “Bons tempos aqueles...” Percebo a diferença entre a leitura propiciada pelo recorte fotográfico e a leitura produzida pelo texto escrito. Essa educação política dos sentidos, que José de Castro Mendes potencializa, se dá na relação entre as reproduções fotográficas e a respectiva produção textual escrita.

Em texto publicado em 1962, José de Castro Mendes relativiza a visão idealizada do passado, apoiado numa fonte de meados do século XIX, e ressalta o “desenvolvimento”

131 Respectivamente publicadas nos dias: 20 de março de 1960, p. 8; 12 de fevereiro de 1961, p. 12; 12 de março de 1961, p. 8; 17 de julho de 1960, p. 17

campineiro, fazendo uso, também, do recurso de contrastar imagens fotográficas. Ouçamos as vozes.

Para os que apreciam conhecer os fatos relacionados com o passado de Campinas, agrada sempre a leitura de páginas que falam sobre a cidade fazendeira e opulenta de outros tempos, onde os cafezais e os engenhos de cana constituíam fontes de riqueza e de prosperidade.

Por meio desses relatos, naturalmente fazemos idéia de que a vida por aqui deveria ser mesmo uma coisa maravilhosa. Poucos entretanto conhecem o que também se escreveu, encarando os fatos com mais objetividade, sem qualquer dose de fantasia, mostrando a outra face da cidade então conhecida como a capital agrícola da Província.

Eis o que nos conta Henrique de Barcelos numa crônica de sua autoria publicada em 1897, na qual recorda aspectos de Campinas em 1862: “A cidade era uma mesquinha aldeia. Não havia calçamento. As ruas eram atoleiros. Na rua Direita, nos quarteirões hoje mais freqüentados da cidade, apenas umas tiras de pedras bicudas, terror dos calos, e alegria dos sapateiros, fingiam de calçamento.

Na rua do Comércio havia buracos enormes onde cabia um homem (...) no largo do Rosário, da Cadeia e do Teatro a herva crescia. Havia dois colégios, em verdade mal organizados, oito escolas de instrução primária onde o menos que se ensinava era ler e escrever e contar. As crianças saíam de lá conhecendo vários vícios, e sabendo meter o dedo no nariz. Apenas uma escola particular era exceção à regra geral. A civilização chegava tardia. Os meios de comunicação eram difíceis. De Jundiaí, onde terminava a linha férrea inglesa, vinha-se de trole ou a cavalo. De cinco em cinco dias é que chegavam os jornais da corte, e a Gazeta de Campinas de 2 de dezembro, publicava notícias da Europa com data de três de outubro (...)”

Um século depois desse tempo evocado pelo saudoso jornalista em sua crônica, quanta transformação se operou, quanta diferença nas velhas perspectivas urbanas ali evocadas.

Ao impacto das picaretas renovadoras vieram abaixo os tortuosos e escuros bêcos do perímetro central, alargaram-se ruas que levaram de roldão vetustos sobrados, teatros, mercados, o casario de taipa e beiral talhados pelos arcaicos moldes coloniais.

Em 1935 surgiu o primeiro arranhacéu, marco de uma nova vida trepidante, dinâmica e cosmopolita, aformoseada pelo progresso que lhe atinge todos os quadrantes.

As fotos abaixo, em seus aspectos comparativos melhor do que as palavras, oferecem ao leitor uma visão do extraordinário desenvolvimento que a cidade atualmente apresenta.¹³²

Há alguns aspectos a serem ressaltados a partir da leitura deste texto. Um deles: o autor explicita a fonte, o que pude captar em poucos textos seus, publicados na imprensa no período de 1960-1965. Por outro lado, nos livros **Efemérides Campineiras** e **Retratos da velha Campinas** há referências às fontes consultadas: notadamente cronistas locais (Leopoldo Amaral, Rafael Duarte, entre outros), almanaques campineiros do final do século XIX e início do XX, Revista do

¹³²

MENDES, José de. “Flagrantes de duas épocas”. Jornal **Correio Popular**, 07 de setembro de 1962, p. 42 e 46. Henrique de Barcelos foi um imigrante português, autodidata, proveniente das classes trabalhadoras, professor do Culto à Ciência, diretor proprietário do jornal **Diário de Campinas**, no final do século XIX. Adepto, também, das idéias modernas, republicanas, a partir de um lugar social díspare, era um lutador em prol de uma concepção mais próxima à democracia social. Cf Galzerani (1998).

C.C.L.A., jornais campineiros (acervo do C.C.L.A.), Atas da Câmara, dentre outras, o que nos permite estabelecer um quadro geral da documentação histórica por ele utilizada. Outra questão é a visão sugerida no texto de Henrique de Barcelos sobre a transformação ocorrida no cenário campineiro, no interstício 1862 - 1897: em sua crônica, de 1897, relembra a cidade provinciana, de 1862, cujo “atraso” adquire até um tom irônico; uma cidade provinciana que parece estar situada num tempo muito mais distante do que as poucas décadas a separá-la dos “ares da civilização”, já notados às vésperas da virada do século XIX para o XX. Por fim, a intenção explícita de José de Castro Mendes, qual seja, a de tratar o passado com “objetividade”, “sem fantasia”, evitando dotá-lo de manancial de coisas boas cujo presente fez secar. O presente tem suas qualidades, expressas na vida “trepidante”, “cosmopolita” e “aformoseada” da cidade e, para a “comprovação” do leitor, nada melhor do que a exposição das imagens fotográficas em contraste.

Em relação às formas de apropriação dos textos e imagens publicados na imprensa e de autoria de Zeca Mendes, notadamente na série enfocada nesta investigação, alguns comentários se fazem necessários. A mesma foi publicada geralmente no jornal de domingo. Talvez este fato possa pressupor um alcance maior em termos de público leitor? Podemos sinalizar para a força educativa das imagens fotográficas, em relação a uma sociedade na qual a imagem iconográfica se torna cada vez mais forte, na esteira do que já dizia Walter Benjamin sobre a “Obra de arte na época de suas técnicas de reprodução”. Neste texto, o teórico afirma que, no século XX, o valor ritualístico e de culto impresso à obra de arte cede terreno à *práxis* política e ao valor de exibição devido ao desenvolvimento das técnicas de reprodução. E o gênero de fotografia no qual as pessoas estão ausentes do captado pela lente do fotógrafo gerou uma outra necessidade: as legendas. Os jornais ilustrados forneceram, então, “os indicadores de itinerário”, “verdadeiros ou falsos, pouco importa”: “e tais legendas detêm, evidentemente, um caráter bem diverso do título de um quadro”.¹³³ Legendas, portanto, que direcionam o olhar de quem lê, que tentam controlar este olhar e educá-lo.

133 BENJAMIN, Walter. “A Obra de arte na época de suas técnicas de reprodução”. In **Textos Escolhidos** (...), 1983, p. 13. Benjamin comenta, neste texto, sobre as fotografias das ruas parisienses nas quais se ausentam as pessoas, captadas no século XIX por Atget, em época de grandes transformações no desenho urbano da cidade.

Nesse sentido, trata-se de uma educação política dos sentidos para a qual contribuíram, no cenário campineiro, a ação de José de Castro Mendes e do jornal **Correio Popular**; uma educação que difunde visões da cidade e da modernidade.

Para finalizar este capítulo, acho importante ressaltar que procurei captar a Campinas moderna na voz de Zeca Mendes, notadamente na série que foi o foco de minha análise. Por outro lado, ao realizar uma leitura mais ampla dos jornais pesquisados, referentes ao período de 1960-1965, pude captar indícios outros desta modernidade em curso, no contexto local e nacional. É sobre isso que comentarei, a seguir.

Divulgadas em destacadas manchetes, algumas obras em curso na cidade podem ser vistas, no início da década de 1960, como ícones do desenvolvimento de Campinas: “Obras de Viracopos em fase final”; “Campinas na era do jato: desceu em Viracopos o ‘Caravelle’ da Varig”; “Aeroporto de Viracopos está à altura do progresso espetacular do Brasil”; “Dentro de um ano será inaugurado o novo Viaduto da Paulista”; “Através de obras vultosas a administração Miguel Vicente Cury acompanha o ritmo do progresso da ‘Princesa d’Oeste””.¹³⁴

Por exemplo, o “Viaduto da Paulista”, inaugurado em 1963 e denominado Viaduto Miguel Vicente Cury em homenagem ao prefeito em cuja gestão ele foi realizado, se insere na remodelação urbana decorrente do Plano de Melhoramentos Urbanos, de Prestes Maia¹³⁵. Localizado em trecho próximo à Estação Ferroviária e da Vila Industrial, ponto de ligação entre o centro da cidade e bairros que se formaram no sentido da saída de Campinas rumo a São Paulo e Jundiaí, esta obra é um marco da regulação do trânsito, empreendida pelo poder público, face à maior urbanização e circulação de veículos no local, no interior da mesma lógica moderna que prioriza a circulação de mercadorias. A sua consecução, no entanto, não se fez sem embates gerados no seio da sociedade local como, por exemplo: as críticas feitas pelo vereador Romeu Santini referentes à “desorganização” e à “improvisação” do processo de desapropriação de cerca de 170 casas nas imediações, levado a cabo pela prefeitura; a crítica veiculada pelo próprio jornal

¹³⁴ Jornal **Correio Popular**. Respectivas datas de publicação: 27 de julho de 1960, p.1; 01 de outubro de 1960; 20 de outubro de 1960, p.1; 01 de junho de 1961, p. 1; 07 de setembro de 1962, p. 17.

¹³⁵ Ver reprodução de imagem fotográfica nos anexos.

em relação à ênfase da administração pública nas obras do viaduto e o descaso em relação a outros aspectos, como a falta de iluminação em trechos da cidade.¹³⁶

O progresso da “Princesa d’Oeste” é extremamente enfocado neste período, apresentado em várias matérias jornalísticas que fazem parte do corpo editorial do **Correio Popular**. Dentre elas,

a-

CLASSIFICADA CAMPINAS ENTRE AS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL.

- Progride surpreendentemente em todos os setores de atividade - está com uma população orçada em 200 mil habitantes - movimento de construções é intensíssimo: aprovação de uma planta por hora - É o maior entroncamento rodo-ferroviário do país - O Aeroporto Internacional de Viracopos - 2 bilhões e 545 milhões a arrecadação de impostos - Grande centro médico hospitalar - A Catedral e o Instituto Agrônomicos, pontos máximos para visitas (...)

b-

O último recenseamento serviu para demonstrar que a cidade de Campinas coloca-se no rol das cidades mais populosas do interior do país, como também um dos principais e progressistas centros brasileiros, que realmente trabalha decisivamente para o engrandecimento da nação que experimenta uma onda surpreendente de progresso (...)

c-

EXPRESSIVO AUMENTO DE CONSTRUÇÕES EM 1960 PÕE EM EVIDÊNCIA O PROGRESSO DE CAMPINAS – em média mais de seis prédios por dia – área construída cresceu bastante, principalmente no setor industrial – números que muito significam Ninguém desconhece o ritmo do progresso que Campinas está vivendo, isso salta aos olhos de todos os campineiros e desperta a atenção daqueles que nos visitam. Não só na parte central da cidade, mas em toda a periferia é notado o fenômeno com bairros novos despontando e dezenas e dezenas de prédios novos erguendo-se para o alto, numa demonstração de surpreendente vitalidade. Por outro lado, no campo industrial, o papel que desempenhamos vem assumindo maior proeminência, através de instalações de estabelecimentos fabris, a contribuir mais para nossa grandeza. Essas considerações surgem a propósito de dados estatísticos, que, a seguir, divulgamos, os quais revelam esses auspiciosos aspectos em marcha ascensional de Campinas.

Muito mais construções em 1960

Assim é que podemos registrar que, se em 1959, construíram-se em nossa cidade, 1710 prédios novos, já em 1960 esse número elevou-se para 2210, a oferecer, portanto, a média significativa de mais de seis prédios por dia construídos. Pormenor curioso é que a quantidade de reformas de casas diminuiu: em 1959 foi de 1240 e em 1960 de 1119, o que implica afirmar que prevaleceu o espírito de edificações.

Elevaram-se consideravelmente as construções industriais

¹³⁶ Jornal **Correio Popular**, respectivamente: 18 de setembro de 1962, p. 5; 23 de março de 1962, p. 8.

Em plena confirmação no que atrás assinalamos, basta que se saiba que a área construída para indústrias em 1959 foi de 2.358, 39 metros quadrados, enquanto no ano recém-findo essa cifra ascendeu, surpreendentemente, para 31.821,58! (...) ¹³⁷

O jornal enfatiza esta projeção campineira no cenário nacional e se apóia nas cifras para a divulgação do crescimento urbano e industrial verificado no local. O ritmo da construção civil é tão intenso que, em matéria de 23 de novembro de 1961, fala-se da conseqüente “falta de cimento” em Campinas! Os “números do progresso” impressionam, causam impacto; são componentes fundamentais dos discursos das elites locais sobre o desenvolvimento que se pauta na racionalidade técnica. Ultrapassar tais discursos ou realizar uma leitura “a contrapelo” dos mesmos, nos termos benjaminianos, é minha pretensão, nesta análise.

Antes, quero apresentar trechos de um outro discurso, do mesmo corpo editorial deste jornal, que aparece enlaçado ao do progresso campineiro, nas páginas consultadas: o discurso do progresso brasileiro, em época de projeção do país no cenário internacional devido à divulgação da recém-construída capital, Brasília, uma imagem paradigmática da modernidade em terras brasileiras.

a-
REPERCUSSÃO INTERNACIONAL. BRASÍLIA É A CIDADE MAIS MODERNA DO MUNDO - é a cidade do ano 2000 e dos grandes espaços, assinala a imprensa de Paris (...)

b-
O BRASIL ESTÁ A CAMINHO DE CONVERTER-SE EM GRANDE POTÊNCIA INDUSTRIAL DO MUNDO – assinala revista norte-americana (...)

c-
GRANDE CONFIANÇA DOS NORTE-AMERICANOS NO PROGRESSO DO BRASIL (...)

d-
DE CINCO EM CINCO MINUTOS UM CARRO NÔVO SAI DAS OFICINAS DA VOLKSWAGEN (...) ¹³⁸

¹³⁷ Jornal **Correio Popular**, respectivamente: 06 de setembro de 1960, p. 33; 02 de novembro de 1960, p.1; 29 de janeiro de 1961, p. 1.

¹³⁸ Jornal **Correio Popular**, respectivamente: 21 de abril de 1960, p.1; 02 de novembro de 1960, p.1; 07 de dezembro de 1960, p. 1; 19 de agosto de 1962, s.p.

O lema de governo do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1960), “50 anos em 5”, traduz bem a velocidade pretendida na condução do ritmo do progresso nacional, do “desenvolvimentismo”, no país. A indústria de bens de consumo, como a automobilística, aparece como um dos “novos” símbolos da grandeza nacional. No cenário da Guerra Fria, o Brasil torna-se, cada vez mais, um importante aliado econômico e político para os Estados Unidos.¹³⁹ Brasília desponta nas páginas de jornais internacionais da época como um símbolo positivo da modernidade, diferentemente da tônica observada nos últimos tempos quando esta cidade vem sendo exposta, nos cenários nacional e internacional, muito mais pelo que podemos considerar como sendo do campo das contradições da modernidade capitalista e em que o progresso, fundado na desigualdade social, se alia à falta de ética na política.

Voltando o foco em Campinas, podemos apreender outros aspectos do discurso veiculado sobre a cidade progressista, expostos a partir de outros registros (que figuram como notícias) que não os calcados nos dados estatísticos. Vamos até eles:

LOS ANGELES: Novo Estabelecimento Comercial para servir às nossas elites
Enriqueceu-se o comércio de Campinas com mais um estabelecimento, que ontem, às 17 horas, se inaugurou à Rua Benjamin Constant, 1024, entre a rua Barão de Jaguará e a avenida Francisco Glicério. Trata-se da casa “Los Angeles Comercial e Importadora”, e que se dedicará aos ramos de perfumaria em geral, artigos de luxo e de ‘bric a brac’, vestuários de esporte para jovens, adultos e, principalmente, para senhoras; bebidas finas nacionais e estrangeiras e uma seção de camisas. Em suma, uma casa comercial que, por sua especialidade, era inexistente em nossa cidade (...)¹⁴⁰

No final do século XIX a França era a grande referência em termos da modernidade, expressa em estabelecimentos comerciais campineiros, como nos mostra Lapa (1996, p. 283): “Ao Monde Elegante”, “La Mode Parisienne”, “Salon de Paris”, “Chapelaria Francesa de Mme.

¹³⁹ Neste sentido, Campinas é uma cidade que se apresenta como atrativa: “CAMPINAS FOI APRESENTADA AO PÚBLICO NORTE AMERICANO. (...) com as informações principais sobre localização, possibilidades econômico-financeiras, nº de escolas, transportes, clima, habitantes, pujança da indústria e comércio, além de outras particularidades, foi apresentada ao grande público leitor norte-americano, através de reportagem do tradicional **New York Times**, um dos periódicos de maior tiragem dos Estados Unidos. A notícia, publicada com o título: ‘Você conhece esta cidade?’ tinha o seguinte texto: ‘(...) Campinas *tem o orgulho de sua tradição e de seu progresso* mas tem mais orgulho ainda pelo fato de ter sido a primeira, e ainda é a mais notável cidade brasileira para servir de exemplo no que diz respeito aos *benefícios trazidos pela livre iniciativa (capital estrangeiro)* no crescimento de sua comunidade. Campinas é *hospitaleira*, recebendo e ajudando com alegria seus novos vizinhos. Dos Membros da Câmara Americana de Comércio-S.Paulo’”. **Jornal Correio Popular**, 25 de abril de 1965, p. 11 (grifo meu).

¹⁴⁰ **Jornal Correio Popular**, 14 de novembro de 1961, p. 6.

Henriet Bhermann”, dentre outros. Após a II Guerra, os Estados Unidos passam a assumir a posição de eixo referencial do capitalismo desenvolvido. A nova casa comercial campineira, “Los Angeles”, inaugurada em 1961, expõe o deslocamento operado na dinâmica da economia mundial, assim como a participação de Campinas e do Brasil na incorporação das “novidades” vindas do exterior. E o anúncio do jornal não deixa dúvidas sobre a fatia do público à qual se destinavam os produtos a serem comercializados!

Em outro texto,

SEARS REALIZA EXPOSIÇÃO COMPARATIVA DO PROGRESSO

A Sears, conceituado estabelecimento comercial de Campinas, acaba de organizar em suas vitrinas uma interessante exposição comparativa (...) O público campineiro poderá admirar ali aspectos de Campinas, como ruas, praças, templos, teatros, todos com os seus aspectos tradicionais e provincianos em confronto com as modificações e o surpreendente desenvolvimento urbano da ‘Princesa D’oeste’. Também estão expostos a antigüíssima máquina de costura, gramofones, geladeira, fogão, chuveiro, um dos primeiros modelos de televisão, vitrola portátil, além de outros objetos que figuram ao lado dos mais modernos aparelhos similares hoje em franco uso e de grande utilidade no lar (...) Entre os objetos e utensílios expostos na mostra comparativa, ao lado de objetos e fotografias de vários anos atrás, vamos encontrar ali presente a cooperação da Sears no desenvolvimento e progresso do setor industrial, com a geladeira e máquina de lavar roupa Colds e Televisores Silverstone, aparelhos esses introduzidos no Brasil, pela famosa organização mundial (...) Colaboraram para a realização da exposição comparativa as seguintes pessoas: srs. Benedito Ambrósio, Alexandre Carlton, Oscar Guarnieri, José Faria, José Costa, Mário Bélio, Silvino Malafaia, Aníbal Vilani, Antonio Carlos Rodrigues, Osório Candido da Silva, família Castro Dias, Joaquim José Pinto, Luis Marques, *jornalista José de Castro Mendes*, além da Pref. Municipal.¹⁴¹

Nota-se que esta exposição, com explícito caráter mercadológico, tem por objetivo evidenciar o progresso em curso também no que se refere aos eletrodomésticos, nos âmbitos local e nacional, assim como o papel da própria Sears para tal. O recurso que se utiliza na exposição é comparar o passado da tradição e do provincianismo ao presente, ao qual se atribui a condição de “tempos modernos”. Na lista de colaboradores não me passa despercebido o apoio do poder público na realização da mesma, bem como a participação de José de Castro Mendes que, conforme já vimos, atuou na realização de outras exposições referentes à história local, notadamente no que tange à Campinas antiga. E ainda: o papel do **Correio Popular** na divulgação deste evento, que tem como um dos colaboradores o seu “cronista de arte”.

¹⁴¹ Jornal **Correio Popular**, 09 de setembro de 1962, p.9 (grifo meu).

O exercício reflexivo de comparar presente e passado é fundamental na constituição identitária do ser humano, na ampliação da visão de história, na compreensão do espaço cidadão. O que deve ser objeto de nosso questionamento é o tipo de trânsito que é elaborado entre este presente e passado: uma trajetória linear, unidimensional, que não se atém ao contraditório inerente ao processo histórico, fortalece a visão progressista da história. Nesse sentido, atentemos a outros componentes da modernidade capitalista campineira, no período de 1960-1965, captados nas páginas do “Correio”.

Junto ao processo de expansão urbana, com surgimento de novos bairros e novos espaços de lazer, como o Parque Portugal com sua famosa lagoa, “Lagoa do Taquaral”, há, neste jornal, uma questão que incomoda: o aumento da mendicância e a favelização. Em relação a isso, há matérias nas quais os articulistas do jornal se posicionam e também cobram das autoridades públicas a busca de soluções.

a-

AVOLUMA-SE A MENDICÂNCIA EM CAMPINAS: FAMÍLIAS INTEIRAS MORANDO NO MEIO DA RUA (...)

É verdadeiramente chocante presenciar o que está ocorrendo há muito tempo nas proximidades da Estação Paulista, em cujo local inúmeras famílias mergulhadas na pobreza se vêm na contingência de fazer do asfalto o seu lar (...) *É lastimável pensar que isto esteja acontecendo na culta e progressista Campinas*, cidade que se ufana de seus foros de civilidade, ostentando fama de principal centro do interior da nação brasileira (...) amontoam-se mendigos vindos das mais diversas localidades do nosso Estado e mesmo do País (...) Vários chefes de famílias ‘residentes’ naqueles recantos da cidade interpeladas pela reportagem são pessoas que possuem empregos fixos muito embora modestos (...)

MEDIDAS SE FAZEM URGENTES

É bem verdade que a maior parte daqueles mendigos desmente a própria condição que os identificaria como tais, porquanto é constituída em grande parte de vadios e desordeiros, os quais as autoridades policiais poderiam facilmente aplicar penalidades corretivas, ao mesmo tempo que providenciariam a remoção dos verdadeiros mendigos para fora do perímetro urbano. *Essa medida (...) deixará o local limpo e condizente com as normas que dão à cidade as características, quase empanadas, da urbe civilizada*. Evitar-se-á, assim, que forasteiros, passando por aquêles sítios, presenciando do deprimente espetáculo levem para outros recantos do Estado e do País a desagradável e deprimente impressão que o nosso zelo poderia ter evitado e solucionado (...)

b-

NÃO SERÁ POSSÍVEL ACABAR COM A MENDICÂNCIA?

Campinas não pode continuar, como vai sendo, a Meca da mendicância. Não poucas vezes temos tratado dêsse assunto, mas a cidade continua atraindo, e cada vez mais, a

mendicância frustrada de todos os recantos, na redondeza (...) um desafio às entidades e autoridades de Campinas.¹⁴²

A visão da mendicância, expressa no jornal por meio destes artigos, diz respeito a uma problemática a ser tratada mais como questão de polícia do que da ordem das políticas públicas no campo sócio-econômico e cultural. Quem é o “mendigo”? Tentativas de nomeação, de hierarquização das pessoas, que não tocam no âmago da questão: os motivos geradores da exclusão social, da cidadania não conquistada. Aos “falsos mendigos”, a cadeia; aos “verdadeiros mendigos”, a “remoção para fora do perímetro urbano”! Assim deve ser para uma cidade que visa preservar sua imagem de cidade civilizada, na voz dos articulistas desta folha local!

Segundo Baeninger, a inauguração da Via Anhangüera, em 1948, aliada à projeção da cidade como centro industrial, na década de 1950 e início da década posterior, “transformaram Campinas na cidade-modelo” do Estado.

Nessa etapa, a chegada de migrantes representava sinal de prosperidade econômica do município e, como o direcionamento dos fluxos migratórios de outros estados e do próprio interior tinham como destino, nesse momento, particularmente a capital, o discurso institucional ressaltava a grande oferta de empregos no município (...) a partir de 1960, e particularmente nos anos de 1970, Campinas tornou-se um dos eixos da expansão industrial do Estado (...) a migração foi o componente principal nesse crescimento populacional (...) a par disso, no entanto, o migrante passou a ser a “resposta” para os problemas urbanos e sociais emergentes.¹⁴³

Localizei, nas páginas do jornal, tentativas de solucionar o problema da mendicância, tal como a criação de um albergue noturno para mendigos, em 1964, pela recém-criada Federação das Entidades Assistenciais de Campinas, F.E.A.C., e a criação, em 1962, da Sociedade Amiga dos Pobres, sendo que para esta última “Seu grande objetivo é acabar com a mendicância através das seguintes medidas: oferecer alimentação aos realmente pobres, transporte para cidades distantes, amparo e hospitalização. Uma obra de que o Comércio e Indústria podem orgulhar-se

¹⁴² Jornal **Correio Popular**, respectivamente: 23 de julho de 1960, p. 1; 24 de setembro de 1964, p. 10. (grifo meu)

¹⁴³ BAENINGER, Rosana. “Espaço e tempo em Campinas: migrantes paulistas e a expansão do pólo industrial paulista”. In **Resgate**. Revista de Cultura. Campinas: CMU/UNICAMP, Papirus, 1993, n. 5. p.111.

(...)”.¹⁴⁴ Ressalto: a prática de reenviar os considerados “mendigos” para suas cidades originárias é corrente até a atualidade em alguns municípios do país. Uma “solução” que vai ao encontro ao conhecido provérbio popular: “tapar o sol com a peneira”.

Acompanhando o ritmo de expansão da Campinas moderna da década de 1960, outras questões aparecem, nas folhas deste jornal, como contraponto à idealização de “cidade modelo”. Assim, temos o aparecimento de favelas, o aumento do subemprego e da poluição, conforme os fragmentos das notícias veiculadas na imprensa local, abaixo.

a-

CAMPINAS TAMBÉM JÁ POSSUE A SUA FAVELA

Campinas também já possui a sua favela, uma favela que, embora em ponto menor, pouco difere das que se orgulham de ser ilustração internacional e que tanto enfeiam os morros da Cidade Maravilhosa. A nossa favela se situa num terreno de propriedade da Prefeitura Municipal, localizado na Cidade Jardim, entre os bairros da Vila Pompéia e o Novo Campos Elísios (...) Nosso intuito é apenas o de alertar para o problema as autoridades responsáveis, a fim de que se evite a disseminação naquele local ou quaisquer outros, de conglomerados como êsse, com homens, mulheres, crianças vivendo em promiscuidade própria de animais, colocados que se encontram à margem do progresso do século e, mais particularmente, do nosso próprio progresso (...)

b-

CAMELÔS DOMINAM A RUA 13

- Olha a gilete a 150 cruzeiros...

- Vai correr sábado um automóvel por apenas 500 cruzeiros...

É uma gritaria infernal. Aquilo mais parece mercado persa em hora de chegada de navio.

Os ‘marretas’ surgem de todas as partes vendendo de tudo, desde bolinhas de naftalina até rifas de automóveis (...)

c-

O BARULHO CONTINUA SENDO O MAIS TERRÍVEL FLAGELO NA PAISAGEM URBANA DE CAMPINAS

(...) As autoridade que deveriam ver essas coisas nem parecem compreenderem do assunto. A impressão que se tem é de que silêncio e barulho são para eles faces igualmente aceitáveis no rosto da cidade. Igualmente saudáveis. Silêncio seria requinte e conflito supérfluos (...)

d-

POLUIÇÃO CRIMINOSA DAS ÁGUAS DO RIO ATIBAIA (...) ¹⁴⁵

¹⁴⁴ Jornal **Correio Popular**, 14 de setembro de 1963, p. 5.

(...) moradores de Souza reclamam, muitos peixes mortos (...)

Há outra dimensão desta Campinas do “desenvolvimento” tão propalado, percebida nas páginas do “Correio” no início da década de 1960, que se faz necessário explicitar. Pois bem, em um momento de transformações operadas no seio da cidade, seja em termos de desenho urbano, seja do âmbito dos comportamentos e das sensibilidades, pude captar questões relacionadas à preservação da memória local da qual não se furtaram nem José de Castro Mendes, nem o jornal ora focalizado. O que foi possível apreender? Que memória social estava sendo engendrada? Quais seus significados?

Menciono, inicialmente, a proposta levada a cabo pelo “Correio” em relação ao monumento comemorativo da fundação da Cia. Mogiana, que, em 1961, encontrava-se em estado de abandono no pátio de oficinas da ferrovia. Lembramo-nos do já exposto inicialmente neste texto de que, um ano antes, o jornal havia colocado em suas páginas a polêmica relativa à remoção do monumento a Campos Sales. Agora, um marco da memória local necessitava ser retirado do esquecimento e firmado aos olhos da população.

MELHOR LOCAL PARA O MONUMENTO COMEMORATIVO DA FUNDAÇÃO DA CIA. MOGIANA - repercute sugestão do ‘Correio Popular’

Em ampla reportagem que publicamos há dias, chamamos a atenção da Prefeitura e de sua Secretaria de obras para um fato sobremaneira interessante, mormente nesta época em que todos os cuidados do Executivo voltam-se para um remodelamento urbanístico que mudará a feição da nossa área central, qual seja, a construção de novo Viaduto sobre as linhas da Paulista (...) e que constituiria a colocação em melhor local do monumento comemorativo da fundação da Companhia Mogiana, ora relegado a esquecimento e abandono no pátio das oficinas dessa ferrovia, embora obra artística, que, virtualmente, pertence a Campinas e merece mais consideração(...)¹⁴⁶

Este tema rendeu algumas páginas publicadas e, além do papel do jornal no sentido de expor aos leitores a questão, outras vozes se manifestam sobre o assunto: o poder legislativo, os ferroviários, a família do autor. Inclusive, um dos objetivos do jornal era chegar até o autor do monumento, até então desconhecido. Para isso, e por sugestão de um ferroviário aposentado, expressa em carta dirigida ao jornal, foi composta uma comissão de historiadores encarregada da

¹⁴⁵ Jornal **Correio Popular**, respectivamente: 11 de janeiro de 1964, p. 1; 15 de julho de 1964, p. 1; 14 de janeiro de 1962, p.5; 03 de julho de 1962, p. 5.

¹⁴⁶ Jornal **Correio Popular**, 08 de fevereiro de 1961, p. 10.

elaboração de pesquisa histórica e da qual fez parte José de Castro Mendes. Por fim, vem a público o autor, Rafael de Rosa, em função do depoimento que chegou até o jornal, vindo de um outro ferroviário aposentado e genro do escultor. O local de colocação do monumento foi escolhido e o mesmo permanece nele instalado até a atualidade, em frente à antiga estação ferroviária, hoje “Estação Cultura”.

Como intenções explícitas do “Correio” em mover essa campanha, temos: “(...) pelo seu elevado conteúdo artístico (...) pelo seu sentido histórico, que assinala uma fase de Campinas e homenageia vultos do passado e atividades econômicas do município em fins do século XIX (...)”. E ainda: “Trata-se do fato de ser o primeiro monumento erguido em nossa cidade, visto que foi inaugurado em 2 de dezembro de 1897, quando se comemorou o jubileu de prata do surgimento da Companhia Mogiana (...)”¹⁴⁷ Não investiguei se este é realmente o primeiro monumento erguido na cidade. Ou seja, para além desse argumento do pioneirismo em termos da sua inauguração, reside um outro: o que coloca em evidência o pioneirismo de homens considerados empreendedores aos quais se vinculam a construção da ferrovia, importante símbolo da modernidade na também “pioneira” Campinas do século XIX.

E mais,

PRESERVAÇÃO DOS MONUMENTOS E PRAÇAS DA CIDADE

Temos monumentos em quase todas as praças da cidade. Representam a homenagem cívica e agradecida que a coletividade tributa a seus maiores vultos.

Políticos, médicos, jornalistas, cidadãos de diferentes atividades, todos eles se colocaram na norma de serviço inesquecível dentro da comunidade. Sua presença, permanente no bronze das praças, significa reconhecimento do valor e da grandeza com que se houveram em meio dos contemporâneos (...)

Evidentemente que esses monumentos devem ser cuidados por todos. Pertencem ao futuro – pertencem, em suma, a êsse imponderável que é a sua grandeza espiritual e moral.

O cuidado desses monumentos precisa entrar na consciência coletiva. Triste a terra onde tais homenagens e grandezas precisam de policiamento legal, da força, da presença solerte de guardas mantidos pelo poder público!

O povo é que precisa cuidar dos monumentos (...) ¹⁴⁸

¹⁴⁷ Jornal *Correio Popular*, 10 de fevereiro de 1961, p. 10.

¹⁴⁸ Jornal “*Correio Popular*”, 14 de março de 1965, p. 1. Em outras matérias pesquisadas percebi este tom de cobrança do jornal, dirigida notadamente ao poder público local, em relação à preservação de praças e monumentos. Destaco, também, uma outra campanha surgida no interior do jornal: a referente a criação de um monumento em homenagem póstuma ao presidente Kennedy, liderada por Célia S. Farjallat. (14 de outubro de 1964, p.4)

O jornal chama a atenção, em primeira página, sobre a preservação do patrimônio da cidade, enfatizando a necessidade de zelo para com os monumentos, para com a memória apresentada - no caso, memória oficializada. Faz um apelo à população no sentido de a ela caber a manutenção dessa memória, sem a necessidade de se fazer valer a força policial. A questão remete também à identificação da população em relação a estes monumentos. O sentido de pertencer a esta cidade, de reconhecer-se nela por meio desses marcos é um desafio, levando em consideração que é uma dada memória que prevalece nestas construções e constitui-se em memória histórica a privilegiar segmentos também privilegiados da população. Por meio destes lugares da memória oficial fazer emergir outras memórias, memórias múltiplas, é também o desafio de quem visa produzir conhecimentos histórico-educacionais a partir da cidade.

Em certo sentido, podemos estabelecer uma relação entre esta movimentação pró-memória, da qual fez parte Zeca Mendes e o “Correio”, e o vivido na cidade em termos de mudanças percebidas que, de certa forma, apagavam rastros, quebravam os fios com a tradição. É uma espécie de potencialização da memória “particularmente nos momentos de crises e rupturas históricas”, segundo Seixas (200, p.42), e na qual a função da memória aparece como sendo a de “servir à história”.

Em relação a isso, mais do que posições deliberadas, seja do intelectual, seja da instituição, em defesa, ou da tradição, ou da modernidade, posso afirmar que ambos acompanharam as tendências dominantes do processo de modernização capitalista em Campinas, assim como contribuíram na constituição da imagem desta cidade como cidade moderna.

CAPÍTULO III: Cidade e Educação

3.1 - A construção de uma relação sensível com a cidade de Barcelona

Imagens pré-configuradas

São muitos os discursos que podem descrever uma cidade. Ítalo Calvino, anos atrás, nos brindou com uma obra magistral na qual as cidades ganham contornos em nosso imaginário à medida que percorremos os vários trajetos de leituras possíveis. Leituras que acionam nossos sentidos e nos fazem penetrar em territórios fantásticos constituídos de sons, olores, cores, sabores, texturas; de histórias, de memórias. Assim, nós, leitores, construímos – cada um a seu modo – as visões sobre as cidades de Isaura, Dorotea, Zaira e várias outras.¹

Igualmente, por intermédio de algumas formas discursivas, fui construindo ao longo do tempo imagens acerca da cidade de Barcelona (Catalunya - España). Imagens amplamente ancoradas numa vasta iconografia por meio da qual Barcelona projeta-se mundo afora: a cidade das produções arquitetônicas das quais se destaca Gaudí como um dos grandes representantes do modernismo catalão do final do século XIX. Ainda neste campo das imagens iconográficas e do cenário arquitetônico é a cidade da transformação territorial, nas últimas décadas do século XX e início do XXI, na qual figuram imponentes obras: os complexos que se originaram aliados aos macro-eventos, quais sejam, o dos Jogos Olímpicos (1992) e o do Fórum Mundial das Culturas (2004). Estas são obras das mais emblemáticas dos últimos tempos e, por sua vez, estabelecem uma espécie de continuidade em relação à época gaudiniana pelo caráter de originalidade que comportam, pela projeção internacional e também pelas respectivas críticas e polêmicas instauradas, ainda que estas mais circunscritas ao âmbito local.

Por outro lado, como inerente ao meu campo de trabalho, ou seja, o da área educacional, a abundante literatura espanhola e, notadamente a produzida em Barcelona, constituem-se em leituras – espontâneas e obrigatórias – cada vez mais disseminadas no Brasil e em outros países latino-americanos. Alguns de seus autores, com seus respectivos posicionamentos teórico-metodológicos e políticos, fundamentam as novas diretrizes educacionais adotadas na América Latina a partir do final dos anos noventa do século XX.²

¹ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainard. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

² Dentre eles, César Coll e Mario Carretero, por exemplo.

Assim, algumas das especificidades desse *locus*, Barcelona, correm mundo e apresentam-se carregadas de alto teor vanguardista em suas elaborações, seja no campo da Arquitetura seja no da Educação. Ao final, tais especificidades constituem-se e veiculam-se por meio de discursos que também conformam “modelos” que povoam nosso imaginário e chegam a se materializar em nossas práticas, tais como as relativas ao trabalho educacional.

Ampliando a “mirada”

Transitar pelo espaço urbano de Barcelona significa adentrar em um território no qual podemos perceber a presença de múltiplas culturas que dividem espaços nas *calles*. Nestas, nosso caminhar se faz pleno de descobertas, de percepções variadas da trama urbana: a variedade lingüística que abarca do agradável e raro som do catalão local e do castelhano – com as variantes sonoras latino-americanas – às diversas presenças de todos os continentes; uma gama ampla de feições, vestimentas, sabores e atitudes onde o Ocidente se encontra com o Oriente – e vice-versa – em movimentos de interações culturais e também de defesa de tradições próprias; a distinção, paulatina, do fluxo de pessoas vinculadas ao turismo dos ritmos da população mais sedentária – ainda que tais ritmos e fluxos sejam relacionais.

Barcelona significa uma condensação de mais de dois mil anos de histórias e das quais podemos mencionar alguns acontecimentos – inseridos em marcos temporais mais longos e/ou mais breves – que são fundamentais na constituição do espaço urbano e do viver local (e mesmo da província autônoma da Catalunya), sem a pretensão de traçar um percurso aprofundado ou exaustivo da ampla gama de fatos e contextos históricos que compõem esses dois milênios.³ O interesse aqui é estabelecer uma aproximação com o processo de constituição de Barcelona enquanto cidade moderna e “modelo”, considerando-o no âmbito cultural e dentro dos marcos instituídos pela modernidade capitalista. Se entendermos a cultura como “conjunto de

³ A referência fundamental utilizada na elaboração desse percurso é a obra **Passat i present de Barcelona: materials per l'estudi del medi urbà**, v. I (1983) e v. II (1985) de autoria de Magda Fernández, F. Xavier Hernández, Alicia Suárez, Mercè Tatjer, Mercè Vidal. e v. III (1991), de autoria de F. Xavier Hernández, Mercè Tatjer, Mercè Vidal. Publicação do ICE (Institut de Ciències de l'Educació – Universitat de Barcelona). Esta obra é um marco na bibliografia referente à história local por aliar o alto nível de pesquisa elaborado por seus autores acerca do objeto em questão à sua destinação fundamentalmente aos professores da educação obrigatória, constituindo-se em um suporte para a elaboração da pesquisa escolar, tanto no âmbito da sala de aula quanto no de atividades extra-sala. Com base em uma estrutura cronológica, estabelecem uma conexão entre os acontecimentos históricos e a trama urbana; cada capítulo é composto de um texto introdutório sobre o período histórico abordado, uma série de itinerários urbanos que põem em relevo o patrimônio local na relação com cada momento histórico específico e respectivas fichas com informações e orientações para as visitas aos lugares propostos nos itinerários. Cumpre destacar que a concepção do entorno como ponto de referência e análise, aliado a contextos históricos mais gerais, fundamentam a concepção dos autores acerca do ensino-aprendizagem das Ciências Sociais.

significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”, conforme Pesavento (2004, p.15), é possível tentar compreender a produção de sentidos sobre o mundo produzido pela humanidade – e em Barcelona, no caso. E estes sentidos se manifestam, dentre outros, nas construções urbanas, nas práticas sócio-econômicas e políticas, nos discursos, no imaginário.

Ou seja, busco compreender as transformações relevantes operadas no tecido urbano barcelonês no contexto do ideário da modernidade capitalista e perceber linhas de continuidade e rupturas no decurso histórico bem como semelhanças e diferenças entre vozes urbanas; tento acercar-me da escrita da história local sem perder de vista que esta se escreve na relação com a(s) memória(s) – oficial ou não –, com utopia(s) e a partir do jogo tenso da disputa de poder entre grupos. História local cujas interpretações podem ajudar-nos no estabelecimento de relações sociais mais participativas e interativas que atuem na contramão do esfacelamento e fugacidade das vivências no cotidiano citadino em tempos de grande aceleração temporal. Ampliar a “mirada” a respeito da cidade dentro dos parâmetros explicitados é o objetivo inicial de um projeto de pesquisa que busca compreender principalmente algumas propostas implementadas em Barcelona que têm como base a ligação entre território e educação, considerados os âmbitos dos desafios e das possibilidades concernentes, não só a Barcelona, mas a qualquer cidade.

Amálgama de histórias e a construção da cidade moderna

As pesquisas arqueológicas nos levam até os tempos dos antigos ibéricos do neolítico que estiveram presentes, por exemplo, na montanha de Montjuïc. Este importante ponto de referência foi transformado em fortaleza militar, no século XVIII (d. C.), e hoje é passeio “obrigatório” para quem visita a cidade. Posteriormente, os romanos passaram a exercer um domínio gradual no litoral da Catalunya com a Segunda Guerra Púnica (218-205 a.C.), culminando com a fundação, pelo Imperador Augusto, entre os anos de 15 a 10 a.C., da *Colônia Julia Augusta Faventia Paterna Barcino*. Foram eles os responsáveis pelo traçado originário do núcleo urbano por onde hoje transitamos e em alguns poucos pontos da área central é possível visualizar pequenas mostras das antigas muralhas. Para uma percepção mais apurada deste legado é imprescindível adentrar as dependências do Museu d’Història de la Ciutat, construído justo no ponto onde os romanos se encontram com os visigodos e cujas escavações, no subsolo do museu, trouxeram à tona vestígios significativos da cidade do Baixo Império e Visigótica.

A conquista de Barcelona pelos francos, em 801, traduz-se em alterações significativas na estrutura interna e externa da cidade – a essa altura sede do bispado. Por exemplo, houve um certo incremento de atividades econômicas bem como populacional, com o povoamento de áreas fora do antigo eixo circunscrito pelas muralhas romanas. Estas, posteriormente, são incorporadas à nova delimitação da cidade fortificada do medievo. São criadas instituições políticas como o *Consell de Cent* (órgão de governo da cidade), *les Corts* (convocadas pelo rei para tratar de assuntos, como legislação e tributos, e com representação dos estamentos: nobreza, clero e burguesia) e a *Generalitat* (comissão permanente para acompanhar o cumprimento das decisões estabelecidas por *les Corts*). Tempos longos do período medieval incrustados, por exemplo, nos vitrais e arcos góticos de igrejas, como a de Santa Maria del Mar, cuja pedra fundamental, colocada em 1329, sinaliza a invocação protetora desta santa por parte de comerciantes e navegadores. Época da expansão marítimo-comercial de Barcelona que, assim como toda da Catalunya, se distancia dos interesses da monarquia constituída pela união dinástica das coroas de Aragon e Castella (século XVI). Depois de um período breve em que a Catalunya experiéncia a república (meados do século XVII), a Guerra da Sucessão da coroa espanhola culmina com o domínio da monarquia borbônica de Felipe V (1714) e respectiva perda das liberdades catalãs.

Nesta espécie de passeio – ou *movida* – por momentos históricos significativos da história local, centramos um pouco mais o foco na época concernente ao espírito do Absolutismo e da Ilustração que impregna cada vez mais os ares europeus e, no caso, em Barcelona, é responsável também por alterações políticas e espaciais que afetam o ritmo cotidiano citadino. Para Fernández *et. al.* (1985, p.11),

Una vez acabada la *Guerra de Successión*, la instauración de la monarquía borbónica integrará al Principado de Cataluña dentro de un estado absolutista, matizado muy pronto por el espíritu de la Ilustración. Será precisamente a partir de este momento que Barcelona se empezará a incubar como **ciudad moderna**, un procesó que llegará en su punto culminante con las desamortizaciones.⁴

Dentre estas alterações, figura a construção de áreas fortificadas, como a *Ciudadella*. Situada próxima do mar e originada da derrubada de muitas casas do bairro de *la Ribera*, foi um

⁴ **Passat i present de Barcelona:** materials per l'estudi del medi urbà, v.II, p.11 (grifo meu). Esta obra foi publicada em catalão. A tradução do catalão para o espanhol, tanto de trechos desta obra quanto de outras obras utilizadas nesta tese, foi feita por David Reche Bessa.

local onde muitos catalães vivenciaram a perseguição e o terror e hoje é um parque, uma área de lazer e de encontro de diversas tribos no coração da cidade. Em meados do século XVIII, inicia-se a urbanização extra-muros do bairro marítimo denominado *Barceloneta*, estabelecendo-se uma conexão entre os interesses militares e os da burguesia mercantil e manufatureira – este local atualmente se insere no conjunto urbano remodelado em função dos Jogos Olímpicos, de 1992.

A área da mundialmente conhecida *La Rambla* sofre transformações nos oitocentos com a construção de edifícios vinculados a atividades militares, religiosas e de ócio. Estas transformações se dão notadamente na área do *Raval* (“arrabaldes”) – bairro que em meados do século XVIII passava por uma expansão: novas ruas, manufaturas e casas de trabalhadores aliadas a espaços religiosos, como conventos, e hortas para o abastecimento populacional. Este local, na contemporaneidade, articula-se em torno do eixo multiculturalidade – relativa degradação – circuito cultural, tendo em vista que o mesmo é habitado por vários grupos étnicos, dentre os quais marroquinos e paquistaneses, que vivem em condições nem sempre favoráveis (superlotação das moradias, infra-estrutura precária de muitos apartamentos, dentre outros). Por outro lado, é um bairro que concentra instituições culturais importantíssimas, tais como bibliotecas, arquivos e museus. Como fruto de políticas públicas implementadas nas últimas décadas, o Raval vem se destacando como um circuito cultural no cenário barcelonês, sendo o Museu de Arte Contemporânea de Barcelona um símbolo deste projeto ao qual se articulam o comércio e a rede hoteleira, assim como manifestações explícitas dos embates travados entre antigos moradores, o poder público e setores do capital privado.

A gestação da cidade moderna, que se diferenciará paulatinamente da trama urbana medieval, dá-se durante a vigência do absolutismo setecentista. Este se manifesta, dentre outros, na centralização política e na imposição da língua castelhana na vida pública e na escolar. O processo de *castellanización* é incorporado por parte da elite social (nobreza e setores da burguesia comercial), mas não se caracteriza por um processo que abarca todos os âmbitos da sociedade local e regional. Tanto é que, para Fernández *et.al.*(1985, p. 12),

En verdad, derivó una cierta decadencia del catalán literario, pero los niveles del pueblo y en tanto que coloquiales mantuvo toda su vitalidad, con una abundante producción de literatura popular que hace evidente la impermeabilización de la mayoría de la población a los intentos de castellanizarlos.

Roger Chartier nos diz da necessidade de considerar, para cada época e na sua complexidade, os vínculos estabelecidos entre “as formas impostas e as identidades populares objetivas” e “como as práticas populares foram expressas e como usaram as inovações”.⁵ Neste caso, uma certa vitalidade da literatura popular e da oralidade catalãs são indícios de resistência de um povo perante as imposições externas. Por outro lado, para Chartier, o principal não é detectar, para cada época, a preponderância ou não da “cultura popular” e, sim, pensar melhor nos intercâmbios entre o “erudito” e o “popular”. Nesse sentido, retomemos Carlo Ginzburg que, com base no que já havia sido proposto por Mikail Bakhtin a respeito das relações entre a cultura das classes dominantes e as subalternas, na Europa pré-industrial, defende a tese de “(...) um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo...”⁶ Uma questão se impõe: em que medida a *circularidade* cultural, proposta por Ginzburg (1987), pode ser parâmetro para analisar a situação aqui comentada? Não é o propósito deste texto avaliar tais influências recíprocas e, sim, trazer à tona alguns posicionamentos do referido autor (1987, p.18) que, a partir desta óptica da não subordinação da “cultura popular” à “cultura erudita”, coloca ao historiador dois problemas. Um deles, de ordem ideológica, diz respeito à “persistência de uma concepção aristocrática de cultura” na qual cabe às classes dominantes a produção de idéias e crenças e, às classes subalternas, a sua incorporação e, mesmo, a sua deformação. O outro, de ordem metodológica, é o fato de a cultura das classes subalternas ser predominantemente oral, e as fontes escritas “de autoria de indivíduos, uns mais outros menos, abertamente ligados à cultura dominante”, acabam funcionando como um filtro. Ou seja, embora não seja meu propósito nesta investigação, para uma abordagem mais ampla desta problemática, qual seja, o processo de *castellanización*, valeria a pena considerar tais questões.

No final do século XVIII e início do XIX, a Espanha vivencia a paulatina decadência do antigo regime, a organização do estado liberal e a expansão do capitalismo. Notadamente à implantação do modelo fabril inglês, vinculam-se transformações culturais traduzidas, dentre outras, pelos conflitos entre grupos sociais, pela alteração da noção de tempo, pela concepção da

⁵ CHARTIER, Roger. “Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico” in **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, n.16, 1995.

⁶ GINZBURG, CARLO. **O Queijo e os Vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. 1ª reimpressão. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.12-13.

cidade moderna, racional e higienizada.⁷ Nesse sentido, para Barcelona e segundo Fernández *et.al.*(1985, p.16),

Uno de los elementos que contribuirá decisivamente a la transformación del paisaje urbano será la fábrica con sus distintas modalidades, producto del desarrollo de la manufactura. Este nuevo centro de producción necesitará ocupar cada vez más espacio para concentrar la mano de obra y los medios de producción, juntamente con las viviendas de los obreros, que aparecerán a su lado, modificando las estructuras urbanas de la ciudad medieval.

À dinamização econômica de Barcelona se vinculam outros núcleos de povoamento da região conhecida como o *Pla de Barcelona*, ou seja, zonas caracterizadas pelas atividades agrárias e fabris e também por um crescente adensamento populacional, que adquirem *status* de municípios independentes em princípios do século XIX, através do Decreto de Nova Planta: “Sarria amb Les Corts, Sant Genís amb Sant Joan d’Horta, Sant Andreu amb Santa Eulàlia de Vilapiscina, Sant Martí de Provençals amb el Clot, i Sants amb l’Hospitalet” (1985, p. 17). Ainda ao redor da cidade murada encontram-se povoados dependentes administrativamente de Barcelona, como Gràcia, independente somente em 1850. De acordo com os autores, anteriormente comentados, na segunda metade do século XIX, nota-se o aumento considerável da população de Barcelona, que passa de 189.948 habitantes, em 1860, a 272.481 habitantes, em 1887. É interessante notar o movimento de autonomia destas áreas, no passado, e sua condição atual de distritos incorporados ao âmbito administrativo de Barcelona – hoje com mais de 1 milhão e meio de habitantes.

Nesse contexto de expansão sócio-econômica, aumentam-se as demandas pela expansão da área urbana – o que significaria pôr fim às muralhas. A despeito das polêmicas e resistências encontradas, em 1854 inicia-se a derrubada das mesmas – época em que também ocorre o primeiro conflito operário, a imposição de um novo governo e a propagação do cólera.⁸

⁷ Ver as seguintes obras de E. P.THOMPSON: **A formação da classe operária inglesa** (1963) e **Costumes em comum** (1991).

⁸ As informações deste parágrafo baseiam-se em folheto produzido pelo Museu d’Història de La Ciutat (Ajuntament de Barcelona) referente à exposição “Abajo las Murallas!!! 150 años del derribo de las murallas de Barcelona” (25-11-2004 /16-10-2005)

Em 1856, o engenheiro Ildefons Cerdà apresenta ao governo um plano topográfico do Pla de Barcelona e cercanias, que corresponde ao desejo local de expansão (“eixample”, “ensanche”) da *cidade moderna* – processo este marcado por vozes ou discursos dissonantes, como nota-se a seguir,

En 1859 el Ayuntamiento convoca un concurso de planos urbanísticos para la nueva ciudad. Se presentan 12 proyectos, en su mayoría realizados por arquitectos vinculados al Ayuntamiento. El concurso genera un intenso debate entre los agentes que de un modo u otro han participado en el proceso. Gana el concurso el plan del arquitecto Rovira i Trias, pero el gobierno del Estado impone la propuesta que ha encargado a Ildefons Cerdà, y el debate se agudiza. Mientras que el Ayuntamiento ha promovido que los proyectos respondan a una ciudad burguesa, en la que predomine lo monumental y representativo y los obreros y la industria queden lejos del centro, el Pla Cerdà opta por una concepción funcional, con una trama regular y uniforme.⁹

A constituição da *cidade moderna* de Barcelona faz parte de um processo de maior dimensão, ao considerarmos que outras cidades europeias, ao longo dos oitocentos, também levam a cabo projetos de remodelação urbana, de novas construções aliadas ao uso dos novos materiais propiciados pela indústria nascente, de higienização do espaço físico e do *corpus* social.

Inchaço urbano, deficiências na estrutura sanitária, ocorrência de epidemias, aumento da poluição, conflitos entre grupos sociais, por exemplo, caracterizam o ambiente de cidades como Paris e Londres, que viviam as novas demandas geradas pela expansão populacional decorrente do desenvolvimento fabril. Nesse sentido, a reforma urbana empreendida por Haussmann na Paris do século XIX é emblemática no que se refere à reelaboração da cidade nos moldes agora ditados pela modernidade capitalista: racionalidade, higienização, embelezamento, separação espacial de grupos sociais antagônicos. É a Paris das galerias, por onde circula a elite consumidora das novas mercadorias – espaços sinônimos de “casas de sonhos”, das novas “fantasmagorias” urbanas que diluem noções de espaço, tempo e relações sociais. É desta Paris que trata Walter Benjamin em sua crítica à *modernidade capitalista* – conceito que constrói na relação com o poeta Charles Baudelaire.¹⁰ Igualmente sob o influxo do ideal de modernidade, em

⁹ Folheto descrito em nota anterior.

¹⁰ BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Tradução de Heidrun Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975; **Obras Escolhidas III**. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. Trad. e org. de José Carlos Martins e Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

outro espaço, qual seja, no Rio de Janeiro, Brasil, a reforma urbana empreendida na gestão de Pereira Passos com objetivos de saneamento, embelezamento e visibilidade internacional da cidade foi decisiva para a eclosão da Revolta da Vacina (1904) e da expulsão de muitos populares para as encostas dos morros, aumentando significativamente a população favelada.

Ainda em relação ao *Pla Cerdà*, é importante ressaltar alguns aspectos, tais como o traçado ortogonal e homogêneo composto de ruas de 20 metros de largura, duas vias perpendiculares e três diagonais de maior amplitude; a orientação deste traçado em sentido NO-SE (mar-montanha) e SO-NE (costa e Serra de Collcerola); casa edificadas em *mançanes* (“ilhas” quadradas e chanfradas), reservando-se parte das ilhas para jardins ou espaços livres; edifícios de, no máximo, quatro pisos e com ampla ventilação; o espaço edificado comporia 3 grandes setores de 20 por 20 ilhas (cada setor dividido em quatro distritos de 10 por 10 ilhas e cada distrito dividido em quatro bairros de 5 por 5 ilhas); cada bairro contaria com um centro cívico, em cada distrito um mercado, um parque para cada setor, além de um parque-bosque e um hipódromo. Para os autores consultados, “la distribución equitativa de los equipamientos y de los servicios dentro de una trama no jerarquizada confirman su intención de crear unos espacios urbanos no segregados y por tanto igualitarios”.¹¹ Em outra abordagem, tal plano é considerado a partir das vinculações de Cerdà com o reformismo dos socialistas utópicos – considerando-se aqui as elaborações teórico-literárias oitocentistas que propõem outras alternativas de vida em face das contradições capitalistas percebidas.¹²

O projeto de Cerdà não foi seguido completamente à risca e, nos anos posteriores, observa-se uma movimentação em torno do eixo construção–expropriação–especulação imobiliária. De todo modo, é a burguesia barcelonesa que mais usufruirá das remodelações do centro e das novas áreas construídas, assim como de um conjunto cada vez mais amplo de tecnologias estritamente vinculadas à modernidade capitalista, tais como o ferro carril, a eletricidade e o telefone – fazendo dos espaços concernentes às Exposições Universais de 1888 e 1929 espaços de visibilidade, de tentativas de projeção de Barcelona e da Catalunya dentro dos marcos europeu e mundial.

¹¹ FERNÁNDEZ, M. et all. **Passat i present de Barcelona**: materials per l'estudi del medi urbà. v. II, p. 254.

¹² DELGADO, Manuel. **Elogi del vianant**: del “model Barcelona” a la Barcelona real. Barcelona: Ediciones de 1984, S.L., 2005, p. 139.

O final do século XIX é marcado por agitações político-culturais em Barcelona, dentre elas: realização do I Congresso Obreiro Espanhol (1870), proclamação da I República (1872-1874), restauração monárquica, fortalecimento do movimento anarquista e do nacionalismo catalão, ¹³ criação de muitos centros culturais e ampliação da imprensa, ¹⁴ presença do fenômeno artístico-cultural conhecido por Modernismo.

Modernismo e Noucentismo. O Catalanismo e o ideário da Barcelona “modelo”

O Modernismo significa uma reação à cultura oficial da Restauração, assim como uma tentativa de aproximação das produções culturais de vanguarda dos grandes centros europeus. Numa perspectiva mais ampliada, segundo Riquer i Permanyer (2001, p. 9-13),

En Cataluña – cuna del Modernismo en España –, como en toda Europa occidental, la cultura, y muy especialmente el arte y la producción literaria, giró durante el último tercio del siglo XIX alrededor de la idea de ‘modernidad’ lanzada por el poeta francés Charles Baudelaire. El mundo cultural europeo, en efecto, se vio entonces notablemente agitado por un amplio debate intelectual que enfrentaba básicamente los defensores del orden estético establecido y a los que propugnaban la innovación (...) Ahora bien, la misma idea de ‘modernidad’ no dejaba de ser, con mucho, ambigua, puesta que expresaba diversos significados. Con el tiempo, sin embargo, se tendió a identificarla con novedad, con moda y con originalidad.

(...) hacia 1890, el mismo concepto de ‘modernidad’ o de ‘modernismo’ comenzó también a vincularse a la idea de regeneración o de renovación profunda de la vida social y política. Se consagró, así, la ambivalencia del concepto de ‘modernismo’, pues se había producido la fusión de las dos ideas en sus comienzos diferentes: la de modernidad estética y la de regeneración social y política. (...)

Así, el Modernismo, mucho más que un movimiento coherente, fue un grupo bastante heterogéneo de intelectuales y artistas unidos por un objetivo de búsqueda y experimentación y por la voluntad de influir en la sociedad para transformarla. En el terreno de la arquitectura, de las artes plásticas y decorativas, el Modernismo estará

¹³ No caso do nacionalismo catalão, cumpre destacar que *se* na I República ele teve um caráter predominantemente popular, durante a Restauração abarca diferentes setores sociais: “Así, por ejemplo, *intelectuales, artistas, sectores de la pequeña burguesía y de los maestros urbanos e incluso algunos representantes de la burguesía industrial y propietarios rurales* se convierten al catalanismo en sus diferentes variantes”. XAVIER, F., TATJER, M., VIDAL, M. **Passat i present de Barcelona: materials per l’estudi del medi urbà**. v. III, 1991, p.14.(grifo meu).

¹⁴ “(...) el nacimiento de prensa de masas como espacio de debate, de crítica y de confrontación de ideas (...) desde mediados del siglo XIX, Barcelona era el principal centro productor y consumidor de libros en España. Ya en 1881, Barcelona concentraba el 20% de las imprentas de toda España y la tendencia fue hacia el incremento de este predominio. Por lo que si refiere al consumo de libros, en 1897 la ciudad de Barcelona, con 52 librerías representaba ella sola el 16% de los establecimientos dedicados a la venta de libros en España (...)” RIQUER I PERMANYER, Borja. “El Modernismo, una aventura cultural”. In AVIÑO, Xosé et al., **Modernismo y Modernistas**. Barcelona: Lunwerg Editores, 2001, p.12.

claramente vinculado a las corrientes europeas más innovadoras del momento, como el Art Nouveau, el Modern Style, el Jugendstil, el impresionismo, el prerrafaelismo o el simbolismo. El Modernismo arquitectónico catalán será, sin duda, el más perdurable y el de mayor influencia exterior, no sólo por el hecho de que algunos de sus más destacados creadores (Gaudí, Domènech i Montaner o Puig i Cadafalch) realizarán importantes obras fuera de Cataluña, sino también porque su proyección permitirá la aparición de núcleos de arquitectura modernista propia en Valencia, Alicante, Madrid, Mallorca e incluso Melilla. (...)

(...) pienso que sería necesario retener la idea de que primero se produjo el triunfo intelectual del Modernismo, después llegó su éxito social y, finalmente, tuvo lugar el cambio político con la victoria electoral de los catalanistas en 1901. Por lo tanto, si el Modernismo tuvo éxito en Cataluña fue porque había un terreno bastante abonado para que pudiera enraizar (...)

Ao mesmo tempo em que o Modernismo catalão significa um diálogo com a modernidade estético-cultural de centros europeus, tais como França, Alemanha e Áustria, pode-se afirmar que significa a criação singular de um estilo próprio, original na combinação de alguns símbolos nacionais com uma linguagem estética inovadora. No caso da arquitetura, este estilo viabiliza-se devido a fatores como o mecenato burguês e o uso de novos materiais, como o vidro industrial, dentre outros. Ademais, relaciona-se a um projeto político – o catalanismo.

Aquí, no que se refere ao catalanismo, há mais que um discurso, uma vez que o Modernismo não foi a única veia de expressão desta questão de afirmação nacional. Refiro-me à ascensão política da burguesia catalana, incrementada com a criação da *Lliga Regionalista da Catalunya* (1901) que cria um programa de ação cultural e legitimadora de seu poder conhecido como *Noucentisme*.

(...) movimiento que significa en una buena parte de las artes una ruptura con el modernismo. El autor, el artista modernista con afanes de profesional independiente y dedicado a la crítica y al dinamismo cultural de la sociedad y que vivía precariamente de la bohemia en sus variantes dorada o negra era substituido por el “profesional noucentista” artista dominador de los aspectos formales, subordinado a un proyecto político y asalariado por cualquier de las instancias controladas por la “Lliga”.

El trabajo de instrucción comenzada por la burguesía comportará la creación de un nuevo espacio de alta cultura y se centrará alrededor de un concepto: la civilidad. El enaltecimiento de los valores del civismo, del ciudadano como modelo de hombre libre y a la vez el ideal de una Cataluña convertida en un apéndice **de la ciudad de Barcelona (Cataluña-ciudad), modelo, ejemplo y punto de referencia** para todo el principado, hace falta entenderlo no solamente como una oposición al ruralismo, si no también como un proyecto de convergencia que desdibujaba las graves contradicciones de las clases que caracterizaban a la capital catalana.

La *Cataluña-ciudad*, la Cataluña ideal, se entendía entonces, pues, como un país capaz de prescindir de sus contradicciones sociales, que estaban subordinadas a un proyecto de

categoría superior, reuniendo a toda la población bajo unos ideales comunes que cristalizaran con sus designios históricos. El imperialismo (trabajo superior de civilización de una nacionalidad), la arbitrariedad (voluntad del artista por dominar el arte) y el clasicismo entendido como lazo con la tradición mediterránea y con el modelo de equilibrio pero también la tradición campesina fueron las principales líneas de fuerza de la cultura *Noucentista*.¹⁵

Tomando como referência as afirmações dos autores, acima, vale destacar alguns pontos do discurso *Noucentista*: a subordinação da arte e do artista ao projeto político burguês; a afirmação do ideal de cidade “modelo” embasado numa visão de sociedade homogeneizada, conduzida pela burguesia e pelos ventos europeus do progresso, rumo aos caminhos da nação civilizada. Faz parte desse movimento de afirmação identitária uma volta ao passado “mítico” com vistas à criação de uma memória oficial catalã que, em última instância, se enlaça à construção da história local. Memória histórica firmada e retualizada com a criação de uma data festiva nacional e símbolos catalães, como podemos observar abaixo, a partir da leitura de Xavier *et. al.*(1991 p.20).

(...) El año 1901 empezó a celebrarse el día del Once de Septiembre, que al final se configura como fiesta nacional. Al mismo tiempo, la sardana gana terreno como danza nacional, mientras que la tónica de mitificación de los héroes medievales, comenzada en el Renacimiento, se perpetúa.

O cenário agitado das primeiras décadas do século XX

O início do século XX é marcado por conflitos entre a burguesia e a classe operária – com a recuperação crescente da força do nacionalismo de esquerda – no contexto de expansão industrial da Catalunya e do correspondente aumento populacional decorrente da imigração, sobretudo em Barcelona¹⁶. Em 1923, inicia-se a ditadura do general Primo de Rivera e, em 1931, a *Esquerra Republicana de Catalunya* ganha as eleições municipais e a *República Catalana* é

¹⁵ XAVIER, F., TATJER, M., VIDAL, M. **Passat i present de Barcelona**: materials per l'estudi del medi urbà. v. III, 1991, p.19. (grifo meu).

¹⁶ Em Barcelona, “Hacia el 1900 se llega a los 533.000 habitantes, el 1910 587.411, el 1920 730.335 y el año 1930 este numero aumentaría hasta los 1.005.565 habitantes.” *Op. cit.* v. III, 1991, p.25

proclamada (II República: 1931-1936). Alterações substanciais são postas em curso, dentre elas: o restabelecimento da *Generalitat de Catalunya* e a aprovação, embora com alguns cortes, do *Estatut d'Autonomia* pelas cortes madrilenas bem como, em Barcelona, de uma política urbanística que atendesse às demandas do momento a cargo do politizado *Grup d'Arquitectes i Tècnics Catalans per al Progrés de l'Arquitectura Contemporània* (GATCPAC). Na área da educação, procurava-se superar o déficit escolar e impulsionar uma educação laica, de cunho catalão, dentro dos marcos da democracia.¹⁷

É interessante notar que,

El nacionalismo republicano recupera líneas de fuerza lanzadas por el *noucentisme* con **la idea de la 'Cataluña-ciudad'**, intentando dar un nuevo significado. La izquierda, que quería presentarse como síntesis política entre el campo y la ciudad (...) quiere dar mucha importancia a la ordenación del territorio (...). La idea de la Cataluña Ciudad sigue planeando encima de políticos y técnicos, pero después recoge unas nuevas perspectivas matizadas por el populismo (...) En este contexto, Barcelona viene a ser una pieza esencial para estructurar la nueva Cataluña (...)¹⁸

No caso, observa-se a apropriação de uma terminologia (*Catalunya-ciutat*) fortemente impregnada de sentidos no que diz respeito à defesa e auto-afirmação do nacionalismo catalão e que, agora, servirá de base à elaboração de um outro discurso, pela esquerda nacionalista, que se contrapõe ao anteriormente veiculado pelos *noucentistas*. Estes últimos expunham um ideal de “civildade” a partir do “cidadão livre”, no âmbito de uma concepção muito restrita da cidadania, ou seja, que priorizava o homem urbano no exercício dos direitos políticos estabelecidos pela Revolução Francesa – basta ver que, ao ignorar as contradições de classe, ignora-se o anseio de conquista dos direitos sociais, por parte dos trabalhadores. E, ainda, a mulher permanece à margem da vida política uma vez que, na Espanha, o direito ao voto feminino data apenas de 1931. A idéia de “Barcelona modelo”, neste caso, ancora-se nos marcos muito estreitos da concepção de cultura da elite sócio-econômica. Já a *Esquerra Republicana* opera com vistas à ampliação das conquistas populares.

¹⁷ “Algunas iniciativas que se consideran desde el primer momento y tienden a acabar con el déficit escolar de la ciudad (como fueron la creación de los diecisiete grandes grupos escolares y la reconversión en escuelas de los hoteles de la exposición)”. *Op. Cit.* v. III, 1991, p.264.

¹⁸ *Op. cit.* v. III, p.264-265 (grifo meu).

Por um lado, há continuidade no que diz respeito à reapropriação, pela esquerda nacionalista, da terminologia *Catalunya-ciutat*, inicialmente usada pelos *noucentistas*, bem como a manutenção do papel diferencial de Barcelona. Por outro lado, a esquerda nacionalista altera o campo dos significados discursivos ao não estabelecer uma oposição entre campo e cidade como fizeram os *noucentistas*; elabora, por sua vez, um programa de reordenação territorial em função das demandas sociais e políticas do momento e considerando as contradições sociais existentes na Catalunya e, notadamente, na capital, Barcelona.

À visão de Barcelona como cidade “obreira” e capital político-administrativa da Catalunya acoplam-se princípios do urbanismo funcionalista contidos no *Plan Macià*, com especificação das zonas urbanas destinadas, por exemplo, ao desenvolvimento industrial, às funções administrativas, ao ócio. O aumento do número de escolas, a coletivização de empresas – como as do setor da construção – bem como a municipalização da propriedade urbana são indicativos da nova orientação econômica impulsionada pelo governo da *Esquerra Republicana*, o que significava também uma disputa de poder com setores sociais que tradicionalmente usufruíam das benesses políticas e das rendas derivadas do uso do solo. Nesse contexto, o movimento anarquista ganhou força e, com sua proposta de sociedade igualitária e libertária, com a estrutura de poder popular e participativo, acabou por dominar Barcelona - cidade onde a movimentação anarquista já se fazia notar desde meados do século XIX. Assim, enquanto algumas intervenções urbano-econômicas são levadas a cabo, outras são freadas em decorrência da penetração das forças fascistas no território (1936), que a partir de então, se reorientam em função das necessidades bélicas, segundo Xavier *et. al.*(1991, p.260-265, 272-277).

A Guerra Civil deixa marcas profundas na memória da cidade, fortemente bombardeada, bem como na memória de seus habitantes, que experienciaram a fome, o desabrigo, a derrocada democrática e, ainda, a longa ditadura do general Franco (1939-1975).

Sobre a repressão franquista e a transição democrática

Do longo período franquista cumpre destacar a forte repressão sofrida pela sociedade civil espanhola e a centralização política em contraposição aos movimentos nacionalistas, cuja proibição da língua catalã, no caso, é exemplar para a compreensão da amplitude das medidas autoritárias do governo.

Nos últimos anos da ditadura franquista, ocorre a política de abertura internacional da economia do país com respectiva legislação de cunho liberal no campo econômico, na qual figuram os acordos com a CEE, o incentivo ao turismo e a entrada do capital externo, por exemplo. No campo político, notam-se alguns poucos deslocamentos de cunho liberal, necessários para atender à nova conjuntura econômica capitalista, nos marcos entre os quais se insere a *Ley General de Educación* (LGE - 1970), que,

(...) simbolizará la adaptación formal del sistema de enseñanza a los principios meritocráticos que rigen el funcionamiento de las sociedades capitalistas. La función de la educación para el crecimiento económico y para la igualdad de oportunidades, reforzadas por el auge de la teoría del capital humano en el ámbito internacional, substituirá en el discurso político el papel de control ideológico y adoctrinamiento de la escolarización, funcional hasta entonces para la reproducción del Estado y ejercido eficazmente por la Iglesia católica (...)¹⁹

Em termos do plano urbanístico de Barcelona, é elaborado o *Plan General Metropolità*, aprovado em primeira instância em 1974, segundo Delgado (2005, p.26). Para o autor, este plano pré-figura a política de desenho urbano que fez de Barcelona um caso paradigmático, e esta política não é fruto exclusivo dos governos democráticos posteriores à ditadura. Por outro lado, apesar destas raízes, é a partir dos anos oitenta do século XX e nos marcos de um outro discurso urbanístico que são postos em curso projetos de transformação do cenário urbano local que ganharam muita visibilidade nos últimos anos – o que será comentado mais adiante.

A morte de Franco, em 1975, assinala o início da transição política espanhola e a nova Carta Constitucional, referendada pela população, em 1978, é um dos marcos importantes deste momento político. Nesta, encontramos um modelo de Estado distinto da centralização anterior, bem como o Estatuto das Autonomias que

(...) venía a ser un híbrido o un intermedio entre el Estado centralizado y el Estado federal
(...) Pero era una tarea de tal complejidad y dificultad que puede decirse que aún hoy

¹⁹BONAL, Xavier. “Las Políticas Educativas” In PLANAS, Jordi; SUBIRATS; Joan; RIBA, Clara; BONAL, Xavier. **La Escuela y la nueva ordenación del territorio**: los retos de la institución escolar. Publicação da FIES (Fundación de Investigaciones Educativas y Sindicales). Barcelona: Ediciones Octaedro, 2004, p. 44 (Coleção Recursos, n.74, Série La Escuela Del Nuevo Siglo, n.4). No Brasil, nos marcos dos desdobramentos e novas demandas da economia mundial capitalista dos anos 70, e sob regime ditatorial, entra em vigor a nova legislação educacional (Lei 5.692/71). Cf SAVIANI, Dermeval. **Da nova LDB ao novo plano nacional de educação**: por uma outra política educacional. Campinas, SP: Autores Associados, 1998, p. 78.

permanece inacabada porque existe un renovado debate sobre el nivel del ‘cierre’, es decir, la definitiva conclusión de esta distribución autonómica y su punto final de llegada²⁰

O Estado espanhol passou a ser composto por 17 Comunidades Autônomas e, dentre estas, a Catalunya e o País Basco foram as primeiras a terem seus estatutos aprovados (1979). Em relação às primeiras eleições políticas após a ditadura,

(...) dieron en Cataluña una clara mayoría de izquierdas, aunque en 1980 el gobierno de la Generalitat cayó en manos de una coalición nacionalista de derechas (Convergencia i Unió), que lo ha mantenido durante 24 años. En cambio, las elecciones municipales de abril de 1979 hicieron posible el acceso al poder de una coalición socialista y comunista, que ha tenido continuidad hasta hoy, tanto en el ayuntamiento de Barcelona como en otros municipios periféricos. La existencia de gobiernos diferentes en la Comunidad Autónoma de Cataluña y en el municipio de Barcelona, ha sido un constante motivo de fricción durante esos años²¹

Atualmente, nos marcos das redefinições das competências autonômicas, observa-se o intenso debate gerado internamente a respeito da elaboração e aprovação do atual Estatuto de Autonomia da Catalunya: enquanto o Partido Obrero Español (PSOE), atualmente no poder, defende o projeto redatado, o Partido Popular (PP) critica pontos do mesmo, considerados inconstitucionais, tais como a idéia de “Catalunya-nação”.

Do final dos anos setenta aos anos posteriores, a Espanha passa da transição à consolidação democrática, numa reconfiguração das forças políticas marcadas pelo jogo tenso entre direita e esquerda, no qual o PSOE consegue o poder por quatro legislaturas consecutivas (1982-1996), marcadas, dentre outros, pela adesão espanhola à OTAN e à Comunidade Económica Européia (posteriormente União Européia) e pela entrada em vigor da *Ley Orgánica de Derecho a la Educación* (LODE-1985) e da *Ley Orgánica de Ordenación General del Sistema Educativo* (LOGSE-1990).²² A reforma educacional da Espanha, herdeira da legislação supra citada, será responsável por mudanças profundas na estrutura das práticas de gestão escolar e

²⁰ MARTÍNEZ, Jesus A. (coord) **Historia de España: siglo XX - 1939-1996**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1999, p.293.

²¹ CAPEL, Horacio. **El modelo Barcelona: un examen crítico**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2005, p.10.

²² BONAL, Xavier. “Las Políticas Educativas” In PLANAS, Jordi; SUBIRATS; Joan; RIBA, Clara; BONAL, Xavier. *Op. cit.* p.53-60

ensino-aprendizagem e reverberará em outros territórios, tais como os latino-americanos, que também passam por reformas educacionais, nos últimos anos, inspiradas também no “modelo” espanhol.

Dois momentos emblemáticos do urbanismo contemporâneo barcelonês e diferentes discursos a respeito

No que se refere aos diferentes momentos na história urbanística contemporânea da cidade, Delgado aponta duas etapas diferenciadas do denominado “modelo Barcelona”: uma primeira, conduzida pelos denominados progressistas e dominada pelo dirigismo no que se refere à política urbanística – à qual se insere o conhecido projeto dos Jogos Olímpicos, de 1992 – e uma segunda, de cunho mais liberal em matéria urbanística e mais submissa à dinâmica imposta pela mundialização capitalista – à qual se insere o projeto Fórum Mundial das Culturas, de 2004. Para o autor,

Una primera etapa, más moralista, de reconstrucción formal y simbólica de Barcelona, inaugurada (...) el año 1977, con un papel protagonista asignado a Joan Busquets y su **proyecto de generación de nuevas centralidades**.

La segunda fase, más pragmática y asociada a la nueva economía y a la renuncia en gran manera de un proyecto global de ciudad (...) una etapa, marcada – se afirma – por el servilismo respecto a las dinámicas globalizadoras internacionales, con planteamientos más aleatorios (...) La primera, dominada por ideas de centralidad, estructura, congruencia, estrategia; la segunda, más difusa, borrosa, acentral, acontínua... Esta secuencialización es bastante discutible. Lo que podríamos llamar la ‘etapa Fórum’ no es la negación de la fase preolímpica, sino su continuación, las dos están bastante menos separadas de lo que pretende el período anterior respecto a la supuesta restauración democrática. Un análisis de la historia de los últimos diez años de gestión municipal durante la dictadura pone de manifiesto la ilusoria que resulta cualquier idea de ruptura entre tardo franquismo y la etapa llamada democrática, si no en materia de concepción y organización urbanística (...) La conciencia que el proceso de desindustrialización sería imparable y que Barcelona tendría que convertirse en una ciudad de servicios y en un macroescenario para el consumo de masas ya determina las grandes líneas de transformación urbanística inscritas por el Plan General Comarcal del 1974 (...) ²³

O autor procura estabelecer linhas de continuidade entre os dois momentos emblemáticos de transformação urbana e, ainda, ao analisar as trajetórias profissionais e políticas de alguns dos

²³ DELGADO, Manuel. **Elogi del vianant:** del “model Barcelona” a la Barcelona real. Barcelona: Ediciones de 1984, S.L., 2005, p.24-26.(grifo meu)

seus protagonistas, se contrapõe à vinculação do “modelo Barcelona” de forma exclusiva ao período do pós franquismo.

Em relação às transformações urbanas relativas às Olimpíadas-92, podemos citar a construção da Vila Olímpica nos terrenos do antigo bairro industrial Poblenou, limitada pela Ciutadella, o mar e as avenidas Bogatell, Litoral e Carles I.

Estos terrenos escogidos por el Ayuntamiento para abastecer la *ciudad de los atletas* eran en otros tiempos la parte que se llamó la ‘Manchester catalana’, donde a principios del siglo XIX nació la revolución industrial en Cataluña; algunas de las antiguas fabricas constituyeron, antes de su demolición, una muestra casi inalterada de las condiciones de vida y trabajo en que se ha desarrollado todo este proceso industrial.²⁴

Além da construção de edifícios com a função inicial de fornecimento de hospedagem para cerca de 15.000 atletas, compõem o plano a construção de uma série de equipamentos de teor comercial e a recuperação de praias locais. A derrubada das construções inicia-se em 1987 e a população local, que nos anos 60 havia conseguido frear as intenções especulativas do não implementado *Pla de La Ribera*, parece oscilar agora entre o impacto inovador e sedutor do novo projeto e o receio das transformações – o que faz com que entidades locais solicitem ao *Ajuntament* mais esclarecimentos sobre o plano. Este plano, por sua vez, relaciona-se com os objetivos de descentralização espacial através da criação das áreas de *novas centralidades*, defendidos pelos urbanistas do *Ajuntament* – agora democrático. “(...) reequilibrar la ciudad, reducir la diferencia de calidad ambiental entre el centro y los extremos, estamos hablando, entre otras cosas, de la necesidad de dar especial énfasis al tratamiento visual de los espacios públicos en estos extremos”²⁵

Interessante sublinhar o codinome “Manchester catalana” auferido a este antigo bairro cujas raízes industriais datam de meados do século XIX, em alusão ao centro industrial pioneiro inglês.²⁶ Nota-se, aqui, o reforço simbólico de uma denominação estreitamente ligada à idéia de

²⁴ **Nou Viatge à Icaria.** Arxiu Històric de Poblenou. Barcelona, 1990. p. 6. Esta obra foi escrita no “calor” das transformações ocorrentes no bairro.

²⁵ ABAD, Josep. Miquel. “Introducció a Plans i Projectes per a Barcelona 1981-1982.” *Ajuntament de Barcelona*, 1983, p.11. Citado em **Nou Viatge a Icaria**, p. 9.

²⁶ No caso do Estado de São Paulo (Brasil), cujos desdobramentos industriais igualmente se situam a partir de meados do século XIX, a cidade interiorana de Sorocaba conviveu com a denominação, de grande carga simbólica, de “Manchester paulista”. Ver:

progresso instaurado pelos novos tempos fabris. Por sua vez, a construção da Vila Olímpica faz parte do plano de construção do bairro “Nova Icària”. Icària é uma alusão a uma obra da literatura catalana na qual um personagem, Lord Carisdall, viaja em busca de uma sociedade perfeita e encontra, em Icària, cidadãos que pautam seus comportamentos pelo civismo e pelo bem comum e cuja educação constitui a base do sistema político e social. É uma obra de cunho utópico, cujo autor certamente experienciava as contradições do nascente capitalismo industrial em roupagem da modernidade. ²⁷ Não podemos dizer que foi aleatória a escolha do nome do bairro. Por sua vez, que outros sentidos instauram-se a partir da retomada da denominação “Icària”, em tempos novos?

Oriol Bohigas²⁸ corrobora a afirmação de Delgado de que há dois momentos específicos de política urbana, como vemos, abaixo:

Ahora se anuncia el Fórum 2004, como el acontecimiento que va a provocar una nueva transformación urbana. Pero esta vez el procedimiento es algo distinto. Las exposiciones y los Jugos Olímpicos, aunque se les suponía motores de mejoras urbanas, llegaban con un contenido ya determinado, al cual se adaptaban los proyectos urbanos. En cambio, en el Fórum 2004 el objetivo directo es un proyecto urbano para el que se busca un contenido nuevo, sin tradición ni experiencias acreditadas (...).²⁹

Por sua vez, Oriol Bohigas (2002: p. 23-27) faz uma defesa da reorientação de estratégias intervencionistas contidas no projeto Fórum 2004 diferenciando-se dos posicionamentos de Delgado,

PINTO JUNIOR, Arnaldo. **A invenção da “Manchester Paulista”: embates culturais em Sorocaba (1903-1914)**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

²⁷ CABET, M. “Viaje por Icària”. Barcelona: Imprenta y Librería Oriental, 1848. Citado por PRATS, Joaquim; TATJER, Mercè; VILARRASA, Araceli. “Icària. Reflexos d’utopia per a una ciutat millor” In **Perspectiva Escola**. Barcelona: Publicació de Rosa Sensat, n.242, p. 72-81, Febrer 2000.

²⁸ Delegado de urbanismo na gestão do *alcalde* (prefeito) Narcis Serra (fins dos anos 70) e responsável pela inauguração da primeira etapa progressista e dirigista da política urbana local consubstanciada no projeto dos Jogos Olímpicos de 1992.

²⁹ BOHIGAS, Oriol. “Ciudad y acontecimiento: una nueva etapa del urbanismo barcelonés”. **Arquitectura Viva**. n.84, p.23-27, 5 jun 2002.

Los habituales críticos displicentes opinan que el proceso está equivocado porque lo prioritario tendrían que ser los contenidos y sus resultados. A mí, en cambio, esta transferencia de protagonismo me parece ser un signo de madurez política de la ciudad. Son pocos los ciudadanos que se acuerdan de los medallistas olímpicos, ni siquiera de las efemérides escenográficas, pero todos viven y agradecen la nueva fachada al mar, el cinturón de Ronda y los diversos centros culturales. Ahora parece que los nuevos proyectos urbanos ya no necesitan excusarse en acontecimientos extraordinarios. Importa menos el contenido del Fórum 2004 porque, si no se resuelven sus dudas, será simplemente el acto de inauguración de un nuevo barrio marítimo de Barcelona, un nuevo centro metropolitano. Esta vez la fuerza generativa ha sido directamente la voluntad de urbanización.

Por esta razón, no se puede hablar de los proyectos para el Fórum 2004 y la llegada al mar de la Diagonal sin incluirlos en unos programas más generales que se están desarrollando paralelamente. Los más significativos son: la plaza de las Glorias Catalanas – el centro urbano proyectado por Cerdá y hasta ahora reducido a un simple cruce de grandes vías sin urbanidad –, el nuevo distrito 22@ en pleno Poblenou, la ampliación del aeropuerto y su zona de actividades terciarias, el paso subterráneo del AVE a través de la ciudad desde el aeropuerto a la nueva estación central en La Sagrera, y la reactivación de la zona suroeste de la Gran Vía a su paso por Hospitalet (...)

É evidente, para ele, a força da especulação imobiliária e do capital privado neste tipo de proposta urbanística. Contudo, assume uma posição favorável à “autonomia da arquitetura” nesses tempos vividos de “ultraliberalismo”, nos quais a mesma não se orienta, fundamentalmente, por “princípios morais” (2002: p. 23-27):

Con ello existe el peligro de ceder la ciudad a un ultraliberalismo sometido a la ilegalidad de las leyes del mercado, abundar en una arquitectura de imágenes escenográficas y caer, al fin, en un urbanismo gobernado por los intereses privados que tienden a la especulación (...) En resumen, pues, parece plausible esa nueva metodología, si se siguen frenando los peligros de degradación hacia la anarquía especulativa y no se cometen errores en la selección de arquitectos.

Esta autonomía de la arquitectura y ese “uso” de los arquitectos prestigiosos tiene, además, una ventaja indirecta: la puesta en valor de la arquitectura en el mercado inmobiliario y, en general, del mundo empresarial. También esto se podría calificar negativamente, argumentando los peligros culturales de una mercantilización de la que se benefician mutuamente arquitectos e inversores, aunque no la arquitectura, a la que seguimos exigiendo principios morales. Pero dado que en este ultraliberalismo ya no es posible invocar la moral no es demasiado negativo aprovechar los años que todavía nos quedan hasta que estalle la revolución para ensayar los resultados urbanos de una convivencia entre la especulación y el arte atrevido, mediático, del *star system*, dentro de una calidad casi siempre superior a la vulgaridad cotidiana

A questão da “autonomia da arquitetura” em substituição aos planos urbanísticos orientados para o cumprimento de determinados objetivos pré-determinados diz respeito à

contraposição, fortalecida no final do século XX, entre planejamento urbano e gestão urbana. A desconsideração de um planejamento geral, por sua vez, contribuiu para uma determinada visão fragmentária da cidade.³⁰ Há vozes discordantes em relação ao tema. Vozes que Oriol, apesar de mencionar a validade de algumas de suas denúncias, insiste em qualificá-las de “*los habituales críticos displicentes*”. Não se sabe a quem ele se refere, especificamente, no entanto, vamos dar ouvidos a outros discursos que nos fazem perceber outros ângulos da questão. Antes, cabe explicitar o receio pessoal de que esse ultraliberalismo contemporâneo (que não é somente arquitetônico!) transforme nossos espaços urbanos em espaços de ausência da ética, rompendo de uma vez por todas com o tecido humanista já tão esgarçado desde a instauração da cidade moderna.

Para Montaner e Muxí,

A mediados de los años ochenta, el plan de las áreas de nueva centralidad planteado por Joan Busquets era transparente y claro, unitario y coherente, un documento de disciplina urbanística claramente delimitado tanto para interpretar como para gestionar la ciudad. A mediados de la década de los noventa, durante la época de Borja Carreras y la denominada ‘segunda renovación’, el proyecto urbano consistía en una especie de fotomontaje o *collage* urbano. El *collage* reconoce la ciudad como palimpsesto, donde la sucesión de actuaciones en el tiempo constituyen en cada momento un nuevo todo (...) El proyecto urbano más emblemático del momento, el conjunto para el Fórum 2004, demuestra este cambio de rumbo, que ha consistido en pasar de la cuidadosa acupuntura dentro de un tejido urbano ya conformado a la aplicación de prótesis de procedencia extraña (...) Una de las aportaciones que podría resultar más innovadora y darle a la zona una urdimbre para el futuro son los once proyectos de viviendas que distintos equipos de arquitectos propusieron (...) Sin embargo, parece que tal iniciativa ha quedado aparcada y que en lugar de ser un programa de promoción pública ha pasado a depender ahora de la aparición de operadores privados. ¿Se estará perdiendo la capacidad de acuerdo para construir ciudad, un tipo de negociación en múltiples niveles que fue fundamental en el anterior modelo Barcelona? (...)³¹

Ao tratamento regenerativo do tecido urbano, como parte de uma visão integradora e dinamizadora de cidade e expressa no conceito das *novas centralidades*, Montaner e Muxí opõem o automatismo espetacular das construções do projeto Fórum que, em última instância, não

³⁰ CAPEL, H. op. cit. p. 85, 95-100. Para Capel, ultimamente há defensores da volta ao planejamento. Ainda que haja atualmente um novo tipo de planejamento, de caráter processual, o autor defende um plano geral com o estabelecimento de objetivos e coerência das atuações e que, em sua elaboração, seja considerada a estrutura sócio-econômica das áreas em transformação.

³¹ MONTANER, Josep M ; MUXÍ, Zaida. “Los modelos Barcelona”. *Arquitectura Viva*. n.84, p.28-29, 5 jun 2002.

atende às demandas da população – caso da questão habitacional (moradias para grupos populares).

Vozes que denunciam problemas sociais

A moradia constituiu-se um problema no contexto social de Barcelona, e este parece agravar-se ao longo dos anos e não se relaciona exclusivamente com as áreas dos novos eixos urbanos e, sim, com o processo paulatino ao longo da história de expansão populacional da cidade. Em tempos mais recentes, áreas como algumas do *casc antic* (Raval, Santa Caterina, Gótico), sofreram reformulações urbanísticas com propósitos de reabilitação sócio-espaciais que geraram resultados positivos, por um lado, e a especulação imobiliária e conseqüente desalojamento de parte da população local, por outro. Em tom de denúncia da falta de políticas públicas direcionadas ao problema habitacional, Delgado (2005, p. 28-41) afirma que os terrenos sobrevalorizados em decorrência de alguns planos urbanísticos tornam-se acessíveis aos grupos privilegiados economicamente, com a anuência do poder público – o que, em última instância, se relaciona à falência do Estado de Bem Estar Social.

Por meio da imprensa alternativa, geralmente ligada a movimentos sociais de bairros, podemos captar outras vozes que, igualmente, se posicionam em relação ao tema,

(...) En los últimos 15 años la Barceloneta se ha convertido en uno de los ejemplos paradigmáticos de la terciarización económica de la ciudad de Barcelona y ha pasado a de ser un barrio industrial de pescadores y estibadores del puerto a un barrio destinado casi exclusivamente al sector de los servicios. Al lado de los pisos de alquiler para turistas y de las inmobiliarias que empiezan a adquirir fincas para especular se encuentran aún, un tejido social vivo y arraigado al barrio (...) el mes de junio de este año los vecinos de la Barceloneta se enteran a través de la prensa que el Ayuntamiento pretende llevar a cabo un plan de reforma urbanística. El plan consiste en construir ascensores a los cuartos pisos para mejorar la accesibilidad. Dada la tipología de las viviendas, el plan pretende derruir una casa de cada tres para instalar el ascensor. Un proyecto de estas características, tendría que requerir una explicación amplia y exhaustiva al barrio, esto genera inseguridad y angustia a los vecinos. Los ascensores son sólo una solución parcial al problema de la grave precariedad en que viven y además esto provocará un encarecimiento de los precios de las fincas que al final no podrán pagar (...)³²

³² “Un pla urbanístic municipal amenaça la Barceloneta”. **Masala**. Periòdic d’informació, denúncia i crítica social a Ciutat Vella. n. 26, p. 5, set-oct 2005. (8000 exemplars gratuïts). E, ainda: “Masala no és la veu de cap entitat, ONG, secta o partit”, p. 2.

Percebe-se que a Barceloneta, antigo bairro da cidade, vem sofrendo transformações ao longo do tempo. Estas foram acentuadas pelo projeto relativo às Olimpíadas (1992) que, por sua vez, contribuiu para a incorporação da área ao circuito turístico, com conseqüente expulsão da população local. População temerosa, que procura se articular para fazer frente à proposta do *Ajuntament*.

Outra denúncia da especulação imobiliária é captada na voz da imprensa alternativa do bairro de Gràcia, vizinho da região central.

MOBBING EM LA CIUDAD

“Mobbing inmobiliario es una situación en la que una persona o un grupo de personas ejercen una violencia psicológica extrema, de forma sistemática durante un tiempo prolongado sobre otra persona en su vivienda. En castellano, podríamos traducirlo como ‘acoso moral’ u ‘hostigamiento psicológico’”. En el caso del mobbing hay que destacar que el agresor se sitúa siempre por encima de la víctima en cuanto a su posición social o económica. Aquí podemos ver algunos de los casos que actualmente están sucediendo en Gràcia y en el resto de la ciudad de Barcelona

EMPRESAS, PROPIETARIOS Y CASOS DE MOBBING

PROPIETARIO: Josefa Torras Jove

EMPRESAS: TARAVALUS 8086 SL (Administrador: Josep Maria Torras Jove)

MANCIA 2003SL (Administrador: Joan Maria Torres Jove)

AFFECTADOS Y COMENTARIOS: c/ Robadors 29 (Raval). En este caso existen varios casos de compra-venta ilegal. El mismo edificio se ha comprado y vendido hasta cuatro veces en 24 meses sin comunicárselo a los vecinos, y en ese tiempo el precio se ha triplicado, haciendo imposible que los que de alguna manera hubieran podido comprar la casa donde llevaban viviendo años. Las formas de mobbing han sido desde cortarles el agua hasta dificultarles el pago del alquiler para luego denunciar incumplimiento de contrato (...)³³

Outro questionamento das alterações sentidas pela população local diz respeito ao antigo bairro industrial Poblenou, que atualmente sofre os impactos decorrentes da implementação do *Plan 22@*, vinculado ao projeto Fórum 2004 e que objetiva transformar a região em um complexo tecnológico de ponta.

Salvemos Casa Ricart. Defensem Poblenou. Bajo este lema se manifestaron el 28 de abril cerca de un millar de personas y 40 entidades ciudadanas, vecinales y sindicales. Este lema preside la jornada reivindicativa de este 11 de junio en el histórico complejo industrial que hasta ahora cobijaba 240 trabajadores y 34 empresas, que han resistido

³³ “Mobbing en la ciudad”. **Gràcia Lliure**: periòdic atemporal de debat i opinió de la Vila de Gràcia. n.1, tercera época. p. 12, juliol, 2005 (3000 exemplars, distribució gratuïta)

ordenes de desalojamiento hasta que han sido obligadas a irse por uno de los seis planes de iniciativa pública del 22@ después de llegar, a primeros de junio a un acuerdo de indemnización (...). El plan 22@ - que afecta una área de casi 200 hectáreas y libera 3,2 millones de metros cuadrados de techo productivo – se pone en marcha el año 2000 vendiendo un nuevo modelo de ciudad contrapuesta a Diagonal Mar y que pretende centrar la industria tecnológica, servicios, equipamientos y 4000 viviendas sociales para revitalizar el antiguo Poblenou obrero de forma sostenible. Cinco años después, su irregular desarrollo y la lenta implantación de empresas tecnológicas (algunas de ellas vinculadas a la industria armamentística); la falta de un plan industrial de ciudad que contemple la actividad económica preexistente; el incumplimiento del plan de equipamientos asociados – en Septiembre el Poblenou, que aún espera la biblioteca, tendrá dos escuelas en barracones mientras se levantan rápidamente hoteles y oficinas – así como el retraso en la construcción de pisos sociales y la destrucción de fábricas históricas que sería necesario conservar han pervertido la idea inicial del 22@ (...) ³⁴

Cumple destacar a tradição associativa e o espírito de combatividade da sociedade civil expressos em movimentos, como o de *veïns i veïnes* (vizinhos/as, moradores/as) em vários bairros e distritos de Barcelona, que se utilizam bastante da imprensa como veículo de manifestação. As críticas mais contundentes dizem respeito ao caráter – e mesmo à ausência – das políticas públicas no sentido de atender às demandas sociais, como no caso da questão habitacional. Além disso, denunciam outros problemas na cidade, tais como a falta de zonas verdes, a produção de resíduos e a poluição sonora, a marginalização e pobreza etc. Há ainda que se destacar a atuação do movimento *OKUPA*, por meio do qual a ocupação de casas em alguns locais da cidade, dentre eles o bairro de Gràcia, significa uma forma de resistência à situação habitacional problemática da cidade ³⁵.

Existe um grau considerável de consciência, por parte da população, de que as grandes intervenções na estrutura urbana, além da geração de novos equipamentos urbanos, por exemplo, ampliaram o espectro de influência dos perversos interesses imobiliários – o que ocasiona dificuldades concretas para os habitantes no que se refere à compra e locação de imóveis. Diante disso, planos em curso – como o do distrito 22@, em Poblenou – ou novos planos divulgados

³⁴ “Barcelona es juga el 22@”. **La Veu del Carrer**. Federació d’ Associacions de Veïns i Veïnes de Barcelona. n. 90, p. 3, maig-juny, 2005. (8000 exemplars, distribució gratuïta). E, ainda: “L’edició d’aquesta publicació ha estat possible gràcies a la col.laboració del Departament de Benestar Social de la Generalitat de Catalunya, Ajuntament de Barcelona i diversos col.laboradors”. p. 2.

³⁵ A seguir, alguns sítios que contêm informações, críticas e propostas de ação a respeito do viver urbano barcelonês: www.coordinadoraval.org/repensarbarcelona , www.cascantic.net
www.attac-catalunya.org , www.barcelonamarcaregistrada.com

pelo *Ajuntament* – como no caso recente de Barceloneta – geram temor no seio das populações dos bairros, e a articulação do movimento de moradores é instrumento de pressão perante o poder público. Um exemplo recente da importância da mobilização popular é a proposta de ampliação do número de elementos e edifícios industriais de Poblenou a serem protegidos como património, em documento em fase de elaboração e a ser aprovado pelo *Ajuntament*, ainda neste ano: dos 22 listados anteriormente expande-se para 109, e 59 destes foram incorporados a partir de petições formuladas por moradores do bairro.³⁶

Capel (2005, p. 10,13) enfatiza a forte atuação do movimento de moradores durante o processo de reconquista democrática na Espanha:

La transición política tras la muerte de Franco (1975) encontró a Barcelona fuerte y articulada base social de izquierdas, y con movimientos vecinales bien organizados que plantearan activamente reivindicaciones sociales, muchas de ellas relacionadas con equipamientos urbanos (...) Los ayuntamientos democráticos, y entre ellos el de Barcelona, recogieron la herencia de los movimientos vecinales de fines de los 60 y comienzos de los 70. Algunos líderes políticos y técnicos que habían participado en ellos eran ahora gestores municipales eficaces. Eso permite explicar la puesta en marcha de un urbanismo de urgencia, exigido por unos movimientos vecinales muy activos. Las primeras intervenciones tratan de atender a las reivindicaciones populares más imperiosas en materia de equipamiento social. En seguida se puso en marcha un urbanismo de regeneración del centro de la ciudad, con la intervención en calles y plazas, y de recualificación de la periferia (...)

Além da ligação entre movimento de moradores e intervenções urbanísticas promovidas especialmente pelos primeiros *Ayuntamientos* democráticos, o autor destaca outros fatores que explicam as modificações empreendidas e conquistas obtidas por Barcelona: a estabilização político-econômica do país permitiu um maior investimento público nas operações infra-estruturais e urbanísticas na cidade (em nível municipal, estatal, e no âmbito da União Européia com a adesão espanhola ao mercado comum, em 1986); a reforma fiscal e o pagamento de impostos; a valorização do espaço público, a tradição empresarial e associativa, o clima intelectual, ou seja, “un tejido social que presione por cambios”. A criação de extensa infraestrutura cultural pelos gestores municipais (anos 80 e 90) situa-se no contexto da expansão do fenômeno da globalização, com a reestruturação produtiva (transição da economia de base

³⁶ “Blindaje al Poblenou”. *La Vanguardia*. Barcelona, 22 de octubre de 2005, caderno “Vivir”, p.1.

industrial para a terciária, com ênfase na cidade como centro de serviços e de alta tecnologia) e com o conseqüente acirramento da competitividade em escala global também das cidades. Em Barcelona, segundo Capel (2005, p.29), “los gestores municipales han sido muy conscientes de la importancia de la imagen internacional y de la mercadotecnia o marketing cultural”.

Sobre o “modelo”

A definição do denominado “modelo Barcelona”, expressa por Capel (2005, p. 7-8), amplia consideravelmente nossa mirada, pois, segundo ele, a expressão surgiu relacionada às transformações urbanísticas locais e, no entanto, técnicos e políticos a estenderam a outros campos,

(...) los aspectos de dicho modelo son todavía más amplios, ya que se extienden, además de las dimensiones urbanísticas, a la descentralización municipal, la fiscalidad, las estrategias culturales y la renovación urbana, el planeamiento estratégico, la cohesión social, el papel de las tecnologías de la información en la modernización de la ciudad, la colaboración público-privada, la vivienda, la gestión de la deuda pública, el paisaje urbano, la seguridad y la gestión integrada de la movilidad, por lo menos.

Em síntese, pode-se afirmar que a reinvenção do espaço urbano de Barcelona como inerente ao processo constitutivo da cidade “moderna” e “modelo”, especialmente a partir do século XIX, apresenta-se a partir de novas demandas sócio-econômicas e políticas engendradas pela expansão capitalista e pontuadas por relações paradoxais. Relações expressas, por exemplo, nas tensões entre o preservar, o transformar e o transformar preservando, ou seja, questões que se relacionam também ao campo da(s) memória(s). A elaboração discursiva da idéia de “cidade modelo” não é fruto exclusivo das grandes obras infra-estruturais surgidas na virada do século XX para o XXI e pertinentes a novos modelos de gestão urbana e, sim, à expansão de um ideário que já se fazia presente no século XIX, tal como apresentado pelos *noucentistas*.

Nesse sentido, ao considerarmos os últimos 150 anos da história de Barcelona, percebemos continuidades no que se refere ao dinamismo econômico em consonância com as transformações, notadamente de cunho urbanístico – não isentas de contradições e de notável caráter inovador – que constituem a base na qual ganhou corpo a idéia de cidade modelo. As

oscilações econômicas e políticas ao longo deste período, as novas demandas sócio-econômicas decorrentes da expansão populacional – com destaque para o aumento do número de imigrantes – , os novos desafios para a manutenção da visibilidade externa da cidade, dentre outros, compõem também o painel da história de Barcelona. Um painel que deve ser analisado considerando-se as novas dimensões da região metropolitana; um painel que condensa as múltiplas reconfigurações da concepção de modernidade – da Ilustração à “pós-modernidade”; reconfigurações da modernidade expressas em questões, tais como: centralização-descentralização, público-privado, planejamento geral-atuações pontuais, tradição-progresso, inclusão-exclusão. Um painel, em suma, fruto de encaminhamentos políticos nos quais – em maior e/ou menor proporção – ouvimos as vozes dos movimentos sociais e dos grandes grupos econômicos.

É evidente que a imagem da “Barcelona modelo” ampliou-se significativamente nos últimos anos como fruto, também, da política empreendida pelos gestores públicos com vistas a uma maior visibilidade internacional da cidade, nos marcos exigidos pela atual competitividade global. No contexto da redemocratização do país, as propostas colocadas em ação pelo poder público local, objetivando o atendimento de certas demandas econômicas e sociais, geraram uma base notável no que se refere aos equipamentos urbano-culturais na cidade. No entanto, é possível notar que tais propostas nem sempre atendem aos interesses mais urgentes dos grupos populares, o que se traduz em embates relativos, por exemplo, à questão habitacional.

Por fim, a cidade-mãe do *Projecte Educatiu de Ciutat* apresenta-se – numa imagem mais ampliada – como uma cidade de conquistas em alguns âmbitos, tal como o educacional, e, também, como cidade a vencer desafios, tal como a questão atualmente muito comentada do “incivismo”³⁷. Conquistas e desafios fazem parte da reflexão que devem empreender a sociedade

³⁷ Em setembro de 2005, foi aprovado, pelo *Ajuntament* de Barcelona, um Plano de Atuação contra o incivismo. Nele estão incluídas as infrações e os atos graves considerados incívicos, a serem combatidos pela via penal, tais como: os *grafittis*; atitudes que perturbem a convivência ou afetem o mobiliário urbano; comportamentos inadequados nos espaços públicos; jogos e apostas, a mendicância e a prostituição nas vias públicas, dentre outros. Este *Pla*, incidindo principalmente na *Ciutat Vella*, vem gerando amplos debates no seio da sociedade civil que são divulgados na imprensa local, com manifestações pró e contra o mesmo. O investimento financeiro para a melhoria da limpeza (banheiros públicos, por exemplo) e segurança (“mossos d’esquadra”, ou seja, policiais nas vias públicas) bem como o pagamento de multas por parte dos que exercem atividades de mendicância e prostituição (incluindo o cliente) fazem parte do Plano. Acredito que o afloramento da questão do Civismo ou Incivismo em Barcelona se vincule a questões mais amplas, tais quais: a constituição da imagem da cidade- modelo e a atividade turística como estratégia econômica, enfatizadas pelo poder público e por grupos privados e geradoras de um fluxo grande de pessoas nem sempre compromissadas com o espaço público local; a questão do fluxo de imigrantes presente na cidade e a questão do desemprego (nos últimos tempos, registra-se o aumento considerável de pessoas do leste europeu em Barcelona, além das demais áreas do globo que tradicionalmente tiveram a Europa como rota). Ou seja, para além do caráter penal, o que se coloca em jogo é a necessidade de se pensar a questão, tendo como referência um conjunto mais amplo de políticas públicas – inclusive as do âmbito educacional. Cf NOVA CIUTAT VELLA: civismo de tots. *Revista Mensual de la Facultat de Ciències de la*

civil e o poder público na elaboração dos novos rumos a serem tomados nos tempos vindouros. Em relação à idéia de “Barcelona: cidade-modelo”, que conforma imaginários e direciona muitas práticas – inclusive em âmbito internacional – a prudência pode ser um bom guia quando se objetiva a busca de solução de problemas verificados em outras localidades. A aplicação, bem ou mal intencionada, de determinados modelos em outras realidades costuma onerar seriamente as populações, que a princípio, supostamente seriam as beneficiadas.

3.2 – A Cidade Educadora

A temática das cidades constitui-se em um campo de estudos cada vez mais amplo e legítimo. No âmbito historiográfico, nota-se a crescente produção ancorada nos fundamentos teórico-metodológicos da História Cultural francesa e inglesa. Observa-se também um maior interesse pela incorporação da cidade – do espaço urbano com seus bens culturais – no âmbito educacional. Das atividades baseadas no trabalho de campo, na observação direta, no conhecimento do entorno e através dele, propostos pelos movimentos de renovação pedagógicas do início do século XX, ³⁸ chegamos a um ponto em que a cidade já aparece como eixo estruturador de determinadas propostas de ensino-aprendizagem de caráter multidisciplinar, como propõem, por exemplo, Prats, Tatjer e Vilarrasa.³⁹ Nos parâmetros curriculares surgidos com as reformas educacionais – tanto na Espanha, quanto no Brasil – enfatiza-se o ensino-aprendizagem da história local, em articulação com macro contextos, como fundamental no processo de constituição de identidades por parte dos indivíduos. É a cidade também que se apresenta como protagonista em projetos voltados para o desenvolvimento da educação e da cidadania, tal como o projeto de Cidade Educadora, originado em Barcelona, e que coloca em pauta um outro modelo de gestão educacional. Assim, a pesquisa bibliográfica relativa às orientações educacionais e a

Comunicació Blanquerna Universitat Ramon Llull. Barcelona, novembro de 2005. (tiragem de 10.000 exemplares, distribuídos gratuitamente).

³⁸ TATJER, Mercè. (2002) “Ensenyar la ciutat o aprendre de la ciutat: l'exemple de Barcelona”. In **Temps d'Educació**. n. 26. Barcelona: Revista de la Divisió de Ciències de l'Educació de la Universitat de Barcelona, p. 67-85.

³⁹ PRATS, J., TATJER, M., VILARRASA, A. (2000) “Icària. Reflexos d'utopia per a una ciutat millor” In **Perspectiva Escolar**, n. 242, febrer, p.72-81.

didática das Ciências Sociais no âmbito espanhol e, mais especificamente, o conhecimento de alguns serviços e projetos educacionais, que estão sendo desenvolvidos em Barcelona, são fontes riquíssimas para a reflexão sobre as abordagens do meio urbano no contexto educacional local. Isto, por sua vez, possibilita o estabelecimento de paralelos com nossas práticas em Campinas, Brasil, no âmbito da educação formal e da não formal.

Considero fundamental a compreensão de como se apresenta a gestão pública da educação – formal, não formal e informal – em sua inserção no marco geral da gestão da cidade. No caso de Barcelona, a partir de inícios dos anos noventa do século XX, observa-se o início da divulgação do termo *cidade educadora*. Nesta cidade, ocorreu o Primeiro Congresso de Cidades Educadoras (1990), com respectiva aprovação da Carta das Cidades Educadoras, bem como o início da materialização de Projetos Educativos de Cidade (PEC). Estes, expandiram-se ao longo dos anos, em nível internacional, com a adesão de várias cidades aos pressupostos da referida Carta.⁴⁰

Jaume Trilla Bernet, há algumas décadas, teoriza a respeito da relação *educação e meio urbano*. Como um dos elementos do contexto teórico-pedagógico no qual se desenvolve a idéia de cidade educadora, aponta a contraposição entre *urbanofobia* e *urbanofilia pedagógica*, enquanto distintos posicionamentos teórico-pedagógicos a respeito da relação entre *cidade e educação*. No primeiro caso, a obra “Emílio e a Educação”, de Rousseau, seria um exemplo de como a natureza – e não a cidade – seria o local adequado para a formação humana. Por outro lado, ao remeter a “Fedro”, de Platão, traz a voz de Sócrates, para quem a aprendizagem não estaria no campo e, sim, na sociabilidade estabelecida na cidade de Atenas. Ou seja, alguns exemplos, dentre outros, do tratamento da relação entre mundo urbano e mundo educativo ao longo da história. No que tange à expressão e difusão do termo *cidade educadora*, segundo o autor, foi em 1972 que apareceu a expressão *cidade educativa* no informe da UNESCO, denominado *Aprender a ésser*, dirigido por E. Faure. Então, o Congresso de 1990, em Barcelona, é paradigmático no que diz respeito ao impulso sofrido pela expressão, a partir daí reconfigurada:

⁴⁰ A respeito da concepção teórica da *cidade educadora* bem como sobre projetos educativos desenvolvidos em alguns municípios da província de Barcelona, ver: “Les ciutats que s’eduquen”. In **Temes d’educació**. n.13, Diputació de Barcelona, julho de 1999. Atualmente dez cidades brasileiras fazem parte da Associação Internacional de Cidades Educadoras (A.I.C.E.). São elas: Belo Horizonte, Campo Novo dos Parecis, Caxias do Sul, Cuiabá, Gravataí, Piracicaba, Porto Alegre, Santo André, São Carlos, São Paulo. Sobre a A.I.C.E.: <http://w10.bcn.es> e www.bcn.es/edcities/aice

não mais *cidade educativa* e, sim, *cidade educadora* – mais que um simples fator de educação, atribuiu-se à cidade um papel ativo, de agente de formação em termos educacionais.⁴¹

A respeito dos conteúdos da idéia de *cidade educadora*, Trilla (1999, p. 24-37) distingue três dimensões possíveis da relação entre cidade e educação.

1- *A cidade que contém educação* (“aprender na cidade”), o que pressupõe um meio urbano como contexto de acontecimentos educativos múltiplos, tais como: uma estrutura pedagógica estável formada por instituições educativas nos âmbitos da educação formal e não formal; um conjunto de equipamentos e instituições cidadãs estáveis e não especificamente educativos (museus, zoológicos, bibliotecas, etc.); um conjunto de eventos educativos ocasionais (feiras, congressos, celebrações, etc.); um conjunto difuso e permanente de espaços e vivências educativas, que não são planejadas pedagogicamente, mas que compõem a educação não formal da vida cotidiana.

2- *A cidade como agente de educação* (“aprender da cidade”), ou seja, o meio como agente informal de educação, pois é na cidade que se reúnem pessoas, idéias, objetos, técnicas – em suma, elementos culturais que têm a rua como espaço emblemático desse fluxo de relações. Para Trilla, a educação informal não é seletiva e, do ponto de vista educativo, a cidade pode conter o melhor e o pior. Enquanto agente da educação cada cidade tem seu currículo oculto (conjunto contraditório formado, dentre outros, por formas de vida, valores, tradições e expectativas).⁴²

3- *A cidade como conteúdo educativo* (“aprender a cidade”), a cidade que ensina a si mesma, pois o conhecimento informal que gera o meio urbano é, por sua vez, conhecimento sobre este próprio meio. Informalmente, aprende-se a fazer uso cotidiano da cidade (por exemplo, um cidadão aprende a fazer uso dos transportes públicos, a localizar estabelecimentos comerciais e espaços de ócio sem, necessariamente, recorrer a processos formais de ensino), a descobrir sua fisionomia e a conhecer sua atualidade.

⁴¹ TRILLA BERNET, Jaume. Un marc teòric: la idea de ciutat educadora. In “ Les ciutats que s’eduquen”. **Temes d’educació**. n.13, Diputació de Barcelona, juliol de 1999, p.13-51. Trilla é Catedrático de Teoria e História da Educação, da Universidade de Barcelona.

⁴² Visando cotejar a leitura empreendida por Trilla, acima exposta, com as contribuições do historiador Peter Gay, podemos situar as relações estabelecidas na cidade no âmbito da “Educação Política dos Sentidos”, tal como proposta por este último. Segundo Gay (1988), tais relações dizem respeito a práticas político-culturais relacionais nas quais as noções de sujeito, cultura e educação não se restringem às dimensões racionais, mas também, incorporam as sensíveis.

A análise de Trilla (1999) sobre a cidade educadora tem por base dois níveis de significação: o *descritivo* – conforme comentado anteriormente e que diz respeito ao fato de que as cidades, mal ou bem, educam – e o *projetivo*, que pressupõe que as cidades devem educar, cada vez mais e melhor. Assim, em uma visão projetiva, trata-se de considerar os critérios e tipos de atuação para dinamizar esta função educadora de cada cidade. Para cada dimensão de cidade educadora, aponta algumas *ações* correspondentes ao nível *projetivo*.

1- *A cidade que contém educação* - (“aprender na cidade”). Além da elaboração do mapa educativo de uma cidade – e que não seja exclusivamente escolar – com o inventário dos recursos educativos, sua distribuição territorial, a respectiva utilização dos mesmos bem como as necessidades e expectativas dos cidadãos a respeito, cabem algumas intervenções, tal como as apontadas, a seguir.

1a - a multiplicação dos recursos educativos aliada à diversificação dos mesmos.

1b - a reutilização dos recursos já existentes (no que se refere ao capital humano, equipamentos e recursos materiais) com vista a potenciá-los, com a incorporação de outras funções, além das já existentes. Por exemplo: utilização comunitária das instalações escolares que extrapolam horário e calendário letivos; incentivo a setores empresariais e de serviços para a expansão de atividades que incorporem a dimensão educativa por meio de práticas e de visitas escolares planejadas, por meio de trabalho voluntário.

1c - a organização e coordenação de políticas urbanas integradas que impulsionem a cooperação e a complementaridade entre instituições e programas diversos, com a formação de plataformas e de redes descentralizadas (as denominadas “xarxas” catalanas), compostas pelas instituições e setores implicados.

1d - a adaptação às mudanças e o dinamismo na geração de transformações, o que requer estímulo às inovações pedagógicas (exemplos de ações, neste sentido: promoção de experiências-piloto, importação e exportação de experiências educativas, formação continuada dos educadores), bem como a detecção das novas necessidades e busca de respostas em decorrência, dentre outros fatores, das migrações e da multiculturalidade.

1e - ações de redistribuição e compensação que, para além dos indicadores quantitativos de recursos educativos existentes em uma cidade, operem no sentido de minorar as situações de desigualdades, no que diz respeito ao acesso a tais recursos, por parte dos diferentes grupos

sociais, desenvolvendo programas de integração e de desenvolvimento comunitário e mecanismos que visem à igualdade das oportunidades.

2- *A cidade como agente de educação* (“aprender da cidade”). A cidade educadora informal é uma cidade contraditória e, para que seja positivamente educadora, tornam-se necessárias a identificação dos seus conteúdos e a busca da transformação do currículo oculto em “currículo desejável”, no sentido de selecionar e estimular os conteúdos implicados na formação cidadã (por exemplo: desenvolvimento de programas e materiais pertinentes à formação cidadã no âmbito das instituições educacionais, campanhas de sensibilização operadas pelos meios de comunicação de massa, ações urbanísticas e materiais em relação ao entorno que propiciem a cidadania).

3- *A cidade como conteúdo educativo* (“aprender a cidade”). Ao mesmo tempo em que a aprendizagem informal da cidade é valiosa, ela apresenta algumas limitações. Para Trilla (1999, p.35), estas residem, primeiramente, em um certo grau de superficialidade, pois

Informalmente aprendemos a utilizar día a día la ciudad, pero aprendemos bastante menos a entenderla, a descodificarla más allá de lo obvio. Informalmente descubrimos la apariencia de la ciudad pero no detectamos la estructura; conocemos su actualidad, pero desconocemos su génesis y su perspectiva.

Um segundo limite apresentado pela aprendizagem informal feita do meio urbano é a sua parcialidade já que

Factores como la clase social, el sitio de residencia, el grupo generacional, el tipo de trabajo, el rol familiar o los hábitos de ocio de cada uno determinan que no se llegue a conocer más que una parcela o una dimensión muy limitada de nuestra ciudad. De hecho, la gran ciudad está hecha de muchas ciudades objetivamente y subjetivamente diferentes: la ciudad de los jóvenes con posibilidades económicas y la ciudad de los que tienen menos; la ciudad de la *beautiful people* y la ciudad de la gente corriente (...) la ciudad de la marginación y la de las postales... A la ciudad, entonces, coexisten y se yuxtaponen ambientes y recorridos tan diversos como también discriminatorios y selectivos. Y es por eso que informalmente cada uno llega sólo donde llega la percepción y el conocimiento de los itinerarios habituales que realiza y de la parcela del medio urbano que le corresponde según los roles que elige o que le son impuestos. En este sentido, descubrir la imagen desdibujada que los ciudadanos tienen de su ciudad es una buena manera de empezar a plantearse intervenciones que adopten el propio medio urbano como un contenido

educativo. Eso es, descubrir como perciben su ciudad, como la viven, cual es su sentimiento de pertenecer a ella: su sentimiento de pertenecer a la ciudad y que la ciudad, de alguna manera, también les pertenece.

Segundo Trilla (1999, p. 35-37), a cidade enquanto objeto de educação pressupõe a superação dos limites de parcialidade e superficialidade que estão presentes na aprendizagem informal do meio urbano e, nesse sentido, é fundamental o papel das escolas e instituições “expressamente educativas”. Para o autor, o processo de aprendizagem da cidade deveria conter três aspectos gerais, a saber:

3a- A ampliação da possibilidade da experiência direta – não mediada e, sim, com base na vivência, no contato real – das crianças com o meio. Aqui, Trilla sinaliza um paradoxo no qual os setores que mais vivenciam diretamente a cidade são os excluídos dela mesma, ou seja, “aos quais lhes sobra rua lhes faltam instituições educativas; e aos quais lhes sobra escola lhes falta rua”. Além da ampliação dessa relação direta com o meio, é necessário também proporcionar a “elaboração desta experiência”. Ou seja, que se possa fazer uso deste conhecimento informal adquirido na cotidianidade, de forma a tornar possível a leitura da cidade em suas estruturas não tão diretamente perceptíveis – como a descoberta da sua gênese a partir de signos do passado que propiciem o estabelecimento da relação passado-presente.

3b-A preparação das crianças e jovens, por parte das escolas e outras “instituições heteroformativas”, no sentido de facilitar-lhes o conhecimento e o acesso ao banco de recursos e fontes de informação contidos em cada cidade. Trata-se do “aprender a utilizar a cidade” no que se refere ao uso dos recursos, pelo cidadão, na educação autodidata e em sua formação permanente.

3c- O papel facilitador das instituições de formação, que têm o meio urbano como objeto educativo, no que se refere ao estabelecimento de uma leitura crítica, de uma relação dialética das três imagens da cidade, por parte dos usuários da cidade – crianças, jovens ou adultos (1999, p.37):

(...) la imagen subjetiva que cada uno se forma espontáneamente de su ciudad; una imagen más objetiva, global y profundizada que las propias instituciones educativas han de contribuir a configurar a partir de la anterior, y una tercera imagen que es la imagen de la ciudad a construir, es decir, una imagen forjada con los elementos prospectivos y

proyectivos que puedan contrastarse con la ciudad real y orientar así la participación para abastecer una ciudad mejor.

Trilla (1999, p. 20-22) aponta para alguns elementos constitutivos do contexto teórico no qual se desenvolve o conceito de cidade educadora. Assim, refere-se a três conceitos que, a seu ver, apresentam pontos em comum com o de cidade educadora: educação permanente, sociedade de aprendizagem e da informação, educação não formal e informal. Para o autor, todos esses conceitos compartilham de dois princípios. O primeiro deles é o de heterogeneidade, o que implica na ampliação vertical do conceito de educação (educação permanente), bem como na ampliação horizontal, sendo a educação não mais restrita ao âmbito da família e da escola (educação não formal e informal). A diversidade relaciona-se à idéia de cidade educadora no que tange aos diferentes conteúdos e formas de educação nela contidos. O segundo princípio é o de globalidade, o que confere ao processo educativo uma visão integradora, ou seja, se consideram as interações dos diferentes tipos de educação experienciados pelo indivíduo ao longo da vida. Nesse sentido, a cidade é educativa em sua totalidade, constituindo-se um meio educativo complexo, que não se reduz a uma aglomeração simplista de acontecimentos educativos.

Segundo o autor, a visão tradicional do ato educativo, baseado na relação pessoal e direta entre educando e educador, é insuficiente para explicar-nos muitas das ações realizadas pelos educadores: é um modelo que não considera que é sempre em um *meio* (seja ele a escola, o bairro, a família, o sistema sócio-econômico e político etc) que se realiza uma ação educativa e que, por sua vez, tal meio exerce influência na relação entre educador e educando. Em geral, os educadores ou agentes educativos, simultaneamente, educam por meio de uma relação pessoal com o educando e, também, indiretamente, por meio de suas ações educativas configuradoras do meio. Isso é pertinente a qualquer agente e meio educativo: tanto os *micromeios* quanto aos *macromeios* (como uma cidade). Assim, para ele (1999, p.23),

(...) el paradigma del medio educativo permite contemplar las actuaciones políticas y las decisiones que se llevan sobre la gestión de la ciudad también en acciones educativas. Acciones educativas indirectas, pero no menos importantes que las personales y directas, ya que contribuyen a configurar el medio educativo que es la ciudad.

Vale a pena sublinhar que as ações políticas dos gestores de uma cidade são, também, ações educativas. E, quando se trata de uma *cidade educadora*, a gestão pública da educação

deve ser compreendida considerando-se o arco mais abrangente formado pela gestão da cidade. Assim, em termos de planejamento educacional, trata-se de uma ampliação: do mapa escolar ao mapa educativo da cidade e, deste, ao projeto educativo da cidade.

A cidade de Barcelona foi alvo da implementação de políticas públicas – notadamente ligadas às transformações urbanas – desde fins do século XVIII, como parte do processo de construção da Barcelona moderna. De fins dos anos setenta do século XX a inícios do século XXI, a cidade passou a contar com uma rede cada vez mais ampla de equipamentos culturais, além de transformações no cenário urbano. Tais transformações são decorrentes de projetos de revitalização de áreas mais antigas, bem como de projetos ligados à concepção da geração de novas centralidades, aos quais se inserem as grandes obras vinculadas aos macro-eventos (Olimpíadas-1992, Fórum Mundial das Culturas-2004) – embora sublinhando que nem sempre tais transformações atendem às demandas dos grupos populares locais, tal como demonstra o problema da moradia no contexto local.

De forma mais ampliada, ou seja, para além das concepções estritamente arquitetônicas ou de transformação urbanística, podemos perceber na *cidade* de Barcelona a implementação de políticas públicas, a partir das gestões democráticas das últimas décadas, ancoradas no tripé *território, educação, cidadania*.

Para Feu e Soler, o conceito de território é um conceito flexível, tendo em vista que o mesmo é submetido ao tempo e ao espaço (à historicidade), à vontade política e às necessidades cidadãs.⁴³ Ou seja, podemos entender por território as unidades territoriais que definem um país (municípios, províncias – comunidades autônomas, no caso espanhol – dentre outros) e que têm como referencial básico a noção de espaço. Por outro lado, o conceito de território também deve ser apreendido considerando-se as (re) configurações cada vez mais complexas do espaço e do tempo na contemporaneidade, tendo em vista a aceleração do processo de globalização. Assim, notadamente em função de necessidades econômicas capitalistas dominantes, são (re) definidos outros territórios de circulação de capitais, de atuação política e, também, campos de expressão de novas demandas sociais.

⁴³ FEU, Jordi, SOLER, Joan. “Més enllà de l’escola rural. Cap a un model integral i integrador de l’educació en el territori”. In **Temps d’Educació**, n. 26, 2º semestre 2001/1º semestre 2002. Barcelona: Revista de la Divisió de Ciències de l’Educació de la Universitat de Barcelona, p.133.

O município – tanto no Brasil como na Espanha – é a unidade básica de organização territorial que possibilita a participação dos cidadãos na vida pública. Ao contrário do que muitos pensavam as novas dinâmicas do mundo globalizado não levaram à completa homogeneização das sociedades. Inversamente, o (re) surgimento de movimentos nacionalistas nas décadas finais do século XX é sintomático de uma afirmação identitária, por parte de vários povos, que pode ser interpretada como uma resistência ao processo de mundialização. No campo educacional, inclusive, retoma-se o âmbito do *local*, notadamente nas áreas de História e de Geografia, como conteúdo a ser abordado nos diversos níveis do processo de ensino-aprendizagem. À diferença do localismo autocentrado praticado por tantos educadores, bem como da concepção dos círculos concêntricos, que embasou propostas curriculares em um momento histórico anterior, é a dinâmica *global-local* que é estabelecida como parâmetro teórico nos tempos atuais – o que nem sempre é exercido na prática.

Para Joan Subirats, que trabalha com a questão da *educação-território-políticas locais*,

La dinámica global-local no es, entonces, una forma de resistencia localista a la mundialización. Es una dinámica ‘natural’ que obliga a situar los problemas locales en un contexto global al que no se puede escapar, pero que también exige dialogar con la globalidad desde las propias y específicas coordenadas de cada comunidad local. Tenemos que pensar globalmente y actuar localmente, pero también pensar localmente y actuar globalmente. El futuro exige, entonces, reforzar vínculos identitarios entendidos como un activo social y no como un pasivo en un mundo global. Y exige que estos elementos de identidad no sean vistos con excluyentes con otras conexiones y vínculos de las personas y grupos representando a cada comunidad. No parece que tengan mucho futuro las comunidades locales aisladas y cerradas en sus peculiaridades, pero tampoco no creo que tengan mucho futuro los conglomerados locales artificialmente creados y desarraigados.⁴⁴

É desta óptica, qual seja, a que diz respeito aos vínculos entre *educação e território* que podemos compreender a proposta de elaboração de um mapa educativo de cidade e de um projeto educativo de cidade, conforme proposta teórica de Trilla. Por sua vez, para além da consideração do espaço físico, dos equipamentos urbanos e atividades econômicas, é a dimensão da *cidadania* que é incorporada aos novos planejamentos baseados na relação educação-território. Assim, põem-se em relevo os elementos humanos, no que diz respeito aos valores

⁴⁴ SUBIRATS, Joan. “Educació i Comunitat” In **Temps d’Educació**, n. 26, 2º semestre 2001/ 1º semestre 2002. Barcelona: Revista de la Divisió de Ciències de l’Educació de la Universitat de Barcelona, p.181. Subirats é membro da Equipe de Análise Política da Universidade de Barcelona e coordena um grupo de trabalho interdisciplinar sobre gestão educativa.

compartilhados, às possibilidades de geração de sentidos de pertencimento, à implicação de um número cada vez maior de cidadãos na elaboração de projetos comuns – no âmbito da cidade.

Conforme já comentado em outro momento deste texto, a elaboração do *mapa educativo de cidade* refere-se ao inventário dos recursos educativos (de alcance formal, não formal e informal), sua distribuição territorial, a respectiva utilização dos mesmos, bem como a detecção das necessidades e expectativas dos cidadãos a respeito da educação, que deve ser feito por uma equipe de trabalho interdisciplinar.⁴⁵ Seu alcance é mais global, comparado ao mapa escolar, e pode ser compreendido como parte do contexto atual, no qual se requer da educação a busca de respostas que contemplem as necessidades impostas pelas dinâmicas, cada vez mais complexas e contraditórias, das realidades globais e locais.

Para Domènech (1999, p.79), o projeto educativo de cidade é uma outra dimensão do mapa educativo de cidade – “duas caras, absolutamente complementares, de uma mesma moeda”. Ou seja, o *mapa educativo de cidade*, como primeiro inventário que possibilita a análise da realidade, bem como o desenvolvimento de propostas de intervenções, e o *projeto educativo de cidade* “como o ideário de uma cidade que define os objetivos pelos quais está disposta a trabalhar de forma conjunta e participativa”. Em ambas as propostas, o ponto em comum é a participação conjunta da sociedade civil, bem como da “(...) configuração de uma Administração local muito mais dinâmica e flexível, que é capaz de impulsionar e liderar este processo sem excessivos protagonismos e com uma clara vontade inovadora.”

Em termos de projeto, observa-se um deslocamento: dos projetos educativos das escolas passa-se, também, à elaboração de um projeto educacional em outra escala, qual seja, o que procura abarcar toda a cidade. Este redimensionamento político-educacional começou a ser colocado em prática em Barcelona e o PEC (*Projecte Educatiu de Ciutat*) constitui-se em uma ferramenta de transformação com vistas à construção de uma cidade desejável. De acordo com esta proposta teórica, o poder público, em articulação com a sociedade civil, almeja a promoção

⁴⁵ Uma outra cidade da Catalunya na qual o debate em torno da questão educação-território vem gerando o desenvolvimento de projetos educativos é Santa Coloma de Gramenet. No caso, o mapa educativo de cidade começou a ser gerado com as discussões iniciadas em 1996. O grupo interdisciplinar foi composto por professores da educação primária e secundária e outros estudiosos da cidade, por profissionais ligados à Universidade de Barcelona bem como, posteriormente, o suporte da Diputació de Barcelona (âmbito da Província de Barcelona) e do Ajuntament de Santa Coloma de Gramenet (âmbito municipal) na concessão de bolsas de estudos a pesquisadores – o que significava a superação da fase inicial de trabalho voluntário. Ver: DOMÈNECH, Joan. “El mapa educatiu d’una ciutat. Concreció a Santa Coloma de Gramenet”. In **Les ciutats que s’eduquen. Temes d’educació**. n.13, Diputació de Barcelona, julho de 1999, p.72-80.

da cidadania por meio da educação, com base em intervenções de caráter notadamente projetivo, objetivando a participação e a inovação.

Trata-se, então, de pensar a gestão pública da educação a partir de outros parâmetros: como projeto participativo, compartilhado entre diferentes instâncias sociais e políticas, nos marcos da gestão pública da cidade.

Trilla (1999, p. 38-39) adverte-nos no sentido de que as declarações de princípio podem se tornar inócuas, caso não se materializem em projetos, programas, intervenções. Igualmente, não basta um conjunto de programas pontuais se estes não são coerentes com a filosofia da cidade educadora.

Tais condições apresentam-se em articulação com os desafios impostos às sociedades, no mundo atual, em termos de elaboração e implementação de políticas públicas. Configura-se um outro desenho de gestão educativa, uma vez que o fato educativo, por exemplo, cada vez mais não se restringe à escolarização formal. Coloca-se o papel do entorno, do espaço mais próximo, na adaptação das políticas às respectivas necessidades locais; o entorno como espaço gerador de maior responsabilidade coletiva e possibilidade de desenvolvimento de projetos transversais que atendam às demandas sociais atuais. O centralismo político das Administrações, por sua vez, demonstra-se, em muitos casos, insuficiente no atendimento às exigências de construção cidadã do espaço público. No entanto, considero que a reconfiguração do papel do Estado, nos marcos da falência das políticas ancoradas no bem-estar social e a preponderância do capital privado, em diferentes setores econômico-sociais, também se apresenta como um problema ao dificultar a igualdade de oportunidades e a manutenção de conquistas históricas no âmbito da luta cidadã, por exemplo. A construção de uma política descentralizada de gestão educacional integrada à gestão pública da cidade, baseada na justiça social, apresenta-se como um desafio, se consideramos os múltiplos fatores em jogo. Acercar-me destes desafios e das possibilidades é meu propósito. Nesse sentido, o projeto, em curso, em Barcelona, pode nos oferecer instrumentos de análise que favoreçam esta aproximação.

Da concepção teórica de cidade educadora ao contexto em que surge a idéia de projeto educativo de cidade, abordarei, a seguir, a dinâmica referente à materialização desta proposta, especificamente em Barcelona: aspectos do processo de elaboração documental do Projeto Educativo de Cidade (PEC), em termos dos objetivos e formas de ação, bem como sobre algumas questões atinentes à situação de sua implementação atual.

Em 1990, ocorreu o Primeiro Congresso de Cidades Educadoras e, em meados dos anos noventa, o PEC começa a ganhar contornos enquanto plano estratégico baseado na idéia da co-responsabilidade social em educação. Em termos de metodologia de análise e de ação, durante a fase de elaboração do projeto, iniciada em fins de 1997,

(...) más de 1000 profesionales de diferentes ámbitos (la cultura, el urbanismo, la sociología, la educación, el asociacionismo, la salud y la prevención, la ciencia y la tecnología, etc.) y 50 entidades relevantes de la ciudad (sindicatos, universidades, movimientos y asociaciones vecinales, federaciones de jóvenes y estudiantes, etc.) han participado en diferentes grupos de trabajo y discusión y han colaborado también en la elaboración de diversos estudios y documentos.

Asimismo, se han articulado numerosos instrumentos (guías de debate, cuestionarios) para recoger la opinión de la ciudadanía y promover su implicación en este proyecto. ⁴⁶

Em relação a esta fase prospectiva de análise da realidade, Gómez e Vila (1999, p.65-69) destacam que, em todos os municípios da província de Barcelona, os quais compõem a rede de cidades educadoras, o trabalho partiu de estruturas participativas já existentes, como o *Consell Escolar Municipal*. Este, por sua vez, transformou-se: de órgão consultivo a respeito de temas escolares passou a órgão de participação que abrange todos os temas educativos que dizem respeito à cidadania, e agentes da educação não formal foram a ele incorporados. Alguns municípios, como Barcelona, elaboraram um *Catàleg de Serveis Educatius*, de amplo alcance em termos de serviços destinados ao cidadão, o que, por sua vez, possibilitou uma análise comparativa entre o modelo de cidade desejável e os recursos existentes e sua distribuição entre os setores da população, bem como os recursos inexistentes. Cada município criou um *slogan* como parte das ações de difusão do projeto e, especificamente em Barcelona, a edição de monografias destinadas aos cidadãos (“*L’educació és la clau*”, ou seja, “a educação é a chave”) como veículo de informação sobre o processo em curso; e, ainda, sessões explicativas da proposta nos meios de comunicação e em fóruns educativos da cidade. Após esta primeira fase, passou-se à segunda fase de desenvolvimento do projeto com a demarcação das *línies estratègiques*, configuradoras do *Pla d’actuació*, a cargo de uma comissão executiva de composição mista (recursos humanos advindos do “Ajuntament”, ou seja, órgão executivo municipal, e componentes da sociedade civil). Além do papel fundamental do *Ajuntament*, no que

⁴⁶ GÓMEZ GRANELL, Carme , VILA, Ignasi. “Barcelona, um proyecto educativo para la ciudad”. In *Cuadernos de Pedagogía*. n. 278, marzo, 1999, p.53.

se refere à dinamização do projeto em âmbito local e à transferência de experiências a outros municípios, destaca-se o suporte oferecido pela *Diputació* de Barcelona (atuação em nível provincial), por meio, por exemplo, da criação de um espaço de discussão e formação de técnicos de educação, bem como a oferta de convênios entre a Área de Educação da *Diputació* e municípios.

No caso de Barcelona, em 1999, representantes das instituições públicas e da sociedade civil assinam o documento conhecido como PEC I (vigência 1999-2003). Esta primeira fase do PEC caracteriza-se pelo impulso teórico alcançado devido à participação de intelectuais renomados e, também, por meio de uma participação considerável da sociedade civil. No entanto, há dificuldades em alcançar-se o equilíbrio entre a riqueza das reflexões teóricas e o desenvolvimento da pluralidade de ações planejadas. Como aspectos positivos, destacam-se a participação de vários agentes, o lançamento da educação ao centro do debate cidadão, o incentivo ao trabalho em rede (*xarxas*). A própria dinâmica mutável e complexa da realidade local e global, marcada, dentre outros, pelo processo migratório, pelas novas relações entre educação formal e não formal, pelo papel das TIC, coloca em pauta uma série de desafios incidentes no campo da educação. Assim, como resultado dos novos questionamentos, bem como da avaliação do trajeto percorrido, abre-se uma outra etapa – culminando esta com a elaboração do PEC II (vigência 2004-2007). Esta segunda fase do PEC configura-se tendo por base os princípios gerais, os conteúdos e a filosofia do projeto de cidade educadora e tem por objetivo dar um novo impulso ao Projeto, por meio da atualização diagnóstica da realidade local, de conteúdos e de estratégias de atuação.⁴⁷

Segundo informações oficiais do *Ajuntament* (2004, p. 28), o processo participativo em torno da elaboração do PEC II deu-se a partir da convocação dos agentes diretamente implicados na educação para um espaço de debate: 401 pessoas, distribuídas em 20 comissões, com sessões de trabalho distribuídas ao longo de seis meses, com um grau considerável de fidelidade dos agentes em termos de participação nas reuniões (mais de 40% dos participantes assistiram a todas as reuniões). Contraposição de pontos de vista e interesses diversos, complexidade de cenários de atuação, geração da co-responsabilidade são os pontos destacados deste debate, com vistas à concretização das linhas de trabalho e projetos, explicitados no *Pla d'acció 2004-2007*.

⁴⁷ Cf **Projecte Educatiu de Ciutat: Pla d'acció 2004-2007**. Institut d'Educació de l'Ajuntament de Barcelona. Barcelona, 2004, p12-13.

O *Projecte Educatiu de Ciutat* tem como funções principais a construção de uma rede educativa integrada, a elaboração de um diagnóstico sobre a educação na cidade (como ofertas e problemas), a busca de respostas às novas demandas, a coordenação de projetos educativos por meio da otimização de recursos decorrentes da colaboração institucional. Por sua vez, o *Pla d'acció* é uma proposta integral de intervenção educativa, bem como um plano estratégico territorial de caráter cidadão, na medida em que as ações se dão no espaço da cidade, a partir de seu diagnóstico prévio, objetivando a construção do futuro desejado.

A seguir, apontaremos os objetivos institucionais do referido Plano de Ação do PEC II, bem como sua estrutura (2004, p.43-44).

Reducir las desigualdades educativas de genero, de edad, de clase y de origen.
Avanzar con la educación para la responsabilidad, el respeto y la autonomia.
Aumentar el éxito escolar como la garantía de la no-exclusión social y del desarrollo socioeconómico.
Mejorar la acogida educativa y la igualdad de oportunidades de todos los niño y niñas de la ciudad.

Observa-se que os objetivos vinculam-se a questões, tais como a imigração, o civismo, as desigualdades sociais. Tais questões, mais ou menos explícitas, apresentam-se no cenário local, em sua complexidade, em termos das novas demandas impostas à gestão da educação, no âmbito da cidade.

Em relação à estrutura do *Pla d'acció* destacam-se: a dinâmica da atuação das comissões, estruturadas a partir do processo participativo, e respectivos projetos; as interações estabelecidas entre estes diferentes projetos e entre estes e os objetivos institucionais. As comissões que compõem o Plano de Ação do PEC II (2004-2007) são formadas por pessoas e entidades de estreita vinculação com a temática no âmbito local e por representantes dos grupos de trabalho dos respectivos projetos, correspondentes à cada comissão. São elas:

1. *Coneixement de la ciutat*
2. *Lleure i educació no formal*
3. *Mobilitat*
4. *Sostenibilitat*

5. *Mitjans de comunicació i societat de la informació*⁴⁸

Os fóruns, com a função de eixo transversal a articular todos os projetos do Plano, são os seguintes:

1. *Immigració*
2. *Èxit escolar i accés al treball*
3. *Valors i ciutadania activa*⁴⁹

Ainda em relação ao Plano de Ação, cabe destacar o compromisso firmado entre as diferentes instituições e entidades – poder público e sociedade civil – e formalizado com a assinatura de um acordo entre o *Institut d'Educació de l'Ajuntament de Barcelona* (IMEB) e 220 entidades, no qual delimitam-se as respectivas atribuições dos agentes a respeito dos projetos assumidos. Sobre os projetos (2004, p.44): 44% dos projetos são liderados pelo IMEB, 28% por outros setores municipais e 28% por entidades cidadãs. Atualmente, são 56 projetos ao todo: 47% são novos projetos, 18% são projetos já existentes, que incorporaram inovações, 35% são projetos avaliados positivamente e que seguem em desenvolvimento.

Em síntese, o IMEB apresenta a liderança em termos de condução dos projetos e buscou-se aumentar a participação da sociedade civil na transição do PEC I para o PEC II; há um relativo equilíbrio entre inovação e manutenção dos projetos e, no processo de articulação entre os mesmos, é grande a implicação do uso das tecnologias de informação e comunicação.

O informe oficial do *Ajuntament* (2004, p.44) apresenta alguns problemas a serem evitados, na condução do Plano: dispersão em função da amplitude dos temas e do tamanho da cidade; o distanciamento do Plano em relação ao ensino formal, situando-o na “periferia educativa”; a desvinculação dos bairros e distritos, comparado com áreas centrais, em termos de execução dos projetos; a burocratização do plano, transformando-o em projetos isolados.

⁴⁸ Conhecimento da cidade, lazer e educação não formal, mobilidade, sustentabilidade, meios de comunicação e sociedade da informação.

⁴⁹ Imigração, êxito escolar e acesso ao trabalho, valores e cidadania ativa.

Atentar para estes possíveis problemas é, também, uma forma de fazer da concepção de cidade educadora não um mero *slogan*, como nos adverte Trilla.⁵⁰

Para a compreensão do modelo de gestão educacional barcelonês, é necessário tratar de dois importantes órgãos. Um deles é o *Consell de Coordinació Pedagògica de Barcelona* (CCP), que iniciou suas atividades no ano letivo 1988-1989 com a função de coordenar as áreas e equipamentos municipais que ofereciam atividades educativas às escolas. Institucionalizado, em 1991, conta com a incorporação progressiva de diversas instituições públicas, fundações, ONGs, empresas privadas, no desenvolvimento de propostas educativas (constituição de uma rede, ou *xarxa*, de mais de 100 componentes, além das áreas e serviços específicos do *Ajuntament* – Administração local)⁵¹. A cada ano letivo, publica-se o *Programa d'Activitats Escolars*, com a sistematização e a descrição de cada atividade, com respectiva entidade proponente e ciclo(s) educativo(s) referente(s).⁵²

Nota-se estreita relação entre a estruturação do CCP e a concepção mais ampla de educação: a que incorpora a cidade enquanto cenário propício ao desenvolvimento de experiências educacionais; nota-se também a extensão das ofertas educativas por meio da participação de setores não necessariamente vinculados à Administração pública, atinente à idéia de co-responsabilidade social em educação.

⁵⁰ Jaume Trilla Bernet aponta algumas funções da expressão *cidade educadora*: a metafórica, a utópica, a heurística, a sensibilizadora e a propagandística-retórica. *Op cit.* p. 15-17.

⁵¹ Agência de Saúde Pública, Arquivos Municipais de Distritos, Banda Municipal de Barcelona, Casa Àsia, Consórcio de Bibliotecas de Barcelona, Federação Catalã de ONGs pelos Direitos Humanos, Fundação Caixa Catalunya, por exemplo, são alguns dos 114 atuais componentes do CCP. Cf **Programa d'activitats escolars**. Consell de Coordinació Pedagògica-2005-2006. Ajuntament de Barcelona. Institut d'Educació, 2005. Segundo informações oficiais, para o curso letivo 2005-2006, “En total, se han programado 2.904 actividades educativas para alumnado de todas las edades. El número de inscripciones de alumnos que participan en estas propuestas educativas se sitúa en torno a 1,4 millones cada año” <http://www.bcn.es/educacio> Acesso em: 20/11/2005.

⁵² Desde o período letivo 2002-2003, mais de 2.000 atividades educativas são oferecidas neste Programa, pertinentes a temas variados: artes cênicas, música, participação e cultura solidária, entorno natural e educação ambiental, cinema, artes plásticas, saúde e prevenção de riscos, educação para a mobilidade, educação física, acesso à informação, meios de comunicação, serviços municipais, transporte público, conhecimento histórico, ciência e tecnologia etc. A consulta, a inscrição e a solicitação de reservas ao Programa de Atividades Escolares podem ser feitas por meio da Internet, facilitando um contato prévio entre escolas e instituições, bem como o acesso a determinados materiais e propostas didáticas pertinentes às atividades oferecidas. Cf **Escola i Entitats Ciutadanes**: l'escola en xarxa. Ajuntament de Barcelona. Institut d'Educació, abril de 2005, p. 7. O acesso às atividades, via Internet, pode ser realizado por meio da consulta da página web do Instituto Municipal de Educação de Barcelona: <http://www.bcn.es/educacio> ou diretamente através da página <http://www.bcn.es/imeb/program.htm>

Observa-se a consonância dos objetivos norteadores da promoção das atividades educativas, por parte do CCP, com os fundamentos teórico-pedagógicos que embasam a elaboração curricular na Espanha (2005, p.3):

Estas actividades permiten incrementar y mejorar las experiencias culturales de los alumnos, son un instrumento de primer orden para construir conocimiento a partir de la experiencia y dotar de significado el aprendizaje, y llevar a cabo situaciones idóneas para el trabajo con valores. Pueden utilizarse como un punto de partida o de motivación para el alumnado, como recurso para recoger o contrastar información o como un ámbito para adecuar, resituar o practicar conocimientos. Para guiar la experiencia, conducir la observación y hacer posible la aplicación de conocimientos se requiere la formulación de objetivos didácticos y la planificación y la gestión educativa de estas actividades por parte de las entidades que ofrecen al público escolar. Es necesaria, también, la colaboración del docente, el único que puede asegurar la inserción curricular de esta amplia diversidad de propuestas educativas.

Construção de conhecimento, conhecimento significativo, educação em valores, dentre outros, são termos do vocabulário educacional não só espanhol como, também, brasileiro.⁵³ Os respectivos papéis das instituições e dos docentes são postos em relevo, nos objetivos, acima.

O outro órgão é o CRP. Os *Centres de Recursos Pedagògics de la Ciutat de Barcelona* surgiram como fruto de um convênio estabelecido, em 1986, entre o *Departament d'Ensenyament de la Generalitat de Catalunya* (nível administrativo da Comunidade Autônoma da Catalunya) e o *Institut d'Educació de l'Ajuntament de Barcelona*. O CRP oferece um suporte à prática docente destinada a todos os ciclos educativos (alunos de 0 a 18 anos) das escolas de Barcelona (ênfase de atuação no âmbito da educação pública).⁵⁴ São serviços educativos distribuídos pelos 10 distritos municipais com a finalidade de oferecer aos centros escolares: formação permanente, dinamização pedagógica, documentação e recursos. Cada CRP estabelece uma espécie de elo entre as escolas do distrito, o Instituto Municipal de Educação (IMEB) e o Conselho de Coordenação Pedagógica de Barcelona (CCP).

⁵³ Em relação a estas imbricações entre propostas educacionais em diferentes países, pontuo, por exemplo, a presença do Prof. Dr. Mario Carretero, Catedrático de Psicologia Cognitiva na Faculdade de Psicologia da Universidade Autônoma de Madri, no Brasil, como consultor dos PCN (1997).

⁵⁴ O regime escolar espanhol caracteriza-se pela existência de centros educacionais públicos, privados e centros concertados (privados com subvenção de fundos públicos).

Procurei captar um pouco mais da dinâmica de atuação dos órgãos em questão (CCP e CRP) por meio da pesquisa desenvolvida, ou seja: leituras realizadas, participação em algumas destas atividades propostas pelo Conselho de Coordenação Pedagógica, diálogos travados com agentes envolvidos neste processo (professores e professoras, arquivistas, representantes do Centro de Recursos Pedagógicos do bairro Les Corts e do Instituto Municipal de Educação, por exemplo).

Concluo que a formação do professor, a difusão e a incorporação das atividades escolares por parte das escolas, o acesso às atividades educativas não gratuitas por parte de alunos mais desfavorecidos economicamente, assim como o processo de avaliação destas atividades constituem-se, atualmente, nos desafios mais prementes com os quais lidam o CCP e o IMEB.

Após a explicitação da estrutura de dois importantes órgãos componentes do mecanismo de gestão educativa de Barcelona, volto a focar uma das comissões do PEC II (2004-2007): *Coneixement de la ciutat*

Em relação a esta comissão, parte-se do pressuposto que o conhecimento da cidade é imprescindível para uma educação cidadã, na medida em que permite o acesso à informação e aos diferentes recursos, por parte dos indivíduos, bem como do reconhecimento de que o espaço urbano exerce uma função educativa. Dessa forma, as reflexões dos componentes desta comissão foram estruturadas em blocos temáticos e os desafios foram enumerados, como vemos, a seguir.

Reflexões:

- 1- Aspectos gerais e transversais que afetam o conhecimento da cidade;
- 2- Uso do espaço urbano e participação cidadã;
- 3- Relação entre escola e o conhecimento da cidade;
- 4- Oferta e demanda cultural da cidade.

Desafios:

- 1- Fomentar o direito a conhecer e reconhecer a cidade e dela participar;
- 2- Alcançar uma concepção global e articulada da cidade;
- 3- Ampliar a relação escola-cidade. ⁵⁵

⁵⁵ **Projecte Educatiu de Ciutat:** Pla d'acció 2004-2007. Institut d'Educació de l'Ajuntament de Barcelona. Barcelona, 2004, p.35.

Ao todo, são oito os projetos a cargo desta comissão, tendo em vista a execução do Plano de Ação (2004-2007) do Projeto Educativo de Cidade II (2004, p.72-79).

1- *Innovació del Programa d'activitats escolars*. Objetiva-se fomentar a consulta à Internet do Programa de Atividades Escolares (divulgado pelo CCP), por parte dos docentes.

2- *Formació d'educadors i educadores d'entitats ciutadanes*. Pretende-se melhorar a qualidade das atividades dos programas “cidade-escola”, oferecidos pelo CCP, e ampliar a formação dos agentes educativos que as realizam.

3- *Igualtat d'oportunitats en els programes ciutat-escola*. Busca-se garantir a co-responsabilidade das entidades que promovem atividades educativas não gratuitas através da distribuição de *becas* (ajuda financeira), por parte das mesmas, aos alunos com dificuldades econômicas.

4- *El Web dels Infants*. Tem como objetivo ampliar a difusão das atividades para as crianças, em horários não letivos, sendo a *web* um canal de informação entre as famílias e as entidades do CCP que ofertam atividades relativas à educação não-formal.

5- *Indicadors d'avaluació als programes ciutat-escola*. Visa-se o estabelecimento de indicadores de avaliação da qualidade das atividades “cidade-escola”.

6- *Cultura científica i ciutat*. Busca-se incrementar a alfabetização científica e tecnológica dos jovens e estimular o pensamento científico através da ampliação da oferta educativa nestes âmbitos, por parte das entidades cidadãs.

7- *Carta de funcionament del Consell de Coordinació Pedagògica de Barcelona*. Objetiva-se a melhora qualitativa e de igualdade de oportunidades das atividades educativas ofertadas pelo CCP bem como a oficialização do referido Conselho como órgão de participação municipal.

8- *Ciutadania i educació a Barcelona*. Além da promoção de pesquisas relativas à cidadania, objetiva-se a construção da rede *Ciutadania i educació a Barcelona* a partir de um trabalho que articule as experiências e os seminários dos centros educativos, os grupos de pesquisa universitários, a Administração local e as entidades cidadãs.

Concluindo, em todos os projetos há diversos agentes implicados e, majoritariamente, a liderança dos mesmos está a cargo do *Institut d'Educació de l'Ajuntament de Barcelona* (IMEB).

As exceções são: projeto 4 (liderado pela *Regidoria de Drets Civils de l'Ajuntament de Barcelona*) e projeto 8 (liderado pelo IES *Barri Besòs*).⁵⁶ Nota-se que o momento atual do processo de implantação do Projeto Educativo de Cidade em Barcelona – em específico no que diz respeito à Comissão *Coneixement de la ciutat* – caracteriza-se por desafios no sentido de consolidar e melhorar qualitativamente as atividades educativas propostas pelo CCP, bem como na ampliação do acesso às mesmas por parte dos alunos mais desfavorecidos economicamente; pela crescente difusão da informação através da Internet; pela necessidade de estabelecer mecanismos de avaliação dos programas ofertados.

Gostaria ainda de comentar que o fato de um dos projetos se relacionar ao incremento da *cultura científica e tecnológica* deve ser interpretado, também, como pertinente à busca de superação dos desníveis observados na Espanha, em relação a determinados países componentes da União Européia, no que diz respeito a indicadores de escolarização, de capacitação profissional, de produção científica.⁵⁷ Ou seja, faz parte dos paradigmas norteadores de políticas públicas que buscam atender demandas relativas aos mercados globalizados que operam, fundamentalmente, com base em determinada lógica, reatualizada: a da *racionalidade técnico-científica* que, por sua vez, é prevaiente nas reatualizações capitalistas.

Voltando um pouco no tempo, recordamos que foi em 1990 que foi aprovada, em Barcelona, a *Carta de les Ciutats Educadores*. Em 1994, as cidades que começaram a realizar políticas educativas na linha sugerida pela Carta passaram a fazer parte da *Associació Internacional de Ciutats Educadores*. Tendo em vista as novas necessidades das cidades,

⁵⁶ O IES Barri Besòs é um Instituto de Educação Secundária Obrigatória (alunos de 12 a 16 anos) e de Educação Secundária Pós-obrigatória (Bachillerato: alunos de 16 a 18 anos). Situado na zona periférica de Barcelona, em área de grande contingente de imigrantes, de forte presença de movimentos associativos de moradores, o IES Barri Besòs caracteriza-se pelo desenvolvimento de projetos de produção do conhecimento, por parte do professorado e dos alunos, em estreita ligação com a realidade local.

⁵⁷ Dentre outros dados apontados por PRATS (2005: p. 189, 192, 199-200) sobre o sistema educativo espanhol, temos: “(...) la tasa de escolarización sigue siendo más baja que la media de los países de la UE, sobre todo para los jóvenes de 18 años”; a percentagem do gasto público em educação e em relação ao PIB “(...) sigue sin alcanzar la media de la Unión Europea ni la de los países de la OCDE (España ocupa el puesto 18 de los 23 países de esta organización)”; “El escaso número de titulados en bachillerato y, sobre todo, en formación profesional de grado medio y superior, pone de manifiesto que el sistema educativo no responde a los niveles deseables de formación de segundo nivel en un tipo de sociedad como la española, tan necesitada de formación si se pretende seguir avanzando en la sociedad del conocimiento y en el progreso social y económico”. PRATS, Joaquim. “El sistema educativo español”. In PRATS, Joaquim, RAVENTÓS, Francesc. **Los sistemas educativos europeos ¿ Crisis o transformación?** Barcelona: Fundación La Caixa, 2005, p.177-228. (Colección Estudios Sociales, n. 18) Edición electrónica disponible en www.fundacion.lacaixa.es

decorrentes das complexas reestruturações capitalistas que afetam todos os âmbitos da vida – incluindo o educativo – operou-se a atualização da Carta, finalizada em 2005.

Segundo a nova Carta, a Cidade Educadora apresenta-se como uma extensão ao direito à Educação, ou seja, o direito à Cidade Educadora, o direito de viver em um contexto cidadão educativo. Manuel Pozo, professor de filosofia da Universidade de Girona, e redator da nova proposta, reforça as capacidades educativas da cidade como meio de combater as “inércias deseducadoras” e aponta os grandes desafios do século XXI: educação das pessoas, igualdade plena e sociedade do conhecimento sem exclusão.⁵⁸ Os conceitos que são reforçados na nova carta são: a formação ao longo da vida; o acesso das pessoas portadoras de necessidades especiais ao entorno urbano; a cooperação inter-geracional e a cooperação solidária internacional; a formação universal em tecnologias de informação e comunicação; o fomento à participação cidadã crítica e responsável, tendo em vista a crise da democracia; o desenvolvimento sustentável; o contexto de justiça social no que se refere às políticas municipais; a valorização da ação formativa dos serviços públicos em contraposição à privatização neoliberal; o direito à moradia, ao trabalho, ao lazer e ao transporte público; cooperação entre administração e sociedade civil; valorização do associacionismo como forma de participação e co-responsabilidade cívica.⁵⁹

Além da compreensão dos fundamentos teóricos que embasam a concepção de *Cidade Educadora*, procurei enfatizar que, na cidade de Barcelona, a gestão educacional local se dá na articulação com os marcos mais ampliados da gestão da cidade. Somente a partir desta compreensão, considero ser possível adentrar um campo mais delimitado que diz respeito à abordagem do espaço urbano no contexto educacional barcelonês, notadamente na área de Ciências Sociais - o que não pretendo analisar, em específico, nesta tese.

Podemos afirmar o caráter “modelar” da reforma educacional espanhola e, notadamente, a forte presença barcelonesa no que tange às orientações oficiais e práticas educacionais em território brasileiro. Vejamos uma “cena” que remete a esse assunto, segundo César (2004, p. 92):

⁵⁸ Revista *Barcelona Educació*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona e Institut d'Educació. n.45.março, 2005, p.26-27. Ver também: <http://www.edcities.org>

⁵⁹ *Op. cit.* p.26-27.

Cena 3: São Paulo, 1995. O cenário da *Escola da Vila*, uma escola privada paulistana que atende à elite da população. Ali se iniciam as primeiras conversas que darão origem à nova política educacional brasileira (...) Lá mesmo foi realizado neste ano um seminário internacional que ficou conhecido como o marco inicial da reforma curricular brasileira. Esse seminário contou com a presença de professores de algumas escolas, na sua grande maioria escolas privadas, e alguns professores das universidades (...) Entretanto, a presença paradigmática do seminário foi César Coll, catedrático de psicologia da Educação da Universidade de Barcelona e um dos principais personagens da **reforma educacional espanhola**, dos anos noventa. Esta situação é paradigmática na medida em que o próprio Coll, o idealizador da reforma espanhola, veio apresentar suas teses sobre educação e psicopedagogia. Esta cena embrionária deu origem a uma das maiores empreitadas da reforma educacional brasileira, isto é, a elaboração dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, os PCN. É importante ressaltar a tríade genética, isto é, os PCN, a *Escola da Vila* e César Coll, que foi levado ao seminário da *Escola da Vila* pela filha do então presidente da República (...) Entretanto, antes mesmo da vinda de Coll para o Brasil, nos meses que antecederam a posse do governo Fernando Henrique, a futura equipe da *Secretaria de Educação Fundamental* convocou, em dezembro de 1994, sessenta intelectuais brasileiros ligados à educação, além de representantes da Argentina, Colômbia, Chile e Espanha para discutirem a implantação de um **currículo nacional** no Brasil.

No que se refere aos objetivos desta pesquisa, o interesse não é conhecer propostas de trabalho no âmbito da educação barcelonesa para, acriticamente, incorporá-las em nossas práticas locais, mas, sim, viso o encontro de possibilidades histórico-educacionais que nos fortaleçam como sujeitos perante a “barbarização” vivenciada globalmente e geradora de esfacelamentos identitários, de aprofundamento das desigualdades e exclusões sociais. Consideradas as similaridades entre as duas cidades-metrópoles, Barcelona e Campinas, no contexto global de mundialização capitalista e as singularidades de cada uma, o intercâmbio de experiências educacionais pertinentes ao âmbito teórico-metodológico e ao âmbito das relações estabelecidas entre universidade – poder público – sociedade civil é estimulante se analisado na perspectiva de que, como afirma Capel (2005, p. 25): “*No hay modelos, pero si enseñanzas útiles*”.

3.3 A cidade de Campinas em nossas práticas educativas: investigações e potencialidades histórico-educacionais

Viver na cidade nos proporciona o estabelecimento de redes de sociabilidade e estas são compostas ao longo do tempo por relações, como as de vizinhança e de trabalho; o viver na cidade significa fazer parte de um referencial (nem sempre perceptível em seus vários ângulos,

mas sempre portador de diferentes práticas culturais) no qual consumo, técnicas, deslocamentos, inclusão, exclusão, histórias, memórias, preservação, destruição, dentre outros, são instituídos socialmente, ao mesmo tempo em que são instituintes do social.

E talvez seja essa complexidade o que faz com que a temática da cidade exerça um fascínio ou uma repulsa em seus habitantes – cidade amada, estigmatizada, recordada, esquecida: e será uma de suas faces mais verdadeira que outra (s)? Para além dos meros juízos de valor apressados sobre uma tal fisionomia da cidade – provavelmente elaborados tendo por base uma pré-determinada cidade ideal – uma pergunta se impõe: pode a cidade, hoje, passar despercebida das discussões e projetos de trabalho inerentes ao campo da produção de conhecimentos histórico-educacionais? Ou, se não, nossas posturas metodológicas no tratamento da temática enquanto educadores estão ancoradas teoricamente em quais pressupostos? O campo é vasto, vale a pena nele ousar se embrenhar, se encher de dúvidas, construir algumas certezas, colocar “a mão na massa” e tentar dar forma a algo que tenha o sabor do novo, da descoberta de possibilidades.

Nesse sentido, construir uma narrativa a respeito de práticas educativas não é tão fácil para mim neste momento, posto que um recorte das mesmas não contempla de forma mais ampla os momentos compartilhados. Por outro lado, é grande o estímulo em fazer da tentativa um registro no qual nossas vozes, nossos pressupostos e nossos anseios não se desvançam perante o ritmo frenético do nosso cotidiano citadino e do qual nem sempre conseguimos nos proteger. A quais práticas me refiro? A partir de que ângulo enfocá-las?

Refiro-me a práticas de caráter coletivo, das quais participo, junto a uma escola de Campinas, como professora do ensino fundamental, e a um grupo de pesquisa vinculado à Faculdade de Educação da Unicamp. A apresentação dos encaminhamentos teórico-metodológicos gerais que norteiam tais práticas é o meu objetivo neste texto, sem ter como proposta a análise específica de procedimentos metodológicos dos quais lançamos mão no desenvolvimento das mesmas e nem a análise de conhecimentos produzidos pelos sujeitos envolvidos no processo, o que demandaria um outro trabalho investigativo e ultrapassa os objetivos desta pesquisa.

Ao longo destes anos algumas questões foram e continuam sendo, para mim, muito instigantes e definidoras de propostas de trabalho com os alunos e também no desenvolvimento da pesquisa acadêmica. São elas:

1- A valorização das particularidades e singularidades dos *micro* espaços sociais, em diálogo e contraponto com os *macro* espaços. Considero o *local* não como campo reflexivo e de produção de conhecimento auto-suficiente, centrado em si próprio a partir de condicionantes geográficos, econômicos e outros e, sim, como campo no qual interagem os micro e macro contextos histórico-geográficos. Ou seja, dimensões múltiplas de espaço e tempo – cronológico (não linear), mas, também, os tempos da memória.

2- O fascínio que a cidade exerce, considerando-a como lugar onde se entrecruzam noções de espaço – tempo – relações sociais; a cidade contraditória, historicamente produzida; a cidade constituída, destruída, redefinida nos movimentos constitutivos da modernidade.

3- A inquietude com relação à crise das memórias sociais e ao conseqüente esfacelamento das “experiências sociais vividas” (Walter Benjamin) e com relação aos papéis do poder público, das instituições escolares e não escolares, da sociedade civil, no que refere à questão da preservação e à produção de tais memórias sociais. ⁶⁰

O trabalho desenvolvido junto a outros professores da área de História na Escola Comunitária de Campinas⁶¹ e com um alunado oriundo principalmente da classe média e classe média alta muito tem favorecido para a construção de propostas de ensino-aprendizagem que procuram articular a cidade e seus bens culturais às produções plurais de história, memória e educação.

Em linhas gerais, o que estamos trabalhando junto aos alunos e alunas, desde alguns anos, pauta-se pelo uso de diversas linguagens, pela ampliação do conceito de fontes documentais e dos objetos da História; pela valorização das memórias locais na articulação de contextos históricos

⁶⁰ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 4. ed. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1996.

⁶¹ Esta escola foi criada em 1977, como fruto da união de pais e professores em torno da defesa de uma proposta de educação defendida por nossa diretora pedagógica, Amélia Pires Palermo, ainda no interior do Colégio Progresso (Campinas), em tempos sombrios da ditadura militar. Num contexto de embates entre mantenedora, pais e professores houve uma cisão da qual se originou a E.C.C. As principais decisões relacionadas à Sociedade Comunitária, que dá suporte à Escola, são tomadas na Assembléia Geral dos Sócios que ocorre, ordinariamente, duas vezes ao ano. O Conselho Comunitário, subordinado à Assembléia Geral, é o principal fórum de debates sobre as questões fundamentais da Sociedade. Tal Conselho congrega todos os setores da Sociedade, sendo constituído por representantes de pais, professores, funcionários e alunos, que se reúnem mensalmente. A Diretoria Administrativa da E.C.C. é formada por uma diretoria não remunerada (4 pais e 2 professores), eleita em Assembléia. Este modelo de gestão caracteriza-se pela ênfase na participação dos sócios, bem como da autonomia, estabelecida em estatuto, da Equipe Pedagógica. Neste sentido, vale destacar a existência dos núcleos, relativos a cada área do conhecimento, com respectivas coordenações do trabalho do corpo docente. Como parceiros desta trajetória, os professores de História da instituição: Cecília Gouvêa, Claudia Prado Fortuna, Fabiana S. Ezarchi, Maria Silvia Duarte Hadler (coordenadora), Rita de Cássia R. de S. Antonioli, Paulo Cosiuc.

específicos aos mais amplos; pela realização de estudos do meio – tendo como *locus* privilegiado os “lugares da memória” nas cidades; pelo enfoque metodológico dado à pesquisa escolar com vistas à produção de conhecimentos.

Conforme Maria Silvia D. Hadler, coordenadora do núcleo de História, dentre algumas linhas norteadoras do trabalho que vem sendo realizado nesta área, em todas as séries da ECC, destacam-se:

(...) Temos procurado estimular e trabalhar a pesquisa em todas as séries, desde uma simples coleta de dados, passando pela comparação de textos, pela pesquisa de natureza bibliográfica, até uma pesquisa mais ampla, a partir de problematizações e temáticas suscitadas em classe (...) É importante explicitar que procuramos trabalhar e compreender a História do Brasil constantemente em suas inter-relações com a chamada História Geral, fazendo sempre que possível vinculações com a história local em todas as séries. *Aliás, é bom ressaltar que temos discutido mais intensamente nos últimos anos o encaminhamento de atividades que abordem mais explicitamente diversos momentos da história de Campinas*, numa preocupação simultânea de destacar a singularidade, a especificidade histórica da cidade sem perder de vista as articulações desta história com outros contextos, sejam regionais, nacionais ou internacionais. O trabalho com memórias, locais ou não, tem se mostrado um caminho enriquecedor e estimulante para os alunos, na medida em que permite uma aproximação maior entre vivências pessoais, experiências sociais historicamente localizadas e o conhecimento histórico produzido a respeito (...) ⁶²

É importante destacar que a temática da cidade não é trabalhada em determinada série ou determinado ciclo do ensino fundamental em específico e, sim, a temática perpassa, com maior ou menor ênfase, as diferentes séries dos diferentes ciclos, o que é um indicador do caráter processual dado à questão. No que tange aos ciclos III e IV do ensino fundamental, conforme a linha de trabalho explicitada acima, procuramos não perder de vista os critérios teórico-metodológicos que fundamentam o desenvolvimento de propostas nas quais a temática da cidade se articula com a pesquisa, nos seus variados matizes, visando à produção de conhecimentos escolares por parte dos alunos e alunas e por parte dos professores e professoras, também sujeitos do processo ⁶³.

Não nos definimos por uma linha de trabalho na área de História que seja, nos III e IV ciclos do ensino fundamental, estritamente do âmbito da denominada “história temática” e, sim,

⁶² HADLER, Maria Silvia Duarte. **Área de História-ECC: linha de trabalho**. Campinas, agosto de 2003 (mimeo). (grifo meu).

⁶³ Mais uma vez pontuo que na utilização do conceito de produção de conhecimento baseio-me, fundamentalmente, em Thompson (1981). Para ele, a produção do conhecimento é fundada na articulação dialética entre sujeito e objeto, entre teoria e empiria.

desenvolvemos uma espécie de aproximação da “história temática” com marcos ou períodos determinados da história. Assim, por exemplo, na 1ª e 2ª séries do IV ciclo, focamos mais o Brasil, nos séculos XIX e XX, sem perder de vista as questões, os temas suscitados no momento presente que nos levam a estabelecer diálogos com outros tempos históricos e outros espaços (modernidade, tensões sociais e políticas, ditadura *versus* democracia, dentre outros) Nesse sentido, por exemplo, as cidades de São Paulo e Campinas são tecidos urbanos preciosos que procuramos escavar, (re)significar, num movimento de apropriação das memórias urbanas inscritas nas histórias de vidas, nas ruas e praças; das memórias esquecidas que não aparecem nos livros didáticos; no movimento de observação coletiva dos espaços públicos da cidade, dentre outros. Trajetórias que visam à produção de conhecimentos; que visam ao apropriar-se da cidade como cidadão e pela via das memórias e histórias.⁶⁴

Desde 2006, a coordenação pedagógica dos III e IV Ciclos⁶⁵ propôs a todas as áreas o “Projeto Cidades”, no qual a cidade aparece como eixo articulador de propostas de ensino-aprendizagem de caráter multidisciplinar.⁶⁶ No caso do núcleo de História, demos prosseguimento ao que vínhamos desenvolvendo anteriormente e nota-se a possível abertura a outras possibilidades, a partir do diálogo que tende a ser ampliado com outras áreas do conhecimento.

Por sua vez, como membro do “Grupo Memória, História, Educação”, da Faculdade de Educação da Unicamp,⁶⁷ desenvolvemos, em 2003 e 2004, projetos de Educação Patrimonial no

⁶⁴ Cito um eixo de nosso trabalho no qual a cidade ganha relevância: a realização de estudos do meio, o que, por sinal, já consta na proposta pedagógica da escola desde a sua fundação. Estes, geralmente envolvendo outras áreas, são realizados nas 1ª e 2ª séries do III ciclo e nas 1ª e 2ª séries do IV ciclos nas seguintes cidades, respectivamente: Campinas (1 dia), Santana do Parnaíba (1 dia), São Paulo (2 dias), Santos e Paranapiacaba (3 dias). Na 2ª série do IV ciclo realizamos outro em Campinas (1 dia). E ainda: o estudo para Brasília (1º ano do Ensino Médio). Destaco o caráter processual deste tipo de proposta de estudos, o que marca sua diferença em relação a atividades extra-escolares, tais como passeios ou excursões: a preparação do estudo, a sua realização e as atividades pós-estudo são três momentos importantíssimos no que tange à produção de conhecimentos como objetivo mais amplo do mesmo. Ver reprodução fotográfica, nos anexos.

⁶⁵ A coordenação pedagógica dos ciclos III e IV está a cargo da professora Sandra Galli.

⁶⁶ Lembro, aqui, da proposta desenvolvida em Barcelona, por Prats, Tatjer e Vilarrasa (2000), já citada neste texto. Neste caso, foi uma proposta desenvolvida pela Universidade e destinada ao Instituto Municipal de Educação de Barcelona. Em Campinas, na E.C.C., o que se coloca é uma proposta de trabalho a ser discutida e elaborada pelos núcleos.

⁶⁷ O objetivo fundamental do grupo é: a produção de pesquisas relacionadas ao ensino de história e às memórias, nas suas articulações com o ensino formal e não formal, com o currículo, com a história da educação e com a gestão escolar. Tais pesquisas são consideradas a partir de enfoques historiográficos, sobretudo voltados para a história cultural, em articulação com os campos educacionais. Professores membros: Profª Dra. Ernesta Zamboni, Profª Dra. Heloisa Helena Pimenta Rocha, Profª Dra.

âmbito da educação não-formal, que são frutos da parceria entre a referida Faculdade e a Prefeitura Municipal de Campinas (Secretaria de Segurança Pública, Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo e Secretaria de Educação). Antes de comentar a proposta em si, atentemos a determinados conceitos.

Sobre Educação Patrimonial, remeto à conceituação proposta pelo IPHAN,

A Educação Patrimonial visa o planejamento de ações pedagógicas, permanentes e sistemáticas, na área do patrimônio cultural enquanto fonte primária de conhecimento, junto às comunidades em geral, por meio do contato direto, para que elas possam identificar os bens culturais que possuem e auxiliem o Iphan a preservar, proteger e gerir o patrimônio histórico em suas localidades, a partir das próprias experiências. É a consolidação de sujeitos sociais – crianças, jovens e adultos, para que eles entendam que *patrimônio não é algo exterior aos indivíduos*, pois foi produzido por eles mesmos ao longo da história. *Envolve formação histórico-social e as relações sociais derivadas da construção e/ou produção, constante, de conhecimento*. Com as práticas e experiências que vêm sendo desenvolvidas, em diferentes contextos e locais do país, o resultado encontrado tem sido a *nova visão do Patrimônio Cultural Brasileiro*, de sua diversidade, bem como da *prática da cidadania, do resgate da auto-estima dos grupos culturais e do estabelecimento de um diálogo enriquecedor entre as gerações*. A Educação Patrimonial é um instrumento de alfabetização cultural que possibilita aos indivíduos fazer a leitura do universo em que estão inseridos. A valorização do patrimônio cultural depende, necessariamente, de seu conhecimento. É a preservação sustentável, do orgulho que o povo possui da própria identidade e cidadania.⁶⁸

O IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vinculado do Ministério da Cultura do Brasil, desenvolve programas de Educação Patrimonial em nível nacional.⁶⁹ Considero relevante atentar, na conceituação exposta, para uma visão mais ampla de patrimônio cultural que não se restringe aos bens edificados, bem como para a historicidade presente no conceito que ressalta a ação dos sujeitos, situados historicamente em tempos e espaços, como

Maria Carolina Bovério Galzerani, Prof^ª Dra. Maria do Carmo Martins, Prof^ª Dra. Vera Lúcia Sabongi de Rossi. Ainda como membros: orientandos em nível de iniciação científica, mestrado e doutorado.

⁶⁸ Cf www.portaliphan.gov.br Acesso em: 05 de janeiro de 2007. (grifo meu).

⁶⁹ O IPHAN é uma autarquia e faz parte do Ministério da Cultura, este último, criado em 1985. Segundo Cury, a Educação Patrimonial é “uma das vertentes de orientação das políticas culturais do MinC (...) A implantação de um Programa de Educação Patrimonial passou a ser prioridade para o IPHAN, a partir de 1997, e estabelece relação entre exercício de cidadania e garantia do direito à memória individual e coletiva”. CURY, Cláudia Engler. **Políticas Culturais no Brasil: subsídios para construções de brasilidade**. Campinas, 2002. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, UNICAMP, p.67.

produtores de conhecimento.⁷⁰ Consiste, portanto, em uma referência para ações educacionais, tais como as que têm como foco a cidade e seus bens culturais na relação com a construção de conhecimentos, de identidades, de cidadania.

Prosseguindo a abordagem conceitual, vejamos o proposto por Almerindo Janela Afonso,

Por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto.⁷¹

Por sua vez, em “Os lugares da educação”, Afonso afirma que tem utilizado a designação de “educação não-escolar” por considerá-la capaz de incorporar, em simultâneo, a educação informal e a não-formal.⁷²

Comento, a seguir, os projetos de Educação Patrimonial, na área da educação não-formal, levados a cabo pelo grupo de pesquisa anteriormente citado. A proposta teórico-metodológica foi elaborada, inicialmente, para ser desenvolvida junto à Guarda Municipal local como parte de um projeto de formação cidadã da mesma. Depois, estendeu-se à Guarda Mirim, a pedido dos próprios guardas que solicitaram a extensão do mesmo aos seus filhos. Numa etapa seguinte, o projeto foi desenvolvido junto aos estudantes de duas escolas públicas do bairro periférico Jardim São Marcos, considerado um dos mais violentos da cidade e onde se situa, atualmente, uma das

⁷⁰ O conceito de “patrimônio histórico e artístico”, restrito aos bens materiais, vem sendo substituído pelo de “patrimônio cultural”, uma definição mais abrangente, proposta por Hugues de Varine-Boham (UNESCO), na qual o patrimônio diz respeito às dimensões natural ou ecológica, histórico-artística e documental. A atual Constituição brasileira adotou esta definição: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (...)” ORIÁ, Ricardo. “Memória e ensino de História”. In BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998, p.134.

⁷¹ AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da educação não-formal: reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática? In A. J. Esteves e S.R. Stoer, **A sociologia na escola**. Porto: Afrontamento, 1998, p. 83-96. Citado por SIMSON, Olga R.de Moraes von, PARK, Margareth B, FERNANDES, Renata Sieiro (org). **Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas, Ed. da UNICAMP/ Centro de Memória, 2001, p.9.

⁷² AFONSO, Almerindo Janela. Os lugares da educação. In SIMSON, Olga R. de Moraes von, PARK, Margareth B, FERNANDES, Renata Sieiro (org). **Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas, Ed. da UNICAMP/ Centro de Memória, 2001, p.33.

bases descentralizadas da Guarda Municipal. Finalmente, tal projeto foi estendido aos professores da rede de ensino público do município. Com estes desdobramentos, houve a incorporação de outras problemáticas e encaminhamentos metodológicos inerentes aos campos mais específicos dos demais públicos citados: crianças e pré-adolescentes e professores(as).⁷³ O grupo de trabalho foi composto por profissionais ligados às áreas da História e da Educação, que atuaram no que diz respeito tanto à pesquisa e seleção de documentos, tais como os iconográficos, quanto no ministrar das aulas.⁷⁴

Se o ponto de partida a ser trabalhado foi a cidade de Campinas hoje – sua população, potencialidades e desafios contemporâneos – o enfoque teórico-metodológico de nosso trabalho buscou extrapolar tanto o atual *presenteísmo* quanto a linearidade cronológica constitutivos do que Walter Benjamin (1985) denominou de *continuum* da história, evitando uma retrospectiva ao passado de caráter meramente factual e cronológico. Inspirando-nos em Thompson (1981), para quem a teoria não deve ser usada como doutrinação e, sim, como ferramenta exploratória do real, ousamos ter como fio condutor de nosso trabalho a questão da constituição histórica do ideal de modernidade nesta localidade, sem perder de vista os liames macro-históricos.

⁷³ Sobre a Guarda Municipal, o título do curso proposto pela Secretaria de Segurança Pública era “Marcos históricos e geografia urbana”. A ementa que propusemos foi no sentido de propiciar aos guardas municipais uma formação cidadã, a partir da discussão do cenário urbano campineiro contemporâneo, dimensionando-o através de um olhar histórico-geográfico e estimulando-os a retomarem suas “experiências vividas” enquanto sujeitos de sua própria historicidade. Trabalhamos com 594 guardas, divididos em 20 turmas de 30 alunos, aproximadamente. Para cada turma foram ministradas duas oficinas, com três horas de duração, cada uma. O projeto para a Guarda Mirim denominou-se “Memória, história, cidadania”, voltado para crianças e pré-adolescentes da faixa de 8 a 12 anos de idade (cerca de 30 alunos), consistiu em três pesquisas sobre “lugares da memória” campineiros (estudos do meio), articuladas a três oficinas pedagógicas, colocadas em prática em seis encontros semanais (de quatro horas-aula, cada um), em três semanas consecutivas. Objetivamos a construção de práticas de maneira a fortalecer a dimensão da cidadania dos participantes (alunos e professores); cidadania em sua dimensão ativa capaz de colocar em ação o enraizamento cultural, a afirmação da identidade singular e plural dos sujeitos envolvidos. O trabalho com a memória na relação com a história de Campinas foi focalizado como potencialidade de ser sujeito da produção de conhecimentos e da própria história, na relação com outros sujeitos. Seguindo esta mesma perspectiva de trabalho, desenvolvemos o projeto junto aos estudantes do Jardim São Marcos (cerca de 100 participantes). A proposta de trabalho com professores (as) da rede municipal (cerca de 30 participantes) denominou-se “Cidade, memória e história: os desafios da produção de conhecimentos histórico-educacionais”, foi desenvolvida nos meses de setembro a dezembro de 2004, totalizando 180 horas (150 horas aula e 30 de atividades programadas). A percepção mais ampla acerca dos elementos constitutivos da história de Campinas (em suas contradições, em seus testemunhos materiais e imateriais, dentre outros), aliou-se ao objetivo de discussão de referenciais teórico-metodológicos capazes de reforçar o lugar e o papel dos professores(as) enquanto produtores(as) de conhecimentos. Ver reprodução fotográfica, nos anexos.

⁷⁴ A Prof^ª Dra. Maria Carolina Bovério Galzerani é responsável pela proposta teórico-metodológica e coordenação do projeto. Foram meus parceiros nesta tessitura coletiva, em sua fase inicial: Ana Uhle, Arnaldo Pinto Júnior, Cláudia Prado Fortuna, Elison Antônio Paim, Márcia Regina P. Bichara, Maria Sílvia D. Hadler, Taís O. Cipolim, Telma Maria Ximenes. Posteriormente, outros participantes foram incorporados à equipe: professores da rede municipal estadual (ensino fundamental), licenciandos, mestrandos e doutorandos da Faculdade de Educação da Unicamp, membros da Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo de Campinas (incluindo membros do Museu da Cidade).

Desde meados do século XIX, a cidade de Campinas exercia um papel relevante na estrutura sócio-econômica e política do país: a cultura cafeeira e o início do desenvolvimento fabril, a transição da mão-de-obra escrava para a imigrante, a presença de uma elite receptiva ao consumo das novas mercadorias, a divulgação do republicanismo, dentre outros, são inerentes ao processo de expansão capitalista que marcou o cenário urbano local. Ao focarmos o avanço da modernidade capitalista em Campinas, a partir da segunda metade século XIX (Galzerani, 1998), objetivamos a sensibilização bem como a recuperação, por parte do alunado, de dimensões espaciais e temporais múltiplas da cidade; a sensibilização para a participação ativa dos alunos e alunas na produção (múltipla, autônoma, dialogal) de significados espaço-temporais relativos à história da cidade. Ou, em outras palavras, estimulamos, conjuntamente, para que tais alunos e alunas, face aos patrimônios históricos oficiais, os transformassem em “lugares da memória”, isto é, que os compreendessem historicamente e os ressignificassem na relação com as suas próprias memórias individuais e coletivas.

A metodologia se pautou pela ampla leitura de imagens iconográficas (fotografias, mapas) e de crônicas campineiras (abordadas enquanto documentos históricos), pela realização de estudos do meio e o estímulo à produção de conhecimentos pelos participantes. Visamos instigar os alunos e alunas na busca de estabelecimento de relações de permanências e mudanças, semelhanças e diferenças entre tempos e espaços concernentes a Campinas; na elaboração de reflexões em torno de conceitos como “modernidade” e “progresso”; na busca de um olhar mais ampliado sobre os elementos constitutivos de uma cidade: espaço de sociabilidade, cenário arquitetônico, campo de disputas, dentre outros; na inter-relação da história local campineira com a história nacional e mundial; na produção de conhecimento histórico sobre a cidade, tendo em vista o processo de construção de identidades e da cidadania. (cidadania como dimensão ativa capaz de desconstruir as lógicas dominantes e construir alternativas na relação com os outros).

Segundo César (2004, p.12-13),

A educação moderna nasceu como um processo de preparação dos sujeitos para um mundo que se organizava a partir de novos paradigmas de produção de riquezas e de saberes (...) a educação moderna tomou para si a tarefa de preparar e adaptar os sujeitos para o mundo do trabalho e da reprodução social (...) Deste modo, educar, hoje, talvez seja propiciar um processo de desadaptação. Partindo da idéia da desadaptação, a educação prefigurada neste processo significa o reconhecimento e crítica dos processos totalizadores e de homogeneização que ocorrem na instituição escolar e, conseqüentemente, a busca de

ações educativas que tenham como pressuposto a noção de alteridade: a educação deve ser tomada em termos de um compromisso radical com o outro (...)

Compreende-se a alteridade como fundamental no processo educativo, pois “educar é educar o ‘outro’ e não transformar o Outro em Mesmo”. Isso implica assumir os conflitos na relação educativa, o que, por sua vez, “é sempre uma tentativa de diálogo com a alteridade”, segundo César (2004, p. 17).

A questão acima me faz pensar nas perguntas que nos fazemos hoje em relação ao campo educacional quando muito se fala da “crise da escola moderna” e, ao mesmo tempo, conforme abordada nesta investigação, os fundamentos estruturantes da modernidade estão ainda em curso; vivemos as suas crises assim como as “novas modernidades”. No caso da escola moderna, sua “crise contemporânea” não implica na transformação radical da mesma, posto que o caráter reformista da educação, no qual preponderam as metanarrativas, os discursos totalizadores e prescritivos, se reatualiza pela produção de “novas verdades pedagógicas”, tais como expressas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, segundo César (2004, p. 37-155). No caso dos Parâmetros, ainda que apresentem “a noção de ser aluno de história no Brasil no interior de matizes culturais plurais, o próprio formato destes documentos - enquanto *Parâmetros* únicos, para todo o território nacional - tende a direcionar tal leitura para um prisma unidimensional, homogeneizador”. E, ainda, a concepção do aluno como produtor de conhecimentos históricos (E.P.Thompson), “apresenta-se diluída”, preponderando a “apropriação de conhecimentos históricos definidos a priori”. Ou seja, prevalecem a racionalidade instrumental e técnica, a hierarquização de saberes, o apagamento das contradições sociais.⁷⁵

Em específico, nesta pesquisa, penso sobre o lugar e a relevância do estudo da cidade, tendo em vista os desafios e as potencialidades histórico-educacionais que lhes são pertinentes. Quando exponho as práticas educacionais às quais me vinculo profissionalmente não visio definir certezas e nem muitos pontos de chegada, mas, sim, apresentar caminhos trilhados coletivamente, na tentativa de fortalecimento das mesmas e dos seus sujeitos participantes. Creio que o diálogo com outras práticas educativas que tenham a cidade de Campinas como foco são fundamentais

⁷⁵ GALZERANI, Maria Carolina B. “Políticas Públicas e Ensino de História”. In ARIAS NETO, José Miguel (org.) **Dez anos de pesquisas em ensino de História**. VI Encontro Nacional de Pesquisadores de ensino de História. Londrina: Atrito Art, 2005, p. 160-161.

nesse movimento reflexivo que é, também, o movimento de encontro de possibilidades; de possibilidades outras que nos fortaleçam.

Assim, gostaria de me aproximar de experiências educativas, desenvolvidas pelo Centro de Memória da Unicamp⁷⁶ em bairros campineiros. Apresento-as, em linhas gerais, apontando para o caráter teórico-metodológico que as fundamenta, bem como para os sujeitos nelas envolvidos. Ressalto que não tenho a intenção de fazer um estudo detalhado das mesmas e, sim, iniciar um movimento de aproximação com finalidades dialógicas, o que também pressupõe certa “desadaptação” no sentido de sair dos lugares, às vezes “confortáveis”, nos quais me situo e me abrir às possíveis invenções de “lugares outros”.

Relativo ao programa de estudo da história social de bairros campineiros, proposto pelo CMU, foram desenvolvidos projetos no âmbito da educação não-formal nos bairros periféricos Vila Costa e Silva, Vila Castelo Branco e Jardim Campineiro, a partir do ano 2000, e com o apoio financeiro do CNPQ e da FAPESP. São bairros mais recentes, oriundos da expansão urbana e do processo que acabou por expulsar uma parte da população da área central, como vimos nesta pesquisa no que se refere à década de 1960. Somado a isso, a cidade passou a receber um número cada vez maior de migrantes. Estes bairros, então, apresentam grande parte da população constituída por negros e migrantes.

Focalizado como pesquisa-ação, o trabalho foi desenvolvido por um grupo que integrou alunos de graduação e pós-graduação e professores da Faculdade de Educação e de outras áreas do conhecimento, assim como funcionários do CMU e integrantes do Movimento Hip-Hop de Campinas (de forma oficializada e voluntária). Destaco a parceria com paróquias do bairro, empresa privada e instituições de diferentes origens (ONGs ou OSCs).

As propostas foram dirigidas a adolescentes na faixa de 12 a 16 anos. O enfoque teórico-metodológico se pautou pela utilização da metodologia da história oral, associada às oficinas de educação não-formal. Além de oficinas de história oral, fizeram parte do projeto as de: cidadania,

⁷⁶ Centro interdisciplinar de pesquisa da Universidade Estadual de Campinas, dirigido pela Prof^a Dra. Olga R. de Moraes von Simson, docente do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Educação da Unicamp. Dentre os projetos desenvolvidos pelo C.M.U., destacarei dois deles que, por sua vez, fazem parte de um programa mais amplo de estudo da história social de bairros de Campinas, apoiado pelo C.N.P.Q. O primeiro, denominado “Persistências e mudanças no viver campineiro: os bairros do Cambuí e da Vila Industrial”, se desenvolveu no período de 1991 a 1998. O segundo, denominou-se “ Da Bastilha negra à proletarização: os bairros negros de Campinas”, proposto para o período de 1999 a 2002.

criatividade, fotografia, *hip-hop*, informática, jornalismo, memória histórica, samba de roda, teatro de rua, vídeo.⁷⁷

Segundo Simson,

(...) existem tipos muito diversos de educação não-formal ligadas, por exemplo, a movimentos populares, a associações democráticas, a sindicatos, a clubes de ciência, a associações artísticas ou religiosas, mas a que buscamos realizar teve por objetivo ser complementar àquela fornecida pela escola formal tradicional e permitir, através das atividades desenvolvidas, a construção de conhecimentos sobre o bairro onde os adolescentes residem, salientando também as trajetórias de luta étnicas e sociais das gerações mais velhas, já em processo de esquecimento pelas novas gerações.⁷⁸

Com a utilização da história oral, e tendo os adolescentes como pesquisadores, buscou-se atender a um dos objetivos do projeto, qual seja, o de construção de conhecimentos históricos sobre tais bairros, cujos registros são muito restritos. Além disso, destaca-se, dentre outros, a possibilidades de integração de adolescentes negros e brancos durante as oficinas e a aproximação entre gerações.

Para Simson,

O resultado mais importante desse processo de auto-conhecimento e reconstrução da auto-estima foi que, ao longo dessas descobertas alguns deles foram elaborando um sentimento de pertencimento ao local de moradia e à cidade, um desejo de auto-organização e busca de transformação da realidade local, o que demonstra o início da construção de uma noção de cidadania consciente e responsável.⁷⁹

⁷⁷ No caso da Vila Costa e Silva, por exemplo, tendo em vista a grande demanda, dentre os critérios de seleção dos adolescentes estavam: a preferência por origem afro-brasileira e de famílias de baixa renda, que estivessem fora da escola formal ou apresentassem baixo rendimento escolar ou desequilíbrio na relação idade/ano letivo. Neste bairro, 72 adolescentes participaram do projeto, em oficinas realizadas três vezes por semana, de março a junho de 2001. No final, as produções dos participantes foram expostas em evento realizado no salão paroquial local. Cf SIMSON, Olga R. de Moraes von. **Identidade na quebrada: educação não-formal, hip-hop e história oral.** (sem data, mimeo).

⁷⁸ *Op.cit.*, p. 4

⁷⁹ SIMSON, Olga R. de Moraes von. **História oral e educação não-formal na reconstrução das memórias familiares negadas aos jovens migrantes da periferia das grandes cidades** (sem data, mimeo)

Como parte deste diálogo iniciado entre estas práticas educacionais nas quais a cidade de Campinas é enfocada, gostaria de me deter, neste momento, nas relativas à educação não-formal desenvolvidas pelo Grupo Memória, História, Educação e pelo Centro de Memória. Ressalto que não viso traçar um painel amplo que abarque todas as especificidades pertinentes a cada uma destas práticas, nem tão pouco estabelecer conclusões de caráter avaliativo das mesmas. Procuo compreendê-las melhor.

Em termos de diferenças entre as mesmas, notam-se as relativas ao tipo de público alvo, aos tipos de oficinas e a duração das mesmas, aos financiamentos e as parcerias realizadas, a alguns objetivos específicos, ao encaminhamento teórico- metodológico das propostas. No que se refere a este último aspecto citado, por exemplo, nota-se a importância dada à história oral ao tratamento da memória, pelo projeto a cargo do CMU, enquanto para o Grupo Memória preponderou a utilização das imagens fotográficas na relação com a rememoração.

Em termos de semelhanças, aponto para o fato de que tais projetos nasceram no interior da universidade, tendo a Unicamp e especialmente a Faculdade de Educação, como *locus* em comum. E ainda: a universidade se apresenta em construção de parcerias extra-muros. Ressalto que, a despeito de possíveis diferenças outras em termos de fundamentação teórico-metodológica entre estas propostas - o que demandaria um aprofundamento da questão e não é meu objetivo neste texto - há uma semelhança notável entre elas: o ponto de partida presente em todas elas me parece ter se transformado em possíveis caminhos alcançados pelos sujeitos envolvidos nesses processos, mesmo que seja por parte deles. Falo da resignificação das “experiências vividas”, do autoconhecimento pelo conhecimento dos “outros”, pelo fortalecimento da autoestima e do sentido de pertencimento a um bairro, a uma cidade, aos desejos de transformação social, da produção de conhecimentos pela via das memórias e das identidades urbanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Várias sensações, sentimentos e pensamentos me ocorrem e me percorrem ao chegar nesta parte da escritura. Experimento-os; atordô-me, perco-me, (re)encontro-me; procuro retomar as questões fundamentais constituídas no decurso desta investigação e construir sentidos para o trajeto até então percorrido.

Percebo que tais sentidos foram sendo construídos ao longo da tessitura e que esta “finalização” não pode ser tomada como uma espécie de “coroamento” do trabalho no qual prevalecem a sagração de verdades, a prescrição de caminhos promissores. Por outro lado, há posicionamentos, dúvidas e possibilidades que não podem ficar em estado latente, posto que isto significa um desrespeito para comigo mesma e para com todos os sujeitos envolvidos nesta construção, dentre eles, você, leitor.

Um outro desafio é operar, neste momento, a desconstrução temporal: o tempo que me desafia o tempo todo a ponto de refletir que este duelo pode ser insano se não proceder a uma operação de corte (a “cesura” benjaminiana) e dar vazão aos múltiplos tempos que constituem esta pesquisa e que me constituem como pessoa, como educadora, como pesquisadora. Assim, decido recobrar sentidos desta caminhada, à luz do presente, e sem perder a dimensão de que ela não se esgota aqui; de que os referenciais de começo, meio e fim podem ser uma espécie de engendramento de “fantasmagorias” e idealizações se o trajeto percorrido for apagado. E trajeto, em minha concepção, inclui abertura a futuros possíveis.

Então, com mais serenidade me proponho a traçar estas linhas de forma a não ter de operar escolhas entre um tom discursivo subjetivo ou objetivo e, sim, na conjugação entre ambos, posto que assim é que se configurou esta investigação, desde o início. Retomo, então, alguns pontos que considero importantes sem a pretensão de “esgotá-los” e, sim, como parte dos movimentos dialogais que busco estabelecer por meio desta pesquisa.

Para início de conversa, remeto ao caráter de constituição de experiências sociais implícitas no processo de expansão da modernidade capitalista e manifestas em termos de tempos, de espaços, de sensibilidades. A formação do que poderíamos chamar de consciência moderna, bem como as crises da modernidade e as “novas” modernidades são partes de um mesmo processo, em suas discontinuidades e continuidades. No que tange às continuidades, procurei atentar para a persistência de determinados elementos prevaletentes da modernidade capitalista burguesa, sendo o espaço urbano um local privilegiado para a manifestação dos mesmos em suas contradições: acumulação de capital e desigualdade social, a técnica

emancipadora e destruidora, aliados às alterações bruscas nas noções espaço-temporais e às relativas dissoluções de identidades e experiências coletivas.

Em Campinas, esse processo já se fazia notar desde o final do século XIX e início do século XX, e como parte dele nota-se, também, uma certa transmutação de imagens sobre a cidade. Nesse sentido, as feições coloniais vão cedendo espaço a outro desenho urbano devido à reordenação do território que se imprime a partir de preceitos higienistas, racionais e estéticos mais adequados aos “novos tempos” do progresso na “meca da república”. Dentre outros atores, instituições, tal como o recém-criado Centro de Ciências, Letras e Artes, C.C.L.A., e a imprensa, tal como o jornal local **Gazeta de Campinas**¹, assumem um papel importante no que tange à produção cultural local e a criação de imagens sobre a cidade, no período mencionado. Ainda que não tenha sido este o foco desta investigação, pude perceber o afirmado acima na pesquisa bibliográfica realizada e na qual se destaca a voz de um cronista local: Leopoldo Amaral cujos escritos sobre a velha Campinas se deram no bojo da constituição da Campinas moderna das primeiras décadas do século XX e que se tornaram uma das principais fontes de consulta de José de Castro Mendes.

Personagem instigante: José de Castro Mendes. Tentaram definí-lo enquanto ator no cenário campineiro, de forma a enquadrá-lo num esquema que chega a ser reducionista e, ainda, que pode ser tomado como discussão de fundo teológico: afinal, Zeca “uno” ou “trino”?² Personagem múltiplo que procurei compreender a partir, também, de sua inserção no universo social campineiro, sobretudo na relação com as instituições às quais ele se vinculou mais fortemente: C.C.L.A. e jornal **Correio Popular**. Ao considerar as fontes consultadas, persegui alguns caminhos: a projeção do seu nome, pelo jornal, seja em relação à sua participação em eventos, em discussões que envolviam a história local, seja por meio da publicação de seus textos, especialmente a coluna “Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos”, relativos ao período de 1960-1965; procurei trazer as referências ao seu nome, especialmente na relação com a história campineira, quando da divulgação de matérias

¹Francisco Quirino dos Santos, redator chefe da **Gazeta de Campinas**, publicou, no **Almanak para 1871**, o texto: “Campinas. Notícia Histórica”, considerada por Galzerani (1998, p.157-170), como “tentativa de constituição de ‘memória’ ou ‘identidade’ local (e/ou provincial, paulista), num momento cultural de instabilidade simbólica pronunciado, como decorrência das revoluções liberais burguesas (...) Quirino dos Santos (...) refaz os liames entre passado, presente e futuro, apresentando ao leitor padrões mínimos e seguros de verdade (...) daí a grande significação atribuída à história, neste momento cultural vivido também em Campinas (...)” Esta narrativa pode ser vista como “ato de poder”, onde preponderam concepções liberais “responsáveis pelo movimento linear racional, etapista” que lhe dão um “caráter de proposta civilizatória, progressista, ‘democrática’, republicana (...)” É, também, “uma tentativa bem sucedida e, portanto, bem paradigmática, de ‘seqüestro’ de tradições ou singularidades culturais, diga-se de memórias ou histórias da cidade de Campinas”.

² Destaco, aqui, a contribuição do Prof. Dr. Sidney Barbosa no que respeita a este interessante viés “teológico”, pelo qual podemos analisar a discussão sobre o personagem José de Castro Mendes.

jornalísticas na época de seu falecimento e, posteriormente, pela voz rememorativa de um entrevistado que com ele conviveu no interior do “Correio”.

Um nome que aparece associado à história local e, como afirmei na introdução deste trabalho, um nome que se relaciona, também, a uma “batalha” entre visões constitutivas da história local, da qual fazem parte tanto os denominados historiadores amadores, cronistas, memorialistas, quanto os historiadores acadêmicos. Retomo a voz de José de Castro Mendes que, em entrevista publicada e já comentada no II capítulo, definiu-se como “diplomado pela mais severa das escolas - a escola da vida” e que, ainda: “faz questão de ser desenhista”. Acho significativo trazer à tona este percurso no qual, além de artista, crítico de arte, ele se constituiu um estudioso da história local a partir das pesquisas realizadas ao longo da vida. Um autodidata que cita como fontes, por exemplo, outros cronistas locais do início do século XX, como Leopoldo Amaral e Rafael Duarte, ou seja, dialoga com cronistas da história que não se relacionam ao mundo da academia e, sim, ao da imprensa. Não tive como objetivo estudar uma parcela mais abrangente da sua produção sobre a história local, incluindo a conhecida **História de Campinas**,³ fonte repetidas vezes citada por historiadores acadêmicos que abordam a história local, como Lapa. Acredito que um estudo mais amplo de sua produção pode nos trazer mais elementos para situá-lo nesta “batalha” a que me referi.

Por outro lado, além de autodidata, foi um intelectual que teve a imprensa como veículo fundamental de divulgação destas visões da história de Campinas. Assim, ao analisar sua produção referente ao período 1960-1965, publicada no “Correio”, pude me acerrar de tais visões, de forma a contextualizá-las, ou seja, na relação com a imagem de Campinas, “cidade moderna e metrópole”, fortemente divulgada na década de 1960. A escolha, em específico, da série “Campinas de Ontem e de Hoje (...)” foi um ato, também, de valorizar o fragmentário, o perdido nas dobras do tempo, tendo em vista seu caráter esparso em termos de publicação, conforme se pode observar nos anexos desta tese. Um ato de ressignificar algo de sua produção que não foi transformado em livro, uma vez que foi encontrada por acaso na leitura dos jornais microfilmados.

³ Esta série é composta de 20 números e foi publicada no **Correio Popular** (período de 06/06/1968 a 03/04/1969). Atentar para os tópicos relativos a cada número é iniciar um movimento de compreensão do que compõe esta história, na visão do autor: I e II - “Barreto Leme, o fundador da cidade”, reminiscência do distrito em Bairro, Freguesia e Vila, 1ª missa; III - Matriz Nova, igreja do Rosário e capela Santa Cruz; IV- capela São Benedito, evolução urbana, toponímia de ruas e praças; V- praças, largos e jardim público; VI- cana e café, a casa-grande; VII- festas; VIII- transporte; IX- abastecimento de água e das taipas e barrotes ao arranha-céus; X- mercados, casas comerciais e epidemias; XI- Campinas e a República; XII- iluminação e telefone; XIII- vida social, recepções, bailes; XIV- imprensa; XV- instrução pública; XVI ao XX- Campinas: terra da arte. Em síntese, nota-se a perspectiva evolucionista (do pouso à cidade) na qual a estrutura religiosa católica e a estrutura econômica, com base nos ciclos da cana e do café, adquirem proeminência e a partir dos quais chega-se aos aspectos considerados do âmbito cultural. Portanto, uma visão compartimentada da história. Sua ênfase na vida artística local

Segundo Zeca Mendes, em entrevista anteriormente citada, “o seu primeiro desenho foi uma reprodução das ruínas de Ypres, causadas pela guerra de 1914”. Parece-me significativo constituírem-se as ruínas o primeiro tema de seus desenhos. Por que reproduzilas, fixando-as no tempo em que vivia por meio de um desenho? Quais os impactos desta guerra no adolescente de então? Talvez aí encontremos um fio que liga tal acontecimento, acontecimento “fundador”, ao seu interesse em desenhar as antigas fazendas cafeeiras, com as imponentes casas-grande e as senzalas, estas geralmente em ruínas, tal como vemos em seu livro **Lavouras Cafeeiras Paulistas**, de 1947; à sua dedicação ao colorir, em aquarela e em óleo, cenas da Campinas antiga que estavam opacas pelo correr do tempo. Buscava ele salvar o passado ao voltar seu olhar para as ruínas?

É a busca por salvar um passado que o faz, também, colecionar fotos sobre diferentes momentos e lugares campineiros? José de Castro Mendes tornou-se uma referência em termos de fatos e de fotos relativos à história campineira e acabou por constituir um acervo iconográfico sobre Campinas. Este, ao ser utilizado largamente em suas publicações na imprensa, contribui para a criação de determinada história visual da cidade na qual predominam os lugares da memória local do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, tais como ruas principais, praças, solares, casas comerciais e clubes recreativos, ou seja, são memórias que não contemplam, por sua vez, os diferentes grupos sociais e suas práticas culturais. É uma determinada memória campineira que, uma vez “salva”, colabora na constituição de uma determinada história visual local. História visual que podemos dizer ser reatualizada, tendo em vista que esta coleção preciosa faz parte do acervo do Museu da Imagem e do Som, de Campinas, e é utilizada como fonte no desenvolvimento de projetos vinculados, tanto ao poder público local, quanto a pesquisadores vários. Em suma: fonte para a produção de conhecimentos sobre a cidade.⁴

Ele vivenciou as transformações operadas na trama urbana, nos costumes campineiros e afirmou seu desejo de “documentar pela imagem, com referência à grandeza dêsse passado belo, rico e glorioso” e de voltar as vistas para o que seria um “remanescente preciosíssimo”.⁵ Há, nesta fala, um passado idealizado, que pode ser tomada como uma visão romântica (com todas as suas ambivalências), na qual a nostalgia aparece como elemento ligado ao sentimento

é notória. Esta obra apresenta, também, um caráter “enciclopédico”, de compilação de dados não facilmente encontrados em outras obras, o que pode justificar o fato de a mesma ser bastante consultada pelos interessados em história local.

⁴ Um outro fotógrafo, no mesmo período histórico e de origem ligada às classes trabalhadoras, notabilizou-se pela preciosa coleção de imagens fotográficas sobre a cidade de Campinas: Aristides Pedro da Silva, conhecido como V-8. Esta coleção significa, também, uma determinada visão da história local hoje e é possível de ser consultada no C.M.U./Unicamp. Dentre outros instantâneos figuram os relativos aos clubes de futebol Guarani e Ponte Preta, aos bondes, à demolição do Teatro Municipal.

de perda, consciente ou não, que vem à tona em um contexto de modernidade.⁶ E ainda: se tomarmos sua produção iconográfica (desenhos e pinturas sobre Campinas antiga), podemos avaliar em que medida ela é permeada por elementos de um lirismo, de uma nostalgia própria de uma visão romântica de mundo, pois, segundo Löwy e Sayre (1995, p.48), “o artista romântico trava sua batalha contra a modernidade *também* no nível da forma”. Registro, então, esta outra questão que pode ser investigada posteriormente, sobre a produção de José de Castro Mendes.

Em se tratando da série focalizada, “Campinas de Ontem e de Hoje (...)”, temos que considerar outros elementos. Parece-me uma série mais adequada aos ritmos impressos pela modernidade no que tange à leitura ligeira, rápida, dos pequenos trechos alusivos às imagens fotográficas sobre lugares campineiros em diferentes momentos históricos: linguagem imagética que adquire força ao longo do processo de expansão da modernidade capitalista, que tem na imprensa um elemento de sua propulsão e que opera na constituição, por parte pelos leitores, de visões sobre a cidade. E, neste caso, podemos dizer que a cidade se torna objeto de educação política dos sentidos por meio da idéia, não tão “nova”, do contraste entre o “ontem” e o “hoje”.⁷

Ao analisá-la, percebi que José de Castro Mendes se utiliza das imagens fotográficas de Campinas “Ontem” como memória congelada, a partir da qual constrói uma narrativa da história local : é a memória a serviço da história. Para além das descontinuidades percebidas no processo histórico local, ou de um ou outro tom nostálgico em relação ao passado, o que considero prevaemente na narrativa composta pelo autor é a linearidade estabelecida entre passado e presente; uma história que se apresenta por meio de uma continuidade importante: a que diz respeito às conquistas dos campineiros em relação à modernização, ao progresso constante e cujas imagens fotográficas do “Hoje” servem de testemunho. Ou seja, às conquistas situadas no passado “glorioso”, os campineiros souberam corresponder e agir, garantindo, assim, a manutenção desse ritmo progressista que legava à cidade características

⁵ Introdução do livro, de sua autoria, **Retratos da velha Campinas**. (1951).

⁶ Segundo Löwy e Sayre, é a perda de valores: a subjetividade do indivíduo (diz respeito à afetividade e liberdade do imaginário) e a unidade ou totalidade (unidade do ego com o universo ou a natureza e com o universo humano, a coletividade). LÖWY, Michel; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade**. Tradução de Guilherme J. de F. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 44-47.

⁷ Segundo CHOAY, “A conversão da cidade material em objeto de conhecimento histórico foi motivada pela transformação do espaço urbano que se seguiu à revolução industrial: perturbação traumática do meio tradicional, emergência de outras escalas viárias e parcelares. É, então, pelo efeito da diferença e, conforme a expressão de Pugin, por *contraste*, que a cidade antiga se torna objeto de investigação”. Por sua vez, a autora nos adverte: “Contra a cidade do passado às cidades do presente não significa, no entanto, querer conservar as primeiras”. CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano V. Machado. São Paulo: Estação Liberdade; Ed. UNESP, 2001, p. 179.

de cidade moderna (almejando por ser metrópole) a ostentar os arranha-céus como símbolo do desenvolvimento.

Por outro lado, considerando o universo vasto dos leitores, outras leituras podem ter sido feitas, além desta que considere a prevalecente. É interessante enfatizar que, como Michel de Certeau, concebo os leitores como “operadores de caça” que se posicionam ativamente neste ato a partir, é claro, de seus referenciais culturais.⁸ Por exemplo: ao se ater nas imagens fotográficas e não no texto, por que não seria possível um leitor tomá-las enquanto crítica ao presente destruidor, situando os bons tempos no passado?

Para tratar destas concepções de história, de cidade moderna, considero que não posso me ater somente na figura de José de Castro Mendes. Assim, acho importante trazer à tona o papel do jornal **Correio Popular** (cujo lugar social, fundamentalmente, se articulava às elites dominantes locais) no que tange à publicação e conseqüente divulgação dessas narrativas do autor e, também, na divulgação do seu nome como um crítico de arte e, mais do que isso, de historiador local. Relembro os eventos flagrados nas páginas do jornal que contaram com sua participação: exposições e palestras sobre a história local; participação em comissões com o objetivo de dirimir dúvidas a respeito de algum fato histórico. E mesmo como porta-voz do jornal, como na discussão relativa à transferência do monumento de Campos Sales.

Em relação à concepção de cidade moderna, que procurei captar nas páginas do jornal, gostaria de afirmar, primeiramente, que passei a compreender a história do “Correio” (fundado em 1927) como parte do processo de constituição da modernidade campineira, em suas tensões e contradições.⁹ Além da incorporação de avanços tecnológicos e da ampliação da empresa, ao longo do tempo, destaco, também, o seu papel na educação política dos sentidos, divulgando imagens referentes ao progresso da cidade no contexto do “desenvolvimentismo”, em nível nacional, tal como foi possível analisar a partir da leitura dos jornais referentes a 1960-1965. Algumas das contradições inerentes à modernidade foram flagradas em suas páginas, ainda que geralmente tratadas, pelos articulistas, mais como “questão de polícia” do que do âmbito das políticas públicas na área sócio-econômica, da cidadania em sentido mais amplo; é a questão da preservação da imagem de cidade civilizada que se coloca em jogo a partir de tais problemas - imagem reforçada, também, pelo jornal.

⁸ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Arte de fazer. v. I. Petrópolis: Vozes, 1994, p.259.

⁹ Em “Os primeiros clichês publicados na imprensa campineira”, José de Castro Mendes aponta para uma das facetas da relação que procuro estabelecer entre o “Correio” e o processo de modernização campineira, a referente à modernização tecnológica: “O Correio Popular, que durante vários anos possuía sua oficina de clicheteria, quando instalado no velho sobrado que existiu na esquina das ruas Dr. Quirino e Conceição, há pouco mais de um ano aparelhou-se com uma *Klischograph* eletrônica, de procedência alemã e de notável rapidez, produzindo absoluta perfeição os clichês em (ilegível)

Pertinente à minha visão de história, concebo os personagens como sujeitos ativos produtores de resistências. No caso, estas resistências são silenciadas ou aparecem sutilmente através de um outro ângulo: como questão de polícia, por exemplo.

A tensão entre preservar e destruir, que acompanha os processos de modernização ou, segundo Gagnebin (1999), o paradoxo que caracteriza a modernidade e ao qual se liga à idéia de dispersão e de reunião, não se ausenta das páginas do “Correio”. Para o período estudado, chamou-me a atenção o fato de o jornal lançar a questão da preservação de monumentos e praças em um momento de transformações urbanas notáveis, cuja construção do Viaduto Miguel Vicente Cury pode ser tomado como emblemática. Ou seja, ao lado do propalado progresso local e das transformações decorrentes, aparece uma certa preocupação com a memória local: a memória histórica oficial, que fundamenta determinada identidade urbana. Novamente aqui, parece-me que o que está em jogo é a manutenção da visão progressista da história e esta se dá, por sua vez, pela manutenção da linearidade unidimensional entre passado e presente, de forma tal que as contradições não apareçam como possíveis configuradoras de outras imagens sobre a cidade. A imagem que se quer divulgar é a de cidade moderna, sim, e, também, a de cidade civilizada com um passado glorioso. Passado cujos marcos devem ser preservados. Percebe-se, nas fontes analisadas, esta tensão, às vezes de forma sutil, entre uma certa busca retrô e as referências a um passado de certa forma idealizado e o fascínio com o “novo”, o considerado moderno.¹⁰

Antonio Boscolo toca na questão da modernização do “Correio” por meio de um viés muito particular que vem à tona na sua rememoração,

(...) são 48 anos de jornal, né? Eu tenho boas lembranças (...) o jornalista daquela época, ele era... ele era humano... Ele se misturava com a gente, ele não tinha vergonha de ficar junto com a gente, de macacão, de mão suja... Ele participava conosco ali... Agora hoje, não... (...) Hoje você não sabe nada... você trabalha no arquivo ... você é um arquivista ... (...) Naquela época o jornalismo era um jornalismo romântico (...) O jornal cresceu, a mentalidade é outra... Então, o jornal muda a toda hora, está sempre entrando gente nova... A gente se acostuma e de repente vai embora (...) eu sempre falo isso e vou continuar a falar e nunca vou deixar de falar: a turma, quer queira, quer não, o arquivo é o coração do jornal (...) o arquivo é o coração de um jornal, de uma rádio, de uma televisão! (...) pois o arquivo é o local onde se guarda as coisas (...) A turma fala: “Ei, você tá com cara do Correio!”. “É, você é patrimônio!”..

material plástico, sendo um dos poucos jornais do país a possuir essa moderníssima gravadora (...)” Campinas, *Jornal Correio Popular*, 27 de outubro de 1963, p. 5.

¹⁰ Ao lado destas questões, acima mencionadas, há outras que considere instigantes e que não foram exploradas nesta pesquisa. Lanço-as como sugestão para futuras investigações: os anúncios publicitários na relação com a modernidade campineira; a trama política relativa ao golpe de 1964 pela voz do “Correio”; a polêmica da demolição do Teatro Municipal na imprensa local; a periferia da cidade progressista nas páginas do referido jornal.

“É... mas não me tombaram ainda... sou patrimônio ainda em pé... A hora em que eu tombar estou sossegado... (risos) ¹¹

O entrevistado alude às mudanças vivenciadas durante tantos anos de trabalho, que dizem respeito às transformações operadas na empresa. Ou seja, trata-se de reformulações em termos de tecnologia; de acesso e produção da informação, pelo jornalista; de objetivos e estratégias, tendo em vista o mercado. E, ainda: são alterações relacionadas às mudanças sócio-culturais mais amplas havidas em nível do capitalismo mundial. O que ele questiona é a hierarquização dos saberes, a diminuição da convivência no âmbito do trabalho, a compartimentalização da produção no interior do jornal, como sendo as outras faces deste processo de modernização.

O senhor Antonio põe em relevo a função de um arquivo - e não somente o arquivo de um jornal. Em relação a isso, acho importante comentar que não existia o arquivo do “Correio” quando da publicação da série “Campinas de Ontem e de Hoje (...)”. Não consegui localizar, precisamente, a data e as circunstâncias da sua fundação: há indícios de que pode ter ocorrido por volta de 1967. Em função disto, das mais de quarenta imagens referentes à Campinas “Hoje” (período de 1960-1965), só localizei uma no original! Tal fato chegou a me desestimular, a me colocar em crise perante minhas perspectivas de trabalho com a reprodução dos jornais microfilmados, nas quais a qualidade das imagens fotográficas é extremamente precária. Espero que a manutenção dos meus propósitos e a apresentação desta série a você, leitor, seja também uma forma de tirar um pouco do anonimato fotógrafos os quais não pude sequer saber os nomes: são eles, também, construtores desta série, portanto, sujeitos, e o por eles produzido são fontes preciosas no que respeita à produção de conhecimentos históricos sobre a cidade de Campinas.¹²

A visão benjaminiana sobre as técnicas de montagem, através das quais são fabricadas as imagens dialéticas, foi um referencial teórico-metodológico importante no que diz respeito, também, à abordagem das imagens prevaletentes sobre Barcelona, ou seja, as de cidade moderna e “modelo”. Assim, segundo Bolle (2000, p.95), “a historiografia como construção pressupõe um trabalho de ‘destruição’ e ‘desmontagem’ (...)”, ou seja, deve-se operar uma

¹¹ O entrevistado, conforme já comentado no capítulo II, foi funcionário da oficina gráfica e atualmente trabalha no arquivo do jornal.

¹² Optei pelo tratamento digital das imagens da década de 1960 e o mesmo foi realizado por Ricardo Cruzeiro de forma criteriosa, no sentido de uma manipulação que não omitisse informações e, sim, ressaltasse tais informações por meio de apagamento de alguns riscos e aumento do contraste entre tons. Gostaria de comentar que procurei localizar tais imagens nos acervos do M.I.S. e do C.M.U. O que percebi é que há um conjunto muito rico de fotografias sobre Campinas, na década de 1960, produzidas por fotógrafos, tal como Gilberto di Biasi, que trabalharam para jornais locais, dentre eles o “Correio”. Um outra possibilidade de pesquisa reside aí, na exploração desses rastros fotográficos produzidos para a imprensa na relação com a história local.

“desconstrução construtiva”. Movida por uma inquietude, procurei acercar-me da construção histórica destas imagens ao mesmo tempo em que, experienciando a vida na cidade, procurei atentar para suas reatualizações e para os embates no seio da sociedade local ,que as colocam em jogo.

Às marcas do urbanismo moderno de Cerdá, no século XIX, unem-se as também modernas intervenções urbanas dos últimos tempos. Atores diversos, discursos diversos, pluralidade de vozes. Nesse campo tensionado, um discurso surge na sociedade local como revelador de um esgarçamento atual dessas imagens cidadinas configuradas sobre Barcelona: o do “incivismo” .Apesar de não ter detido-me nesta questão, a considero interessante, tendo em vista os seus desdobramentos em termos de políticas públicas locais, inclusive no âmbito educacional. Retomo os termos utilizados por Montaner e Muxí (2002) referentes às atuações humanas no espaço urbano barcelonês, ao longo do tempo: a “acupuntura cuidadosa”, a “prótese de procedência estranha”, a “colagem”, o “palimpsesto”. Os dois primeiros estão sintonizados com a lógica capitalista fundada, justamente, no positivismo e no higienismo e, daí, as metáforas orgânicas. Os dois últimos sugerem a idéia de amálgama, de superposição. São termos plenos de sentidos se conjugados, também, às “fisiognomias” urbanas e podem ser referenciais interessantes para a desconstrução e construção de narrativas, ou seja, para a produção de conhecimentos sobre as cidades modernas.

Como já afirmei em outros momentos desta tese, percebi ser necessário compreender o mecanismo de gestão da educação local no âmbito da gestão da cidade. Assim, a proposta teórica de Trilla Bernet, que embasa a concepção de “cidade educadora”, fundamenta-se na ampliação dos sentidos constitutivos do conceito de educação, uma vez que estende as ações educacionais para além dos papéis atribuídos às instituições vinculadas à educação formal e não-formal. Incorporam-se, portanto, movimentos, podemos dizer, até mais sutis, que dizem respeito à ação não só dos gestores mas, também, da sociedade civil como um todo: ações que podem ser educativas ou deseducativas. Em última instância, a cidade que educa ou deseduca. Considero ser esta uma contribuição importante, do ponto de vista histórico-educacional, para nossas reflexões sobre as cidades e, em específico, nesta investigação, sobre Campinas.

Relativo à estrutura do Projeto Educativo de Cidade (PEC), que se constitui na materialização da proposta de “cidade educadora”, aponto para o seu caráter de projeto compartilhado entre diferentes instâncias sociais e políticas no que tange à gestão pública da cidade, tal como se nota no funcionamento das comissões que compõem o seu respectivo Plano de Ação. Ou seja, aponto para o seu caráter participativo que, numa leitura mais ampla,

pode ser avaliado como sendo historicamente constituído, tendo em vista o espírito associativo, democrático, presente nas manifestações anarquistas, nos movimentos de moradores dos bairros, nas gestões democráticas pós-franquismo, que constituem uma espécie de caldo histórico-cultural importante em Barcelona.

Assim, destaco a forma de estruturação das citadas comissões e respectivas articulações entre as mesmas; entre as várias instituições e empresas públicas e privadas, componentes do Conselho de Coordenação Pedagógica, ou CCP (que oferecem propostas educacionais); entre os Conselhos de Recursos Pedagógicos ou CRP (que estabelecem a ligação entre CCP e as escolas): o trabalho articulado por meio das *xarxas* (redes). Este tipo de estrutura parece-me propiciar um maior entrosamento entre as instâncias envolvidas no PEC e, também, uma maior divulgação das informações dos projetos em curso, colaborando para a ampliação e manutenção das propostas educacionais.

Há algumas inquietações que fazem parte do meu percurso investigativo em Barcelona. Exponho-as, em linhas gerais, e também como desdobramentos para possíveis outras investigações: até que ponto a ênfase na questão da imigração na relação com a cidadania, observados nos discursos referentes ao PEC, na prática não se vinculam a um tratamento da questão de cunho mais assimilacionista, integracionista, dos imigrantes em relação aos catalães, do que de cunho multicultural, da cidadania construída na relação e não no apagamento das diferenças? Que avaliação mais profunda pode ser feita sobre o processo de descentralização que caracteriza a gestão educacional da cidade? Que desdobramentos podem ser observados nas práticas docentes e discentes, devido ao fato de muitas atividades educativas oferecidas pelo CCP serem realizadas por empresas privadas (inclusive a produção de materiais didáticos)? Em que medida a clientela mais desfavorecida econômico-cultural e socialmente tem tido acesso a tais atividades?

A compreensão da gestão da educação nos marcos da gestão da cidade oferece possibilidades maiores para futuras abordagens do espaço urbano no contexto educacional barcelonês, notadamente na área de Ciências Sociais. Nesse sentido, devo ressaltar que, no caso de Barcelona, as atividades educacionais, com base no espaço urbano, são favorecidas por certa tradição de se tratar a cidade como fato educativo - o que remonta às escolas racionalistas e as libertárias do início do século XX.¹³ Fundamentalmente constituídas na

¹³ Cf TATJER, Mercè. “Ensenyar la ciutat o aprendre de la ciutat: l'exemple de Barcelona”. In **Temps d'Educació**. Revista de la Divisió de Ciències de l'Educació. Universitat de Barcelona. 2on semestre 2001/ 1r semestre 2002, n. 26.p.67-83.

relação com os marcos teórico-metodológicos da geografia, com o passar do tempo tais atividades adquirem um caráter multidisciplinar e hoje fazem parte da proposta mais ampla de gestão da cidade.

Retomo a concepção de Trilla Bernet (1999) sobre a “cidade como conteúdo educativo” (“aprender a cidade”) que, por sua vez, diz respeito à aprendizagem informal da cidade e suas limitações em termos de “superficialidade” e de “parcialidade”, bem como ao papel da educação formal e não-formal para a superação das mesmas. Considero ser este um ponto que diz respeito diretamente às práticas educacionais, em Campinas, mencionadas na minha pesquisa. Entendo que estas últimas práticas podem ter uma contribuição importante no sentido de proporcionarem, aos sujeitos nelas envolvidos, possibilidades maiores de ampliação da leitura da cidade de Campinas: a “decodificá-la mais além da obviedade”, a percebê-la em sua composição de “muitas cidades objetivamente e subjetivamente diferentes” aparentemente unificadas em um todo coeso; a aumentar o sentido de pertencimento, diretamente relacionado à construção de identidades e da cidadania participativa.

Ao lado das possibilidades acima mencionadas há, contudo, alguns desafios que permeiam nossas práticas, em Campinas.

Em termos teórico-metodológicos, situo a necessidade de não perdermos de vista as necessárias articulações entre contextos locais e globais, bem como a leitura “à contrapelo” que traz à tona o caráter contraditório e dialético da história, fugindo, assim, de interpretações lineares e bairristas; igualmente, a busca da ampliação da percepção da cidade em suas dimensões múltiplas de espaços-tempos, para além do tempo linear, etapista e progressista e na incorporação dos tempos da memória: fragmentado, sensível, marcado pela lembrança e pelo esquecimento, tempo ativo posto que a rememoração nos coloca em posição de sujeitos da história rumo a outras relações com o presente vivido coletivamente na cidade.

Em termos político-institucionais, remeto à necessidade de superarmos a precariedade das relações entre as diversas instituições patrimoniais, instituições e organizações educacionais formais e não-formais e o poder público, com vistas à ampliação de propostas educacionais que tenham a cidade de Campinas como foco. E, ainda, a superação da fragmentação dos projetos na área da educação não-formal devido à dependência de recursos econômicos e da vontade política para levá-los a termo.¹⁴

¹⁴ Um exemplo de desarticulação entre instâncias do poder público, a respeito de experiências educacionais e de políticas culturais no território da cidade, é o caso dos “Museus de Rua”, na cidade de São Paulo. Tal projeto, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Cultura, na década de 1970, pautou-se pela exposição, nas ruas, de

São grandes desafios! Espero que esta investigação possa contribuir de alguma forma para nossas reflexões, no sentido de ser uma narrativa que se propôs a trazer a cidade para o palco fundado nas memórias e sensibilidades socialmente construídas e expressas por discursos variados. Mais do que um espetáculo onde atores privilegiados dão o tom e a história se dá por encerrada, proponho uma aproximação dialógica entre todos os envolvidos neste evento e que, à luz do tempo presente, possamos construir e encenar várias outras narrativas de vidas, na cidade, prenes de futuros possíveis. Talvez, estaremos dando um passo rumo ao que Goodson denominou de “aprendizagem narrativa”.¹⁵

painéis com reproduções fotográficas (contrastando o passado e o presente relativo a determinados lugares da memória paulistana) e depoimentos de moradores da cidade, como fontes documentais. Em uma segunda versão, a proposta foi retomada pela Secretaria de Estado da Cultura (a partir da gestão Mário Covas, em 2000), sendo denominada de “Museu de Bairro”. Segundo pesquisa a respeito, “Os ‘Museus de Bairro’ (...) eram desconhecidos pela Secretaria Municipal da Cultura e não se articulavam sequer com a estrutura interna do governo estadual, ou seja, o projeto foi desenvolvido pela Secretaria de Estado da Cultura, sem a participação/conhecimento ou parceria da Secretaria de Estado da Educação, o que gerou algumas dificuldades como, por exemplo, o não acolhimento dos painéis que formam os *Museus de Bairro* pelas escolas dos bairros em questão, após a exposição ao ar livre”. In CURY (2002, p. 128-129).

¹⁵ “A aprendizagem narrativa é um tipo de aprendizagem que se desenvolve na elaboração e na manutenção continuada de uma narrativa de vida ou de identidade. Os motivos que emergem nela são: o trajeto, a busca, o sonho (...)” In GOODSON, Ivor. **Currículo, narrativa e o futuro social**. Traduzido por Eurize C. Pessanha e Marta B. Rahe (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), p.13 (mimeo). Ivor Goodson é professor da University of Brighton e este texto foi disponibilizado pelo mesmo quando em conferência realizada na Faculdade de Educação da Unicamp, no segundo semestre de 2006. Para maiores contatos: www.ivorgoodson.com / goodson@brighon.ac.uk

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. “Educação após Auschwitz”. In COHN, Gabriel (org.). **Theodor W Adorno: sociologia**. São Paulo: Editora Ática, S.A. 1986, p. 33-45.

AJUNTAMENT DE BARCELONA. INSTITUT D'EDUCACIÓ. **Programa d'activitats escolars**. Consell de Coordinació Pedagógica-2005-2006.

_____ **Escola i Entitats Ciutadanes: l'escola en xarxa**, abril de 2005.

ANDERSON, Perry. “Modernidad y Revolución”. In CASULLO, Nicolás, (compilación y prólogo). **El debate Modernidad-Posmodernidad**. 2 ed. ampliada y actualizada. Buenos Aires: Retórica, 2004. p.107-125.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é a cultura popular?** 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 14-15 (Primeiros Passos).

ARRUDA, José Jobson de A. **O trágico 5º centenário do descobrimento do Brasil: Comemorar, Celebrar, Refletir**. Bauru: EDUSC, 1999.

ARXIU HISTÒRIC DE POBLENOU. **Nou viatge a Icària**. Barcelona: Arxiu Històric, 1990.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994 (Travessia do Século).

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 20003.

BARBOSA, Sidney (Org.). **Tempo, espaço e utopia nas cidades**. Araraquara: Laboratório Editorial/ FCL/ UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004.

BARCELONA EDUCACIÓ. **Revista d’Ajuntament de Barcelona e Institut d’Educació**. Barcelona, n.51. dezembro 2005/ gener 2006.

_____ **Revista d’Ajuntament de Barcelona e Institut d’Educació**. Barcelona, n.45. març, 2005.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Tradução de Heidrun Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

_____ “Experiência e Pobreza”. **Documentos de cultura/ Documentos de barbárie**. Escritos Escolhidos. Seleção e apresentação de Willi Bolle, vários tradutores. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986, p. 195-198.

_____ “Paris, capital do século XIX”. *In* KOTHE, Flávio (org) **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1985 (Grandes cientistas sociais, v. 50).

_____ **Obras escolhidas I**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____ **Obras escolhidas II**. Rua de mão única. Infância em Berlim por volta de 1900. Imagens do pensamento. Tradução de Rubens R. Torres Filho e José Carlos M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____ **Obras escolhidas III.** Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. Tradução e organização de José Carlos Martins e Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____ “O Narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskow”. In **Textos escolhidos:** Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. Traduções de José Lino Grünnewald *et al.* 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 345 p. (Os Pensadores)

_____ **Teses sobre o conceito da história.** Tradução de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos L. Müller (s.n.t.).

BERMAN, Marshall. “Brindis por la Modernidad”. In CASULLO, Nicolás. **El debate Modernidad-Posmodernidad.** 2 ed. ampliada y actualizada. Buenos Aires: Retórica, 2004. p.87-105

_____ “Las señales en la calle (respuesta a Perry Anderson)”. In CASULLO, Nicolás, *op.cit.*, 2004, p.127-137.

_____ **Tudo o que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade.** Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOHIGAS, Oriol. “Ciudad y acontecimiento: una nueva etapa del urbanismo barcelonés”. **Arquitectura Viva.** n. 84, p.23 - 27, 5 jun 2002.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna:** representações da História em Walter Benjamin. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BONAL, Xavier. “Las Políticas Educativas”. In PLANAS, Jordi; SUBIRATS; Joan; RIBA, Clara; BONAL, Xavier. **La escuela y la nueva ordenación del territorio: los retos de la institución escolar**. Publicación da FIES (Fundación de Investigaciones Educativas y Sindicales). Barcelona: Ediciones Octaedro, 2004, p.43-60 (Colección Recursos, n.74, Serie La Escuela Del Nuevo Siglo, n.4)

BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.

BRESCIANI, Maria Stella. “Cidades: Espaço e Memória”. São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992, p. 161-166.

_____“O cidadão da república. Liberalismo versus positivismo”. Brasil 1870-1900. **Revista USP**, São Paulo, n. 17, p. 122-135. març/ abril/ maio 1993.

BRESCIANI, Maria Stella M.; NAXARA, Márcia. (org.) **Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed.UNICAMP, 2001.

BÜRGER, Peter. “El significado de la Vanguardia”. In CASULLO, Nicolás (compilación y prólogo). **El debate Modernidad-Posmodernidad**. 2ed. ampliada y actualizada. Buenos Aires: Retórica, 2004.p. 83-86.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CABET, M. **Viaje por Icària**. Barcelona: Imprenta y Librería Oriental, 1848.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainard. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPEL, Horacio. **El modelo Barcelona**: un examen crítico. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2005.

CASULLO, Nicolás (compilación y prólogo). **El debate Modernidad - Posmodernidad**. 2ed. ampliada y actualizada. Buenos Aires: Retórica, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Arte de fazer. v. I. Petrópolis: Vozes, 1994.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Da escola disciplinar à pedagogia do controle**. Campinas, 2004 (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Unicamp.

CHARTIER, Roger. “Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico”. *In Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n.16, 1995.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano V. Machado. São Paulo: Estação Liberdade: Ed. UNESP, 2001.

CRESPI, Franco. “Modernidad: la ética de una edad sin certezas”. *In CASULLO, Nicolás* (compilación y prólogo). **El debate Modernidad - Posmodernidad**. 2 ed. ampliada y actualizada. Buenos Aires: Retórica, 2004. p. 163-170.

CRUZ, Manuel (compilador). **Hacia dónde va el pasado**: el porvenir de la memoria en el mundo contemporáneo. Barcelona: Paidós, 2002.

CURY, Cláudia Engler. **Políticas culturais no Brasil: subsídios para construções de brasilidade.** Campinas, 2002. (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, UNICAMP.

DELGADO, Manuel. **Elogi del vianant: del “model Barcelona” a la Barcelona real.** Barcelona: Ediciones de 1984, S.L., 2005.

DIPUTACIÓ DE BARCELONA. **Temes d’educació.** Barcelona, n.13, juliol, 1999.

DOSSE, François. **A História em migalhas: dos Annales à Nova História.** Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

FERNÁNDEZ, Magda; HERNÁNDEZ, F.Xavier; SUÁREZ, Alicia; TATJER, Mercè; VIDAL, Mercè. **Passat i present de Barcelona. Materials per l’estudi del medi urbà.** Barcelona: ICE (Institut de Ciències de l’Educació), Universitat de Barcelona, v. I, 1983, v.II, 1985.

FEU, Jordi, SOLER, Joan. “Més enllà de l’escola rural. Cap a un model integral i integrador de l’educació en el territori”. In **Temps d’Educació.** n. 26, 2º semestre 2001/ 1º semestre 2002. Barcelona: Revista de la Divisió de Ciències de l’Educació de la Universitat de Barcelona, p.133-155.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Tradução, organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 13ª ed, Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____ **Vigiar e Punir. Nascimento da prisão.** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

GAGNEBIN, J. M. “Da escrita filosófica em Walter Benjamin”. In SILVA, Márcio Seligman. (org.) **Leituras de Walter Benjamin.** São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999, p.79-88.

_____ **Sete Aulas sobre linguagem, memória e história.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. “A tessitura do conhecimento histórico e suas relações com a literatura”. *In Anais do V Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História.* Ijuí: Ed. Unijuí, v. único, 1999, p. 649-660.

_____ “Políticas Públicas e Ensino de História”. *In ARIAS NETO, José Miguel (org.) Dez anos de pesquisas em ensino de História.* VI Encontro Nacional de Pesquisadores de ensino de História. Londrina: Atrito Art, 2005, p. 157-167.

_____ “Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin”. *In FARIA, Ana Lúcia G.; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. (org.) Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças.* Campinas: Autores Associados, 2002, p. 49-67. (Educação Contemporânea).

_____ “Percepções culturais do mundo da escola: em busca da rememoração”. *In Anais do III Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História.* Campinas: Gráfica da Faculdade de Educação, Unicamp, 1999, p.99-109.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud:** educação dos sentidos. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes:** o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. 1ª reimpressão. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GÓMEZ GRANELL, Carme, VILA, Ignasi. “Barcelona, un proyecto educativo para la ciudad”.
In Cuadernos de Pedagogía. n. 278, marzo, 1999, p.53.

GOODSON, Ivor. **Currículo, narrativa e o futuro social**. Traduzido por Eurize C. Pessanha e Marta B. Rahe (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), (mimeo). 19 p.

HABERMAS, Jürgen. “Modernidad: un proyecto incompleto. *In CASULLO, Nicolás* (compilación y prólogo). **El debate Modernidad - Posmodernidad**. 2 ed. ampliada y actualizada. Buenos Aires: Retórica, 2004. p. 53-63.

HERNÁNDEZ, F. Xavier; TATJER, Mercè; VIDAL, Mercè. **Passat i present de Barcelona. Materials per l'estudi del medi urbà**. Barcelona: ICE (Institut de Ciències de l'Educació), Universitat de Barcelona, v. III, 1991.

HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence.(org) **A invenção das tradições**. Tradução de Celina C. Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____, Eric J. **Sobre la Historia**. Trad. Castelhana de Jordi Beltran y Josefina Ruiz. Barcelona: Crítica (Grijalbo Mondadori S.A.), 1998.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

INSTITUT D' EDUCACIÓ DE L' AJUNTAMENT DE BARCELONA. **Projecte Educatiu de Ciutat: Pla d'acció 2004-2007**. Barcelona, 2004.

KOSSOY, Boris. “Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia”. In SAMAIN, Etienne. **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998, p.41-47.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. **História: Novos Objetos**. 2. ed.. Tradução de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LOPES, Fátima Faleiros. **Memória, História, Educação: trilhas sugeridas por um Almanaque**. Campinas, 2002 (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação, Unicamp.

LÖWY, Michel; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade**. Tradução de Guilherme J. de F. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995.

LYOTARD, Jean F. “Qué era la Posmodernidad”. In CASULLO, Nicolás. (compilación y prólogo). **El debate Modernidad - Posmodernidad**. 2 ed. ampliada y actualizada. Buenos Aires: Retórica, 2004, p.65-73.

MATOS, Olgária. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1995, (Logos).

MARTÍNEZ, Jesus A. (coord) **Historia de España: siglo XX - 1939-1996**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1999.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. “A crise da Memória, História e Documento: reflexões para um tempo de transformações”. In SILVA, Zélia Lopes (org.) **Arquivos, Patrimônio e Memória: Trajetórias e Perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999, p.11-29.

_____ “Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana”. In **Revista USP: Dossiê Brasil dos viajantes**. São Paulo: USP, CCS, n.30, jun./ago., 1996, p.146- 155.

MISAN, Simona. **A implantação dos museus históricos e pedagógicos do Estado de São Paulo (1956-1973)**. São Paulo, 2005 (Tese de doutoramento). F.F.L.C.H. – USP.

MONTANER, Josep M ; MUXÍ, Zaida. “Los modelos Barcelona”. In **Arquitectura Viva**. n. 84, p. 28-29, 5 jun 2002.

NORA, Pierre. “Entre mémoire et histoire”. Prefácio de **Les Lieux de mémoire – I – La République**. Paris: Galimard, 1984. Tradução de Yara Aun Khoury. In **Projeto História**. Revista de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História - PUC, SP, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

ORIÁ, Ricardo. “Memória e ensino de História”. In BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998, p. 128-148.

PERES, Marcos Firmínio. “O Caos organizador. Entrevista ao filósofo Gilles Lipovetsky”. **Folha de São Paulo**. São Paulo, domingo, 14 de março de 2004, Caderno Mais! p.5-7.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.15 (História & ... Reflexões, 5).

PINTO JUNIOR, Arnaldo. **A invenção da “Manchester Paulista”:** embates culturais em Sorocaba (1903-1914). Campinas, 2003 (Dissertação de Mestrado). Campinas: Faculdade de Educação, Unicamp.

PONTES, José Alfredo O. Vidigal. “Francisco Prestes Maia: ‘o político que não gostava de política’”. In **Revista Cidade:** a saga da metrópole e seu inventor. Cem anos de Prestes Maia. Revista do Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, ano 3, v. 4, n.4, p.4-9, setembro, 1996.

PRATS, Joaquim, RAVENTÓS, Francesc. **Los sistemas educativos europeos ¿Crisis o transformación?** Barcelona: Fundación La Caixa, 2005, p.177-228. (Estudios Sociales, n. 18) Edición electrónica disponible en www.fundacion.lacaixa.es

PRATS, Joaquim; TATJER, Mercè; VILARRASA, Araceli. “Icària. Reflexos d’utopia per a una ciutat millor”. In **Perspectiva Escolar.** Barcelona: Publicació de Rosa Sensat, n. 242, p.72 - 81, Febrer 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1991

RAYNAUD, P. “La comemoración: ilusión ou artífice?” **Le Debat**, n.78, jan-fev.1994, p.104-6. *Apud* FERREIRA, Marieta de M. História Oral. Comemorações e Ética. In **PROJETO HISTÓRIA:** Revista de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História-PUC- SP, São Paulo, n.15 (Ética e História Oral), p. 157-164, abril, 1997.

RIQUER I PERMANYER, Borja. “El Modernismo, una aventura cultural”. In AVIÑO A, Xosé *et al.* . **Modernismo y Modernistas.** Barcelona: Lunwerg, 2001, p. 12-18.

ROUANET, Sérgio Paulo. “Por que o moderno envelhece tão rápido? Concepção de modernidade em Walter Benjamin”. **Revista USP. Dossiê Walter Benjamin**. São Paulo, n. 15, p. 103-117, set/ out/ nov de 1992.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SAVIANI, Dermeval. **Da nova LDB ao novo plano nacional de educação: por uma outra política educacional**. Campinas: Autores Associados, 1998..

SCHIMIDT, Benito Bisso. “Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura”. *In* RAGO, Margareth, GIMENES, Renato A. de Oliveira (Orgs.). **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas: Unicamp, IFCH (Idéias).

SEIXAS, Jacy Alves de. “Percurso de memórias em terras de história: problemáticas atuais”. *In* BRESCIANI, M. Stella; NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (Re) Sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed.Unicamp, 2001, p. 37-53.

_____ “Os tempos da memória: (des) continuidade e projeção. Uma reflexão (in) atual para a história?” **Projeto História: Revista de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História- PUC- SP**, São Paulo, n. 24, p. 43-63, jun. 2002.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. “Provisório is beautiful”. *In* Jornal **Folha de São Paulo**. São Paulo, domingo, 12 de maio de 1985. Caderno Folhetim, p.10-11.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (org.) **Os Desafios Contemporâneos da História Oral**. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von, PARK, Margareth B., FERNANDES, Renata Sieiro (org). **Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas: Ed. da Unicamp/ Centro de Memória, 2001.

SUBIRATS, Joan. “Educació i Comunitat”. *In* **Temps d’Educació**. n. 26, 2º semestre 2001/ 1º semestre 2002. Barcelona: Revista de la Divisió de Ciències de l’Educació de la Universitat de Barcelona, p.181-200.

_____ “Transformaciones de la cultura moderna”. *In* CASULLO, Nicolás (compilación y prólogo). **El debate Modernidad - Posmodernidad**. 2 ed. ampliada y actualizada. Buenos Aires: Retórica, 2004, p. 155-162.

TATJER, Mercè. “Ensenyar la ciutat o aprendre de la ciutat: l’exemple de Barcelona”. *In* **Temps d’Educació**. Revista de la Divisió de Ciències de l’Educació. Universitat de Barcelona. 2on semestre 2001/ 1r semestre 2002, n. 26.p.67-83.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Tradução de Waltensir Dutra, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TRILLA BERNET, Jaume. “Un marc teòric: la idea de ciutat educadora”. *In* **Les ciutats que s’eduquen**. Temes d’educació. n.13, Diputació de Barcelona, julho de 1999, p.13-51.

VENTOS, Xavier Rubert de. “Kant responde a haberlas”. In CASULLO, Nicolás (compilación y prólogo). **El debate Modernidad-Posmodernidad**. 2ed. ampliada y actualizada. Buenos Aires: Retórica, 2004. p. 75-82.

VIANO, Carlos Augusto. “Paradigmas de la Modernidad”. In CASULLO, Nicolás (compilación y prólogo). **El debate Modernidad-Posmodernidad**. 2ed. ampliada y actualizada. Buenos Aires: Retórica, 2004. p. 141-154.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS SOBRE CAMPINAS

AMARAL, Leopoldo. **Campinas: Recordações**. 2º milheiro. São Paulo: Secção de Obras d’ “O Estado de S. Paulo”, 1927.

BADARÓ, Ricardo de Souza Campos. **Campinas: o despontar da modernidade**. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996, (Campiniana, n. 7).

BAENINGER, Rosana. **Espaço e tempo em Campinas: migrantes e a expansão do pólo industrial paulista**. Campinas: Área de Publicações do CMU/UNICAMP, 1996 (Campiniana, n. 5).

_____ “Espaço e tempo em Campinas: migrantes paulistas e a expansão do pólo industrial paulista”. In **Resgate**. Revista de Cultura. Campinas: CMU/UNICAMP, Papyrus, 1993, n. 5. p.109-112.

BARRETO, Paulo Sérgio. **O Caracol e o Caramujo:** Artistas & Cia. na Cidade. Campinas, 1994 (Dissertação de Mestrado), IFCH, Unicamp.

BATTISTONI FILHO, Duílio. **Campinas:** uma visão histórica. Campinas: Pontes, 1996.

BORGES, Luiz Carlos R., MAZZOLA, Gustavo Omar. **Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas:** CCLA – ano 101. Campinas: Komedi, 2002.

CAMPINAS SÉCULO XX: 100 anos de história. Campinas: Rede Anhangüera de Comunicação, 2000.

CARNIELLI, Flávio de Godoy. **Gazeteiros e Bairristas: histórias, memórias e trajetórias de três memorialistas urbanos de Campinas.** Campinas, qualificação: dez/2006 (Dissertação de Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

CARPINTEIRO, Antonio Carlos Cabral. **Momento de ruptura:** as transformações no centro de Campinas na década dos cinquenta. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.

DUARTE, Rafael. **Campinas de outr'ora.** São Paulo: Typ. Andrade & Mello, 1905.

ESTUDO GENEALÓGICO DE ANTONIO BENEDITO DE CASTRO MENDES: homenagem comemorativa de seu centenário de nascimento (12/5/1856 - 12/5/1956). Campinas, s.n., p. 8.

FARDIN, Sonia Aparecida (org). **Fragments de uma demolição:** História Oral do Teatro Municipal Carlos Gomes. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas - Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo e Museu da Imagem e do Som de Campinas: Átomo, 2000.

_____ **Revelações do imaginário urbano: iconografia campineira no final do século XIX.** Campinas, 2001 (Dissertação de Mestrado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **O Almanaque, a Locomotiva da Cidade Moderna. Campinas, décadas de 1870 e 1880.** Campinas, 1998. (Tese de Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

_____ “Memória, História e (re)invenção educacional: uma tessitura coletiva na escola pública”. In MENEZES, Maria Cristina (org) **Educação, memória, história. Possibilidades, leituras.** Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 287-330.

GASPAR, Bertholdo F. **Andorinhas que cantam histórias de Campinas: causos e lendas que formam a história de Campinas.** Campinas: Somus Gráfica e Editora, 2001.

GOMES, Eustáquio Teixeira. “Modernidade e Política”. In **Resgate.** Revista de Cultura. Campinas: CMU/UNICAMP, Papyrus, 1991, n.2, p.35-47.

HADLER, Maria Silvia Duarte. **Trilhos de modernidade: memórias e educação urbana dos sentidos.** Campinas, 2007 (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Unicamp.

_____ HADLER, Maria Silvia Duarte. **Área de História-ECC: linha de trabalho.** Campinas, agosto de 2003 (mimeo).

LAPA, José Roberto do Amaral. “Historiografia Campineira”. **Notícia Bibliográfica e Histórica.** Departamento de História da PUC-Campinas. Ano VIII, n. 72/73/74, p.124-5, jan. a maio, 1976.

_____ **A cidade: os cantos e os antros. Campinas 1850-1900.** São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1996.

MARIANO, Júlio. **Badulaques.** São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979 (ciências humanas, n.7).

MATOS, Odilon Nogueira. “O passado de Campinas através de textos”. **Notícia Bibliográfica e Histórica.** Departamento de História da PUC-Campinas, ano V, n. 59, p.266, julho-agosto, 1974.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. **O ideário Republicano e a Educação:** uma contribuição à história das instituições. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva (org.). **Conhecer Campinas numa perspectiva histórica.** Campinas: Secretaria Municipal de Educação, 2004.

PUPO, Benedito Barbosa. **Oito bananas por um tostão:** crônicas campineiras. Campinas: Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo, 1995.

SANTOS, Antonio da Costa. **Compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí.** São Paulo, 1999. (Tese de Doutorado), FAU-USP.

_____ **Campinas, das origens ao futuro:** compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí. Campinas: Ed. Unicamp, 2002.

SANTOS, Maria Lygia Cardoso Kopke. **Entre louças, pianos, livros e impressos: A Casa Livro Azul – 1876-1958.** Campinas, 2004 (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Educação da Unicamp.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. **História oral e educação não-formal na reconstrução das memórias familiares negadas aos jovens migrantes da periferia das grandes cidades** (sem data, mimeo)

_____ **Identidade na quebrada: educação não-formal, hip-hop e história oral.** (sem data, mimeo).

VILLELA, Américo Baptista. “‘Fundações’ de Campinas: Fábricas de Representações”. **Sinpro Cultural.** Campinas, Departamento de Imprensa e de Cultura do Sindicato dos Professores de Campinas e Região. Ano X, n. 58, maio/2004, p.6-10.

FONTES IMPRESSAS I: Campinas - obras de J. C. Mendes

MENDES, José de Castro. **Efemérides Campineiras:: 1739-1960.** Campinas: Gráfica Palmares, 1963.

_____ **Retratos da velha Campinas.** São Paulo: Departamento de Cultura, 1951.

MENDES, José de Castro (aquarelas), TEIXEIRA, J. E. Mendes (texto). **Lavouras cafeeiras paulistas: velhas fazendas do município de Campinas.** São Paulo: Departamento Estadual de Informações, 1947. Edição fac-similar, Rio de Janeiro, Xerox do Brasil, 1983.

FONTES IMPRESSAS II: Campinas - fichas e folheto

Ficha Catalográfica da Direção do C.C.L.A. e Breve Histórico do Museu Carlos Gomes, consultados na Biblioteca do Museu (CCLA).

Ficha funcional de José de Castro Mendes, obtida na Diretoria do Centro de Documentação e Transferência do Conhecimento do IAC, em 2004.

Folheto de divulgação da exposição das aquarelas de José de Castro Mendes, no Teatro Municipal Carlos Gomes (acervo de Maria Luiza Pinto de Moura)

FONTES IMPRESSAS III: Campinas - periódicos

1- Jornal *Correio Popular* (Campinas-SP)

1a - jornais microfilmados: consulta aos rolos de n.89 (relativo ao período de 21/11/1959 a 26/01/ 1960) ao de n.120 (relativo ao período de 18/11/1965 a 29/01/ 1966)

1b - série “Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos”, de José de Castro Mendes, relativa aos anos de 1960, 1961 e 1965.

1c - série “História de Campinas”, de José de Castro Mendes, composta de vinte números (período: 06/06/1968 a 03/04/1969) (encadernada).

1c - artigo de MARTINS, José Pedro. “A Nova História de Campinas”. **Jornal Correio Popular**, 16 de dezembro de 1997, p. 5.

2 - jornais diversos (**Hemeroteca do Centro de Memória da Unicamp** - Coleção João Falchi Trinca)

DUARTE, Rafael. “Um tríplice artista”. **Jornal Correio Popular**, Campinas, 17 out. 1947.

FARJALLAT, C. Siqueira. “O mundo artístico de José de Castro Mendes”. **Jornal Correio Popular**, Campinas, 29 mar. 1964.

GIGLIOTI, Adir. “José de Castro Mendes”. **Jornal de Hoje**, Campinas, 15 de jul.1981, sem página.

INSTANTÂNEOS: uma viagem ao redor de mim mesmo (s.n.t.) (entrevista realizada com José de Castro Mendes).

LISBOA, Luiz Horta. “José de Castro Mendes”. **Jornal Correio Popular**, 27 de jan. 1970, sem página.

PERDE CAMPINAS SEU HISTORIADOR: com a morte de José de Castro Mendes. **Jornal Correio Popular**, Campinas, 27 jan.1970.

SIQUEIRA, Francisco de. Zéca, “Uno e Trino”. **Jornal Correio Popular**, Campinas, 03 de out. 1948.

SIQUEIRA, Paranhos. “José de Castro Mendes”. **Jornal Diário do Povo**, Campinas, sem data.

TOLEDO, Conceição Arruda. “Zeca Mendes, o ‘Encantado’”. Campinas, **Folha de Barão**, 2 a 9 fev.1980, sem página.

3 - Outros periódicos

CAMPINAS ESFORÇA PARA CONHECER SEU PASSADO. Jornal **Folha de S. Paulo**, 13 de julho de 1997 (Entrevista com o historiador José Roberto do Amaral Lapa).

CULTO À CIÊNCIA GANHA MOVIMENTO PRÓ-HISTÓRIA. Jornal **A Tribuna**, Campinas, 07 de junho de 1998.

FONTES IMPRESSAS IV: Barcelona

1- Artigos de jornais e revista

BARCELONA es juga el 22@. **La Véu del Carrer**. Federació d’ Associacions de Veïns i Veïnes de Barcelona. n.90, p. 3, maig-juny, 2005. (8000 exemplares, distribució gratuïta).

BLINDAJE al Poblenou. **La Vanguardia**. Barcelona, 22 de octubre de 2005, caderno “Vivir”, p.1.

MOBBING en la ciudad. **Gràcia Lliure**: periòdic atemporal de debat i opinió de la Vila de Gràcia. n.1, tercera época. p.12, juliol, 2005 (3000 exemplares, distribució gratuïta)

UN PLA urbanístic municipal amenaça la Barceloneta”. **Masala**. Periòdic d’informació, denúncia i crítica social a Ciutat Vella. n. 26, p.5, set-oct 2005. (8000 exemplars gratuïts)

NOVA Ciutat Vella: civismo de tots. **Revista Mensual de la Facultat de Ciències de la Comunicació Blanquerna Universitat Ramon Llull**. Barcelona, novembro de 2005. (tiragem de 10.000 exemplares, distribuïdos gratuitamente).

2- folheto

FOLHETO produzido pelo Museu d’Història de La Ciutat (Ajuntament de Barcelona) referente à exposição “Abajo las Murallas!!! 150 años del derribo de las murallas de Barcelona” (25-11-2004 / 16-10-2005).

SITES CONSULTADOS

1- sobre Campinas e Brasil

<http://eptv.globo.com/nossascidades/interna.asp> Acesso em: 28/04/2004

<http://www.santosdumont.14bis.mil.br> Acesso em: 12/01/2007

<http://www.campinas.sp.gov.br> Acesso em: 12/ 01/2007.

<http://www.portal.iphan.gov.br> Acesso em: 05/01/2007

2 - sobre Barcelona: acessados principalmente durante o período de agosto/2006 - abril/2007

<http://www.bcn.es/educacio>

<http://www.bcn.es/imeb/program.htm>

<http://www.coordinadoraraval.org/repensarbarcelona>

<http://www.cascantic.net>

<http://www.attac-catalunya.org>

<http://www.barcelonamarcaregistrada.com>

<http://w10.bcn.es>

<http://www.bcn.es/edcities/aice>

<http://www.edcities.org>

ANEXOS

Anexo I - José de Castro Mendes (1901-1970)



Esta imagem fotográfica foi reproduzida, pelo **Correio Popular**, em matérias alusivas a José de Castro Mendes, nos dias 17 de março de 1970 e 06 de dezembro de 1994.

Anexo II - “Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos” - 1960

	DATA e PÁGINA	“LUGAR DE MEMÓRIA”	“ONTEM”	“HOJE”
1	21-01-60 (p.10)	Vista da Catedral	ML 6520	-
2	02-02-60 (p.10)	Mercado das Hortaliças	BMC 477	-
3	10-02-60 (p.08)	Rua Barão de Jaguará	-	-
4	17-02-60 (p.08)	Teatro São Carlos	ML6131/MIS19	-
5	10-03-60 (p.10)	Praça Carlos Gomes	ML 6407	-
6	20-03-60 (p.08)	Rua Regente Feijó	-	-
7	24-03-60 (p.08)	Ruas Rosário-Barreto Leme	BMC 069	-
8	10-04-60 (p.12)	Largo da Catedral	BMC 591	-
9	17-04-60 (p.10)	Beco do Caracol	ML 6512	-
10	24.04-60 (p.14)	Catedral	BMC222/ML6053	-
11	01-05-60 (p.15)	Estação Ferroviária	BMC 472	-
12	12-05-60 (p.10)	Av. Andrade Neves	BMC 055	-
13	29-05-60 (p.14)	Rua Barão de Jaguará	ML 6477	-
14	05-06-60 (p.17)	Igreja e Largo do Rosário	BMC 177	CEDOC RAC/AAN
15	19-06-60 (p.05)	Rua do Rosário	ML 6071	-
16	26-06-60 (p.14)	Rua Conceição	BMC 053	-
17	10-07-60 (p.17)	Estação Ferroviária	ML 6229	-
18	17-07-60 (p.07)	Rua Campos Sales	ML 6382	-

19	07-08-60 (p.15)	Ruas Direita-Goes	BMC 485	-
20	14-08-60 (p.13)	Largo do Rosário	GSJ 0074-A	-
21	21-08-60 (p.12)	Beco do Rodovalho	BMC 048	-
22	28-08-60 (p.13)	Largo de Santa Cruz	BMC 224	-
23	04-09-60 (p.13)	Igreja do Carmo	BMC170/ML6045	ML 6048
24	11-09-60 (p.08)	Ruas C. Sales-F.Glicério	BMC 483	-
25	18-09-60 (p.08)	Beco das Casinhas e Mercado Grande	BMC 479	-
26	25-09-60 (p.13)	Rua Conceição	(ilegível no microfilme)	(ilegível no microfilme)
27	09-10-60 (p.17)	Hospital B. Portuguesa	BMC519/ML6176	-
28	16-10-60 (p.17)	Bica do Guanabara	ML 6579	-
29	23-10-60 (p.09)	Largo da Catedral	BMC 006	-
30	30-10-60 (p.09)	Beco do Inferno	BMC 047	-
31	13-11-60 (p.07)	Praça Carlos Gomes	BMC 179	-
32	27-11-60 (p.09)	Circolo Italiani Unitti	ML 6543	-
33	04-12-60 (p.25)	Ruas Barão de Jaguará- Benjamin Constant	ML 6355	-
34	25-12-60 (p.09)	Coliseu (R. Ferreira Penteados c/ R. Antonio Cezarino)	BMC 363	-

“Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos” – 1961

	DATA e PÁGINA	“LUGAR DE MEMÓRIA”	“ONTEM”	“HOJE”
01	05-02-61 (p.27)	Hotel França	ML 6293	-
02	12-02-61 (p.12)	Rua da Cadeia	ML 6518	-
03	19-02-61 (p.09)	R.Barão de Jaguará c/ Largo do Rosário	BMC 040	-
04	26-02-61 (p.12)	Ruas Barão de Jaguará- Benjamin Constant	BMC 663	-
05	05-03-61 (p.11)	Rua do Rosário	ML 6073	-

06	12-03-61 (p.08)	Rua General Osório	ML 6502	-
07	02-04-61 (p.22)	Rua Barão de Jaguará	ML 6606	-
08	30-04-61 (p.13)	Jardim Público	-	-

“Campinas de Ontem e de Hoje: visão em dois tempos” – 1965

	DATA e PÁGINA	“LUGAR DE MEMÓRIA”	“ONTEM”	“HOJE”
1	29-08-65 (p.07)	Casa das Andorinhas	ML 6772	-
2	19-09-65 (p.16)	Rua Barão de Jaguará	BMC 485	-

Observações

1- Total de publicações localizadas (1960-1965) = 44 (sendo a primeira, de 21-01-60, a apresentação da série, pelo jornal)

2- Acervos relacionados:

2.1 Museu da Imagem e do Som de Campinas (M.I.S.): coleções Maria Luiza S. Pinto de Moura (ML), Biblioteca Municipal de Campinas (BMC) e MIS.

2.2 Centro de Memória – UNICAMP: coleção Geraldo Sesso Junior (GSJ)

2.3 Arquivo do jornal “Correio Popular” (CEDOC RAC/ AAN): coleção Campinas História-1

Anexo III - Sobre a inserção social de Zeca Mendes no universo campineiro

Palestra sôbre Campinas antiga

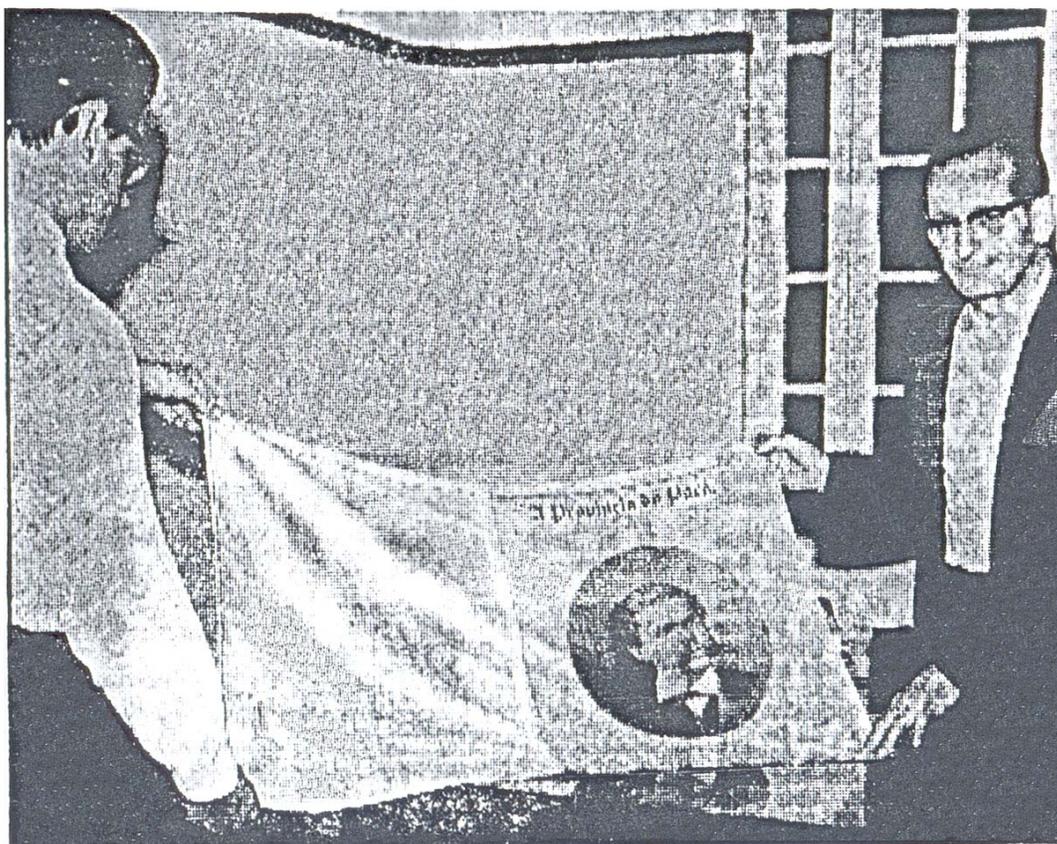


Aspecto da assistência presente á palestra do historiador José de Castro Mendes, realizada ontem no Colégio Culto à Ciência

Jornal **Correio Popular**, 05 de novembro de 1965, p. 7

Editado em 1880, no Pará

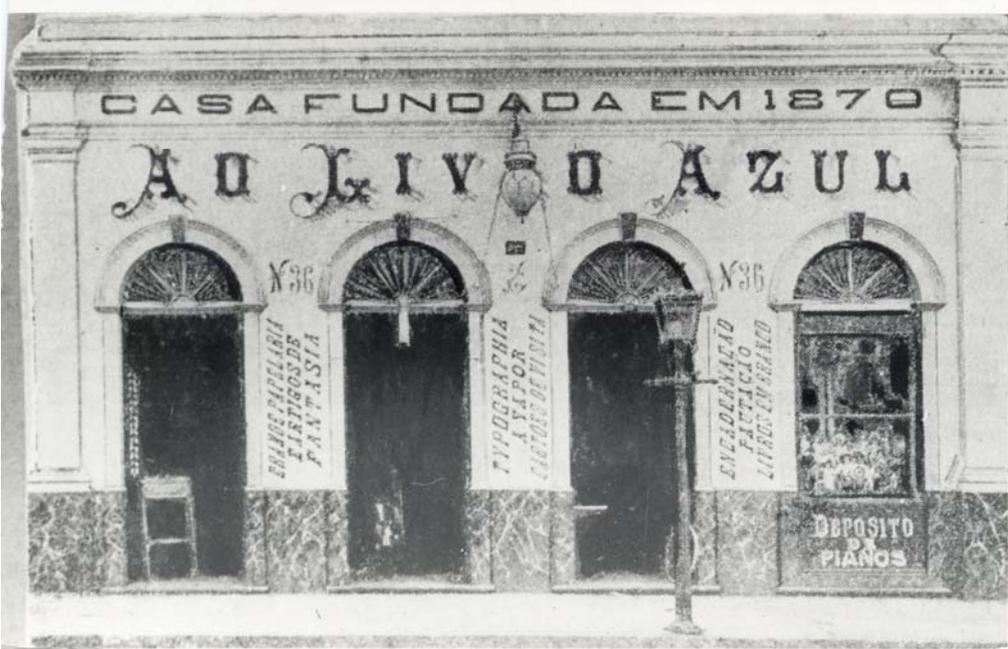
Jornal impresso em seda e em duas cores doado ao Museu de Carlos Gomes



Na foto José de Castro Mendes, diretor do Museu de Carlos Gomes e cronista de arte desta folha, quando exhibia a valiosa doação

Jornal **Correio Popular**, 29 de fevereiro de 1964, p. 5

Anexo IV- “Lugares da memória” de Campinas



Casa Ao Livro Azul, Campinas, SP, 1900. Reprodução de foto publicada por Aristides Pedro da Silva (V-8); Archak Naltchadjian. CMU/Unicamp - Col. GSJ -68.



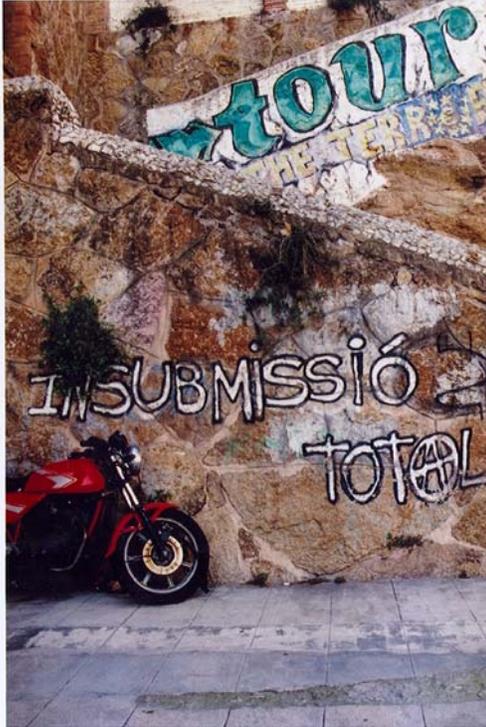
Centro de Scencias, Letras e Artes. Campinas, SP. Data: entre 1920 e 1930. Reprodução de cartão postal original por Antonio Augusto Ferreira. Impressor: Casa Genoud (Campinas) CMU/Unicamp - Col FA 170

Anexo V - imagem emblemática da Campinas moderna da década de 1960



Vista aérea onde se vê, à direita, o viaduto Miguel Vicente Cury, trilhos e oficinas da Fepasa.
Campinas, SP, 1963 CMU/Unicamp - Col. JFT 239.

Anexo VI - Nas *calles* de Barcelona



Manifestação fotografada no bairro de Gràcia

Foto de: Fátima F. Lopes
Setembro de 2005.



Movimento OKUPA
Rua do Bairro de Gràcia

Foto de: Fátima F. Lopes
Setembro de 2005

Anexo VII - Sobre nossas práticas educacionais em Campinas



Estudo do Meio – Largo do Rosário
8ª séries C e D (Escola Comunitária de Campinas) – março de 2002
Foto de: Fátima F. Lopes



Anexo VIII - entrevista

Entrevistado: Antonio João Boscolo (nascido em Campinas, S.P., em 18 de junho de 1940).

Data: 01 de junho de 2006

Local: Arquivo do Jornal Correio Popular – Campinas, S.P.

Entrevistadora: Fátima Faleiros Lopes

1) **Aqui no Jornal o senhor começou a trabalhar muito jovem... pelo o que o senhor me contou...**

Comecei a trabalhar com dezessete anos. Dezessete anos e comecei na oficina, né? Na parte gráfica do jornal. E depois, no decorrer do tempo, fui subindo de posto até chegar a trabalhar na máquina titureira (?), que fazia (inaudível) no jornal. Depois o jornal... ele distribui esta...A oficina foi extinta porque mudou, foi mudado o sistema, né? A gente começou... nós mudamos lá para o parque gráfico, lá na Norte-Sul, lá embaixo, no Jardim. Boa Esperança. Lá a oficina era outra, era um computador, era um mdt, era o chamado computador “burro”, né? Burro entre aspas, né? **Sei...** Ele não conversa, ele só recebe mas ele não retribui. Não é que nem hoje. Hoje o computador, ele conversa com você, ele faz pergunta, você quer mudar, você quer apagar...**É, é!** Aquele lá, não. Aquele lá você colocava o disquete no *drive*, gravava a matéria, digitava a matéria, gravava e aí mandava para o computador para poder filmar, era outro sistema. **Entendi...** Mais tarde o jornal... o Correio comprou o Diário e nós passamos aqui para cima, para a Sete de Setembro, como dois jornais e uma família só. São 48 anos de jornal, né? Eu tenho boas lembranças. **É, imagino, mesmo...** Graças a Deus é uma profissão que eu gosto. Eu sempre gostei do lado gráfico, e gosto de trabalhar no jornal. É uma coisa que eu gosto. Além de ser a minha profissão, é uma coisa que eu gosto de fazer: trabalhar no Jornal. Vamos ver a até quando né? Até quando Deus me permite, né? **Ah, o senhor está firme e forte...** Espero que continue até aí, né? Até...

2) **E do José de Castro Mendes o senhor...?**

Logo que entrei no Jornal eu tive o prazer de conhecê-lo, né? Pessoalmente... Porque ele era uma pessoa que diariamente ele levava a ... Ele tinha uma coluninha chamada “Efeméride Campineira”. Então, diariamente, a gente trabalhava ali de dia, hora extra de segunda, quarta, sexta. Dois dias que a gente não trabalhava: terça e quinta. A jornada era menor, jornada... Menos folhas... Então a gente não fazia hora extra. Mas quando a gente trabalhava, fazia hora extra, a gente via ele entrar lá dentro: “Oba, tudo bem?” Ele trazia a efeméride, eram duas folhas de papel. Papel para escrever à máquina, ainda era máquina de escrever... Ele entrava, ele colocava lá junto à mesa do chefe ... Todo dia! Depois, mais tarde, eu fiquei sabendo que ele era um cronista de arte. Artes

plásticas. Ele era um artista plástico, ele pintava quadros. Ele era uma alma rara, era uma pessoa que entendia mesmo da arte, né? Era um cronista mesmo na pura acepção da palavra, não era um curioso. Hoje m dia, o camarada às vezes é cronista, mas é curioso . **É... (risos)** Mas ele entendia da arte, né? Ele sabia, ele via um quadro ele dizia prá você, né? Pintava aquele quadro como uma expressão, né? Ele era um pintor. Depois mas tarde ele... O Correio teve uma idéia de lançar o suplemento sobre a história de Campinas. Era um suplemento que saía uma vez por semana, toda sexta-feira, e ele era impresso ... Nós que fazíamos lá, né? E ele era impresso na Gráfica Palmeiras. Era um fascículo, né? De 16 páginas, se não me falha a memória, e daí, ao fim de um mês, mais ou menos, foi completado a história, né? E foi surpresa prá gente: muitos leitores que mandaram encadernar. Aquele livro vermelho que eu mostrei prá você uma vez. E aquilo... E daí, depois foi uma procura enorme, né? A turma: “mas não vai lançar mais?” Aí o Jornal, sabe naquela época, né? Foi uma falta de idéia, devia ter guardado o material ... **Pois é...** Deixava guardadinho...

3) Mas isso foi um pouco antes dele morrer, não é?

Foi. Então, porque logo em seguida, nesse mesmo Suplemento saiu ... Parece que uma ópera do Carlos Gomes, né? E ele já fazia um outro Suplemento sobre a vida de Carlos Gomes. Quando ele começou a fazer esse Suplemento a gente ficou surpreso porque ele não apareceu mais na oficina, né? Daí é que depois mais tarde é que se ficou sabendo que ele havia falecido no seu apartamento. Deve ter dado algum infarto, alguma coisa. Ele não fumava, ele não bebia, ele tinha uma vida super controlada, era um camarada que não tinha vida noturna, era uma pessoa pacata, uma pessoa tranqüila. Estava sempre com... Assim: com um jornal debaixo do braço. Às vezes ele parava ali para conversar com o rapaz, o Maneco, o falecido Maneco, Manoel... E ele que tomava conta da publicidade ali da frente. Naquela época era pequeno o balcão, era um balcãozinho só , a pessoa vinha colocar anúncio ali. Ele estava conversando ali, trocando idéia, , batendo papo e aí dizia: “bom deixa eu ir embora, tá na hora de ir embora...”, tal, né?

4) E ele vinha sempre aqui , né?

Lá! Na rua Conceição. **É, o antigo, lá...** Ele ia sempre lá, ele ficava lá... É, era o jornalista, da velha guarda, né ?Aquele... **Ele morava ali no centro, né?** Ele morava ali, não sei que prédio que era, era um prédio de apartamento. .. Ele morava ali...Toda vez a gente via , ele passava na rua: “Oi, tudo bem?” E tal... (inaudível) Era uma pessoa bem quista, né? Uma pessoa que não amolava, né? Uma pessoa que vinha e trazia lá para o senhor Galerani, que era o chefe da oficina... pode deixar que eu entrego lá...Era uma coisa bonita de ver pois a gente ficava conhecendo as efemérides, né? Quais são os fatos importantes na vida de Campinas e talvez outras coisas em outras cidades... No dia tal nasceu fulano de tal... Naquele dia, no ano... Então... que dia é hoje? Dia 3. Então, no dia 3 de junho de 1940 nasceu fulano, entendeu? **É uma referência, né?** É uma referência daquela data do dia mas no ano lá atrás... **E que bom que teve o livro, né?** Então, tanto é que foi feito o livro... **Tá aí prá ser consultado...** Foi feito o livro e você pode ver nesse xerox que eu passei prá você que tem uma referência embaixo do livro, de onde foi tirado... Acho que aonde ele freqüentava, ele freqüentava o Centro de Ciências também...

Era uma pessoa muito culta, muito inteligente também... E você, olhando prá ele, você não falava...

5) Ele era... ele aparentava uma pessoa simples?

Simples! Era uma humildade, não tinha aquela auréola como... Hoje, por exemplo, você vê um jornalista e tem aquela auréola... Ele parece um sabe tudo e não sabe nada. (risos) **É verdade.** Com o perdão da palavra, não é mesmo ? E às vezes sabe menos do que a gente. **É...** Não é isso?

6) Essas são as mudanças que o senhor vê, né? Em tanto tempo aqui...

Aquela época, o jornalista... Então, é o que eu falo: hoje o jornalista... Não quero desmerecer porque a gente trabalha aqui na empresa e é até desagradável a gente falar... Mas o jornalista de hoje, eu queria ver o jornalista de hoje fazer o jornal naquela época. E eu tenho certeza que aquele pessoal daquela época, eles iam brincar hoje: “fazer jornal é assim?” Hoje eles talvez não iam nem acertar esse modo de fazer o jornal porque é no sangue, é o sangue da pessoa, tá no sangue, tá na alma da pessoa... Aquele jornalismo romântico, aquele jornalismo... Por exemplo: eles iam cavoucar a notícia, né? Eles não citavam: “é que segundo fulano... segundo não sei quem...” Não, eles iam trazer a verdade. Quer dizer, hoje a turma vê o jornal no microfilme da época, a turma dá risada: “Nossa, mas que modo de expressar?” Mas era o romantismo, né? **É, era a linguagem da época..** Era o romantismo que pairava no ar, era uma missão, o jornalista era uma missão sagrada mesmo! Nossa! Eles tinham aquilo como... **Que interessante isso...** Era como uma religião... Agora: hoje mudou muito, né? Fátima... Hoje “tá” tudo mudado, hoje eles formatam... Hoje aqui nós ficamos sabendo notícia do mundo... Antigamente para fazer um jornal era... era difícil.

7) É, e hoje até... muita informação, né?

Hoje é mais fácil, né? Sei lá... Hoje acontece uma coisa do outro lado do mundo e em 10 a 15 minutos a gente fica sabendo pela televisão.

8) Parece que naquela época, o sentido de ser autor, de fazer mesmo, de ser autor da matéria... Hoje parece que puxa uma informação aqui e outra ali e faz, né?

Na agência aqui, agência ali... Agência do Estado, agência da Folha...

9) Sr. Antonio, o senhor se lembra da época em que se fazia aquela coluna que eu estou estudando, da “Campinas, Ontem e Hoje”? Das duas fotos? O que o senhor lembra daquela época? Ele chegava com as fotos? Como é que era?

É, eu lembro que...Ele vinha com esse mesmo sistema...É, aquilo saía no domingo. **Era... no domingo...** Então, por exemplo, o chefe da oficina sempre pedia para o pessoal o material na quinta-feira. Porque na sexta-feira, o que acontecia? Toda sexta-feira a oficina inteira ia fazer hora extra para adiantar o serviço prá domingo. Nós tínhamos

poucas máquinas, poucas linotipos . E, por exemplo, o Jornal, a máquina no Correio naquela época era um máquina rotativa que veio do Jornal O Tempo, depois o Correio Paulistano comprou do Tempo... O Tempo era um jornal que existia em São Paulo há muito tempo... Vamos fazer o trocadilho “tempo com tempo”... Depois o Correio Paulistano, de São Paulo comprou essa máquina do O Tempo. Depois, o que aconteceu? Tinha um chefe da impressão que trabalhou no O Tempo e daí ele veio trabalhar no Correio e viu que a máquina era pequena, né? E aí a direção da empresa falou que precisava comprar uma máquina maior, e aí comprou essa máquina do Correio Paulistano, que fechou. Aí ele foi lá, desmontou a máquina e montou a máquina aqui, entendeu? Era uma máquina de quarenta páginas... Então, o que acontecia? Na sexta-feira nós ficávamos aqui para adiantar o jornal pois não era possível você fazer um jornal de quarenta páginas no sábado, tinha que colocar o jornal cedo na rua... Então, o que acontecia? A gente, na sexta-feira adiantava, fazia o fechamento de várias páginas, aquelas páginas que não mudam. Então, numa dessas páginas estava a coluna do José de Castro Mendes: “Campinas de Ontem e de Hoje”. Então, toda quinta-feira ele já trazia os originais e falava para o senhor. João: “Senhor. João, pelo amor de Deus, essa foto aqui o senhor me devolve porque ela é pessoal, é minha, do meu arquivo”. Porque naquela época não era como hoje. Hoje o jornal tem o acervo, naquela época não tinha acervo... **Ele trazia as fotos... ele colecionava as fotos, né?** Eram dele as fotos, então ele trazia, claro, prá ilustrar a coluna dele, prá deixar a coluna mais bonita... para o pessoal saber como é que era ... teve gente que não conhecia... então, prá saber como é que era “Campinas de ontem e de hoje...”

10) Nesse ponto o Correio teve um papel, né? De divulgar estas imagens da cidade...

É, divulgar. Divulgou. Foi uma coisa muito bonita. Você vê: depois mais tarde é que se ficou sabendo... foi transformado em livro muita coisa dele... Mas eu não tive a oportunidade de ter nenhum em minhas mãos... Então, eu acho que a contribuição dele para a cultura de Campinas foi... foi excelente! É como eu falo: naquela época, um jornalista... Então, tinha lá o cronista social, mas era um cronista social, ia lá, participava, entrevistava a pessoa, daí saía cada matéria! Em Campinas eu conheci dois cronistas sociais: Jamil Abraão – falecido Jamil Abraão que era do Diário – e Hugo Galo Mantelato Dias, pai da Huguete Galo. O pai dela era demais! Ele ia na oficina de terno, tirava o paletó: “Faça o favor, arregaça a minha camisa aí...” E ele punha a mão na massa, no meio da turma lá, de macacão... E outra coisa: o jornalista naquela época, ele era... Ele era humano... Ele se misturava com a gente, ele não tinha vergonha de ficar junto com a gente, de macacão, a mão suja... Ele participava conosco aí...

11) E o senhor vê isso... que com o crescimento do jornal , a mudança dos tempos, as coisas ficaram mais compartimentadas?

Mais separadas! Então, por exemplo: hoje... não tem aquela... Claro, a gente é amigo, ninguém é inimigo de ninguém, somos amigos, né? Mas não tem aquele companheirismo que tinha de primeiro... Entendeu? Eu viví, eu participei, eu sinto isso... Então, eu falo para os companheiros aí, os amigos aí: nossa! É tão diferente hoje... O que é que a gente não fazia prá eles? Mas por quê? Eles eram pessoas humanas. Então, às

vezes um precisava de alguma coisa e... Chegou ao ponto de um jornalista velho, o Sarmentinho... Em homenagem a ele... Nós tínhamos muito respeito por esse homem, era um homem que não sabia escrever á máquina... **O Alberto Sarmento?** É. Então, o que acontecia? Nós fizemos uma foto dele, mandamos fazer uma foto, mandamos colocar um quadro na oficina! Quer dizer: um quadro, na oficina, de um jornalista. **Pois é! Demonstra o vínculo que vocês tinham...** E ele era um jornalista que era o único que ia no Tribunal do Júri quando tinha julgamento aqui em Campinas. Ele saía de lá duas horas da manhã. Ele ia com uma capa, sempre de capa... Daí ele levava um rolo de papel e escrevia. Ele acompanhava o julgamento: o advogado de defesa, a acusação falou isso... o juiz... o julgamento vai continuar amanhã... Daí ele vinha na oficina, sentava do lado de um camarada da linotipo, ele ia falando, porque ele que entendia a letra dele, e o camarada ia... Depois: “olha, o que você acha, essa palavra está boa?”. “Vamos mudar essa palavra.?” Então, você vê: o jornalista perguntar para o linotipista se aquela colocação estava boa... “O que você acha? Convém mudar? Vamos mudar já e mandar...” Entendeu? A simplicidade do jornalista... Agora hoje, não... Hoje, imagine! Você não sabe nada... você trabalha no arquivo... você é um arquivista... **Ficou hierarquizado?** É... e não é por aí...

12) E nesse ponto, as lembranças que o senhor tem do José de Castro Mendes também são nesse sentido, de uma pessoa que...

Uma pessoa dada, uma pessoa do meio. Ele ia na oficina, depois ele ia buscar o jornal... A gente sempre guardava o jornalzinho prá ele. O jornal de domingo... Porque naquela época o jornal de domingo ... a gente não trabalhava... Então, na segunda-feira a gente sempre guardava o jornal...

- “O Zeca vem aí, vamos guardar um jornal prá ele” .

- “ Oi, tem um jornalzinho prá mim aí ?”

- “ Tá aqui, ó... a gente guardou...”

- “Oh, muito obrigado, hein, meu amigo... Saiu boa? “

- “ Saiu, saiu boa!”

- “ E as fotos?”

(risos)

- “As fotos estão com o Sr. João, guardadas no armário dele”

Ele tinha preocupação com as fotos?

É, lógico, ele ia buscar as fotos... Daí, às vezes ele vinha trazer as Efemérides, daí já passava e:

- “ Ô, sr João, e aí? E as minhas fotos?”

- “ Tá aqui, ó...” “Ah, eu rasguei, joguei fora as tuas fotos!”

- “ Ô, pelo amor de Deus...”

- “Ah, eu rasguei... mas era prá guardar?”

Meu chefe era um homem brincalhão... (risos)

-“Ah, eu joguei aquela porcaria... eu vou guardar papel velho?”

E aí, né?

13) Então, o senhor acha que ele deixou uma contribuição para Campinas?

Ah, deixou! Ele deixou uma grande contribuição para a cultura... Você vê: você mesmo, uma professora, está fazendo um trabalho em cima do que ele escreveu, né? No meu modo de ver, é uma contribuição cultural pra cidade, pra nós! Cada um vê de um ângulo... Tem gente: “ Ah, bobeira...” Isso aí não é bobagem, isso aí é um documento histórico de Campinas, né? Pois Campinas mudou muito! Você vê: eu, vendo o meu tempo de criança, eu tenho saudades de Campinas do meu tempo de criança! Então, tem lugares que a gente conhecia... É diferente hoje! A gente ia no chafariz ver os cavalos beberem água, aquela água limpinha... ninguém jogava nada... Ali, na porta da estação, aquelas carroças que faziam transporte de pequenos volumes, caixas que vinham da Companhia Mogiana, da Companhia Paulista... Quando a gente ia na estação, a gente ia lá comprar o bilhete pra você ir pra dentro da estação pra você ver o trem passar. **Que era uma diversão, né?** Uma diversão! Ali, onde hoje é o Terminal Cury, ali tinha o Viaduto... o Viaduto você já viu, aí, como é que era o viaduto... Então, eu me lembro do tempo de criança, às vezes a gente ia na Padaria do Sol... Eu morava ali perto, era a molecada, a meninada... A mãe de alguém dizia: “ vai ali, na Padaria do Sol, comprar um pão”. Então, iam cinco crianças pra comprar um pão! (risos). Mas o quê que nós fazíamos? A nossa maior alegria era, antes de comprar o pão, nós íamos ali no viaduto. Ali tinha uma escada, você subia e saía lá em cima. Ali tinha uma grade dos dois lados, você não passava nem de lá, nem de cá. Nossa maior alegria era: “ Ó, o trem tá parado lá! Ele vai sair já, já..” **Olhar o trem...**

Daí, a gente ficava ali, em pé, na grade. Daí o maquinista passava e a gente: “ Eh!!!”

E ele: “ Moooooou... moooooou...”

E abanava a mão pra gente... Puxa!

Isso, antes de ser como é hoje, né? É, antes de ser... Era meio... era um jardim, também? Era... você subia, daí lá em cima tinha aquela coisa por cima da linha do trem, daí você descia e ia para a Vila Industrial. Daí, o que acontecia? Além disso tinha o bonde... o bonde passava ali... Então, quando o bonde passava atravancava o trânsito. Por quê? O bonde subia. Então, a turma tinha que subir atrás do bonde – os carros – nunca do lado, porque se subisse do lado eles tinham que passar o bonde antes do bonde chegar ali em cima porque lá fazia assim (curva), quando ele fazia assim, ele prensava o carro. Daí, o Departamento Social de Trânsito (DSP) achou por bem colocar uma guarita lá em cima naquela murada, no viaduto, e ficou uma casinha lá... E o guarda ficava lá com bandeira: bandeira verde, bandeira vermelha deste lado; ou desse lado fechava o trânsito – pra quem vinha da Vila Industrial o trânsito fechava. E quem vinha aqui da Estação, da Saldanha Marinho, subia. Então, ele esperava: escoou lá: bandeira vermelha e bandeira verde aqui... e sempre assim. Naquela época não tinha sinal semafórico. Daí veio essa melhoria no trânsito: sinal semafórico... **E aí, depois...** Daí, depois demoliram pra fazer esse viaduto, essa porcaria, porque isso aí, infelizmente o senhor Miguel Vicente Cury enfiou a mão no bolso e guardou dinheiro porque isso aí não era pra ter cruzamento. No

projeto de engenharia era prá passar uma via em cima da outra. Não era prá ter esse cruzamento que tem... Agora, imagine: um viaduto desse aí, com cruzamento e um terminal de ônibus em baixo... Dá prá imaginar? **É uma loucura...** Uma loucura.! Então, por exemplo, não era prá ter cruzamento ali, era prá passar uma via por cima da outra... **Prô trânsito fluir melhor...** Daí, beleza! Daí deixava uma via só prá ônibus, pró terminal.

14) É... eu percebo que na época que o José de Castro Mendes fazia essa coluna, “Campinas de Ontem e Hoje”, pega toda essa época de mudar, e construir o viaduto...

Então, agora ali é um comércio, né ? Ali ficou bonito. Como? Apesar desse problema de engenharia do viaduto, ali ficou bonito. Como? Eles fizeram um jardim embaixo, um lago... bonito... uma ponte... muito bonito! Uns bancos prá sentar... Mas depois começou a marginalidade, né? Começou a tomar conta do lugar. Aí já não é mais prá família ali... acho que a prefeitura (inaudível) “ vamos modificar isso aí, vamos transformar num comércio”.

15) O senhor mora aqui perto?

Eu moro na frente do campo da Ponte Preta. Ponte Preta e Guarani.

16) Nossa! Muito... Muito bom, senhor Antônio, tudo isso que o senhor está me contando... só tenho ... só tenho a agradecer..

É... é o que vem na minha memória, né?

17) Só tenho a agradecer... É, acho que em linhas gerais, era isso mesmo que eu...

Era? Era, era isso mesmo.

18) O senhor permite que eu utilize essa nossa conversa na minha tese?

Claro, por que não? Eu acho que aí, num desabafo meu, né? Pode até falar que o jornalista era mais humano. Hoje já... Nós temos que considerar que nós somos todos humanos, estamos todos debaixo do mesmo teto... Eu falo prá eles, aí... Porque aí tem alguns que ainda são um pouquinho da velha guarda, pegaram uma faixa... “Não, você tem toda razão!” Eu estava conversando com um menino que está começando e tal... Naquela época o jornalismo era um jornalismo romântico. Havia um romantismo no ar... Não sei se era o ar da madrugada, né? (risos) E a gente tinha uma outra cabeça. Por que, inclusive o jornalista ele... Eu me lembro muito bem, foi num centenário da imprensa que foi tirada fotografia nossa , da oficina... Vê! Ir na oficina tirar fotografia nossa prá sair no jornal. O (inaudível) escreveu uma coisa muito bonita: “nós somos que nem cavaleiros andantes, cavaleiros noturnos e esse ar da madrugada, esse sereno, é que nos deixa com a cabeça mais lúcida...” **Que bonito!** É, uma coisa bonita! Eu tenho guardado esse recorte comigo só que não me lembro a data. E eu guardei ! Nossa! Eu era um moleque e então eu saí com meus amigos, né? Então muitos deles morreram, já se foram, e eu saí com meus amigos. Foram feitas duas fotos porque não cabia a massa, né?. As fotos de um ângulo não cabia. Nós tiramos em dois grupos: um grupo e mais um grupo. E ele fez esse comentário. Eu escrevi uma poesia: nós somos os cavaleiros anônimos porque ninguém conhece as gente, ninguém vê a cara da gente, ninguém sabe quem somos nós mas no dia você está recebendo o jornal e esse jornal ele é feito por nós... **Sem esses cavaleiros o jornal não sai...** “Nós, jornalistas, nós fazemos parte, porque nós temos nossos amigos na oficina; o que seria de nós se eles não existissem? Como é que nós iríamos colocar o

jornal na rua?” **É, é uma valorização do trabalho, né?** Eles tinham muito carinho pela gente e a gente tinha carinho por eles. **É, mais eu acho que em todas as áreas, em todas as profissões... o mundo hoje está mais desumano mesmo... todo mundo correndo...** Os professores hoje... Os alunos, por exemplo: a gente tinha um amor pela professora... A gente chamava a professora de mestra, o professor de mestre... Quando eles entravam na aula a gente levantava... “Podem sentar!”. Daí: “Bom dia”. “Bom dia!”. “Vamos mais uma aula?” “Vamos mais uma aula” Aquele respeito... Aquela admiração... A gente amava o professor e a professora. **É, talvez a gente tenha que buscar de novo essas coisas boas...** Hoje o aluno só falta matar a professora, ele não tem respeito... E outra coisa: de primeiro a professora tinha autonomia . Ai daquele que falava alguma coisa! Ela ia lá e... oh! E, às vezes o menino: “A professora me bateu!”. Daí a mãe e o pai iam lá prá saber o que é que ele fez. “A senhora está muito certa, pode bater nele mesmo, porque não é essa educação que eu dei pré ele”. O pai e a mãe não iam prá brigar com a professora, queriam saber o que é que ele fez . “Porque se ele fez uma coisa grave nós vamos dar um jeito nele”.

É, hoje estamos no mundo da correria... É, mudou muito. **Muda muito a relação entre as pessoas.** Infelizmente a sociedade está muito mudada... Havia um respeito...

Eu vejo que aqui o senhor conhece todo mundo... o senhor é muito respeitado aqui... É porque... É o tempo de serviço...**Todos esses anos de trabalho...** Vai entrando gente nova e a turma: “Boscolo, Boscolo, Boscolo...” Outro dia eu fui não sei em que lugar aí e: “O senhor que é o Boscolo?” “Sou eu mesmo!”. “É porque eu ouvi falar o nome do senhor...” Lá no prédio central... eu fui buscar umas ...” O senhor é o Boscolo?” “Sou eu. Algum problema?” “Não, só queria vê-lo pessoalmente” **Olha! Que legal, né?**

(Troca de lado da fita)

...tempo de começar... de começar a lembrar as coisas... Como é que era... Os companheiros que já se foram... Os jornalistas que se foram... Como é que eles eram...

Isso alimenta a gente também, não?

Às vezes eu encontro... Esses dias eu encontrei com um no supermercado, eu encontrei um... Aí, minha mulher: “Nossa, você demorou, né?” (risos) Eu não podia deixar de dar atenção a um amigo da velha guarda. “Não, tá certo! Eu só estava preocupada” Ainda bem que eu não tinha comprado nada gelado (risos) Era só coisa seca. E encostamos... Nossa! E ficamos! E a turma olhava prá nós e nós conversando... Às vezes a gente dava risada porque a gente lembrava dos tempos... “Lembra daquela vez que aconteceu não sei o quê, lembra?” **Essas coisas são muito importantes, né?** Com o Carlitos, por exemplo: a gente fazia muita brincadeira com ele. **Com quem?** Carlitos, Carlos Tântoli. **Ele faleceu agora, né?** É. Você vê: ele era o redator-chefe. Nós, da oficina, íamos buscar o original, a gente sentava na mesa dele! (risos). **A empresa era mais familiar, era menor?** Era. O jornal cresceu, a mentalidade é outra ... Então, o jornal muda a toda hora, está sempre entrando gente nova... A gente se acostuma e de repente vai embora... vai procurar outro lugar, outra coisa melhor... é um direito que a pessoa tem de querer melhorar na vida, né? Mas tá sempre mudando... tá sempre mudando! Aqui mesmo: já passou muita gente nesse arquivo... lá em baixo também já passou... e outros continuam... os que continuam a gente se afeiçoa mais, né? **E continuam as lembranças, né, senhor Antonio?** Continuam as lembranças... (risos) Continua contando

as lembranças, né? A gente vive das lembranças, né? **Eu estou assim também... Nossa! Eu já lembro de tanta coisa que eu ... (risos) Que eu já fiz: de trabalho, de amigos...** Minha mulher, mesmo, fala: “ Aquele pessoal do chumbão ... ” Porque minha mulher teve o prazer de conviver com eles ... Quando tinha churrasco... O Correio sempre fazia um churrasco... Aniversário do jornal , o Correio fazia... A turma se reunia... Todo mundo sentava numa mesa... A minha mulher no meio... Pegava aquela amizade... E nós, homens, o que nós fazíamos? Nós ficávamos servindo as mulheres! Ficava tomando um chopinho... “ Ó! Cês tão comendo muito, vai dar prejuízo prô jornal...” (risos) **É! Uma coisa descontraída, atenciosa...** Então, tinha um enlaçamento... E minha mulher fala: “ É... eu sinto saudade daquele tempo, do pessoal da oficina...” Aquele pessoal... era diferente! **De se reunir de vez em quando?** É, de se reunir. Hoje, já é difícil... Hoje, por exemplo, fazem festas... o arquivo pertence à redação... E outra coisa, é o tipo do negócio, eu sempre falo isso e vou continuar a falar e nunca vou deixar de falar: a turma, quer queira, quer não, o arquivo é o coração do jornal, o arquivo é o coração de uma rádio, o arquivo é o coração de uma televisão! Sem o arquivo o que seria de um jornal, de uma rádio e de uma televisão? Porque o arquivo é o local onde se guarda as coisas. “Ah, sabe o que que é? Eu tô precisando para uma matéria...” Então, a gente vai pesquisar, vai procurar, nós vamos levantar a matéria... **O senhor tem razão: a importância de um arquivo!** Você quer ver um exemplo? Trabalhava um rapaz conosco, o Sérgio, inclusive o pai dele trabalhou na revisão, ele trabalhou na revisão, depois ele veio trabalhar no arquivo. Ele fazia aquela coluna “Correio 50 anos”. Agora, veja bem como é que essa vida é uma coisa estranha... Naquele dia ele publicou o “Correio 50 anos”, ele colocou um fato inusitado: uma carroça atropelou um senhor na avenida Orozimbo Maia. Veio o nome do senhor, uma coisa... uma carroça atropelar... (risos) Agora veja bem, no dia em que saiu, o que aconteceu? Naquele dia aquele mesmo senhor foi atropelado por um carro na avenida Orozimbo Maia . **Nossa! Não é de arrepiar? É! Realmente! A mesma pessoa?** A mesma pessoa ! Daí, naquele tempo o Roberto Godoy veio tomar conta do jornal, eu conheci ele de calça curta, o Silvino eu também conheci de calça curta, ele teve uma reunião com o pessoal pois ele queria conhecer todo mundo. E daí, ele folheando o jornal falou: “ Quem é que faz essa coluna ‘Correio 50 anos’ ? ” O Sérgio disse: “ Sou eu”. Ele: “Ó, rapaz, meu parabéns! Você tem um ...” Você vê que coisa gozada? Daí ele falou: “Amanhã você precisa ir no hospital entrevistar esse senhor, vamos fotografar esse senhor e vamos fazer uma matéria maior dele, e vamos acrescentar essa matéria da Orozimbo Maia há cinquenta anos atrás ”. **Contraste das duas épocas... A coincidência... A coincidência é incrível... Agora: tem que ter a fonte da informação...** Então, mas ele, fazendo a coluna “50 anos”, ele pinçou aquilo, pois a coluna “50 anos” faz lá umas materinhas... Ele pinçou aquilo, ele achou aquilo um fato inusitado: ver uma pessoa ser atropelada por uma carroça, o cavalo atropelou o camarada, né? **É verdade!** Naquele mesmo dia ele foi atropelado por um carro e quebrou a perna. **É muita coincidência...** São coisas que... muito bacanas, muito ... Bacana entre aspas, prá nós é um fato, mas prá pessoa... foi atropelada! **Agora: tá tudo aí, né? Esta tudo aí, guardado... quanta coisa eu não vi aí, nesses microfilmes?** Quanta coisa! Essa hemeroteca nossa: quanta coisa nós temos aí! Microfilmes, encadernação... **E tem muita gente pesquisando, senhor Antonio? Não o pessoal do jornal, pois o pessoal do jornal vem mesmo....** Ontem era prá vir uma e não veio, antes de ontem teve uma menina que marcou e não veio; teve uma senhora , até o Gustavo que marcou , uma coitada! O marido veio aí e levou a criança prá Pernambuco e ela foi atrás da criança, a advogada pagou a passagem prá ela,

ela reviu a criança, trouxe a criança de volta. **Olha! Aparece de tudo, então?** Aparece! Teve uma que veio atrás de uma notícia, ela queria a foto do marido. O marido era um ladrão! Ela vivia com ele, maritalmente mas não era casada, teve filhos com ele. Ele roubou um banco lá dentro da Benix, ele e mais uns outros, os filhos não conheciam o pai.. Daí, a gente conseguiu levantar, eu levantei a foto, só que ele estava com n°... (fichado pela polícia) E falei prá ela: “ O negócio é o seguinte: a senhora conversa com a Andréia prá ver se há a possibilidade de limpar esse número porque é desagradável a senhora mostrar essa foto do esposo, mostrar:.. “ Olha, esse aqui era o pai.” Talvez eles não saibam a história verdadeira, talvez a senhora tenha contado, é uma coisa particular da senhora, né? Talvez a senhora tenha contado que ele ...” **Ele era um ladrão?** Que ele era um ladrão... que ele não foi um ladrão... Não sei... A mulher chorou, chorou... Eu falei: “ pelo amor de Deus, sinta que eu vou buscar uma água porá senhora...” Dá dó! Eu tenho dó! Uma vez veio uma senhora aí, o filho dela teve um indulto prá passar um dia em casa, com a mãe. Ele pegou a moto, e virou o ônibus, bateu nele de frente e ele morreu na hora! A família chorava, chorava... Eu falei: “Olha, minha senhora, ele está melhor do que nós! Num lugar melhor: está ao lado de nosso Pai.... o Pai nosso amparou ele, perdoou ele pelo erro que ele fez... ele está melhor do que nós...” Então, nós estamos aqui de passagem, a gente vai embora não se sabe quando, se morte natural ou uma morte acidental, ou uma morte de doença... A gente não sabe ... Estamos aqui... Nós estamos passeando neste mundo... Não estamos aqui prá criar raízes... Nós estamos aqui prá (inaudível) formar família, fazer o bem... Cada um escolhe um caminho, não é? **São muitas histórias, mesmo, não é, senhor Antonio? É... Por que o arquivo, ele serve prá redação, ele atende o interno e externo...** É. Por isso que a gente só marca pesquisa de manhã porque a partir do meio dia já começa o rebú da redação. **Entendi.** Às vezes usa e às vezes não usa. O arquivo é assim: é imprevisível! Por exemplo: hoje é sábado, até agora não pintou nada! Mas tem dia que fica uma coisa atrás da outra. Foto digital... o Gustavo, coitado, ele que mexe mais nessa parte, eu não estou mexendo no arquivo digital, eu estou mexendo só na parte de material, foto de papel, essas coisas.. Então, aí, é outra turma que mexe, então... Tem que dar um tempo, é um sistema novo, modificou, então, tem que procurar, tem que salvar foto, tem que mandar prá um determinado arquivo, tem que falar: “ Ó, fulano, está em determinado lugar, tal...” . “ Ah, será que não tem outra foto melhor?” **É... trabalho de garimpeiro, né?** E tem sábado que é tranqüilo. Tem sábado que você vem aqui, você faz o serviço do arquivo... Serviço é que não falta... Às vezes pedem... acontece um negócio aí: “Ah, será que você pode levantar umas matérias aí prá eu fazer um balanço de quantos seqüestros houve, quanta rebelião houve, quanto não sei o quê houve....?” **E às vezes o senhor tem pouco tempo prá...** É, tem que ser rápido, porque eles estão esperando lá em baixo. Então a gente procura ser o mais rápido possível: levantar... ou tira xerox, ou manda prá impressora, ou tira xerox da hemeroteca ou do microfilme...Você tem que levar o material. “ Ah, aconteceu um negócio assim, tal dia, você pode tirar...?” “ Tiro, ôpa!” Então, você vai lá, tira... **É, eu vejo! Às vezes o senhor está correndo aí, prá lá, prá cá... o telefone que toca...** É, então! Mas é gostoso! **É a vida, também, não é, senhor Antonio?** Eu não reclamo. É gostoso **É! Enquanto tiver disposição prá trabalhar, né?** É assim! Eu, quando estive no jornal também era assim. Aonde eu trabalhava era uma correria ! E outra coisa: a revisão era no quinto andar e às vezes o elevador quebrava... Eu subia aquela escada, subia acho que umas cinqüenta, oitenta vezes... Subia, descia, subia, descia... Mas não cansa? Mas não é! É aquele embalo, aquele negócio...**É! É a disposição prá fazer...** Sabe o que que é? É o cheiro do

antimônio que já entrou... O cheiro da tinta, né? Isso não sai nunca mais! **Ai, que bonito! É verdade!** (risos). E é aquele negócio: o cara que bebeu água daquela fonte ele vai sempre beber água daquela fonte: “ Aquela água que é boa! Vou lá beber aquela água!” (risos) **Tá no sangue já, não é, senhor Antonio?** Tá no sangue, já envenenou o meu sangue... o ar... A turma fala: “ Ei, você tá com cara do Correio!” . “É... você é patrimônio!” “ É... mas não me tomaram ainda... sou patrimônio ainda em pé... A hora em que tombar estou sossegado... (risos) Daí eu planto bananeira, aqui, na redação... Daí eu faço streap-tease aqui na redação... (risos) Toca a música que aí eu tiro a roupa (risos)” . **Que bacana! É a história da vida do senhor!** Eu falo prá turma aí e eles falam: “Você está louco!” Naquela época, a gente estava na oficina trabalhando. Às vezes, uma hora, uma e meia da manhã... E na cidade tinha um bar que chamava Copacabana, ali perto da igreja do Carmo. Não sei se tem o nome ainda hoje. E ali, o que acontecia? Era um bar da... era um bar da pesadona. **Sei. Era da madrugada.** E o pinguinzão ficava ali! Era o pingüim que a gente chamava. Era o carro da polícia, preto e branco: “ Olha o pingüim!” **Ah, tá...** Chamava pingüim. Ele ficava ali, já. Dois guardas. Porque de vez em quando... Era mulher, cada mulher da madrugada... De repente o telefone da oficina tocava: “Ó, vai ter uma chispada!”. “Chispada?”. “É! Vai sair um grupo de homem, tudo pelado, correndo”. **Ah!** Mais nunca fotografaram! **Olha!** Eram uns homens... Não estavam bêbados, não! Eles tiravam toda a roupa, no centro da cidade, de madrugada. **E era o mesmo grupo que fazia isso de vez em quando?** Mesmo grupo. Daí, jogavam a roupa, punham numa sacolinha e saíam pelado, correndo... Dez, vinte homens... (risos). **Chispada? E nunca ninguém conseguiu fotografar?** Nunca ninguém conseguiu fotografar! **Olha que interessante!** Eu não sei se deve ter, se deve ter documentação no jornal... e o repórter ia lá mas não pegava “os nêgo”. **Era uma brincadeira...** Uma brincadeira, e não estavam bêbados, não! (risos) **De ousadia, né?** Eu falo “prôs nêgo”... e eles: “ Você tá... você tá...você bebeu”. Ah: “Você não sabe de nada, você não sabe da história da madrugada”(risos)

19) Senhor Antonio, olha, muito obrigada ao senhor, viu? Muito obrigada!

Não por isso! Estamos às ordens!